Christopher Reich

A FARSA

"Suspense, intriga e aventura da primeira à última página. Christopher Reich é o mestre do thriller de espionagem do século XXI."
Clive Cussler

Christopher Reich

A FARSA

O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para minhas filhas, Noelle e Katja, que me dão alegria.

Prólogo

A BRISA FRIA VARREU A PLANÍCIE, carregando a borboleta em suas correntes. O curioso inseto voou de um lado para outro, subindo, mergulhando, planando para cima e para baixo. Era um lindo espécime, com as asas pintadas de um amarelo vivo coberto por uma renda preta, e não se parecia com nenhum outro da região. Seu nome também era incomum: Papilio panoptes.

A borboleta sobrevoou a estrada vigiada, passou pelos rolos de arame farpado e pela cerca de segurança eletrificada. Do outro lado havia um campo de flores silvestres, impressionantes por sua variedade e cor. Não se via construção alguma: nenhuma casa, paiol ou prédio de qualquer tipo. Somente os montes de solo recém-compactado, quase indiscerníveis debaixo das flores, davam mostras do trabalho que acabara de ser concluído.

Apesar da longa viagem, a borboleta ignorou as flores. Não buscou seu pólen de cheiro forte nem se deleitou com seu doce néctar. Em vez disso, decidiu voar mais alto, aparentemente obtendo sustentação com o próprio ar.

E ali ficou, uma bandeira amarela tremeluzente suspensa no céu pálido de inverno. Não aterrissou em nenhum arbusto de lavanda para descansar. Não bebeu de nenhum dos velozes riachos que desciam das montanhas escarpadas e majestosas e corriam pelas férteis planícies de grama. Na verdade, não se aventurou sequer uma vez do lado de fora do perímetro de um quilômetro quadrado, traçado com precisão pela cerca. Satisfeita em pairar acima dos campos coloridos, ficou voando de um lado para outro, dia após dia, noite após noite, sem parar para comer, beber ou descansar.

Depois de sete dias, um vento brutal, o nashi, chegou do norte. Desceu os desfiladeiros rugindo e projetou-se pelas planícies, ganhando velocidade e impacto e fustigando tudo que encontrava pela frente. A borboleta não pôde lutar contra as incansáveis correntes. Suas voltas pelo interior do perímetro a haviam deixado cansada e vulnerável. Uma rajada em espiral a colheu, girou e lançou-a no chão, despedaçando seu corpo frágil.

Um guarda que patrulhava a estrada reparou na mancha amarela e preta sobre a terra batida e parou seu jipe. Aproximou-se com cautela e ajoelhou na grama que chegava à altura de seus tornozelos. Aquela borboleta era diferente de todas as que tinha visto. Em primeiro lugar, era maior. Suas asas eram rígidas, com pedacinhos serrilhados de um metal fino como papel projetando-se da superfície sedosa. O corpo, coberto de penugem, era dividido em duas partes conectadas por um fio verde. Intrigado, pegou-a para examinar. Como todos os que trabalhavam ali, era, em primeiro lugar, um engenheiro e, com relutância, um soldado. Ficou abalado com o que viu.

Dentro do corpo da borboleta havia uma bateria de alumínio do tamanho de um grão de arroz e, presa a ela, um transmissor de microondas. Usando a unha do polegar, ele afastou a pele que recobria as antenas e revelou um feixe de cabos de fibra ótica, finos como cabelo humano.

“Não”, disse para si mesmo. “Não pode ser. Não tão cedo.”

De repente, já estava correndo de volta para o jipe. Palavras percorriam sua mente em turbilhão. Explicações. Teorias. Nenhuma delas fazia sentido. Seu pé esbarrou em uma pedra solta e ele se estatelou no chão. Levantando-se aos tropeços, andou apressado até o jipe. Cada minuto era vital.

Suas mãos tremiam quando passou um rádio para seus superiores.

– Fomos encontrados.

1

JONATHAN RANSOM LIMPOU o gelo dos óculos e ergueu os olhos para o céu. “Se o tempo piorar”, pensou, “vamos ter problemas.” A neve caía com mais força. Um vento rugia e fazia chover gelo e cascalho em seu rosto. Os picos escarpados e conhecidos que rodeavam o vale alpino haviam desaparecido atrás de um esquadrão de nuvens ameaçadoras.

Ele ergueu um dos esquis, depois o outro, inclinando-se para a frente enquanto ia subindo a encosta. Películas de náilon presas à parte inferior dos esquis faziam-nos aderir à neve. Fixações de caminhada nas botas permitiam-lhe andar com desenvoltura. Era um homem alto, de 37 anos, quadris estreitos e ombros largos. Um gorro de lã justo escondia os cabelos fartos e prematuramente grisalhos. Óculos de neve protegiam os olhos negros. Tudo que se via era uma boca decidida e bochechas ásperas com uma barba de dois dias. Usava seu velho casaco de patrulheiro florestal de esqui. Nunca escalava sem ele.

Logo abaixo, sua mulher, Emma, subia com dificuldade a encosta da montanha, usando uma parca vermelha e calça preta. Seu ritmo era irregular. Dava três passos para cima, depois descansava. Dois passos, e descansava. Tinham acabado de passar da metade da subida e ela já parecia exausta.

Jonathan virou os esquis de modo a deixá-los perpendiculares ao declive e fincou os bastões na neve.

– Agüente firme – gritou com as mãos em concha. Esperou um sinal em resposta, mas a mulher não o escutara por causa dos uivos do vento. De cabeça baixa, prosseguia sua subida.

Desceu um pouco a encosta dando passos de lado. Era acentuada e estreita, margeada de um lado por um paredão de pedra e do outro por uma greta profunda. Bem lá embaixo, encarapitada em uma encosta suave, via-se, de forma intermitente, a cidadezinha de Arosa, no cantão suíço oriental de Graubünden, piscando sob a camada de nuvens que se movia depressa.

– Sempre foi difícil assim? – perguntou Emma quando ele chegou ao seu lado.

– Da última vez, você chegou ao topo antes de mim.

– A última vez foi oito anos atrás. Estou ficando velha.

– É, 32. Um verdadeiro dinossauro. Espere só até ter a minha idade, aí é que a derrocada vai ser para valer. – Ele pôs a mão dentro da mochila para pegar uma garrafa d’água e estendeu-a para a mulher. – Como está se sentindo?

– Semimorta – respondeu ela, curvando-se por cima dos bastões. – Hora de chamar os sherpas.

– Você errou de país. Eles aqui têm gnomos: mais espertos, mas com metade da força. Estamos sozinhos.

– Tem certeza?

Jonathan confirmou.

– Você está superaquecida, só isso. Tire o gorro um instante e beba o máximo de água que conseguir.

– Sim, doutor. Agora mesmo. – Emma retirou o gorro de lã e bebeu avidamente da garrafa.

Em sua mente, Jonathan via uma imagem dela na mesma montanha, oito anos antes. Era a primeira vez que escalavam juntos. Ele, o cirurgião recém-formado que acabara de voltar de seu primeiro posto na África trabalhando para a Médicos Sem Fronteiras; ela, a decidida enfermeira inglesa que ele trouxera de volta como esposa. Antes de começarem, Jonathan perguntara se estava acostumada a escalar. “Um pouco”, respondera. “Nada sério.” Logo depois, arrasara-o na subida, demonstrando a habilidade de uma esquiadora experiente.

– Assim é melhor – disse Emma, correndo uma das mãos pelos cabelos ruivos revoltos.

– Tem certeza?

– Desculpe – Emma falou, sorrindo, mas seus olhos cor de avelã estavam cheios de cansaço.

– Desculpe por quê?

– Por não estar tão em forma quanto deveria. Por diminuir o nosso ritmo. Por não ter escalado com você nesses últimos anos.

– Deixe de bobagem. Estou feliz por você estar aqui, só isso.

– Eu também – Emma falou, erguendo o rosto e dando-lhe um beijo.

– Olhe – disse ele, mais sério –, o negócio aqui está ficando feio. Acho que talvez a gente devesse voltar.

Emma lhe estendeu a garrafa.

– Nem pensar, moço. Eu já derrotei você uma vez nesta montanha. Pode prestar atenção que vou derrotar de novo.

– Valendo dinheiro?

– Uma coisa melhor que dinheiro.

– Ah, é? – Jonathan tomou um gole d'água, pensando em como era bom ouvi-la falar besteira de novo. Quanto tempo fazia? Seis meses? Um ano até, desde que as dores de cabeça haviam surgido e Emma começado a desaparecer dentro de quartos escuros por horas a fio. Ele não tinha certeza da data. Sabia apenas que fora antes de Paris, e que Paris fora em julho.

Arregaçando a manga do casaco, percorreu as funções de seu relógio de pulso Suunto. Altitude: 2.804 metros. Temperatura: –10º Celsius. Barômetro: 900 milibares e em queda. Encarou os números, sem acreditar totalmente nos próprios olhos. A pressão estava caindo vertiginosamente.

– O que foi? – perguntou Emma.

Jonathan enfiou a garrafa d'água dentro da mochila.

– A tempestade vai piorar. Temos que deixar umas marcas. Tem certeza de que não quer voltar?

Emma sacudiu a cabeça. Dessa vez não havia orgulho em seu gesto. Apenas decisão.

– Tudo bem, então – disse ele. – Vá você na frente. Eu sigo logo atrás. Me dê só um segundinho para arrumar as fixações.

Ajoelhado, Jonathan viu uma camada de neve cair sobre as pontas de seus esquis. Em segundos, eles ficaram cobertos. As pontas dos esquis começaram a tremer. Em poucos instantes, Jonathan se esqueceu completamente das fixações.

Com cuidado, levantou-se. Acima de seu ombro, o Nordwand do Furga, um paredão de pedra e gelo, erguia-se 300 metros até um pico dentado de calcário. Os ventos constantes haviam empilhado neve fofa em volta do sopé, formando um banco de neve alto e largo que parecia saturado e instável. "Carregado", no jargão dos alpinistas.

A garganta de Jonathan secou. Ele era um montanhista experiente. Já escalara os Alpes, as Rochosas e até mesmo o Himalaia durante uma temporada. Já tivera seu quinhão de acidentes. Saíra ileso, enquanto outros não haviam conseguido. Sabia quando se preocupar.

– Está sentindo? – perguntou ele. – Está se preparando para desmoronar.

– Você ouviu alguma coisa?

– Não. Ainda não. Mas...

Em algum lugar ao longe... em algum lugar acima deles... um barulho distante de trovoada ecoou pelos cumes. A montanha estremeceu. Ele pensou na neve acumulada no Furga. Dias de frio inclemente a haviam congelado para transformá-la em uma gigantesca placa de centenas de toneladas. Não era uma trovoada que estavam ouvindo, mas o barulho da placa rachando e soltando-se da neve mais antiga e mais esfarelada que havia embaixo.

Jonathan ergueu os olhos para a montanha. Já fora surpreendido por uma avalanche uma vez. Passara 11 minutos abaixo da superfície, enterrado na escuridão, incapaz de mover a mão ou sequer o dedo, sentindo frio demais para perceber que a perna fora deslocada da articulação e estava virada para trás, deixando o joelho a poucos centímetros da orelha. No final das contas, sobrevivera porque um amigo tinha visto a cruz do seu casaco de patrulheiro segundos antes de ele ser soterrado.

Dez segundos se passaram. O rugido cessou. O vento amainou e um silêncio soturno se abateu sobre a encosta. Sem dizer uma palavra, ele desenrolou a corda que trazia em volta do tronco e amarrou uma das pontas na cintura de Emma. Recuar não era mais uma alternativa. Tinham de sair do caminho da avalanche iminente. Gesticulando com as mãos, Jonathan informou que iriam pegar uma trilha que subia o paredão, e que ela deveria segui-lo.

– Tudo bem?

– Tudo bem – ela respondeu.

Apontando os esquis para cima da encosta, Jonathan recomeçou a andar. O paredão era muito íngreme e acompanhava a lateral da montanha. Ele manteve um ritmo puxado. A cada poucos passos, olhava por cima do ombro e via Emma onde deveria estar, não mais de cinco passos atrás. O vento aumentou e mudou o curso para o leste. A neve os fustigava em rajadas horizontais, puxando as dobras de suas roupas. Jonathan perdeu toda a sensação nos dedos dos pés. Os das mãos ficaram dormentes e rígidos. A visibilidade caiu de sete para três metros e, depois disso, ele passou a não conseguir ver nada além da ponta do nariz. Somente a queimação em suas coxas lhe informava que estava subindo e se afastando da greta.

Uma hora depois chegou ao cume. Exausto, escorou os esquis na neve e ajudou Emma nos últimos metros, puxando-a. Erguendo os esquis pela lateral, ela desabou em seus braços. Seus arquejos vinham em golfadas espasmódicas. Ele a segurou bem apertado até ela recuperar o fôlego e conseguir ficar em pé sozinha.

Ali, entre dois cumes, o vento os castigava com a força de um motor de jato. O céu, porém, havia clareado um pouco, e Jonathan pôde ver de relance o vale mais abaixo que conduzia à cidadezinha de Frauenkirch e, depois, a Davos.

Esquiou até a outra ponta do cume e olhou pela beirada protuberante. Sete metros mais abaixo, um tobogã de neve descia como um vão de elevador por entre saliências de rocha.

– É a pista de Roman. Se a gente conseguir descer por aqui, vai ficar tudo bem.

A pista de Roman fazia parte do folclore da região e devia seu nome a um guia morto por uma avalanche durante uma descida de esquis. Emma arregalou os olhos. Encarou Jonathan e sacudiu a cabeça fazendo que não.

– É íngreme demais.

– Já vimos piores.

– Não, Jonathan... olhe só para essa descida. Não tem outro jeito?

– Hoje não.

– Mas...

– Querida, ou a gente desce daqui ou vai morrer congelado.

Ela chegou mais perto da borda, esticando o pescoço para ver melhor o que havia lá embaixo. Recuou, apoiando o queixo no peito.

– Quer saber? – disse, meio a contragosto. – A gente já está aqui mesmo. Vamos lá.

– É só uma pequena descida, uma curva rápida, e pronto. Como eu disse, a gente já viu piores.

Emma aquiesceu, agora com mais certeza. E, durante alguns instantes, deu a impressão de que não havia nada de errado, de que não estavam lutando contra a gangrena e de que estava ansiando desde o começo por testar suas habilidades naquele declive quase suicida.

– Tudo bem, então.

Jonathan tirou os esquis e removeu a película que os recobria. Empunhando um deles como uma picareta, recortou um bloco de um metro quadrado de neve e atirou-o pela beirada. O gelo bateu na encosta e saiu rolando montanha abaixo. Trilhas de neve solta escorreram vagarosamente em alguns pontos da pista, mas a encosta resistiu bem.

– Venha atrás de mim – disse ele. – Vou abrir a trilha.

Emma chegou ao seu lado, com as pontas dos esquis suspensas acima do vazio.

– Para trás – falou Jonathan, apressando-se em calçar seus esquis.

Ela estava com aquela expressão. Não precisou olhar para saber. Pôde sentir.

– Deixe que eu vou primeiro.

– Não posso deixar todo o trabalho pesado nas suas costas.

– Nem pense nisso!

– O último a chegar é mulher do padre, lembra?

– Ei... não!

Emma deu impulso, ficou alguns instantes suspensa no ar, em seguida caiu sobre a pista e seus esquis bateram no gelo, fazendo um chiado. Aterrissou de mau jeito e atravessou o tobogã a uma velocidade altíssima, com o esqui levemente torto, pressionado com força na neve. Suas mãos estavam exageradamente erguidas e o corpo muito curvado para a frente. Toda a sua silhueta parecia desgovernada, fora de controle. Os olhos de Jonathan voaram para as pedras que margeavam o tobogã. “Vire!”, gritou uma voz dentro dele.

Três metros a separavam das pedras. Um e meio. No instante seguinte, ela deu um salto perfeito e inverteu a direção.

Jonathan relaxou.

Emma desceu zunindo pelo tobogã e fez outra curva perfeita. Abaixou as mãos nas laterais do corpo. Flexionou os joelhos para amortecer qualquer lombada escondida. Qualquer sinal de cansaço havia desaparecido.

Ele ergueu um punho cerrado em gesto de triunfo. Emma tinha conseguido. Dali a meia hora estariam os dois sentados em um cubículo reservado no Restaurante Staffelalp, em Frauenkirch, com dois cafés Lutz fumegantes à sua frente, rindo das peripécias do dia e fingindo que nunca haviam corrido qualquer perigo. Não de verdade. Mais tarde voltariam para o hotel, cairiam na cama e...

Emma caiu fazendo a terceira curva. Esbarrou em algum obstáculo sob a neve ou então demorou meio segundo a mais para virar e seus esquis se chocaram contra as pedras. A barriga de Jonathan se contraiu. Horrorizado, ele a viu cavar uma cicatriz bem no centro do tobogã. Suas mãos se agarraram à neve, mas o declive era acentuado demais. E estava congelado. Emma foi descendo cada vez mais rápido. Ao bater em uma lombada, seu corpo foi arremessado no ar como uma boneca de pano. Aterrissou com uma das pernas dobrada para trás. Houve uma explosão de neve. Seus esquis foram lançados para cima como se tivessem sido disparados por um canhão. Ela começou a despencar, com os braços e pernas abertos, girando sem parar.

– Emma! – gritou Jonathan, tomando impulso e descendo pelo tobogã. Esquiou sem pensar, com os braços bem abertos para manter o equilíbrio, o corpo retesado, deslizando pela encosta. Um véu de bruma cruzou o declive e por um instante ele se perdeu em um vazio branco e sem visibilidade nenhuma, sem saber onde era em cima e onde era embaixo. Endireitou os esquis e varou a nuvem como um raio.

Emma estava caída bem mais abaixo na encosta, de bruços, com a cabeça mais baixa do que os pés e o rosto enterrado na neve. Ele parou a três metros dela. Tirando os esquis, caminhou pela neve fofa com passos altos, as pernas arqueadas, os olhos atentos a qualquer ínfimo movimento.

– Emma – disse com firmeza. – Está me ouvindo?

Tirando a mochila, ajoelhou-se e limpou a neve da boca e do nariz da mulher. Apoiando uma das mãos em suas costas, sentiu o peito subir e descer. Sua pulsação estava forte e regular. Dentro da mochila havia uma sacola de náilon com um gorro sobressalente, luvas, óculos e uma camiseta térmica. Ele enrolou a camiseta e acomodou-a debaixo da bochecha de Emma.

Nesse exato instante ela se mexeu.

– Ai, merda – murmurou.

– Fique quieta – ordenou Jonathan com a mesma voz que usava no pronto-socorro. Correu uma das mãos por cima de sua calça, começando na coxa e descendo. De repente, o rosto dela se contorceu de agonia.

– Não... pare! – gritou.

Ele afastou as mãos. Alguns centímetros acima do joelho, alguma coisa fazia pressão por dentro no tecido da calça. Ficou olhando para aquela protuberância grotesca. Somente uma coisa no mundo tinha aquele aspecto.

– Quebrou, não foi? – Emma estava com os olhos arregalados, piscando depressa. – Não consigo mexer os dedos do pé. Parece que está tudo solto lá embaixo. Está doendo, Jonathan. De verdade.

– Calma, deixe eu dar uma olhada.

Usando o canivete suíço, ele abriu uma fenda na calça de esqui da mulher e afastou o tecido delicadamente. Um osso espatifado furava sua roupa térmica de baixo. O tecido em volta estava ensopado de sangue. Fratura exposta do fêmur.

– É muito grave? – perguntou Emma.

– Grave o suficiente – respondeu Jonathan, como se fosse uma simples fissura. Sacudiu cinco analgésicos de um frasco e ajudou-a a tomar um gole d'água. Então, usando a fita adesiva do kit de primeiros socorros, fechou o rasgo da calça. – Precisamos deitar você de costas e virada para a descida. Tudo bem?

Emma aquiesceu.

– Primeiro vou pôr uma tala na sua perna. Não quero que esse osso se mexa. Por enquanto, apenas fique quieta.

– Pelo amor de Deus, Jonathan, por acaso estou com cara de quem vai a algum lugar?

Jonathan tornou a subir a encosta para pegar os esquis e bastões de Emma. Posicionando um bastão de cada lado da perna, cortou uma medida de corda de escalada, amarrou uma das pontas e enrolou-a várias vezes em volta da coxa e do tornozelo. Ajoelhado ao seu lado, entregou-lhe sua carteira de couro.

– Tome.

Ela segurou a carteira com força entre os dentes.

Aos poucos, Jonathan foi apertando a corda até os bastões se ajustarem à perna quebrada. Emma gemeu de dor. Ele amarrou a outra ponta da corda, em seguida colocou-a de costas e girou-lhe o corpo para que a cabeça ficasse acima dos pés. Depois disso, passou alguns minutos fazendo um montinho atrás de suas costas para ela poder se sentar.

– Melhorou? – perguntou.

Emma fez uma careta enquanto uma lágrima escorria por sua face.

– Bom, vamos providenciar ajuda – disse, tocando em seu o ombro. Pegou o rádio do bolso do casaco. – Davos Resgate – disse, virando de costas para o vento. – Preciso informar uma emergência. Esquiadora ferida na encosta sul do Furga, sopé da pista de Roman. Câmbio.

Apenas o silêncio respondeu à sua chamada.

– Davos Resgate – repetiu. – Emergência necessitando ajuda imediata. Câmbio.

Um chiado de estática foi a resposta. Ele tentou novamente. Mais uma vez não obteve resposta.

– É o tempo – disse Emma. – Mude de canal.

Jonathan passou para o canal seguinte. Anos antes, ele trabalhara como instrutor e patrulheiro de esqui nos Alpes e programara o rádio com as freqüências de todos os serviços de resgate de emergência da região – Davos, Arosa e Lenzerheide, assim como as de Kantonspolizei, o Clube Alpino Suíço, e REGA, o serviço de resgate por helicóptero conhecido pelos esquiadores e alpinistas como "vagão de carne".

– Arosa Resgate. Esquiadora ferida na encosta sul do Furga. Necessita ajuda imediata.

Mais uma vez não houve resposta. Jonathan aproximou mais o rádio. A luz de funcionamento piscava debilmente. Bateu com o aparelho na perna. A luz piscou e se apagou.

– Pifou.

– Pifou? O rádio? Como assim? Você testou ontem à noite, eu vi.

– Ontem à noite estava legal. – Jonathan ligou e desligou o instrumento várias vezes, mas a luz se recusava a acender.

– Será que é a pilha?

– Não entendo como poderia ser. Troquei as pilhas ontem. – Depois de tirar as luvas, examinou o interior do rádio. – Não é a pilha. É a fiação. A fonte de energia não está ligada ao transmissor.

– Então ligue.

– Não consigo. Não aqui. Não sei se conseguiria mesmo se tivesse as ferramentas necessárias. – Em seguida, jogou o rádio dentro da mochila.

– E o celular? – perguntou Emma.

– O que é que tem o celular? Aqui em cima não tem sinal nenhum.

– Tente – ordenou ela.

O ícone do sinal no celular de Jonathan exibia uma parabólica atravessada por uma linha sólida. Mesmo assim, ele digitou o número do REGA. A ligação não se completou.

– Nada. É um buraco negro.

Emma passou alguns instantes encarando-o, e ele percebeu que ela estava se esforçando muito para se controlar.

– Mas a gente tem que falar com alguém.

– Não tem ninguém com quem falar.

– Tente o rádio de novo.

– Para quê? Já falei que está quebrado.

– Tente assim mesmo!

Jonathan se ajoelhou ao seu lado.

– Escute, vai ficar tudo bem – disse ele com a voz mais calma possível. – Eu desço esquiando e volto com ajuda. Contanto que você fique com seu transmissor de avalanche, não vou ter dificuldade para encontrá-la.

– Você não pode me deixar aqui. Nunca vai conseguir voltar, mesmo com o sinalizador. Não dá para ver nem três metros em qualquer direção. Eu vou congelar. A gente não vai conseguir... eu não vou conseguir... – Suas palavras silenciaram. Ela deixou a cabeça cair sobre a neve e virou o rosto para que ele não a visse chorar. – Eu quase consegui, sabe... aquela última curva... só cheguei um pouquinho atrasada...

– Escute aqui. Você vai ficar bem.

Emma ergueu os olhos para ele.

– Vou?

Jonathan enxugou-lhe as lágrimas do rosto.

– Eu prometo – falou.

Ele enfiou a mão dentro da mochila, pegou uma garrafa térmica e serviu uma xícara de chá quente para a mulher. Enquanto bebia, ele recolheu seus esquis e cravou-os atrás dela, na neve, formando um X, de modo a poder enxergá-la de longe. Despiu o casaco de patrulheiro e estendeu-o sobre seu peito. Tirou seu gorro e colocou-o por cima do gorro de Emma, puxando-o para baixo, de modo que lhe cobrisse o pescoço. Por fim, tirou o cobertor isolante da mochila e passou-o delicadamente por baixo de suas costas e em volta do peito. A palavra SOCORRO estava escrita no tecido, em grandes letras fluorescentes na cor laranja, para ajudar em caso de resgate aéreo. Mas nenhum helicóptero iria até ali em um dia como aquele.

– Tome um pouco de chá a cada 15 minutos – disse Jonathan, segurando sua mão. – Não pare de comer e, principalmente, não durma.

Emma assentiu e apertou a mão do marido como um torno.

– Lembre-se do chá – continuou ele. – A cada 15...

– Cale a boca e vá embora daqui – disse ela. Apertou a mão dele uma última vez e soltou-a. – Vá embora antes de me matar de medo.

– Volto assim que puder.

Emma prendeu o olhar no dele.

– E Jonathan... não faça essa cara de inseguro. Você nunca deixou de cumprir uma promessa.

2

TREZENTOS QUILÔMETROS a oeste de Davos, no aeroporto de Bern-Belp, perto da capital suíça, vinha nevando desde cedo. Removedores de neve assustadores percorriam as pistas de um lado para outro formando morrinhos brancos, feias paródias dos Alpes, e depositando-os na cabeceira da pista de manobra.

Na extremidade ocidental da pista 14 havia um grupo de homens reunido, com os olhos fixos no céu. Eram policiais e estavam aguardando o pouso de um avião. Tinham ido até lá efetuar uma prisão.

Um homem estava ligeiramente afastado dos outros. Marcus Von Daniken tinha 50 anos; era baixo, de nariz aquilino, cabelos pretos quase totalmente raspados e uma boca taciturna, curvada para baixo. Fazia seis anos que era o chefe do Serviço de Análise e Prevenção, mais conhecido pela sigla SAP. Seu trabalho era garantir a segurança interna do país contra extremistas, terroristas e espiões. A mesma tarefa realizada nos Estados Unidos pelo FBI e no Reino Unido pelo MI5. Naquele momento, Von Daniken tremia. Esperava que o avião fosse aterrissar logo.

– Como estão as condições de vôo? – perguntou para o sujeito ao seu lado, um major da Guarda de Fronteira.

– Mais 10 minutos e eles vão fechar a pista. Não dá pra ver porra nenhuma.

– Qual o status do avião?

– Uma das turbinas em pane – respondeu o major. – A outra superaquecida. A aeronave acabou de se posicionar para a descida.

Von Daniken vasculhou o céu. Logo acima da pista, um conjunto de luzes amarelas de aterrissagem piscava, entrando e saindo da bruma. Instantes depois, o avião saiu de uma nuvem e apareceu. Era um Gulfstream IV vindo de Estocolmo, Suécia. Seu número, N415GB, era conhecido pelas agências de inteligência de qualquer país ocidental. A mesma aeronave havia transportado Abu Omar, o clérigo muçulmano radical capturado nas ruas de Milão em fevereiro de 2003, da Itália à Alemanha e finalmente até o Egito, onde ele seria interrogado por seus conterrâneos.

Transportara também um cidadão alemão de descendência libanesa chamado Khaled El-Masri, capturado na Macedônia, até a prisão da Mina de Sal, na base da Força Aérea norte-americana de Bagram, próxima a Cabul, no Afeganistão, onde acabou se descobrindo que ele na verdade não era o mesmo Khaled El-Masri procurado por envolvimento em atividades terroristas.

Um sucesso. Um fracasso. “É essa a proporção ultimamente”, pensou Von Daniken. “O importante é continuar na mesa e seguir jogando.”

A aeronave bateu com força no asfalto da pista. Os pneus fizeram esguichar gelo e água. O motor rugiu enquanto os reversores eram acionados.

– Idiotas arrogantes – disse um homem magro, quase esquelético, de cabelos ruivos, longos, com óculos redondos de professor. – Mal posso esperar para ver a cara deles. Já é hora de ensinarmos uma lição a esses sujeitos. – Seu nome era Alphons Marti, ministro da Justiça suíço.

Marti havia representado a Suíça como maratonista nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. Fora o último corredor a chegar ao estádio, com as pernas bambas por causa do calor, cambaleando e tropeçando como um bêbado que passou três dias de porre. A equipe do atendimento de emergência tentara detê-lo, mas ele de alguma forma conseguira afastá-la. Um passo depois da linha de chegada desabou no chão e foi transportado na mesma hora para o hospital. Alguns o consideraram um herói. Outros tinham uma opinião diferente e sussurravam sobre um amador se fingindo de profissional.

– Nada de erros agora – continuou Marti, segurando com força o braço de Von Daniken. – É a nossa reputação que está em jogo. A Suíça não permite esse tipo de coisa. Nós somos um país neutro. Já é hora de tomarmos postura e provarmos isso. Não concorda?

Von Daniken tinha idade e sabedoria suficientes para não responder. Levou o rádio à boca.

– Ninguém acende os faróis antes de eu dar a ordem – disse.

A uns 30 metros de distância, escondida atrás de uma barreira, uma pequena frota de carros de polícia esperava o sinal para se aproximar. Von Daniken olhou para a sua esquerda. Outra barricada ocultava um transporte de tropas blindado com 10 guardas de fronteira fortemente armados. Ele era contra aquela exibição de força, mas Marti não queria nem saber. O ministro da Justiça havia esperado muito por esse dia.

– O piloto está pedindo autorização para desembarcar – disse o major da Guarda de Fronteira. – A torre o está direcionando para a rampa da alfândega.

Von Daniken e Marti subiram em um sedã civil e foram até o local designado para o estacionamento do avião. Os outros seguiram em um segundo veículo. O jato Gulfstream virou para sair da pista e foi se aproximando da rampa. Von Daniken esperou até o avião parar por completo.

– Todas as unidades. Em frente – disse.

Estroboscópios azuis e brancos iluminaram o céu cinzento. Os carros de polícia saíram de seu esconderijo em alta velocidade e cercaram o avião. O transporte de tropas assumiu sua posição pesadamente e um soldado mirou o canhão calibre .50 que saía da vigia. Soldados vestindo uniformes de combate saltaram dos veículos e formaram um semicírculo em volta do avião com as submetralhadoras erguidas até o peito e apontadas para a porta.

"Todo esse circo por causa de um simples fax", pensou Von Daniken, saltando do sedã e verificando a pistola para se certificar de que não havia balas no tambor e de que a segurança estava travada.

Três horas antes, o Ônix, sistema de vigilância por satélite exclusivo da Suíça, interceptara um fax enviado pela embaixada síria, em Estocolmo, para a de Damasco com a lista de passageiros de uma certa aeronave com destino ao Oriente Médio. Havia quatro pessoas a bordo: o piloto, o co-piloto e dois passageiros. Um deles era agente do governo norte-americano; o outro, um terrorista procurado pelas autoridades de 12 nações ocidentais. Minutos depois de recebida, a notícia galgou a escala de comando. Uma cópia do fax foi enviada para Von Daniken e outra para Marti.

E a coisa parou por aí. Mais uma informação de inteligência a ser processada e classificada como "Sem mais providências". Pelo menos até o vôo em questão enviar um rádio para o controle de tráfego aéreo suíço informando sobre uma pane no motor e solicitando autorização para um pouso de emergência.

A porta da frente do jato se abriu e uma escada se soltou da fuselagem. Marti subiu os degraus depressa, com Von Daniken logo atrás. O piloto apareceu no vão da porta. O Justizminister sacou um mandado e estendeu-o para ser examinado.

– Temos informações indicando que os senhores estão transportando um prisioneiro em desacordo com a Convenção de Genebra dos Direitos Humanos.

O piloto mal olhou para o documento oficial.

– O senhor está enganado – falou. – Não temos ninguém a bordo exceto meu co-piloto e o Sr. Palumbo.

– Não há engano nenhum – disse Marti, esquivando-se do piloto com um movimento de ombro e entrando no avião. – O solo suíço não vai ser usado para a prática da rendição extraordinária. Inspetor-chefe Von Daniken, reviste o avião.

Von Daniken percorreu o corredor da aeronave. Havia um único passageiro sentado em uma das largas poltronas de couro. Um homem branco, de mais ou menos 40 anos, cabeça raspada, ombros de touro e frios olhos cinzentos. À primeira vista parecia um homem experiente, alguém capaz de se virar sozinho. Da sua janela, tinha uma vista desimpedida das tropas de choque que rodeavam o avião. Não parecia particularmente preocupado.

– Boa tarde – disse Von Daniken em bom inglês, apesar do sotaque. – Sr. Palumbo?

– E o senhor é...?

Von Daniken se apresentou e mostrou sua credencial.

– Temos motivos para desconfiar de que o senhor esteja transportando neste vôo um passageiro chamado Walid Gassan. Estou certo?

– Não, senhor, não está. – Palumbo cruzou as pernas, e Von Daniken reparou que ele calçava botas com uma ponteira resistente.

– Nesse caso, o senhor se importa se revistarmos a aeronave?

– Estamos em solo suíço. Os senhores podem fazer o que quiserem.

Von Daniken instruiu o passageiro a permanecer sentado até a busca terminar, em seguida prosseguiu até os fundos da aeronave. Havia pratos e copos empilhados na pia da cozinha. Ele contou quatro couverts. Piloto, co-piloto, Palumbo. Faltava uma pessoa. Verificou o banheiro, em seguida passou pela abertura dos fundos e inspecionou o compartimento de bagagens.

– Ninguém – informou por rádio a Marti. – Nada no compartimento de passageiros nem no de carga.

– Como assim, “nada”? – indagou Marti. – Não pode ser.

– A menos que tenham enfiado o cara dentro de uma mala, ele não está no avião.

– Continue procurando.

Von Daniken fez uma segunda busca na área de carga, checando se existiam compartimentos camuflados. Sem encontrar nada, fechou o alçapão traseiro e voltou para a cabine de passageiros.

– Já revistou o avião inteiro? – perguntou Marti, de braços cruzados ao lado do piloto.

– De alto a baixo. Fora o Sr. Palumbo, não tem mais nenhum passageiro a bordo.

– Impossível. – Marti lançou um olhar acusador para Von Daniken. – Temos provas de que o prisioneiro está a bordo.

– E que provas são essas? – perguntou Palumbo.

– Não faça joguinhos comigo – disse Marti. – Sabemos quem o senhor é e para quem trabalha.

– Sabem mesmo? Então eu acho que posso contar para os senhores.

– Contar o quê? – perguntou Marti.

– O cara que vocês estão procurando... jogamos ele do avião meia hora atrás, naquelas suas imensas montanhas. Ele disse que sempre tinha sonhado em ver os Alpes.

Os olhos de Marti se arregalaram.

– Não...

– Quem sabe foi isso que travou a turbina. Ou isso ou um ganso. – Palumbo olhou pela janela, balançando a cabeça, divertindo-se.

Von Daniken puxou Marti de lado.

– Parece que as nossas informações estavam equivocadas, Herr Justizminister. Não há nenhum prisioneiro a bordo.

Marti devolveu seu olhar, lívido de raiva. Uma corrente elétrica varou seu corpo, fazendo estremecer os ombros. Com um meneio de cabeça para o passageiro, ele desceu do avião.

Um único soldado de choque continuava na porta. Von Daniken acenou para que descesse. Esperou o soldado desaparecer escada abaixo para tornar a virar-se para Palumbo.

– Tenho certeza de que os nossos mecânicos vão conseguir consertar a sua turbina o quanto antes. Caso o tempo continue ruim e o aeroporto fique fechado, o senhor poderá se hospedar no Hotel Rossli, um pouco mais abaixo nesta mesma rua, e bastante confortável. Queira aceitar as nossas desculpas por qualquer incômodo.

– Desculpas aceitas – disse Palumbo.

– Ah, a propósito – disse Von Daniken. – Eu por acaso encontrei isto aqui no chão. – Chegando mais perto, deixou cair um objeto pequeno e duro na palma da mão do agente da CIA. – Confio no senhor para nos transmitir qualquer informação relevante.

Palumbo esperou Von Daniken descer da aeronave antes de abrir a mão.

Em sua palma havia uma unha humana arrancada e ensangüentada.

3

– ELA SUMIU.

Jonathan estava em pé no cume de um morro baixo, a 200 metros do sopé da pista de Roman. O vento uivava em jatos e rajadas, cobrindo-o de branco em um minuto, e acalmava-se no minuto seguinte. Com um binóculo colado aos olhos, pôde ver os esquis cruzados, as letras “SOC” se destacando no cobertor isolante e, mais à esquerda, a pá de emergência na cor laranja. Mas não viu Emma.

Jonathan separou-se dos três membros do esquadrão da Davos Resgate e subiu a última encosta. Fazia quatro horas desde que descera a montanha esquiando para buscar ajuda. A neve havia enterrado os esquis cruzados até o alto das correias, mas apenas uma camada de um dedo de grossura cobria a mochila dela. Ele a abriu e viu que os sanduíches e barrinhas energéticas haviam desaparecido. A garrafa térmica estava vazia. Deixou cair a mochila aos seus pés. A marca de onde Emma estivera deitada ainda estava ligeiramente visível. Não fazia muito tempo que ela saíra dali.

Jonathan ligou o sinalizador de avalanche que trazia preso ao peito e deu um giro completo, procurando em todas as direções. O sinalizador era teleguiado por um mecanismo que funcionava a distâncias de até 100 metros. O instrumento emitiu um bipe longo – prova de que estava funcionando – e em seguida silenciou. O vum-vum da neve se acomodando, distante como tambores de guerra indígenas, flutuava pelo ar da montanha.

– Está captando algum sinal? – perguntou Sepp Steiner, chefe da equipe de resgate, quando chegou ao lado de Jonathan. Steiner era um homem baixo, magro, com as faces encovadas e olhos que pareciam duas fendas.

– Nada.

Foi então que ele viu uma pétala vermelha no meio da neve. Jonathan se curvou para tocar a gota de sangue. Havia outra alguns centímetros mais adiante, e mais uma depois.

– Por aqui – disse, acenando com o braço para chamar os outros.

– Pare aí – alertou Steiner. – Tem uma greta alguns metros mais à frente.

– Uma greta?

– Profunda. Vai até a base da geleira.

Jonathan apertou os olhos, tentando distingui-la, mas não viu nada além de um paredão branco impenetrável.

– Passem uma corda em mim. – Tirou os esquis, depois vestiu um suporte em forma de cadeira e prendeu a corda à cintura.

– Cuidado – disse Steiner, depois de tirar os esquis e prender Jonathan no seu próprio suporte. – Não queremos perder você também.

Jonathan girou para ficar de frente para o homem mais baixo.

– Ela ainda não está perdida.

No início as gotas eram difíceis de encontrar, parecendo cabeças de alfinete. Então foram ficando maiores e menos espaçadas, até o sangue começar a traçar uma linha contínua, como se alguém tivesse furado uma lata de xarope de romã e despejado na neve. A única diferença era que aquele xarope tinha a cor brilhante do sangue arterial rico em oxigênio.

"Quando Emma teria passado por ali?", perguntou-se Jonathan. "Cinco minutos atrás. Dez?" Curvando-se mais, pôde ver onde ela havia apoiado o pé são e onde havia arrastado o outro. Mais à frente havia uma depressão na neve e, no centro, um grande buraco.

Jogando-se no chão de bruços, ele rastejou e dirigiu a lanterna para dentro do buraco. A luz revelou uma galeria de gelo e pedra com 10 metros de diâmetro e aparentemente sem fundo. Rolando para um dos lados, verificou o sinalizador. O mostrador digital piscou e o número "98" apareceu. O estômago de Jonathan revirou. Noventa e oito metros de profundidade.

– Conseguiu algum sinal? – perguntou Steiner. – Ela está aí dentro?

– Está – respondeu Jonathan, mas recusou-se a dar mais detalhes. – Eu vou descer. Me segure.

– Está seguro – confirmou Steiner.

Jonathan aumentou o buraco com a picareta. Um bloco de gelo se desprendeu e a greta se escancarou à sua frente. De bruços, com as botas dependuradas na beirada, foi se arrastando para trás até a neve desabar sob seu peito. Mergulhou no breu, batendo em uma parede de gelo antes de a corda se retesar e segurá-lo.

– Entrei.

Chutando a parede para ganhar espaço, deixou a corda correr por entre seus dedos e caiu mais fundo dentro do buraco. A lanterna revelou uma paisagem primitiva e selvagem, um palácio eterno de uma rainha do gelo. Era uma ilusão. Gretas como aquela estavam em constante mutação, alargando-se, estreitando-se, à mercê das forças em constante movimento das camadas de rocha subjacentes.

Dez metros mais abaixo, viu uma mancha preto-e-branca sobre um parapeito de gelo bem próximo. Era o gorro de Emma. Como um pêndulo, Jonathan se balançou para a frente e para trás, chutando a parede de gelo para ganhar impulso. Na terceira vez, inclinou o corpo quase na horizontal, esticou o braço e o pegou.

Com o gorro na mão, endireitou-se e mirou a lanterna no parapeito. A neve ali estava remexida e tingida de sangue. Dessa vez não era uma trilha, mas uma mancha quase do tamanho de um melão. Não podia mais mentir para si mesmo sobre o que havia acontecido. Emma tinha tentado descer a montanha a pé. Seu movimento fizera o osso partido romper a artéria femoral. Essa artéria era a principal passagem do sangue bombeado pelo coração para os membros inferiores: pernas e pés. Como cirurgião, ele conhecia as conseqüências. Sem um torniquete, ela ficaria exangue em poucos minutos. Em termos leigos, sangraria até morrer.

Verificou o sinalizador. A leitura indicava 89 metros. O ponteiro de direção apontava para baixo. Mirou o facho da lanterna na direção do fundo da fissura. Um vazio infinito.

– Mais corda – pediu.

– Posso dar mais 25 metros. É tudo que a gente tem.

Jonathan olhou para cima. A abertura pela qual ele havia passado parecia brilhante como um rasgo no céu noturno. Esperou a segunda corda ser amarrada à primeira. Steiner deu um puxão e ele recomeçou a descer. Foi soltando a corda devagar, parando a cada três metros para vasculhar em volta com a lanterna, verificar a presença de obstáculos e procurar por Emma. Os números no sinalizador foram diminuindo: 85... 80... 75. A luz do mundo lá em cima foi su-

mindo devagar. As paredes de gelo reluziam com um azul fantasmagórico. 70... 68... 64. De repente, a corda se retesou.

– Acabou – disse Steiner.

Jonathan dirigiu a lanterna lentamente para um lado e para outro, colorindo o gelo lá embaixo com um fraco facho de luz. Encontrou uma mancha vermelha. Seu casaco de patrulheiro? Moveu o facho alguns centímetros para a esquerda e viu um lampejo cor de cobre. Os cabelos de Emma? Seu coração deu um pulo.

– Preciso de mais corda. Mais 25 metros.

– Não tem mais.

– Vão buscar – ordenou ele.

– Não dá tempo. Uma pequena avalanche acabou de destruir a encosta atrás da gente. A montanha inteira pode desabar a qualquer momento.

Jonathan olhou na direção da luz. A mancha vermelha entrou em foco. Moveu a lanterna dois centímetros mais para a direita. Era a cruz do seu casaco de patrulheiro. O lampejo cor de cobre eram os cabelos de sua mulher.

“Emma.” O nome dela entalou na sua garganta.

Agora podia vê-la, ou pelo menos o seu contorno. Estava deitada de bruços, com um dos braços esticado acima da cabeça, como se chamasse ajuda. Mas havia algo errado... o gelo à sua volta não estava branco, mas escuro. Ela estava deitada em uma poça do próprio sangue.

– Ela está lá embaixo – disse ele, teimoso. – Dá para chegar.

– Ela caiu 100 metros – argumentou Steiner. – É impossível ter sobrevivido. Você tem que sair. Não vou arriscar a vida de quatro homens.

– Emma! – gritou Jonathan. – Sou eu. Jonathan. Se você estiver bem, mexa a mão.

A forma da mulher continuou imóvel enquanto sua voz ecoava na greta.

– Quieto – disse Steiner, a raiva contraída como um punho cerrado. – Você vai matar todos nós.

A corda deu um puxão. Jonathan quicou na parede e subiu alguns metros. Steiner o estava puxando. Irado, ele enterrou as travas dianteiras no gelo, em seguida sacou a faca e pressionou a lâmina na corda, a centímetros do próprio rosto. Tinha os grampons. Tinha uma picareta de gelo. Desceria aquela parede para chegar até ela.

Manteve os olhos fixos no corpo, que já parecia menor, desconhecido, de certa forma. Não detectou nenhum sinal de movimento. Pouco importava se Steiner estava ou não certo em relação à queda, se esta fora excessivamente grande, ou se houvera algum obstáculo para diminuir a velocidade de sua descida. Simplesmente havia sangue demais.

Ele afastou a faca da corda e libertou os grampos do gelo. A corda deu outro puxão e Jonathan ficou suspenso mais um metro para fora da greta. Dirigiu o facho da lanterna para a mancha vermelha que havia visto, mas não conseguiu mais distingui-la. Perdera sua mulher de vista.

– Emma! – gritou, com lágrimas escorrendo pela face.

Mas apenas a sua própria voz lhe respondeu, ecoando sem parar.

4

O LAND ROVER DESCEU CORRENDO a Seestrasse na saída de Zurique. Um homem solitário sentava-se ao volante. Uma barba de vários dias cobria seu rosto. Olheiras escuras rodeavam seus olhos. Fazia 24 horas que ele estava em atividade. Precisava de uma refeição, de um chuveiro e de uma cama. A hora de tudo isso iria chegar. Primeiro, tinha um trabalho a terminar.

Abriu o porta-luvas, retirou uma pistola com silenciador e depositou-a no assento ao seu lado. Pela janela, olhou para o lago. Pontinhos de espuma branca cintilavam no escuro. Ao longe, as luzes de sinalização de um barco grande oscilavam perigosamente. Não era uma boa noite para se estar na água.

No sinal seguinte, virou o carro e subiu uma estradinha sinuosa. A neve que caía ofuscava os faróis, mas ele não diminuiu a velocidade. Conhecia o caminho. Já o havia percorrido uma vez, mais cedo nessa mesma noite. Estudara mapas da região, memorizando acessos e rotas de fuga.

Uma acelerada brusca o conduziu a um platô. Os dois lados da rua eram ocupados por casas grandes, bem cuidadas. Esse lado leste do lago de Zurique era conhecido como “Costa Dourada”, tanto por causa da exposição solar constante quanto pelas residências luxuosas. Ele diminuiu a velocidade assim que viu o alvo. Construída nos moldes de uma propriedade rural francesa, a casa ficava afastada da rua, sobre uma colina, margeada dos dois lados por pomares cobertos de neve.

Vinte metros mais adiante, parou o carro na sombra de um pinheiro alto. Apagou os faróis e ficou sentado, escutando o motor roncar e o vento bater nas janelas. Tirou do bolso do casaco uma caixinha de prata de lei. Dentro dela havia quatro balas. Cápsulas finas, com um X gravado na ponta cor de bronze. Dedos esguios as arrumaram em fileira sobre o console central do carro. Em seguida, ele soltou o frasquinho de cerâmica que trazia pendurado no pescoço e desatarraxou a tampa. Começou a entoar um cântico baixo, palavras de uma língua antiga e desconhecida. Segundo suas próprias estimativas, já havia matado mais de 300 homens, mulheres e crianças. As palavras formavam uma prece para proteger sua alma dos espíritos do além. Vinte anos como assassino tinham feito dele um homem supersticioso.

Uma a uma, mergulhou as balas no frasco, cobrindo-as com um líquido viscoso, de cheiro amargo. Era o seu ritual. Primeiro a prece, depois o líquido. Como profissional, sabia que precauções nunca eram demais. Neste mundo ou no outro. Deu uma soprada em cada bala, depois inseriu-as no pente. Ao terminar, pegou a pistola, encaixou o pente no cabo e pôs uma das balas no tambor. Verificou se a trava de segurança estava presa, depois tirou do outro bolso uma resistente sacola de tecido grosso e prendeu-a em um ponto acima do buraco por onde sairia a cápsula.

Desceu do carro. Seus olhos de sobrancelhas grossas examinaram a rua de um lado e de outro. Não viu ninguém. Nessa noite, o tempo era seu aliado. Ninguém se aventurava a sair de casa. Às 21h30, a rua estava deserta.

Abotoando o casaco, pôs-se a subir com passos apressados. Era um homem atlético, de estatura média, ombros estreitos e cabelos pretos lisos que chegavam à gola da roupa. Tinha faces encovadas, um nariz fino e aristocrático e a tez tão pálida que quase chegava a ser cadavérica. De longe, não parecia andar, mas deslizar pela calçada. Era a combinação da palidez mortal com a presença etérea que lhe valera seu apelido profissional: Fantasma.

Ao passar pelo alvo, pôde ter uma visão desobstruída da casa por uma janela alta adjacente à porta de entrada. Uma mulher e três crianças estavam sentadas lado a lado em um sofá, entretidas com a programação vespertina da TV. Diminuiu o passo o suficiente para ver que a criança mais nova era um menino, de cabelos pretos e pálido como ele, com os braços em volta da mãe. Seu coração bateu mais depressa. Lembranças dançaram atrás de seus olhos como um pássaro encurralado que bate as asas contra uma janela.

Ele desviou o olhar.

Depois de verificar que não vinham carros de nenhuma das duas direções, passou por cima da cerca de arame que demarcava a parte da frente do terreno e tomou posição atrás de uma pilha de lenha apoiada na lateral da casa. Ali, agachado na neve, esperou.

Ele já havia feito parte de uma equipe, numa época, embora nunca tivesse sido o líder. Sabia que deveria ter uma dupla de homens para vigiar o alvo no restaurante, um carro para segui-lo até em casa e uma equipe de retirada esperando para conduzir o atirador até o aeroporto ou estação de trem mais próximos e, de lá, para fora do país. Tudo isso fazia parte do procedimento-padrão.

Mas preferia daquele jeito. Sozinho, no escuro. Um agente da morte.

De um bolso lateral, retirou uma caixinha metálica, ativou o interruptor, depois tornou a guardá-la. A caixa emitia um sinal de interferência que impedia o controle remoto do portão da garagem de funcionar. O alvo seria obrigado a sair do carro para abrir o portão manualmente ou talvez para entrar por uma porta lateral e abri-lo por dentro.

Ao longe, detectou o rugido suave de um motor poderoso. Tirou a pistola com silenciador do casaco e concentrou-se na rua, no ponto em que o carro do alvo – um modelo recente de Audi 8 – despontaria no alto do declive. Faróis surgiram e ficaram mais fortes. Seu polegar tocou a trava de segurança.

De repente, avistou o carro. Quando passou debaixo de um poste, ele conferiu o modelo e a placa. O automóvel diminuiu, fez uma curva e parou bem em frente à garagem. A porta do motorista se abriu. O alvo desceu. Era um homem alto, corpulento, de cabelos ruivos e bochechas gordas. Um engenheiro de algum renome. Um homem de família. Uma pessoa de rígida disciplina.

A essa altura, o Fantasma já se aproximava. Em três passos, cobriu, sem nenhum esforço, a distância que o separava do alvo. O sujeito olhou para ele, confuso. Por que o controle remoto não estava funcionando? Quem era aquele desconhecido que surgira como que saído do nada? O Fantasma viu tudo isso em seus olhos, enquanto erguia o braço e apertava o gatilho. Três tiros atingiram em cheio o seu rosto. As cápsulas foram projetadas para dentro da sacola. O corpo desabou em frente à garagem.

O Fantasma inclinou-se sobre ele. Pressionando o silenciador no peito do homem, desferiu-lhe um tiro no coração. O corpo deu um pulo. Foi então que percebeu uma coisa engraçada em sua lapela. Alguma espécie de broche. Inclinou-se para ver melhor.

Uma borboleta.

5

MARCUS VON DANIKEN voltou para casa pouco depois das 23 horas. Debaixo do braço, carregava duas rosas de caules longos envoltas no papel de uma floricultura. Cruzou corredores escuros até a cozinha, onde havia uma única luz acesa acima da mesa. Largou as flores, depois jogou a arma e a carteira sobre a bancada. Reprimindo um bocejo, abriu a geladeira e pegou uma cerveja. Havia um sanduíche de presunto, um prato de salada de batatas e uma torta de limão. Tudo meticulosamente envolto em papel celofane. Um bilhete da arrumadeira lembrava-o de guardar os restos de volta no congelador. Depois de jogar o casaco no encosto de uma cadeira, ele arregaçou as mangas e lavou as mãos na pia. Comeu o sanduíche, depois obedientemente devolveu a salada de batatas e a torta de limão intactas à geladeira.

Von Daniken morava sozinho em um grande chalé nas pequenas montanhas nos arredores de Berna. A casa era grande demais para um homem solteiro. Tinha pertencido ao seu pai e a seu avô, e assim por diante, remontando ao século XIX. Não gostava de morar sozinho, e menos ainda da idéia de se mudar. Ao longo dos anos, fizera amizade com os corredores cheios de ecos, os silêncios pausados, os cômodos pouco iluminados.

Voltando para a mesa, desembrulhou o papel da floricultura e retirou as rosas. Com cuidado, aparou os caules e arrumou-as em um vaso de vidro, que fazia parte de um par comprado durante sua lua-de-mel na famosa fábrica de Murano. Ele já tinha sido casado. Tivera uma filha, e uma segunda ficara a caminho. Nessa época, a casa não era muito grande. Mesmo assim, no início de seu casamento, sua mulher havia insistido com ele para que a vendesse. Era uma advogada de Genebra, animada e impetuosa, brilhante em sua carreira. Via a casa como uma relíquia, tão rígida e mentalmente estreita quanto a sociedade que a havia construído. Ele discordava. Nunca tiveram oportunidade de resolver a discórdia.

Von Daniken acendeu a luz da sala. Em cima da lareira havia uma fotografia da esposa com a filha. Duas louras, Marie-France e Stéphanie, que perdera 15 anos antes, num acidente aéreo. Substituiu as rosas da véspera pelas novas, depois sentou-se em uma velha chaise longe e terminou a cerveja. Pegou o controle remoto e ligou a televisão. Felizmente, o noticiário da noite nada dizia sobre a prisão fracassada daquela tarde. Ele mudou de canal, parando para assistir a um programa francês sobre literatura. Não ligava muito para literatura, fosse ela francesa ou não, mas adorava a apresentadora, uma linda morena de meia-idade. Tirou o som do aparelho e ficou olhando para a tela. Perfeito. Agora tinha companhia.

A televisão era mais segura do que a vida real. Ao longo dos anos, ele tivera vários primeiros encontros, alguns segundos e apenas dois relacionamentos com mais de seis meses de duração. Ambas as mulheres eram atraentes, inteligentes e talentosas na cama. Nenhuma das duas, porém, chegava aos pés de sua esposa. Depois que Von Daniken percebia isso, as relações iam esfriando. Ligações ficavam sem retorno. Os encontros iam rareando. Na maioria das vezes eram cancelados na última hora devido a algum caso. Não demorara muito para as duas entenderem o recado. Estranhamente, a separação fora difícil e mais dolorosa do que ele gostava de admitir.

Seu celular tocou.

– Alô.

– Widmer. Kantonspolizei de Zurique. Estamos com um problema. Assassinato em Erlenbach. Costa Dourada. Serviço de profissional.

Von Daniken levantou-se da chaise e desligou a TV.

– Por que eu? Isso parece um assunto para a Criminal.

Mas ele já estava em movimento. Entrou na cozinha e despejou a cerveja gelada na pia. Prendeu o coldre no cinto, vestiu o casaco e pegou a carteira.

– A vítima apareceu no ISIS – explicou Widmer. – O dossiê estava classificado de “secreto”, com um bilhete dizendo que, há 20 anos, o homem tinha sido objeto de uma investigação.

ISIS era o Sistema de Informação de Segurança Interna, a base de dados da polícia federal que continha dossiês sobre mais de 50 mil pessoas suspeitas de terrorismo, extremismo ou de pertencerem a algum órgão de inteligência estrangeiro, aliado ou inimigo.

– Quem é o sortudo? – perguntou Von Daniken, recolhendo as chaves do carro.

– Chama-se Lammers. Holandês. Carteira de estrangeiro categoria C. Mora aqui há 15 anos. – Widmer fez uma pausa e sua voz ficou mais firme. – Tem mais uma coisa. Acho que vai querer ver pessoalmente.

– Me dê uma hora e meia.

♦ ♦ ♦

Von Daniken precisou apenas de pouco mais de uma hora para fazer a viagem de 110 quilômetros. Ao descer do carro, caminhou com cuidado pela calçada coberta de gelo e abaixou-se para passar pela fita da polícia, que oscilava ao vento. Um agente da Kantonspolizei distinguiu o rosto de Von Daniken e assumiu uma postura de alerta.

– Boa noite, senhor.

♦ ♦ ♦

– Lá em cima – disse o oficial, apontando para a garagem.

Von Daniken subiu a entrada da garagem até uma fileira de luzes portáteis, montada para demarcar o perímetro da cena do crime. A profusão de lâmpadas de mil watts iluminava a vítima, como se ela estivesse se bronzeando na Plage Tahiti, em Saint-Tropez. Ele olhou para o corpo, depois desviou os olhos.

– Um trabalho e tanto – murmurou.

Um homem calvo, de ombros largos, ajoelhado ao lado do corpo, ergueu os olhos.

– Três na cabeça, um no peito – disse Walter Widmer, chefe da divisão de crimes capitais da Kantonspolizei de Zurique. – Calibre pequeno. Pelo estrago, as balas deviam ser dundum. Quem fez isso não queria correr riscos.

– Você ainda acha que foi encomendado?

– Não encontramos cápsulas. Nenhuma testemunha. – Widmer se levantou, franzindo o cenho. – Estamos imaginando que o atirador interferiu eletronicamente no portão da garagem para obrigar Lammers a descer do carro. Veja o que acha.

Von Daniken voltou depressa para a rua. A visão da fisionomia deformada da vítima iria acompanhá-lo por dias.

Marcus Von Daniken não era um policial da divisão de homicídios. Na verdade, tinha pouca experiência com crimes violentos. Seu caminho fora outro. Depois de quatro anos como oficial de infantaria, entrara para a divisão de crimes financeiros da Polícia Federal. A subida fora lenta. Anos como investigador de terreno correndo atrás de fraudes, falsificações e lavagem de dinheiro: a santíssima trindade do sistema bancário suíço. Então, 10 anos atrás, tivera sua grande

chance: uma vaga como representante da Federal na força-tarefa suíça para investigar bens de vítimas nazistas.

Trabalhando lado a lado com diretores dos maiores bancos, diplomatas de uma dúzia de países e representantes de um número de organizações lesadas maior do que seria possível citar, tivera um papel importante na elaboração de uma solução aceitável para todas as partes interessadas: o governo, os bancos suíços, o Congresso Judaico Mundial, a Casa Branca, o governo alemão e, por último, as partes prejudicadas em si. Sua recompensa fora a nomeação para o Serviço de Análise e Prevenção, a divisão de elite da Polícia Federal.

– E a mulher? – perguntou, apontando para a ampla janela que dava para a garagem. – Viu alguma coisa?

Widmer fez que não.

– Ela é osso duro de roer. Nasceu nas Molucas. Diz que ela e as crianças estavam vendo televisão na hora. Viu o carro chegar. Como não ouviu o portão da garagem abrir, foi procurar o marido. Ela jura que foram só dois minutos. Eu fiz as perguntas de praxe: "Seu marido tem algum inimigo? Vinha recebendo alguma ameaça recentemente? Alguma coisa estranha aconteceu nos últimos dias?" Ela disse que estava tudo bem.

– Você acredita nela?

– Eu não acredito em ninguém – respondeu Widmer.

– Será que o Sr. Lammers conhecia o assassino? E por isso não abriu a garagem? Um encontro marcado?

– Pouco provável. Encontramos umas pegadas perto da pilha de lenha. Eu arriscaria um palpite de que o assassino ficou escondido ali, à espera. Conseguiu alguma informação no caminho para cá?

– Só que em 1987 ele era vigiado pela polícia belga durante a semana, em Bruxelas. Quando Lammers mudou-se para a Suíça, mandaram os dossiês para cá. Ele foi colocado no ISIS automaticamente. Tem mais coisa, mas está arquivado e só vou conseguir ver amanhã de manhã. O que posso dizer é que, desde que se mudou para Zurique, ele tem sido um residente que anda dentro da lei. Paga seu imposto. Não cria problemas. O ISIS está lotado de gente como ele. Você sabe... gente que ainda não é culpada de nada.

– De alguma coisa ele era culpado. Entre aqui.

Widmer foi na frente e entrou na casa. Dentro do saguão, deu uma virada brusca e desceu um lance de degraus que conduzia a uma seqüência de cômodos saindo da garagem.

– Um dos meus agentes precisou usar o toalete. A dona da casa mandou ele descer para não levar sujeira para dentro. Ele se confundiu e entrou na oficina por acidente.

Von Daniken passou pelo banheiro, cuja porta estava aberta e as luzes acesas, e seguiu descendo o corredor.

– Entendo que ele tenha ficado confuso.

Widmer acendeu a luz de um cômodo no final do corredor. A oficina era um deslumbre de aço inox. Bancada de aço inox, suporte para ferramentas de aço inox, tudo tão brilhante como no dia em que tinha saído da fábrica. Mas aquilo não era uma oficina de bricolagem de fim de semana. Nada de serra ou martelo. Em vez disso, o que havia era uma coleção de instrumentos de alta tecnologia, coisa de engenheiro profissional.

Em uma mesa próxima havia um saco cheio de passaportes.

– O que é isso? – perguntou Von Daniken.

– Meu agente encontrou na gaveta de cima.

– Estava procurando papel higiênico, por acaso?

Widmer fungou e arqueou uma das sobrancelhas. Von Daniken teve sua resposta. O policial havia realizado uma busca rápida e extra-oficial no local. Aquelas provas não tinham valor legal, mas e daí? Lammers não seria julgado em nenhum futuro próximo.

– Holanda, Bélgica, Nova Zelândia. – Folheou os passaportes um a um. – Um viajante do mundo. O seu oficial por acaso encontrou mais alguma coisa?

– Debaixo da bancada – disse Widmer. – Parece que o Sr. Lammers sabia que tinha inimigos. Ah, e cuidado. Está carregada.

Von Daniken ajoelhou-se e enfiou a cabeça no espaço sob a bancada. Presa à parede havia uma submetralhadora Uzi. Ele sentiu a pulsação acelerar.

– Tente descobrir quem vendeu isso para ele – disse, pondo-se de pé e recolhendo os passaportes. – Espero que não se importe se eu ficar com estes aqui.

– Preciso de um recibo – disse Widmer.

Von Daniken escreveu um recibo pelos passaportes e arrancou-o do bloco de anotações.

– Tudo nos conformes. Agora você tem assunto para interrogar a Sra. Lammers. Informe que vamos deportá-la e os três filhos em 24 horas, a menos que conte tudo o que sabe sobre as múltiplas identidades do marido. Vamos ver se vai continuar de boca fechada.

– Isso é meio drástico, não? – indagou Widmer. – Afinal de contas, o marido dela foi a vítima.

Von Daniken abotoou o casaco e saiu pela porta.

– Vítima? – Sua expressão ficou mais dura. – Alguém com três passaportes e uma Uzi carregada não é vítima de nada. Ou ele é criminoso ou é espião.

6

A ESCURIDÃO O CERCAVA POR TODOS OS LADOS. Jonathan piscou. Estava de olhos abertos, mas o breu permanecia absoluto. Tentou levantar a cabeça, porém descobriu que estava presa. Suas pernas e braços também estavam imobilizados. A neve envolvia seu corpo como se ele estivesse deitado em um banho de concreto. Não conseguia levantar a mão nem o dedo. O tempo inteiro uma voz lhe dizia constantemente para manter a calma, que não era tão frio quanto ele imaginava. Mas era bastante escuro, sim. Ninguém falava sobre a escuridão. Sua respiração ia ficando mais difícil. O ar se esgotava depressa. Ele percebeu que estava enterrado bem abaixo da superfície e que seria impossível alguém encontrá-lo a tempo. O medo foi brotando lá do fundo de seu corpo, subindo pela barriga, ganhando velocidade e força, enfraquecendo sua disciplina e estrangulando a voz calma e ponderada. O breu. A pressão. O ar quase no fim. Ele foi dominado por um terror indescritível. Abriu a boca para gritar e engoliu um jato de neve e gelo.

Sentou-se na cama com um pulo.

– Emma – arquejou e vasculhou com as mãos o colchão ao seu lado.

Tivera o mesmo sonho outra vez. Precisava ouvir a voz dela; sentir sua mão no ombro. Acendeu a luz. O lado de Emma na cama estava intacto. O edredom branco e engomado continuava perfeitamente dobrado para baixo. Uma pontinha da sua camisola aparecia por baixo do travesseiro.

“Ela se foi.”

Aquilo se abateu sobre ele devagar, como uma tempestade que se aproxima. Sua respiração acelerou. Seus dedos começaram a latejar. Alguma coisa intensa e fria varou-lhe a barriga e obrigou-o a dobrar o corpo ao meio. Jonathan soluçou.

“Ela se foi.”

As palavras se repetiam em sua mente enquanto imagens do corpo da mulher, sozinho e abandonado na escuridão gelada, o atormentavam.

Por fim, recuperou uma certa calma. A respiração se normalizou. O pânico passou, mas ele sabia que não era para sempre. Podia senti-lo por perto, à espreita.

Levantou-se e andou até a janela. A neve continuava a cair, pesada, e a luz débil da aurora lançava sobre as nuvens baixas e vagarosas um matiz de funeral. A vista revelava colinas baixas coalhadas de chalés. Quase um quilômetro mais adiante, uma floresta galgava a encosta dos picos imponentes que rodeavam a cidade.

Ele abriu a porta da varanda e saiu. O frio havia deixado o ar sem cheiro nenhum, e as primeiras respirações fizeram arder sua garganta e seus pulmões. Apoiou-se na grade, estudando o caminho da véspera. Seus olhos seguiram a trilha que entrava bem fundo na montanha, em meio a nuvens e bruma, até o pico escondido do Furga. E, mais além, até a pista de Roman.

“Eu conheço essa montanha e não fiz nada para proteger você. Eu conheço essa montanha e deixei você sozinha. Eu conheço essa montanha e deixei que ela matasse você.”

Quando seus tremores se tornaram incontroláveis, Jonathan voltou para dentro. Ficou espantado ao ver como o quarto parecia arrumado. Sabia que era uma besteira achar que deveria parecer diferente agora que ela não estava mais ali. No entanto, não pôde evitar sentir-se traído por aquela normalidade, quando nada mais estava normal.

Sentou-se diante da mesa e abriu a gaveta. Filtro solar, canivete, mapas, hidratante labial, bandana, sinalizador e o rádio estavam espalhados lá dentro. Pegou o rádio, ligou e desligou. Não estava funcionando.

“Um fio... um fio solto.”

Depois de descer da montanha, Jonathan tinha sido levado à delegacia, examinado por um médico e depois tivera de responder a uma saraivada de perguntas. Nome completo: Jonathan Hobart Ransom. Natural de: Annapolis, Maryland. Profissão: cirurgião certificado. Empregador: MSF (Médicos Sem Fronteiras). Nacionalidade: norte-americana. Domiciliado em: Genebra.

E depois as perguntas sobre Emma. Natural de: Penzance, Inglaterra. Pais: falecidos. Irmãos: uma irmã, Beatrice. Profissão: enfermeira. Administradora. Ser humano dotado de uma consciência maior do que o normal e de um "dever de intervir". Esposa. Melhor amiga. Âncora.

Houve outras perguntas. Sobre sua experiência como alpinista, como ele havia deixado de monitorar o tempo, a queda de Emma e o fato de ela estar ou não sangrando quando a deixou lá, o fato de ele não ter reparado no defeito do rádio antes de subir. Por fim, sobre a sua decisão de continuar subindo depois de perceber que a tempestade estava ficando mais forte. Não fora uma decisão sua, Jonathan quis dizer. Fora dela. Emma nunca voltava atrás.

Depois de largar o rádio em cima da escrivaninha, deixou os olhos passearem até as montanhas. Jonathan podia identificar o início de seu caso de amor com o alpinismo em uma ida da família Ransom à Califórnia, quando ele tinha 9 anos de idade. Seu objetivo era subir o monte Whitney, o ponto mais alto dos Estados Unidos sem contar com o Alasca. O plano era seus irmãos mais velhos saírem às cinco da manhã do portal de Whitney, a 2.591 metros de altura, e percorrerem em um dia os 35,5 quilômetros de ida e volta até o pico do Whitney, a 4.420 metros. Jonathan e o pai iriam segui-los durante os primeiros quilômetros, depois parariam para fazer um piquenique e pescar umas trutas até os meninos voltarem.

No entanto, já naquela época Jonathan dava mostras de sua veia independente. Como todos os meninos que idolatram seus irmãos mais velhos, não tinha a menor intenção de ser deixado para trás. Seu pai, que tinha 40 anos e nunca perdia a oportunidade de sentar para comer e beber, podia parar. Mas ele não. Então, quando Ned Ransom parou depois de 6,5 quilômetros e sugeriu que fizessem um intervalo para almoçar cedo, Jonathan saiu correndo na frente sem atender a nenhum dos gritos chamando-o de volta. Só parou quando chegou ao pico, 11 quilômetros mais adiante e 1.372 metros mais acima. Cem metros à frente dos irmãos.

A sorte estava lançada.

Quando fez 16 anos, só pensava em escalar. Um teste de equivalência o liberou do ensino médio. Ele sequer cogitou cursar uma faculdade. Passava os verões escalando o monte McKinley e os invernos percorrendo as encostas, como patrulheiro de montanha sobre seus esquis. Cada centavo que conseguia poupar servia para custear a expedição seguinte. Ele foi acumulando seu quinhão de nomes importantes: o Nordwand do Eiger, o Aconcágua, o K-2 pela Linha Mágica sem um grama de oxigênio em garrafa. Tudo em nome da emoção. Esticar a sorte até onde se atrevia e depois recolhê-la no último segundo.

Foi nessa época que ele tomou consciência de uma falha no seu caráter. A falha era conseqüência de sua força quase antinatural e de seu (totalmente natural) espírito rebelde, e envolvia uma inclinação crescente e pronunciada para as brigas. Os bares dos resorts de montanha estavam sempre cheios de valentões e imbecis. Ele era seletivo, e sempre fazia questão de escolher o mais escandaloso de todos. Alguém que merecesse ser posto no seu devido lugar. Alguém com pinta de que fosse entrar na briga. Ele pedia uma dose de bourbon para ficar animado na medida certa. A partir daí, era apenas uma questão de fazer os comentários adequados. Com sorte, em cinco minutos conseguia estar em um beco nos fundos do bar.

As brigas eram brutais e curtas. Jonathan era um lutador astuto, que percebia depressa as fraquezas do adversário. Passava um ou dois minutos rodeando o oponente, evitando os abraços suados e os embates desengonçados que eram a marca registrada das brigas de porta de bar. Então atacava. Um murro no maxilar, um soco no estômago e um chute na lateral da cabeça. Raramente durava mais do que isso. Orgulhava-se da própria economia.

Sabia que essa era uma característica perigosa e, pior ainda, autodestrutiva. Sabia também que tinha a ver com seu vício pelo risco. Descobriu-se desafiando homens mais fortes, aventurando-se em bares sabidamente perigosos. Começou a perder. Mesmo assim, não conseguiu curar esse seu traço. Durante as escaladas, procurava caminhos sem demarcação. Ansiava pelo paredão impossível. Queria ir mais alto, mais longe, mais depressa.

Então, um dia, tudo acabou. As brigas. O desejo de dominar um pedaço de granito vertical. A necessidade de arriscar a vida para sentir-se vivo. Desapareceu sem explicação. Ele pendurou seu material e decidiu que aquela parte de sua vida havia chegado ao fim.

As pessoas comentavam que era por causa da avalanche. Diziam que tinha perdido a coragem. Estavam erradas. Ele não desistira. Simplesmente encontrara uma emoção maior. E fora em uma auto-estrada de concreto, não em um paredão vertical.

Tinha 21 anos. Era domingo à noite e ele estava voltando para Aspen, depois de um fim de semana praticando escalada livre em Angels Landing, uma montanha de pedra vermelha de 609 metros de altura, no Parque Nacional de Zion. Como sempre, o tráfego na área das montanhas estava um pesadelo. Um Ford Bronco na sua frente tentou ultrapassar uma carreta de nove eixos que estava alguns carros mais adiante. O Bronco era velho e fraco, terrivelmente lento, e colidiu com uma carreta ainda maior, vinda no sentido contrário. O motorista morreu na hora. A passageira estava viva quando Jonathan chegou até ela. Uma menina de no máximo 14 anos. Jonathan conseguiu tirá-la do carro e deitá-la no chão. A alavanca de marchas havia perfurado seu peito e o sangue esguichava do ferimento como água de um hidrante. Como só tinha seu treinamento de patrulheiro e sabia apenas vagamente o que deveria fazer, enfiou o punho inteiro dentro da perfuração, mantendo a pressão sobre a artéria rompida e detendo a hemorragia. A menina permaneceu consciente o tempo todo. Não disse uma palavra. Simplesmente ficou olhando para ele, com a mão enterrada no meio de suas costelas, até a ambulância chegar.

Durante esse tempo todo, Jonathan pôde sentir seu coração batendo... realmente sentir o órgão em si, bombeando contra a sua mão.

A maior emoção de todas.

Na semana seguinte, pediu demissão do emprego e inscreveu-se na faculdade de medicina.

Seus pensamentos se voltaram para o aqui e agora. Virando as costas para a janela, os olhos recaíram sobre a mesa-de-cabeceira de Emma. Estava do mesmo jeito que ela havia deixado. Uma garrafa aberta de água mineral. Óculos de leitura equilibrados sobre uma pilha de romances baratos. “Você não entende”, dissera ela certa vez, tentando explicar por que tinha predileção por histórias de escoceses vigorosos e bucaneiros viajantes que resgatavam donzelas em perigo e viviam em castelos à beira de um lago. Gostava deles porque eram previsíveis. Final feliz garantido. Era um antídoto para o seu trabalho, onde quase nada terminava bem ou, no mínimo, nada era previsível.

Por fim, seus olhos tornaram a pousar na pontinha de tecido azul-bebê que aparecia debaixo do travesseiro. Sentando-se na cama, pegou a camisola de Emma e levou-a ao rosto. A lã estava usada, macia, e recendia a baunilha e sândalo. Uma onda de sensações o submergiu. A sensação

dos músculos firmes e arredondados que acompanhavam sua coluna vertebral. O calor que irradiava da base do seu pescoço. O desejo causado por seu sorriso provocante espiando-o por trás da cortina de cabelos.

“O quê?”, perguntaria Emma, pronunciando as palavras como se fossem um desafio.

Jonathan baixou a camisola até o colo. Tudo aquilo já não existia. Uma corrente de saudade varou seu corpo. Uma corrente tão poderosa que ameaçava se transformar em pânico. Pânico diante da perda permanente, inconsolável.

Olhou para a camisola de Emma e respirou com mais tranqüilidade. Não estava pronto para dizer adeus. Dobrou-a e tornou a colocá-la debaixo do travesseiro. Durante algum tempo ainda queria manter a mulher consigo.

7

A SEDE DO SERVIÇO DE ANÁLISE E PREVENÇÃO ficava em um prédio moderno de aço e vidro na Nussbaumstrasse, em Berna. A equipe do serviço de contra-espionagem suíço contava com menos de 200 funcionários. Suas tarefas giravam principalmente em torno da coleta e análise de informações e envolviam o controle dos agentes registrados de governos estrangeiros – a maioria dos quais morava em Berna – e o monitoramento do que fosse considerado tráfego clandestino de informações para dentro e para fora do país. Apenas 30 funcionários ficavam encarregados do serviço mais ativo – ou seja, das investigações cotidianas e da infiltração nos grupos extremistas que operavam em solo suíço, incluindo células terroristas estrangeiras. Em todos os sentidos, era uma operação pequena e bem planejada.

Marcus Von Daniken chegou às 7 horas em ponto e pôs-se ao trabalho. Pegando o telefone, digitou um número interno. Uma mulher atendeu.

– Schmid. ISIS.

– Preciso de tudo que temos sobre um indivíduo na nossa lista de atenção chamado Theo Lammers. É urgente – disse Von Daniken, se identificando.

– Sim, senhor. Mando já.

Um minuto depois, seu computador emitiu um bipe indicando que uma mensagem eletrônica havia acabado de chegar. Von Daniken ficou satisfeito ao ver que era o dossiê do ISIS. O relatório era um resumo das informações transmitidas pela polícia belga.

Theodoor Albrecht Lammers nascera em Roterdã em 1961. Depois de completar um doutorado em engenharia mecânica na Universidade de Utrecht, teve uma sucessão de empregos em várias empresas sem renome, de Amsterdã e Haia. Atraiu a atenção das autoridades em 1987, quando trabalhava em Bruxelas como sócio de Gerald Bull, o projetista de armamentos americanos. Na época, Bull estava ocupado com a criação de uma superarma para Saddam Hussein. Conhecida pelo codinome “Babilônia”, era, na verdade, uma gigantesca peça de artilharia capaz de lançar um projétil a centenas de quilômetros com precisão mortal. O seu trabalho para o potentado médio-oriental era público e notório. Mesmo assim, Bull e seus associados (incluindo Theo Lammers) eram considerados “pessoas de interesse” pela polícia belga.

O próprio Von Daniken conhecia o resto da história. Gerald Bull fora assassinado em 1990, com cinco tiros na nuca, por um atirador que estava à sua espera no saguão de seu apartamento de Bruxelas. No início especulou-se que o responsável tivesse sido o Mossad, serviço de inteligência israelense. A especulação estava incorreta. Na época, os israelenses mantinham com o cientista uma relação distante, porém cordial. Como clientes em potencial, estavam ansiosos para saber exatamente o que ele andava fazendo. Era justamente por esse motivo que os iraquianos o haviam matado. Depois que a arma Babilônia estivesse pronta, Saddam Hussein não queria que Bull saísse por aí compartilhando segredos com ninguém, especialmente com os israelenses.

Von Daniken fechou o e-mail, depois levantou-se e andou até a janela. A manhã estava cinza e escura, com neve úmida caindo de uma camada de nuvens baixas. A vista dava para um estacionamento e, mais além, para um arranha-céu de escritórios ainda em construção, coalhado de operários, apesar do tempo.

“E Lammers?”, ele se perguntou. “O que ele andava fazendo que justificasse ter vários passaportes e guardar uma Uzi na oficina? Ou que necessitasse o envio de um assassino profissional para esperar sua chegada atrás do depósito de lenha?”

Von Daniken voltou para sua escrivaninha. Sobre ela estavam espalhadas várias pastas com as etiquetas: Aeroportos e Imigração, Contraterrorismo/ Doméstico, Contraterrorismo/Estrangeiro e Tráfico. Ele folheou o conteúdo de cada uma, deixando Contraterrorismo/Estrangeiro para o final.

A pasta continha um resumo dos grampos de serviços de segurança estrangeiros. Em 1971, o chefe da inteligência suíça, alarmado com a ameaça de atos de violência com motivação política, ajudou a criar uma confederação de

profissionais da área de segurança pública da Europa Ocidental, encarregada de garantir a segurança interna de seu país. O grupo se tornou conhecido como Clube de Berna. Depois do 11 de Setembro, este formalizou sua relação e adotou o nome Grupo Contraterror, ou GCT.

O relatório mais importante vinha de seu equivalente sueco e afirmava que Walid Gassan, suspeito de extremismo (a Suécia não incentivava o uso da palavra "terrorista"), fora visto em Estocolmo. Prosseguia dizendo que Gassan era considerado um suspeito prioritário do bombardeio ao Hotel Sheraton de Amã, na Jordânia, bem como de vários ataques abortados, e exigia que qualquer informação relacionada a Gassan ou a seus cúmplices fosse encaminhada imediatamente ao Serviço de Inteligência Sueco.

O relatório era exato, embora incompleto.

Walid Gassan havia passado pela Suíça em janeiro. Trabalhando a partir de uma dica de um de seus informantes na Grande Mesquita de Genebra, Von Daniken mandara uma equipe para localizá-lo e prendê-lo. Embora ele não fosse procurado na Suíça, o "mandado de bandeira vermelha" emitido pela Interpol autorizava Von Daniken a detê-lo. Mas a sorte acabou revelando estar do lado do terrorista, que cruzou a fronteira antes de Von Daniken conseguir fazer mais do que simplesmente emitir um alerta sobre o seu paradeiro. Pensou na unha que havia encontrado dentro do avião. Talvez os seus relatos sobre a movimentação de Gassan tivessem surtido efeito. Mas não sabia se o terrorista havia sido raptado nas ruas de Estocolmo ou em outra cidade européia. Deixaria para Philip Palumbo, chefe da Unidade de Remoção Especial da CIA, a tarefa de informar aos suecos seu atual paradeiro, se e quando julgasse oportuno.

Von Daniken desceu de escada para o segundo andar, seguindo por um corredor frio com chão de carpete cinza até a última porta à direita. "KILA 2.8", dizia a plaquinha da sala.

KILA era a Unidade de Coordenação de Documentos de Identificação. Sua tarefa era manter uma coleção de documentos de identificação de cada país do mundo. Em algum lugar de seus volumosos arquivos havia pelo menos um exemplar de cada passaporte, carteira de motorista, certidão de nascimento e qualquer outro documento de identificação normalmente produzido e em circulação em mais de 200 países mundo afora.

Von Daniken passou a cabeça pela porta.

– Max, está ocupado?

Max Seiler dirigia a KILA. Era um homem baixo, de peito largo, olhos azuis e cabelos louros ralos.

– Achei mesmo que você fosse aparecer – disse, erguendo os olhos do que estava fazendo. – Ouvi dizer que teve uma noite e tanto.

Von Daniken deu os detalhes a Seiler.

– Estes aqui foram encontrados na casa da vítima – disse, jogando sobre a mesa os três passaportes.

Seiler examinou os documentos.

– Agente?

– Agente. Traficante. Escroque. Algum desses.

Seiler se concentrou em um passaporte vermelho com um brasão real e as palavras “Europese Unie Koninkrijk der Nederlanden” gravadas na frente.

– Este aqui é o verdadeiro?

– Até onde eu sei, Lammers era o seu nome verdadeiro. Ele tinha uma carteira categoria C, onde a nacionalidade indicada era holandesa. O ISIS conseguiu rastrear seus passos até uma universidade na Holanda. Duvido que ele tenha entrado clandestinamente antes de completar 18 anos. Mesmo assim, quero uma verificação completa. Queria que você passasse todos esses passaportes pelo Identigate, depois procurasse os documentos de origem.

Documentos de origem incluíam carteiras de identidade e certidões de nascimento: os papéis governamentais que validavam a identificação de um indivíduo.

Inclinando-se de lado, Seiler tirou uma pilha de papéis de uma cadeira próxima. Uma olhada rápida revelou carteiras de habilitação italianas, cartões de seguro-saúde alemães, certidões de nascimento inglesas. Tudo falso.

– Jules Gaye, nascido em 1962 em Bruxelas – leu Seiler em voz alta, depois de abrir o passaporte belga. Folheou as páginas, estudando os carimbos de imigração, depois voltou à página principal e segurou-a debaixo de um tubo comprido e curvo de luz ultravioleta. Uma imagem tênue do palácio real belga apareceu.

– A tinta reativa parece verdadeira – disse Von Daniken.

– Os novos passaportes belgas são bem precisos. Este aqui tem os cinco mecanismos de segurança para deter as falsificações. Uma foto recortada a laser do detentor do passaporte, uma marca-d’água de Alberto II, um furta-cor da Bélgica, que muda de verde para azul dependendo do ângulo de visão, e dois marcadores. À primeira vista, eu diria que é legítimo.

– Você se refere ao que está em branco?

– Não só ao que está em branco. Quero dizer “legítimo” no sentido de oficial. Emitido por uma autoridade legal.

– Tem certeza? – O ceticismo de Von Daniken era fruto da experiência. Passaportes belgas eram os Volkswagen do comércio de documentos falsos: baratos, confiáveis e fáceis de obter. Desde 1990, mais de 19 mil passaportes legítimos em branco haviam sido roubados de consulados, embaixadas, prefeituras e postos diplomáticos belgas mundo afora. O país perdia passaportes do mesmo jeito que algumas pessoas perdem as chaves de casa.

– A gente pode verificar. – Conectando-se ao computador, Seiler inseriu o número do passaporte no Identigate, o repositório da polícia suíça para mais de dois milhões de documentos roubados e fraudulentos do mundo inteiro. – Os belgas são tão escrupulosos para informar o roubo dos passaportes em branco quanto displicentes para perdê-los – disse. – Se este aqui for roubado, vamos saber. – Depois de alguns instantes, seus traços largos se franziram de descontentamento. – Nada. No que diz respeito aos belgas, este passaporte é genuíno.

– Tem certeza de que não foi manipulado?

– Absoluta. As fotos são queimadas no próprio tecido do passaporte. É fisicamente impossível Lammers ter substituído a fotografia do detentor original pela dele.

– Posso usar seu telefone?

– À vontade.

Von Daniken fez uma ligação para o departamento de documentos de identificação da Polícia Federal Belga.

– Frank, estou com um dos seus passaportes em cima da minha mesa. Pertence a um homem que foi morto ontem à noite. À primeira vista, parece verdadeiro. – Ele recitou o número e o nome correspondente.

– É genuíno – disse Frank Vincent depois de um ou dois segundos. – O número está no sistema.

– Engraçado. Temos registro desse cara como Theo Lammers, cidadão holandês. Faça-me um favor: passe o pente fino nesse tal de Jules Gaye. Até lá atrás. Veja se ele existe de verdade ou se é um fantasma.

– Vou precisar de um tempo. Hoje no final do dia está bom?

– Antes do almoço seria melhor. E mais uma coisa: diga-me para que endereço vocês mandaram o passaporte.

Von Daniken desligou. Max Seiler estava examinando o passaporte neozelandês. Mais uma vez o documento passou no exame com louvor. Não tinha sido adulterado, e seu número não apareceu em nenhuma das bases de dados de papéis roubados. Von Daniken olhou para o relógio. Eram 17h30 em Auckland. Já passara do expediente. Ele decidiu, então, ligar para a embaixada em Paris. Devido à diferença de 10 horas no fuso horário, os neozelandeses tinham uma embaixada reforçada em Paris, capaz de lidar com a maioria das solicitações oficiais. Von Daniken deu o telefonema e foi informado de que o passaporte era autêntico. Segundo as autoridades neozelandesas, o detentor, Michael Carrington, residente à Victoria Lane, 24, em Christchurch, era um cidadão idôneo. Oficialmente, era um "NC". Nada consta. Ele solicitou uma revisão dos documentos de emissão e foi informado de que abririam uma investigação.

– O que você acha? – perguntou depois de desligar.

Seiler deu de ombros.

– Dois passaportes válidos com a foto da sua vítima e dois nomes diferentes. Só tem uma resposta possível, não é? Gaye e Carrington são lendas. Podemos descartar um executivo corrupto. Parece que você está lidando com um ilegal.

Um "ilegal" era um agente governamental treinado operando clandestinamente em solo estrangeiro sem a proteção de seu país. Um espião muito bem infiltrado.

Von Daniken aquiesceu. Perturbado, voltou para sua sala. Fazia sete anos desde que algo sequer parecido com aquele caso havia caído em sua mesa. Tinha apenas duas perguntas: para quem Lammers estava trabalhando? E o que estava fazendo na Suíça que o levara a ser assassinado?

8

SOMENTE ÀS SETE DA MANHÃ a turbina do Gulfstream IV foi finalmente consertada e o jato preparado para decolar do aeroporto de Bern-Belp. Apesar da oferta de hospedagem de Marcus Von Daniken, Philip Palumbo havia permanecido a bordo, preferindo dormir em um sofá nos fundos do compartimento de passageiros.

Quando o jato começou a se afastar do terminal, Palumbo se levantou da cadeira e se abaixou para passar pela abertura que conduzia ao comparti-mento de carga. Era um espaço apertado, com teto inclinado, sem janelas. Três malas estavam empilhadas em um canto. Empurrando-as para o lado, ele se ajoelhou e deslizou um painel no chão, que escondia uma alça de aço inoxidável resistente. Com um puxão, soltou uma parte do piso, revelando um compartimento de 2 metros por 1,20 equipado com um colchonete e correias de imobilização.

Deitado dentro do compartimento estava um homem magro, de pele morena, usando um macacão branco, com as mãos e os pés atados com algemas de plástico e presos por uma corrente. Sua barba tinha sido raspada. Seus cabelos pretos tinham o corte padrão do exército. A fralda que ele usava também era padrão. Todas essas medidas tinham por objetivo despersonalizar o prisioneiro e fazê-lo sentir-se impotente e vulnerável.

Ele parecia jovem. Com seus óculos de armação de metal, poderia ter passado por estudante universitário ou programador de computação. Seu nome era Walid Gassan. Tinha 31 anos e era um terrorista confesso, que já fora ligado à Jihad islâmica, ao Hezbollah e, como todo fanático muçulmano que se preza, à Al-Qaeda.

Palumbo pôs o prisioneiro de pé com um tranco e guiou-o até o compartimento de passageiros, onde o empurrou para um assento e prendeu o cinto de segurança bem apertado em torno de sua cintura. Demorou-se alguns instantes passando mercurocromo nos dedos machucados de Gassan. Ele perdera três unhas antes de Palumbo desistir.

– Para onde você está me levando? – perguntou Gassan.

Palumbo não respondeu. Abaixando-se, soltou a corrente que prendia os pés do homem e passou alguns instantes massageando-lhe os tornozelos para manter a circulação ativada. Não queria que Gassan morresse de trombose venosa profunda antes de terem arrancado dele algumas informações.

– Eu sou cidadão americano – continuou Gassan, desafiador. – Tenho direitos. Para onde você está me levando? Exijo saber.

Havia uma máxima sobre a rendição extraordinária. Se a CIA quisesse interrogar alguém, mandava a pessoa para a Jordânia. Se quisesse torturar alguém, enviava para a Síria. Se quisesse fazer alguém desaparecer da face da Terra, mandava para o Egito.

– Pode considerar isso uma surpresa, Haji.

– Meu nome não é Haji.

– Tem razão – disse Palumbo, ameaçador. – Sabe de uma coisa? Você não tem mais nome. No que diz respeito ao resto do mundo, você não existe mais. – Ele estalou os dedos a dois centímetros do nariz do prisioneiro. – Acabou de desaparecer no ar.

Palumbo prendeu o próprio cinto de segurança, enquanto o jato subia no ar. Uma tela na dianteira da cabine mostrava o avanço do avião em um mapa-múndi, junto com informações sobre velocidade, temperatura externa e tempo para o destino. Depois de alguns minutos voando em direção ao norte, o Gulfstream virou à esquerda, até seu nariz apontar na direção sul-sudeste. Rumo ao Mediterrâneo.

– Vou lhe dar mais uma chance – disse Palumbo. – Falar agora ou depois. Acho que a primeira opção é a que você deve escolher.

Os olhos castanhos tímidos de Gassan chisparam na sua direção.

– Não tenho nada a dizer.

Palumbo deu um suspiro, balançando a cabeça. Outro caso difícil.

– E os explosivos que você foi buscar na Alemanha? Vamos começar por aí.

– Não sei do que você está falando.

– Claro que não.

Olhou para Gassan, imaginando as coisas terríveis que aquele rapaz já tinha feito, as mortes que tinha causado, as famílias que havia destruído. Depois pensou no que ele iria enfrentar depois de pousarem.

Dali a quatro horas o Sr. Walid Gassan teria o que merecia.

9

ALGUÉM BATEU NA PORTA.

– Moment, bitte. – Jonathan vestiu um suéter listrado meio velho por cima do jeans e enfiou um par de mocassins enquanto se encaminhava até a porta. – Pois não?

O gerente do hotel o aguardava no corredor.

– Em nome de todos os funcionários, queria oferecer ao senhor as nossas mais sinceras condolências – disse. – Se houver alguma coisa que eu ou qualquer membro da minha equipe possamos fazer...

– Obrigado – agradeceu Jonathan. – Mas estou bem por enquanto.

O gerente aquiesceu, mas não foi embora. Em vez disso, tirou de dentro do casaco um envelope pardo e estendeu-o na direção de Jonathan.

– Correspondência. Para sua esposa.

Jonathan pegou o envelope e segurou-o sob a luz. Estava endereçado a "Emma Ransom, Hotel Bellevue, Poststrasse, Arosa". As letras eram grandes, decididas e meticulosas. "Uma caligrafia masculina", pensou ele automaticamente. Virou o envelope. Não havia nome nem endereço do remetente.

– Com um dia de atraso, infelizmente – explicou o hoteleiro. – A equipe que está alargando o túnel ferroviário perto de St. Peter-Molinas causou uma avalanche sobre os trilhos. Eu expliquei tudo à Sra. Ransom. Ela ficou bem chateada. Devo pedir desculpas.

– O senhor conversou com Emma sobre isto?

– Sim. No sábado à noite, antes do jantar.

– Então ela estava esperando esta carta?

– Ela mencionou alguma coisa sobre um aniversário. Me fez prometer que eu guardaria a carta para ela.

"Aniversário? Ele só faria 38 anos em 13 de março, dali a mais de um mês."

– Deve ser esta mesma. Obrigado.

Fechando a porta, ele andou até o quarto, virando o envelope nas mãos. "Emma Ransom. Hotel Bellevue. Poststrasse, Arosa." O carimbo do correio estava borrado. Embora a data continuasse legível, o nome da cidade onde a carta fora postada era indecifrável. A primeira letra era um "A", a menos, é claro, que fosse um "R". A segunda era um "c", ou então um "o", ou quem sabe um "e". A terceira era um "l" ou um "i".

Ele desistiu. Era inútil.

Sentando-se na beirada da cama, passou um polegar debaixo da aba. Intrigado com o carimbo azul do serviço "expresso", parou. Isso significava que a carta fora postada na sexta-feira, para ser entregue no dia seguinte. Virou novamente o envelope. Nenhum endereço de remetente.

Quanto tempo fazia que estava desconfiado? Seis meses? Um ano? Teria sido apenas depois da viagem de Emma a Paris, ou será que houvera alguma indicação anterior? Indícios nos quais ele deveria ter prestado atenção, mas que estivera ocupado demais para perceber.

Não era exagero dizer que ele a amava loucamente. "Loucamente": que palavra assustadora. Sugeria descuido, perigo, entrega. Nada a ver com o que sentia por Emma. O seu amor por Emma tinha como base uma ausência

absoluta de dúvida. Ele a viu e soube. O sorriso meio torto, que dizia: “Pode tentar que eu estou disposta.” A juba de cabelos ruivos que ela se recusava a domar. Os jeans rasgados que gritavam por conserto. “Jonathan, existem coisas mais importantes do que fazer tranças nos cabelos e usar roupas limpas.” O olhar desafiador que exigia o melhor que Jonathan tinha para dar. Era como se ela tivesse sido inventada e feita especialmente para ele. Jonathan se entregara totalmente, porque ela também o fizera.

Sim, amava-a loucamente. Mas o seu amor não era cego.

Ao longo dos últimos meses, Emma passara a demonstrar um desinteresse cada vez maior pelo trabalho. Jornadas que antes tinham 14 horas de duração foram encurtadas para 12, depois para oito. Como diretora regional de logística da Médicos Sem Fronteiras, ela era encarregada de coordenar as operações humanitárias no Oriente Médio. Isso significava que supervisionava a contratação e o treinamento de equipes e voluntários, controlava o envio de suprimentos, fazia a ligação com as agências dos governos locais e gerenciava as finanças necessárias para manter a operação funcionando. Era um trabalho, no mínimo, agitado.

No início, ele atribuíra aquela diminuição de ritmo à exaustão. Emma sempre tivera tendência a esforçar-se além da conta. Sua chama brilhava com intensidade excessiva. Não seria exagero chamá-la de “Incandescente”. Era natural que precisasse de um descanso.

Mas surgiram outros indícios. Dores de cabeça. Caminhadas solitárias. Silêncios demorados. Ele sentira a distância entre os dois aumentar a cada dia.

Tudo começara depois de Paris.

Jonathan deslizava o envelope de um lado para outro entre os dedos. Não pesava nada. Imaginou que tivesse uma única folha de papel lá dentro. Virou-o e ficou olhando para o espaço em branco onde deveria constar o endereço do remetente. Um suíço que não escrevia seu nome em um envelope estava a um passo de ser considerado um traidor. Tratava-se de uma ofensa nacional tão grave quanto violar o sigilo bancário ou roubar a receita de chocolate ao leite da Lindt.

Se aquela pessoa não fosse uma traidora, então o que seria?

O rádio emitiu uma sucessão de quatro bipes sonoros. Uma voz britânica formal anunciou: “É meio-dia no horário oficial de Greenwich. Este é o Serviço Mundial da BBC. As notícias lidas por...”

Na mente de Jonathan, porém, ecoava uma voz diferente. “Abra”, dizia a voz. “Abra agora e acabe logo com isso.”

“Se ao menos fosse assim tão simples”, refletiu.

O fato era que não tinha certeza se queria mesmo abrir o envelope. Emma estava morta. Tudo que restava eram as lembranças que tinha dela. Não queria conspurcá-las. Aproximou a carta do rosto, e seus pensamentos divagaram para o único lugar que nunca mais queria visitar.

Paris... onde Emma fora passar um fim de semana entre amigas para tomar um banho de cultura, croissants e visitar a nova exposição de Chagall.

Paris... onde Emma havia desaparecido durante dois dias e duas noites, e nem sequer os seus recados mais urgentes conseguiram localizá-la.

Paris...

♦ ♦ ♦

Jonathan está dormindo em sua barraca de campanha, deitado na cama, de cueca samba-canção e nada mais. Às 3 da manhã, o calor ainda é opressivo. Foi um verão quente, até mesmo para os altos padrões do Oriente Médio. Durante os meses que passou morando e trabalhando no vale do Bekaa, ele aprendeu a dormir e suar ao mesmo tempo.

A cama ao seu lado está vazia. Emma viajou para passar uma semana na Europa. Quatro dias na sede da agência em Genebra, depois três dias em Paris, onde vai encontrar a melhor amiga, Simone, para um tour relâmpago pela Cidade Luz. Elas irão passar uma tarde no Jeu de Paume, uma noite assistindo ao espetáculo de som e luz em Versalhes. Com sua conhecida exuberância, Emma fez planos para cada minuto de seus dias.

O som de motores o desperta. A noite ruge com a aproximação de uma invasão mecanizada. Jonathan levanta a cabeça do travesseiro. Um tiro corta a escuridão.

Jonathan desce cambaleando da cama e corre para o lado de fora da barraca. Rashid, um garoto palestino, está em pé na frente do hospital, braços esticados, impedindo a entrada. Duas picapes todas sujas de lama estão estacionadas lá perto. A música sai aos berros de seus alto-falantes. Uma melodia em tom menor, com um compasso de bate-estacas. Um esquadrão de milicianos armados cerca o rapaz, cutucando-o com os canos das metralhadoras, gritando para que destranque as portas. Jonathan se intromete e pergunta, em um árabe rudimentar, o que eles querem.

– O senhor é o responsável? – pergunta o líder, um jovem de pele amarelada, na casa dos 20 anos, com uma barba rala e olhos de gato. – O senhor é o médico?

– Eu sou o médico – responde Jonathan.

– A gente precisa de remédios. Diga para esse garoto sair da frente.

– Nunca – grita Rashid, um garoto de 15 anos, revoltado e muito independente. Desde a chegada de Jonathan e Emma, tem estado constantemente ao lado deles. Jonathan é seu ídolo e mentor, seu santo protetor e seu protegido mais sagrado. Rashid tem planos de estudar medicina, ao menos para poder cuidar dos numerosos parentes. O hospital pertence tanto a ele quanto aos membros do serviço humanitário.

– Por favor – diz Jonathan, sorrindo para aplacar os nervos exaltados. – Deixem-me ajudar. Vocês estão doentes? Algum dos seus homens está ferido?

– É o meu pai – diz o líder do bando. – O coração dele. Ele precisa de remédios.

– Traga o seu pai aqui – diz Jonathan. – Vamos tratar dele com prazer. – Ele repara nos olhos vidrados do rapaz, em seu sorriso sonhador. Será que está bêbado? Doidão? De quê? Raki? Haxixe? Algum tipo de anfetamina?

– Ele não tem tempo.

– Já tentou o hospital de El Ain? Se o seu pai tem uma doença cardíaca, recomendo que vá para Beirute.

Mas Beirute fica a oito horas de carro e a estrada para El Ain está interditada por causa das enchentes.

– Saia da frente – diz o líder, empurrando Rashid. Rashid o empurra de volta. Antes de Jonathan conseguir reagir e avisar ao menino para parar de resistir, o líder levanta a metralhadora e dispara no rosto de Rashid.

– O meu pai precisa de nitroglicerina para o coração dele – diz o líder, passando por cima do corpo. – E a gente... – Ele gesticula para os outros. – A gente precisa de alguma coisa para a nossa alma.

Basta um olhar para Rashid e Jonathan entende que não há nada a fazer. Conduz os milicianos até o dispensário. Aquele bando veio para saquear. Mãos ávidas limpam as prateleiras de morfina, analgésicos Vicodin, codeína. Em poucos minutos, o dispensário está vazio. Tudo termina tão depressa quanto começou. Desejando a Jonathan a bênção do profeta, os milicianos sobem em suas picapes e vão embora.

Um minuto depois, Jonathan já está com o telefone colado ao ouvido, tentando freneticamente falar com Paris. Emma precisa pegar um avião até Genebra e ir direto para a sede da Médicos Sem Fronteiras. Ele vai ligar para lá antes e providenciar uma ordem de pagamento que ela terá de levar consigo para poder reabastecer o hospital.

São 3h30 no Líbano. Uma hora a menos em Paris. Ele liga para o hotel Trois Couronnes, mas ela não atende. O celular está fora de área. Ele torna a ligar para o hotel e pede para deixarem um recado no seu quarto. Mas Emma não liga de volta. Não nessa noite. Nem na manhã seguinte. Nem mesmo na tarde seguinte, depois de Jonathan ir de carro até Beirute e usar suas últimas economias para comprar no mercado negro os remédios necessários.

Sua mulher sumiu.

A paciência de qualquer homem tem limites. Com tristeza, ele descobre que a fé não é um artigo inesgotável. Às 6 horas da manhã seguinte, liga de novo para o hotel e pede para falar com o gerente.

– O senhor tem certeza de que deixou os recados no quarto certo? – pergunta.

– Tenho certeza, monsieur Ransom. Eu mesmo entreguei o último recado.

– Poderia verificar por favor se minha mulher está no quarto?

– Mas é claro. Vou transferir a ligação para o meu celular. Se eu encontrá-la, o senhor poderá falar com ela imediatamente.

Como um fantasma, Jonathan acompanha o gerente até o terceiro andar. Do outro lado da linha, escuta o baque da porta do elevador antiquado se fechando, escuta os passos dos sapatos no corredor acarpetado e a batida seca na porta.

– Bonjour, madame. É Henri Gauthier, o gerente. Queria saber se está tudo bem com a senhora.

Não há resposta. O tempo passa. Gauthier entra no quarto.

– Monsieur Ransom? – diz a voz francesa calejada. – Os recados estão todos aqui.

– Como assim?

– Estão aqui no chão. Nenhum deles foi aberto. Na verdade, não parece que a sua mulher esteve aqui.

– Não sei se estou entendendo.

– Ninguém dormiu na cama. Não estou vendo malas nem pertences de qualquer tipo. – Gauthier fez uma pausa, e Jonathan pôde visualizar o dar de ombros derrotado do gerente como se fosse seu. – O quarto está intacto.

♦ ♦ ♦

“Abra”, pensou.

Jonathan deslizou um dedo sob a aba e abriu o envelope. Lá dentro, uma única folha de papel. Em branco. Nenhum nome. Nenhum cabeçalho. Nem sequer uma marca. Virou o envelope de cabeça para baixo e sacudiu-o. Dois pedacinhos de papelão caíram em sua palma. Eram idênticos no formato e no tamanho. Uma das laterais estava perfurada, como se tivesse sido destacada de outro pedaço. Um número de seis algarismos impresso em tinta vermelha ocupava o centro de cada um. À primeira vista eram recibos. Um canhoto parecido com o que costumava ser entregue em chapelarias. Havia letrinhas impressas em corpo minúsculo no canto inferior direito.

SBB.

Schweizerische Bundesbahn.

Ferrovia Nacional Suíça.

Os papéis eram recibos de bagagem.

10

PELA SEGUNDA VEZ EM 12 HORAS, Marcus Von Daniken estava de volta a Zurique. O letreiro acima da entrada dizia “Robótica AG” em letras de um metro de altura, coloridas de azul brilhante. Segundo seu dossiê, Theo Lammers havia fundado a empresa em 1994 e era seu único sócio e executivo principal. A atividade era referida de forma vaga como “partes de máquinas”.

Uma mulher robusta, com ar de enxerida, aguardava na recepção, com as mãos unidas nas costas como se estivesse esperando a passagem de um general em algum desfile.

– Michaela Menz – anunciou, aproximando-se com dois passos largos de soldado.

Vestia um terninho de cor sóbria, tinha os cabelos castanhos cortados curtos e repartidos ao meio. Seu cartão de visitas informava que ela era doutora em engenharia mecânica. Com louvor.

Em troca, Von Daniken ofereceu-lhe uma espiada na credencial dele e um sorriso duro. Agora estavam quites.

– Ainda estamos todos chocados – disse Menz, enquanto seguia na frente até seu escritório. – Nenhum de nós consegue pensar em ninguém que pudesse querer fazer mal ao Sr. Lammers. Ele era um homem maravilhoso.

– Não tenho motivos para duvidar disso – disse Von Daniken. – Na verdade, é por isso que estou aqui. Estamos tão ansiosos quanto vocês para encontrar o assassino. Qualquer coisa que a senhora puder me dizer será de grande valia.

A sala de Menz era pequena e mobiliada de forma prática. Não havia retratos de família, namorados ou amigos. Ele a imaginou como uma mulher casada com o trabalho e percebeu que ela estava provavelmente muito angustiada. Não tanto por Lammers, mas por causa da empresa e de quem iria administrá-la agora que ele estava morto.

– Os senhores acham que o responsável foi algum colega? – perguntou ela, com um tom de lamento entusiasmado. – Alguém no estrangeiro, talvez?

– Eu não saberia dizer por enquanto. Temos uma política de não fazer comentários sobre as investigações. Talvez possamos começar com a empresa. O que vocês fazem exatamente?

A executiva aproximou da mesa a cadeira onde estava sentada.

– Sistemas de navegação. Acima do solo, debaixo d’água, posicionamento móvel final.

Ao ver a expressão confusa nos olhos de Von Daniken, acrescentou:

– Nós fabricamos instrumentos que localizam a posição exata de aviões, barcos e carros.

– Tipo GPS?

Um franzir de cenho indicou que ele estava longe da resposta correta.

– Não gostamos de confiar em satélites. Recentemente, patenteamos um novo sistema de navegação de terreno para aeronaves, usando uma tecnologia chamada “fusão de sensor”. O nosso mecanismo combina medidas de sistemas de navegação inerciais com mapas digitais e um altímetro por radar. Medindo as variações de altitude do terreno na rota de vôo da aeronave, e comparando essas variações com um mapa digital do terreno, conseguimos estabelecer a posição exata da aeronave com uma precisão milimétrica.

– E quem compra esse tipo de aparelho?

– Temos muitos clientes. Boeing, General Electric e Airbus são alguns deles.

Von Daniken arqueou as sobrancelhas, impressionado.

– Então, se o meu avião de carreira não se espatifar contra nenhuma montanha, é a vocês que devo agradecer?

– Não somente a nós... mas, de certa forma, sim.

Ele chegou mais perto, como se quisesse compartilhar um segredo.

– Imagino que esse tipo de trabalho tenha aplicações militares. Vocês têm clientes na indústria da defesa? Fabricantes de aeronaves? Munições teleguiadas por laser? Esse tipo de coisa?

– Não.

– Mas algumas das empresas que a senhora citou têm negócios bem grandes relacionados à área da defesa, não?

– Podem até ter, mas não são nossos clientes. Existem outras empresas que fabricam sistemas militares de navegação.

Para os ouvidos de Von Daniken, essas respostas foram um tanto quanto bruscas. Afinal de contas, Lammers fora posto na lista de atenção por causa do seu envolvimento na fabricação de grandes peças de artilharia, incluindo a "superarma" que estava sendo feita para Saddam Hussein.

– A senhora ficaria surpresa em saber que o Sr. Lammers projetava peças de artilharia quando era mais jovem? – indagou.

– Ele era um homem brilhante – disse Menz. – Imagino que tivesse muitos interesses que não compartilhava comigo. Tudo que posso afirmar é que, como empresa, nunca tivemos nenhum envolvimento com qualquer tipo de arma. – Suas sobrancelhas se juntaram. – Por quê? O senhor achar que isso tem alguma coisa a ver com a morte dele?

– Nesse estágio, tudo é possível.

– Entendo. – Menz desviou os olhos e pôde ver que ela estava refletindo sobre essa idéia. Sua expressão se suavizou. Cobrindo o rosto, ela reprimiu um soluço. – Por favor, me perdoe. A morte de Theo me deixou muito abalada.

Von Daniken se entreteve tomando notas. Não era nenhum comissário Maigret, mas parecia evidente que Michaela Menz estava dizendo a verdade. Ou que, pelo menos, se Lammers estivesse envolvido em algum negócio escuso, ela não sabia. Esperou a mulher se acalmar e então perguntou:

– O Sr. Lammers viajava muito a trabalho?

Menz ergueu a cabeça.

– Se ele viajava? Meu Deus, viajava, sim – respondeu, enxugando os olhos. – Estava sempre viajando. Verificando instalações. Recebendo encomendas. Fazendo um pouco de relações públicas.

– E que países ele visitava principalmente?

– Noventa por cento das nossas vendas são na Europa. Ele vivia na ponte aérea entre Düsseldorf, Paris, Milão e Londres. Os centros industriais, principalmente.

– E ele chegava a ir ao Oriente Médio? Síria? Dubai?

– Nunca.

– Nenhum negócio com Israel ou o Egito?

– De jeito nenhum.

– E quem organizava as viagens dele?

– Ele mesmo, imagino.

– Está me dizendo que o Sr. Lammers não tinha uma secretária para fazer as reservas? Aviões, hotéis, locação de carros... hoje em dia, viajar a trabalho requer muitas providências.

– Ele não queria nem ouvir falar nisso. Theo era um gerente que punha a mão na massa. Ele mesmo reservava suas viagens pela internet.

Von Daniken anotou essa informação no bloquinho. Não acreditava tratar-se de um gerente que punha a mão na massa. Lammers era um homem discreto. Não queria ninguém olhando por cima do seu ombro quando reservava vôos em nome de Jules Gaye ou alguma outra de suas identidades.

– Dra. Menz – perguntou ele com uma promessa de sorriso –, eu poderia dar uma olhada na sala dele? Isso me ajudaria a entender melhor quem ele era.

– Não tenho certeza se é uma boa idéia.

Na verdade, Von Daniken já estava passando dos limites do que podia fazer. Não tivera tempo para solicitar um mandado. Aos olhos da lei, ele não tinha o menor direito de bisbilhotar o estabelecimento.

– Quero fazer todo o possível para pegar o homem que matou o Sr. Lammers – disse ele, desafiando-a com o olhar. – A senhora não?

Michaela Menz levantou-se detrás da escrivaninha e acenou para Von Daniken segui-la. O escritório de Lammers ficava logo ao lado do seu. Os dois tinham o mesmo tamanho, e os móveis eram igualmente utilitários. Os olhos de Von Daniken foram imediatamente atraídos por um objeto intrigante pousado sobre o aparador. A engenhoca tinha meio metro de altura, era feita de uma espécie de plástico translúcido e tinha um formato de V.

– E isto aqui? É um dos seus produtos? – perguntou.

– É um MVA – respondeu a Dra. Menz. – Um microveículo aéreo.

– Posso? – pediu, gesticulando na direção do MVA. Menz assentiu e ele o pegou. O objeto pesava menos de um quilo. As asas eram ao mesmo tempo muito firmes e estranhamente flexíveis. – Isto aqui voa mesmo?

– Claro – respondeu ela, empertigando-se como se tivesse sido insultada. – Tem uma autonomia de 50 quilômetros e pode alcançar uma velocidade máxima de 400 quilômetros por hora. Guiado por controle remoto.

– Impossível! – exclamou Von Daniken, bancando o caipira. – E ele construiu isto aqui mesmo?

Com ar de aprovação, Menz assentiu.

– Com as próprias mãos, no nosso laboratório de pesquisa e desenvolvimento. É o menor que ele já produziu. Theo tinha grande orgulho desse aí.

Von Daniken memorizou cada palavra da mulher. Autonomia: 50 quilômetros. Velocidade: 400 quilômetros por hora. Construído com as próprias mãos... o menor que ele já produziu. Isso significava que havia outros. Estudou o estranho veículo.

Ele era, sem dúvida, guiado por um sistema de navegação cuja precisão chegava ao nível dos centímetros.

– Isto aqui é um dos seus produtos? Os senhores estavam pensando em incluir no catálogo? Entrar no ramo dos brinquedos?

Conforme ele esperava, a palavra causou tensão. Dando um passo à frente, Menz tirou o microveículo das mãos dele.

– O MVA não é um brinquedo. É o mais leve veículo do seu tipo no mundo. Para sua informação, nós o construímos para um cliente muito importante – disse ela.

– Posso saber quem é?

– Infelizmente, é confidencial, mas posso garantir ao senhor que ele não tem nada a ver com as forças armadas. Muito pelo contrário, aliás. O senhor iria reconhecer o nome em um segundo. Consideramos o trabalho uma grande honra.

– Seria uma tremenda ajuda se a senhora me dissesse o nome desse cliente.

Menz sacudiu a cabeça.

– Não vejo como isso pode ajudar a encontrar o assassino de Theo.

Von Daniken, cortesmente, retirou-se. Agradeceu-lhe pelo tempo concedido e pediu que lhe telefonasse caso quisesse acrescentar mais alguma coisa. No caminho de volta até o carro, não pensava em robôs, e sim no MVA. Michaela Menz tinha razão. Aquilo não era um brinquedo. Era uma arma disfarçada.

11

JONATHAN MARCHOU ENCOSTA ABAIXO, abrindo caminho entre as pessoas que andavam mais devagar. Manteve as mãos nos bolsos, os dedos manuseando os tíquetes. Seriam recibos de bagagem? Esquis e botas? Roupas de frio sobressalentes? Depois de encontrá-los, ele telefonara para o escritório de Emma, mas ninguém lá se lembrava de ter lhe mandado nada.

“Se não foram eles, quem foi? Por que não havia nenhum bilhete, nem mesmo um endereço do remetente? E por que Emma quisera esconder isso de mim?”

A Poststrasse serpenteava agradavelmente conforme ia descendo a montanha. Lojas, cafés e hotéis margeavam os dois lados da rua. Em toda a Suíça, os primeiros dias de fevereiro eram a “semana do esqui”, tradicional período de recesso escolar. Famílias de St. Gallen a Genebra seguiam para as montanhas. Nesse dia, porém, as nevascas contínuas e os ventos fortes haviam interditado todos os teleféricos, incluindo o Luftseilbahn. As calçadas estavam apinhadas de gente. Ninguém subiria. Nem Jonathan nem ninguém.

Ao passar pela Lanz Uhren und Schmuck Boutique, ele parou abruptamente. Na vitrine central, ladeada por relógios de pulso reluzentes, havia uma estação meteorológica antiga: um três-em-um composto de termômetro, higrômetro e barômetro. Estava no mesmo lugar oito anos antes, quando estivera ali com Emma em sua primeira viagem às montanhas. O conjunto tinha o tamanho de um radioamador e era formado por três medidores que registravam as condições atmosféricas. No centro, uma luzinha vermelha acesa indicava que a pressão barométrica estava caindo. O clima ruim iria durar. Ainda nevaria por algum tempo.

Jonathan inclinou-se na direção da vitrine para estudar os números. Durante as últimas 36 horas, a temperatura caíra de um máximo de 3ºC para um mínimo de –11ºC. A umidade relativa do ar havia disparado, enquanto a pressão barométrica despencara de 1.000 para 700 milibares, o nível atual.

– Por que o senhor não verificou a previsão do tempo? – perguntara-lhe o policial na noite anterior.

Em sua mente, Jonathan estava novamente na montanha, junto com a neve, o vento e o frio ameaçador. Podia sentir o braço em volta da cintura de Emma quando ela alcançou aquele último cume e desabou em cima dele. Lembrou-se da expressão de dever cumprido nos olhos dela, da onda de orgulho e da certeza arrebatada de que poderiam fazer qualquer coisa juntos.

– Jonathan!

Ao longe, alguém chamava o seu nome. Uma voz rascante, com sotaque francês. Ele não lhe deu atenção. Continuou encarando a luzinha vermelha até esta queimar-lhe a retina. Emma tinha verificado a previsão do tempo. Como estava determinada demais a fazer a escalada, não o avisou de que a previsão não era boa.

Nesse instante, a mão de alguém agarrou o seu ombro.

– Que história é essa? – perguntou a voz de sotaque francês. – Sou eu quem tenho que correr atrás do meu comitê de boas-vindas?

Jonathan girou nos calcanhares e deparou com o rosto de uma mulher alta, bonita, de cabelos pretos ondulados.

– Simone... você veio.

Simone Noiret largou a bolsa de viagem no chão e deu-lhe um abraço apertado.

– Eu sinto muito.

Jonathan retribuiu o abraço, fechando os olhos e contraindo o maxilar. Por mais que se esforçasse, não teve o menor controle sobre a emoção causada pela visão de um rosto conhecido. Depois de alguns instantes, perguntou:

– Então, como você está?

– Bem – disse ele. – Não, bem não. Eu não sei. Mais anestesiado do que qualquer outra coisa.

– Você está com uma cara péssima. Parou de fazer a barba, de tomar banho e de comer? Isso não é nada bom.

Ele forçou um sorriso, esfregando a bochecha.

– Acho que estou sem fome.

– A gente vai ter que fazer alguma coisa para melhorar isso.

– Acho que sim – disse ele.

Simone o forçou a encará-la.

– Você acha que sim?

Jonathan se controlou.

– Sim, Simone, vamos fazer alguma coisa para melhorar isso.

– Melhor assim. – Ela cruzou os braços e sacudiu a cabeça, como se estivesse ralhando com um de seus alunos do primário.

Simone Noiret era egípcia de nascimento, francesa por matrimônio e professora por profissão. Com 40 anos recém-completados, parecia 10 anos mais nova, fato que atribuía à herança genét-ica árabe. Seu sangue levantino era evidente nos cabelos – negros e grossos como a palha do Nilo, cascateando elegantemente até os ombros – e nos olhos, escuros, desconfiados e ainda mais imponentes graças ao uso generoso do rímel. Pendurada em um dos ombros, trazia uma bolsa de mão de couro, cara. Vasculhou lá dentro em busca de um cigarro – um Gauloise –, um dos quase 60 que fumava por dia. Até ali, os cigarros haviam limitado o estrago à sua voz, tão arranhada quanto um dos velhos discos de Brel que ela carregava consigo de uma cidade para outra.

– Obrigado por ter vindo – disse ele. – Eu precisava de alguém por perto... alguém que conhe-cesse Emma.

Simone abriu a boca para falar, mas, em seguida, mudou de idéia, dando-lhe as costas e jogando o cigarro no chão.

– Durante toda a viagem de trem, prometi a mim mesma que não iria chorar – falou. – Disse a mim mesma que você precisava de alguém forte, capaz de animá-lo. De cuidar de você. Mas o forte, é claro, é você mesmo. O nosso Jonathan. Olhe só para mim. Pareço um bebê.

Lágrimas escorriam do canto dos seus olhos borrando suas bochechas de rímel. Jonathan tirou do bolso um lenço de papel e limpou as manchas.

– Paul mandou pêsames – ela conseguiu dizer, entre duas fungadas. – Ele está passando a sem-ana em Davos. O Dr. Poderoso vai ter que fazer um discurso sobre a corrupção na África. Que assunto mais original! Ele queria que você soubesse que ficou arrasado por não poder vir.

O marido de Simone, Paul, era um economista francês, burocrata do alto escalão do Banco Mundial.

– Tudo bem. Sei que ele teria vindo se pudesse.

– Tudo bem nada, e eu disse isso a ele. Ultimamente, todo mundo é escravo das próprias ambições. – Simone viu seu reflexo na vitrine da loja e fez uma careta. – Mais merde. Agora eu também estou péssima. A gente está formando um par e tanto.

Os Ransom e os Noiret haviam se conhecido dois anos antes em Beirute, onde eram vizinhos de prédio durante a temporada de Jonathan na Médicos Sem Fronteiras. Na época, Simone dava aulas na Escola Americana de Beirute. Ao descobrir que Emma trabalhava com ajuda humanitária, usou seus contatos para conseguir moradia barata para a "missão", que era como os agentes humanitários chamavam suas unidades operacionais. Esse ato de gentileza havia consolidado a lealdade de Emma para sempre.

A nomeação de Jonathan para a sede da MSF em Genebra foi recebida com alegria, pelo menos pelas mulheres. (Jonathan tivera medo da mudança... e com toda razão, conforme revelado depois.) Paul Noiret estava programado para voltar para Genebra duas semanas antes. Os Noiret novamente haviam saído em seu socorro, ajudando Jonathan e Emma a encontrar um apartamento de preço razoável em seu condomínio de classe alta em Cologny. Os dois casais jantavam juntos sempre que suas agendas permitiam. Hambúrgueres na casa dos Ransom em um mês. Coq au vin na casa dos Noiret no mês seguinte. Como Emma gostava de assinalar, não era exatamente uma troca justa.

Jonathan pegou a bolsa de viagem de Simone do chão.

– Venha comigo – disse, descendo a encosta.

– Mas eu achei que o hotel fosse para lá.

– E é. A gente está indo para a estação.

Simone se apressou para alcançá-lo.

– Já está querendo se livrar de mim?

– Não. Preciso verificar uma coisa. – Ele ergueu os dois tíquetes para mostrar a ela.

– O que é isso? – perguntou Simone.

– Acho que são tíquetes de bagagem. Chegaram ontem dentro de uma carta para Emma. A única coisa dentro do envelope era um pedaço de papel em branco. Sem assinatura. Sem bilhete. Só estes dois tíquetes.

Simone os arrancou de seus dedos.

– SBB. Ou seja, Schweizerische Bundesbahn. Está faltando alguma bagagem da Emma?

– É isso que eu quero descobrir.

– Quem mandou estes tíquetes?

– Não faço idéia. Não tem um nome em lugar nenhum. – Ele pegou os tíquetes de volta. – Você acha que pode ser de algum amigo dela?

– Não sei dizer.

– Você estava com ela em Paris.

– Estava. E daí?

Jonathan hesitou.

– Houve uma emergência no trabalho enquanto vocês duas estavam lá. Eu passei dois dias tentando falar com ela. Como não consegui, fiquei chateado. Ela disse que ficou acampada no seu quarto de hotel e nem chegou a ir para o que tinha reservado.

Pronto, ali estavam suas desconfianças, articuladas de maneira simples. Inseguranças claras. À luz do dia pareciam mesquinhas e pequenas.

– E você não acreditou nela? – Simone pousou a mão em seu braço e apertou de leve. – Mas é verdade. A gente passou o tempo inteiro juntas. Era o nosso fim de semana "das meninas". A gente nem começou a conversar antes da meia-noite. Foi aí que a coisa animou. Era assim a nossa Emma. Ou tudo ou nada. Você sabe disso. – Ela riu, sonhadora, nem tanto por se lembrar do passado, mas para dissipar a preocupação dele. – Emma não estava traindo você. Não fazia o tipo dela.

– Mas e essas malas? Ela algum dia comentou alguma coisa com você? Uma viagem que estivesse planejando? Algum tipo de surpresa?

– Um safári-relâmpago?

– Alguma coisa assim.

Safári-relâmpago era o apelido que eles tinham dado às excursões de Emma para buscar suprimentos. Pelo menos uma vez por mês, ela fazia viagens de última hora para lugares próximos e distantes para conseguir sangue tipo A, penicilina, ou até mesmo simples vitamina C. Todo tipo de coisa, da mais mundana à mais milagrosa.

Simone sacudiu a cabeça.

– Deve ter sido alguma coisa que ela encomendou. Já ligou para o trabalho dela?

Jonathan respondeu que sim e que eles disseram de imediato que não haviam mandado nada para Emma.

– Bom, eu não ficaria preocupado se fosse você – disse Simone, passando o braço pelo dele enquanto desciam até o sopé do morro.

Na agência principal dos correios, viraram à esquerda, margeando o pequeno lago de Obersee, agora congelado e isolado por cordas para dar tempo de a neve fresca acomodar-se. A Bahnhof estava deserta. Chegavam dois trens por hora a Arosa. O primeiro, que descia a montanha com passageiros de Chur, saía aos três minutos de cada hora. O segundo, que subia, chegava aos oito minutos.

Jonathan se encaminhou para o balcão de bagagens. O atendente pegou os tíquetes e voltou dali a um minuto, sacudindo a cabeça.

– Não está aqui – disse.

Jonathan ficou olhando para os recantos da área de depósito de bagagens onde dúzias de malas estavam empilhadas em um labirinto de prateleiras de metal.

– Tem certeza de que verificou tudo?

– Tente o balcão de emissão de passagens. O chefe da estação pode informar ao senhor se as malas estão no sistema.

O balcão de emissão de passagens também estava às moscas. Jonathan se aproximou e passou os tíquetes por baixo do vidro.

– Aqui não – informou o chefe da estação, com os olhos colados no monitor. – As malas estão em Landquart. Chegaram há dois dias.

Landquart era uma cidadezinha na linha entre Zurique e Chur, mais conhecida como ponto final para se chegar a Klosters, local de predileção da monarquia britânica, e a Davos, a estação de esqui da moda.

– O senhor sabe de onde elas foram enviadas? – perguntou Jonathan.

– Os dois volumes foram despachados de Ascona. Fizeram parte do nosso Programa Largue e Despache. Viajaram no trem de 13h57 até Zurique. Depois foram transferidos até Landquart.

Ascona ficava na fronteira da Suíça com a Itália. Era uma das cidadezinhas cercadas de palmeiras às margens do Lago Maggiore. Ele não tinha nenhum amigo que morasse lá. Aparentemente, Emma sim.

Simone inclinou a cabeça na direção do vidro.

– Pode nos dizer quem exatamente enviou as malas?

O chefe da estação sacudiu a cabeça.

– Não tenho autorização para acessar essa informação deste terminal.

– Quem tem? – perguntou ela.

– Somente a estação emissora em Ascona.

Jonathan estendeu a mão para pegar a carteira, mas Simone foi mais rápida. Deslizou o cartão de crédito pelo balcão.

– Duas passagens para Landquart – pediu. – Primeira classe.

12

O COMPLEXO SE CHAMAVA AL-AZABAR e pertencia ao braço palestino da Far Falestin, uma divisão do serviço de inteligência militar sírio. Philip Palumbo entrou no prédio e fez uma careta ao sentir o cheiro de amônia que permeava o saguão principal. Não era sua primeira visita nem tampouco a décima, mas aquele cheiro que o fazia lacrimejar e o ambiente frio ainda o afetavam. Chão de concreto. Paredes de concreto. Retratos do presidente Bashir Al-Assad (conhecido entre seus conterrâneos como "o Doutor", por causa de sua formação em oftalmologia) e de seu falecido pai, o poderoso Hafez Al-Assad, eram os únicos adornos à vista. Uma escrivaninha com um oficial solitário ocupava o centro do saguão. Um pastor alemão dormia a seus pés. Ao ver Palumbo, o oficial se levantou e bateu continência.

– Bem-vindo, senhor.

Palumbo passou por ele sem responder. Oficialmente, não estava ali. Caso alguém pressionasse, seria possível fornecer provas de que ele jamais pusera os pés em solo sírio.

Philip Palumbo dirigia a Unidade de Remoções Especiais da CIA. No papel, a Unidade de Remoções Especiais pertencia ao Centro de Comando Contraterrorista. Na verdade, a URE funcionava como uma unidade autônoma, e Palumbo se reportava diretamente ao vice-diretor de operações, almirante James Lafever, segundo homem mais importante da CIA.

O trabalho de Palumbo era bem simples. Localizar suspeitos de terrorismo e seqüestrá-los para que fossem interrogados. Para esse fim, ele dispunha de uma frota de três jatos corporativos, de uma equipe de agentes preparada para trabalhar nos quatro cantos do planeta, com um sobreaviso de uma hora, e da autorização não-escrita do almirante Lafever e, por trás deste, do presidente dos Estados Unidos, para fazer o que precisasse ser feito. Só havia um mandamento: não ser pego. Era sem dúvida uma faca de dois gumes.

O avião aterrissara em Damasco à 1h55, horário local. Sua primeira providência foi transferir a custódia do prisioneiro para as autoridades sírias. Os documentos que ele assinara em três vias tornavam o prisioneiro 88891Z responsabilidade do sistema penal sírio. Em algum lugar do Mediterrâneo, Walid Gassan havia deixado de existir. Tinha sido dado oficialmente como "desaparecido".

Um oficial esbelto, com ar eficiente, vestindo um uniforme verde-oliva engomado, surgiu de um corredor muito iluminado. Era o coronel Majid Malouf – ou "coronel Mike", como insistia em ser chamado – e iria conduzir o interrogatório. O coronel Mike era um homem pouco atraente, de rosto desfigurado, as bochechas e o pescoço marcados por profundas cicatrizes da acne. Cumprimentou o americano com um beijo em cada face, um abraço e um aperto de mão forte como uma armadilha de urso. Os dois entraram em seu escritório, onde Palumbo ficou uma hora repassando os detalhes do caso, concentrando-se nas lacunas que precisavam ser preenchidas por Gassan.

O sírio acendeu um cigarro e estudou suas anotações.

– Qual o horizonte de tempo?

– Nós achamos que a ameaça é iminente – respondeu Palumbo. – Dias, talvez. Uma ou duas semanas, no máximo.

– Um trabalho urgente, então.

– Infelizmente, sim.

O sírio recolheu da língua um pedaço solto de tabaco.

– Vamos ter tempo de trazer algum parente?

Uma técnica consagrada de interrogação envolvia trazer a mãe ou a irmã de um suspeito. A simples ameaça de agressão física a qualquer uma das duas em geral bastava para garantir uma confissão integral.

– De jeito nenhum – disse Palumbo. – Precisamos de alguma coisa que seja executável agora.

O sírio deu de ombros.

– Entendido, amigo.

Oficialmente, a Síria ainda fazia parte da lista norte-americana de “estados que patrocinam o terrorismo”. Embora o país não tivesse nenhuma ligação direta com qualquer operação terrorista desde 1986 e proibisse ativamente qualquer grupo doméstico de lançar ataques de seu próprio solo ou ataques que tivessem por alvo os ocidentais, era conhecido por fornecer “apoio passivo” a vários grupos linha-dura que lutavam pela independência palestina. A Jihad islâmica tinha seu quartel-general em Damasco, e tanto o Hamas quanto a Frente Popular para a Libertação da Palestina, de orientação esquerdista, tinham escritórios na cidade.

Apesar disso, e do péssimo histórico da Síria em direitos humanos, o governo norte-americano considerava os sírios parceiros na guerra contra o terror. Depois do 11 de Setembro, o presidente sírio havia compartilhado com os Estados Unidos informações de inteligência relacionadas ao paradeiro de determinados agentes da Al-Qaeda e condenado os ataques. Durante a Guerra do Iraque, as forças armadas sírias tinham se esforçado para conter o fluxo fronteiriço de insurgentes para o Iraque. Como ditadura secular, a Síria não queria participar da revolução fundamentalista islâmica que assolava o mundo árabe. Tudo que ela precisava fazer era olhar para o oeste, onde a guerra civil castigava o Iraque, para abraçar uma política da mais rígida lei e ordem. O extremismo não era tolerado.

A cela de interrogatórios era um cômodo estreito, úmido, com uma janela gradeada bem no alto na parede e um ralo no meio do chão. Um guarda conduziu o prisioneiro até lá. Instantes depois, um segundo guarda chegou arrastando uma carteira escolar, do tipo em que a cadeira e a mesa são presas uma à outra. Obrigaram Gassan a se sentar. Um dos guardas retirou o capuz preto que lhe cobria a cabeça.

– Então, Sr. Gassan – começou o coronel Mike, falando em árabe. – Bem-vindo a Damasco. Se cooperar e responder às nossas perguntas, a sua estada aqui será breve e nós transferiremos o senhor de volta para a custódia dos nossos amigos americanos. Está entendendo?

Gassan não respondeu.

– Gostaria de um cigarro? Um pouco d’água? Alguma coisa?

– Vá se foder – grunhiu Gassan, mas a sua atitude de enfrentamento foi arruinada pelos olhares nervosos que ele não parava de lançar por cima dos ombros.

O coronel Mike deu um sinal, e os guardas se jogaram em cima de Gassan. Um deles prendeu seu braço esquerdo nas costas, enquanto o outro estendeu o direito, apoiando um joelho sobre o antebraço e espalmando a mão sobre a mesa. Os dedos se agitaram como que percorridos por uma corrente elétrica.

– Eu sou cidadão americano – gritou Gassan enquanto se contorcia e tentava se libertar. – Eu tenho direitos. Vocês têm que me soltar agora mesmo. Quero ligar para um advogado. Exijo ser repatriado.

O coronel Mike tirou do bolso um canivete com cabo de madrepérola e soltou a lâmina. Com cuidado, separou o mindinho de Gassan dos outros dedos, enfiando uma rolha de vinho no vão para impedir o dedo de se mover.

– Eu exijo a presença do embaixador. Vocês não têm autoridade! Eu sou cidadão americano. Vocês não têm o direito...

O coronel Mike posicionou a lâmina na base do dedo e decepou-o como se estivesse cortando uma cenoura. Gassan gritou, depois gritou mais alto quando Mike aplicou no coto uma gaze umedecida com desinfetante.

Palumbo observava sem demonstrar nenhuma emoção.

– Então, meu amigo, vamos lá – disse o coronel Mike, agachando-se de modo a ficar cara a cara com Gassan. – No dia 10 de janeiro, você estava em Leipzig, na Alemanha. Lá encontrou Dimitri Shevchenko, negociante de armas que transportava 50 quilos de explosivos plásticos. Ah, você está surpreso! Não fique, meu amigo. Nós sabemos do que estamos falando. Os seus colegas na Alemanha foram muito generosos com as informações deles. É inútil continuar calado. Tanto sobressalto. Tanta dor. Você sabe o que dizem: "No final, você acaba falando de qualquer maneira." Vamos, habibi, sejamos civilizados.

Gassan fez uma careta, com os olhos cravados na mão mutilada.

O coronel Mike deu um suspiro e continuou.

– Você pagou 10 mil dólares a Shevchenko e transferiu três caixas contendo a mercadoria para uma van branca da marca Volkswagen. Até aí nós sabemos. Você vai contar o resto. Ou seja: para quem entregou os explosivos e o que estão planejando fazer com eles. Posso prometer que não vai sair daqui enquanto não der essas informações. E, se achar que pode mentir, devo acrescentar que vamos esperar para saber se é verdade. Vamos começar. Fale sobre os explosivos. Para quem você entregou?

Palumbo observava os sapatos de Gassan. Era nesse ponto que descobriam o tamanho da fibra de um homem.

Gassan cuspiu no rosto de seu interrogador.

Um lutador, então.

Palumbo saiu da sala. Estava na hora de ir buscar um café. A noite seria longa.

13

PEDAÇOS DE GELO PENDIAM, FEITO PINGENTES, do relógio da estação de trem em Landquart. Jonathan e Simone percorreram toda a plataforma de cabeça baixa por causa do vento forte. Um grupo de esquiadores se amontoava junto ao balcão de bagagens verificando o equipamento com ar desanimado. Ninguém iria esquiar nesse dia. Jonathan foi para o final da fila, tamborilando nervosamente na própria perna, já com os tíquetes na mão.

– Já avisou aos parentes da Emma? – Simone o cutucou com o ombro.

– Só tem a irmã, Beatrice. Ela mora em Berna.

– A arquiteta? Achei que Emma não gostasse dela.

– Não gostava, mas Bea é sua única parente. Sabe como é. Ela foi um dos motivos pelos quais Emma quis vir morar na Suíça. Tentei ligar para ela hoje de manhã, mas só caiu na secretária. Não consegui deixar recado dizendo que Emma tinha... não consegui mesmo.

– E com relação a um funeral?

– Vamos fazer um quando o corpo for resgatado.

– Quando vai ser isso?

– Difícil dizer. Daqui a alguns dias, talvez. Tudo depende de quando for possível tornar a subir a montanha.

– Vai ser aqui ou na Inglaterra?

– Na Inglaterra, eu acho. Era a casa dela.

A fila andou um pouco.

– E os seus irmãos? – perguntou Simone.

– Vou ligar para eles quando tiver alguma coisa a dizer. Não estou com ânimo para demonstrações de pesar.

A fila andou, e Jonathan se viu diante do balcão de bagagens. Entregou os recibos. O funcionário voltou trazendo uma bolsa de viagem preta e um embrulho retangular de tamanho médio, envolto em papel marrom.

A bolsa preta era feita de couro de novilho e tinha um zíper comprido preso por um cadeado dourado. Não havia dúvida de que era cara. Uma bolsa para se levar numa viagem de fim de semana para sua casa de campo. Uma bolsa para se colocar no banco da frente do seu Range Rover. Não havia etiqueta de identificação. Apenas um recibo preso à alça.

Ele voltou sua atenção para o embrulho. “Uma caixa de camisa”, pensou, distraído. Estava amarrada com barbante, mas tampouco tinha qualquer outra marca externa, com exceção do recibo. Ao segurá-la, ficou surpreso com a leveza. Sacou o canivete, ansioso para cortar o barbante grosso.

– É isso que você esperava? – perguntou Simone. – Quero dizer, são da Emma?

– Devem ser – disse Jonathan, sucinto. – Alguém mandou para ela.

– Próximo, por favor – chamou o funcionário por cima da sua cabeça.

A fila andou mais um pouco. O homem atrás de Jonathan abriu caminho até o balcão empurrando com o ombro. Belo exemplo de educação suíça. Jonathan guardou o canivete, tirou as bagagens do balcão e começou a descer a

plataforma, olhando para a esquerda e para a direita em busca de um lugar onde pudesse abri-las. Ficou surpreso ao encontrar o restaurante da estação lotado e uma fila de gente esperando mesa que serpenteava porta afora.

– O próximo trem para Chur sai daqui a 40 minutos – anunciou Simone, examinando os monitores que exibiam informações sobre partidas e chegadas. – Tem uma casa de chá do outro lado da rua. Vamos tomar um café?

– Por que não? – respondeu Jonathan. – Talvez lá a gente consiga um pouco de privacidade.

Esperaram uma brecha no tráfego e atravessaram rapidamente a rua. Quando estavam chegando à calçada oposta, um sedã prateado surgiu fazendo a curva depressa.

– Cuidado! – Jonathan agarrou Simone e arrastou-a até a calçada.

O carro entrou na rua secundária subindo no meio-fio. Cantando pneu, parou com o pára-choque a menos de meio metro de distância deles. As portas se abriram. Um homem saltou de cada lado, e os dois partiram na sua direção.

Jonathan olhou para um dos homens, depois para o outro. O que vinha do lado do motorista era baixo e musculoso, vestia um casaco de couro, usava óculos escuros que lhe cobriam a lateral do rosto e tinha os cabelos quase inteiramente raspados. O outro era mais alto e mais pesado, vestia jeans e um suéter de gola rulê e tinha cabelos platinados e olhos estreitos demais para se poder distinguir a cor. Os homens se moviam com agilidade, em uma evidente atitude de agressão. Estava igualmente evidente que seu alvo era ele, Jonathan Ransom. Antes de conseguir reagir – antes de conseguir alertar Simone ou erguer uma das mãos para se proteger –, o louro de suéter de pescador lhe deu um soco na cara. Os nós dos seus dedos o atingiram na bochecha. Jonathan caiu sobre um dos joelhos, soltando a caixa e a bolsa.

– Jonathan... meu Deus! – Simone pronunciou as palavras com uma voz fraca, dando um passo para trás.

O louro se curvou por cima de Jonathan e recolheu a bolsa de couro e o embrulho de papel marrom de Emma.

– Los – disse para o parceiro com um meneio de cabeça.

Se eles tivessem ido embora nessa hora, Jonathan não teria feito nada. Seu rosto latejava muito. Sua visão estava embaçada; sua boca amarga com o gosto de sangue. Ele já havia participado de muitas brigas e provocações. Sabia quando reagir e quando ficar quieto.

Mas, em seguida, o homem da cabeça quase raspada empurrou Simone no chão. Ela deu um grito. E alguma coisa nesse grito reviveu dentro dele todos os horrores das últimas 24 horas – a chegada da tempestade, a queda de Emma, a descoberta de seu corpo na greta –, tornando-os cortantes e sensíveis e de alguma forma mais dolorosos do que nunca.

Antes de perceber o que estava fazendo, já estava em pé correndo na direção do louro. Somente uma coisa importava: ele havia roubado os pertences de Emma e Jonathan os queria de volta.

Com um grito, jogou-se em cima das costas do ladrão. Passando um braço pelo pescoço, imobilizou sua cabeça e tentou derrubá-lo no chão. Um cotovelo se projetou imediatamente contra as costelas de Jonathan. Seguido, um segundo depois, por um cruzado na mandíbula. Jonathan desabou no chão, ofegante e abalado.

O louro jogou a bolsa preta dentro do carro. Olhou para Jonathan com o desdém dos vencedores e disparou um chute baixo, mirando o rosto.

Dessa vez, porém, Jonathan previu o golpe. Desviando a bota com uma das mãos, agarrou o pé do homem e torceu-o com violência, partindo o tornozelo e derrubando o agressor. O homem mal havia tocado o chão antes de Jonathan partir para cima dele, socando-o em volta dos olhos e do nariz com o punho cerrado. A cartilagem se rompeu. O sangue esguichou das narinas.

A essa altura, o outro brutamontes já dera quase a volta inteira no carro. Era uns 15 centímetros mais baixo, com os ombros caídos e o pescoço grotescamente alargado de um zagueiro. Partiu para cima de Jonathan como um touro. Pondo-se de pé com dificuldade, Jonathan ergueu as mãos em uma posição de boxeador.

O agressor chegou mais perto. Jonathan desferiu um murro, depois outro. O agressor se esquivou dos dois golpes com facilidade. Agarrando Jonathan pelo casaco, jogou-o em cima do capô do sedã, imobilizando um dos braços com a mão e segurando a garganta com a outra. Afundou os dedos no pescoço de Jonathan, esmagando a laringe.

Com a mão livre, Jonathan golpeou o homem repetidas vezes, mas os golpes foram fracos e tiveram pouco efeito. Desistiu. Envolvendo a antena do carro com os dedos, esforçou-se para se desprender do agressor. A antena cedeu, e ele se viu segurando-a na mão, solta.

De repente, uma sombra surgiu acima dele. Simone ergueu a mão bem alto e bateu no homem com uma pedra.

– Pare com isso! – gritou. – Solte ele!

O agressor soltou uma das mãos e esbofeteou Simone. Ela caiu no chão e sua cabeça bateu na calçada com um baque ressonante. Um segundo depois, a mão já tinha voltado ao pescoço de Jonathan, seu aperto mais forte do que nunca.

O campo de visão de Jonathan diminuiu até limitar-se ao rosto furioso a poucos centímetros do seu. Um cheiro de cerveja, cebola e cigarro invadiu-lhe as narinas. O agressor o fez deslizar pelo capô e cravou a outra mão em seu pescoço, apertando os dedos como se fossem garras de aço. A pressão aumentou, e Jonathan sentiu que o esôfago começava a ratear.

Ocorreu-lhe que não se tratava apenas de escapar, mas de sobreviver. Teria de matar aquele homem que estava em cima dele. Sua consciência começou a fraquejar e ele pensou em Emma. Viu sua forma inerte caída no gelo. Sozinha. Abandonada. Sabia que era culpa sua e que não podia deixá-la ali. Alguém precisava trazê-la de volta da montanha.

Essa idéia varou seu corpo como uma corrente elétrica.

Seus dedos apertaram mais a antena. Ele vasculhou o rosto do homem – olhos, nariz, boca – à procura do ponto certo. Reunindo toda a energia que lhe restava, sentou-se. No mesmo movimento, enterrou a antena na cabeça do sujeito com um violento movimento em arco.

As mãos fraquejaram no mesmo instante.

Jonathan cravou a antena mais fundo.

O agressor cambaleou para longe do carro, com os óculos escuros pendurados em uma das orelhas. Girando em círculos, arquejou desesperadamente em busca de ar. Metade da antena saía pela sua orelha. Tentou várias vezes pegar a haste, mas seus dedos erraram em todas elas.

Tonto, Jonathan deslizou para fora do capô sem tirar os olhos de seu agressor. Uma voz clínica o informou que, depois de perfurar o tímpano, a antena havia penetrado o cerebelo, onde danificara os reflexos motores, o sistema nervoso automático, e Deus sabia o que mais.

O agressor caiu de joelhos. Seu queixo pendeu de encontro ao peito. De olhos abertos, ele se imobilizou como um brinquedo sem pilha.

Simone pôs-se de pé. A lateral de seu rosto estava vermelha e inchada.

– Ele morreu?

Jonathan levou os dedos à garganta do agressor. Assentiu. Levantou-se, soltou um pedaço de gelo do chão e pressionou-o contra a bochecha dela.

– Quem é ele? – perguntou Simone.

– Não faço idéia. Nunca vi nenhum dos dois na minha vida.

O casaco do agressor tinha caído. Era possível ver um distintivo prateado no cinto e, ao lado, uma pistola. Jonathan se ajoelhou para examinar o distintivo. No alto estavam gravadas as palavras Gräubunden Kantonspolizei. Seu estômago se contraiu. Enfiou a mão dentro do casaco do homem e sacou um porta-documentos. Sargento Oskar Studer. A fotografia mostrava o mesmo rosto.

– Polícia. – Jonathan lançou a identidade para Simone.

– Vamos – sussurrou ela. – Saia já daqui.

– Não posso sair. Preciso contar à polícia o que aconteceu.

– Eles são a polícia.

Jonathan estava achando difícil aceitar aquilo.

– O que eles estavam fazendo? Eles nem disseram nada.

– Não sei e não estou nem aí – disse Simone. – Fui criada em um país onde não se podia confiar na polícia. A polícia levou meu pai. E também meu tio. Nunca deu nenhuma explicação. Eu sei do que as autoridades são capazes.

– Sério. Aqui não é o Egito.

Simone olhou como se ele fosse um imbecil.

– E daí? Esse distintivo por acaso é falso?

– Não sei... quero dizer, não faz diferença. Eu não posso fugir. O cara morreu. Eu o matei. Não posso simplesmente...

– Ei, você! Amerikaner. Parado aí. – A três metros, o louro mais pesado se ergueu de quatro. Mesmo trôpego, tinha a voz firme. Uma das mãos segurava uma pistola, apontada na sua direção.

“Amerikaner”, pensou Jonathan, incrédulo. Nunca tinha visto aquele homem na vida. Como é que ele podia saber alguma coisa a seu respeito?

O louro mirou e puxou o gatilho. Nada aconteceu. Fitando a arma sem entender, esforçou-se para soltar a trava de segurança.

Jonathan olhou para Simone, depois para o cadáver na rua e, por último, para o homem ensangüentado que se levantava com dificuldade com a pistola apontada para ele.

– Entre no carro! – gritou. – Rápido! Agora!

A porta do motorista estava aberta. Jonathan se jogou dentro do veículo e deu partida no motor. Simone aterrissou no banco do carona e bateu a porta, com um olhar febril.

Menos de um segundo depois o vidro traseiro explodiu, fazendo chover cacos de vidro nas suas costas e no pescoço.

Simone gritou.

Jonathan engatou a ré do carro e pisou fundo no acelerador. O automóvel atingiu o atirador e ouviu-se uma pancada forte quando ele caiu na calçada.

Jonathan deu uma freada forte e engatou a primeira com fúria. Soltou a embreagem depressa demais e o carro deu um pinote antes de sair desabalado pela rua.

Um minuto depois já estavam fora da cidade, a 180 quilômetros por hora pela auto-estrada.

14

MARCUS VON DANIKEN ESTAVA em pé debaixo do toldo do Café Sterngold, na Bellevueplatz, com um celular colado ao ouvido.

– Oi, Frank – disse, falando alto para abafar as vozes dos clientes à sua volta. – Conseguiu alguma coisa sobre o passaporte?

Uma da tarde. Um vento insidioso assobiava por cima do lago, arrancando pedacinhos de espuma das cristas brancas, fazendo-os rodopiar pelo ar e arremessando-os contra o rosto de Von Daniken.

– Pergunta interessante – respondeu Frank Vincent, da Polícia Federal Belga. – Me diga uma coisa, Marcus, você não se esqueceu de mencionar nada sobre o tal Lammers? Quer dizer, nenhum vínculo com a gente?

– Que tipo de vínculo? – quis saber Von Daniken.

– Com o nosso país. Com a Bélgica.

– Não. Lammers trabalhou em Bruxelas durante um ou dois anos, mas isso foi em 1987, 20 anos atrás. O que você descobriu?

Vincent soltou um grunhido, decepcionado.

– A gente rastreou o detentor original do passaporte, entende, o tal de Jules Gaye. O pedido dele foi localizado e nós checamos o endereço residencial, a certidão de nascimento, inclusive o histórico fiscal. Ele é um executivo internacional, caso possa interessar. Tem uma meia dúzia de empresas espalhadas pelo mundo, no ramo do vestuário. Viajava bastante. Dubai. Déli. Hong Kong.

Von Daniken pensou em todos os carimbos nos passaportes de Lammers. Ele também viajava com freqüência.

– Então ele existe mesmo?

– Ah, sim – respondeu Vincent, com um tom convicto. – Mulher. Filhos. Casa na Avenida Tervuren. Ele existe, sim.

– O que você está dizendo? Que Lammers levava uma vida dupla? Uma família em Zurique, outra em Bruxelas?

– Não. Isso a gente pode descartar. Com certeza Lammers e Gaye são duas pessoas diferentes.

Só então Von Daniken percebeu o barulho de um carro buzinando do outro lado da linha.

– Frank, onde você está?

– Em um telefone público – respondeu Vincent. – O último que existe em Bruxelas.

– Telefone público? Que diabo está fazendo aí?

– Você vai saber daqui a um segundo.

– Frank, você encontrou Gaye ou não?

– Claro que encontrei. – Vincent fez uma pausa, e sua voz perdeu o tom áspero. – O passaporte de Gaye era uma segunda via. Ele perdeu o antigo enquanto estava viajando e precisou de outro na hora. O pedido foi feito no nosso consulado de Amã.

– Amã? O que ele estava fazendo lá?

– Visitando uma fábrica têxtil. Tudo por cima dos panos. Liguei para o nosso pessoal de lá e eles se lembravam do caso. Na verdade, é possível dizer que eles nunca vão se esquecer.

Von Daniken apertou o celular contra o ouvido, esforçando-se para escutar Vincent com todo o barulho de tráfego ao fundo. Ele se perguntava o que haveria de tão memorável no fato de emitir um novo passaporte para um turista.

– Foi há uns dois anos, em agosto – continuou Vincent. – Gaye apareceu com uma história de que o passaporte dele tinha sido roubado no seu quarto de hotel, junto com a carteira e alguns outros pertences. Mostrou a carteira de motorista como documento de identidade. Segundo todos os relatos, um cavalheiro respeitável. O passaporte foi emitido na mesma hora. Duas semanas depois, os corpos de um casal europeu foram encontrados em um barranco no meio do nada. A polícia local disse que o casal tinha sido morto por bandidos, mas que era difícil afirmar. Estavam mortos havia muito tempo. Semanas. Meses, talvez. Você pode imaginar o estado dos corpos naquele calor, sem falar nos chacais do deserto, nas moscas. Os ladrões levaram tudo que eles tinham, por isso foi impossível identificar os corpos. A polícia acabou rastreando o carro alugado até chegar a um pequeno hotel. Levaram o gerente até o necrotério e ele conseguiu confirmar que os cadáveres dentro do jipe tinham sido seus hóspedes. Reconheceu a camisa do homem. Segundo ele, era Gaye.

– Mas nunca ficou provado...

– Ficou, sim. A família pediu um teste de DNA. Levou três meses, mas o gerente do hotel estava certo. Era mesmo Gaye.

– Você está dizendo que foi Lammers quem fez o pedido da segunda via do passaporte?

– Não sei, me diga você. Lammers tinha 1,80 metro de altura, pesava 85 quilos, tinha cabelos claros quase grisalhos e olhos azuis?

Von Daniken formou uma imagem mental do cadáver prostrado na neve.

– Mais ou menos isso.

– Sabe o que eu estou pensando, Marcus? Aquele serviço lá no deserto... aquilo também foi profissional.

Um detalhe continuava incomodando Von Daniken.

– Mas isso já faz um ano. Com certeza vocês bloquearam o passaporte.

– Claro que sim. Imediatamente.

– Então qual é o problema? Por que você está me ligando de um telefone público?

– Porque um mês depois alguém desbloqueou o passaporte.

– Quem? – quis saber Von Daniken.

Houve alguns instantes de silêncio. Ao longe, numa avenida movimentada de Bruxelas, um caminhão buzinou.

– Alguém de cima, Marcus. Bem lá de cima.

15

– BABACAS! ESPÈCE DE SALOPARDS! – A cada xingamento, Simone Noiret dava um tapa no painel do carro. – Ele estava tentando matar você! Por quê?

– Não sei – retrucou Jonathan com uma voz distante. A calefação lançava um jato de ar quente sobre seu corpo, mas mesmo assim ele não conseguia parar de tremer. A cena do policial tentando arrancar a antena espetada em seu crânio se repetia sem parar na sua mente.

– Mas você tem que saber – insistiu Simone.

– Eles queriam as malas. É tudo em que eu consigo pensar. Quando reagi, o cara perdeu a calma.

– As malas? Só isso? Deve ter alguma outra coisa. Com certeza...

– O que você quer que eu diga? – protestou Jonathan, virando-se de frente para ela. – Eu nunca vi aqueles homens na vida. Estou com tanto medo quanto você. Bater boca não vai adiantar nada. A gente precisa decidir o que fazer.

Diante daquele desabafo, Simone se retraiu.

– Desculpe – disse, acomodando-se no assento.

– Tem razão. Nós dois estamos com medo. Eu não quis sugerir...

– Eu sei que não. Vamos só ficar sentados aqui alguns minutos, esfriar a cabeça e resolver o que a gente vai fazer.

Eles tinham estacionado o carro em um bosque de pinheiros bem no alto da montanha, com vista para a cidade. Abaixo, a pouco mais de 3 quilômetros, um enxame de luzes piscantes havia convergido para a estação de trem. Jonathan contou 10 viaturas de polícia e duas ambulâncias.

Logo depois, enfiou o indicador no buraco perfeitamente redondo que a bala havia aberto no painel.

– Aqueles homens lá... um deles está morto, o outro no mínimo gravemente ferido. Não posso simplesmente ficar sentado aqui. Preciso explicar o que aconteceu. Preciso dizer a eles que isso tudo é algum tipo de erro. Que eles estavam atrás da pessoa errada...

– Olhe para esse buraco de bala, Jon. Foi o seu policial quem fez isso. E agora você quer se entregar? – Simone lançou as mãos para o alto, exasperada.

– Que outra escolha eu tenho? A esta altura, a polícia inteira deste kanton, e provavelmente do país inteiro, já tem a nossa descrição. Americano alto de cabelos grisalhos acompanhado por uma mulher morena em um BMW série 5 prata. Daqui a uma hora vão descobrir os nossos nomes... ou pelo menos o meu. Não vai ser difícil achar a gente.

– E, aí, o que você vai dizer? Que foi legítima defesa? Eles não vão acreditar sequer em uma palavra. – Simone vasculhou a bolsa em busca de um cigarro. – Pourris, Jon. Sabe o que isso quer dizer? Podre. Corrupto. Aqueles policiais não prestavam. – Ela precisou das duas mãos para firmar o isqueiro.

Jonathan abriu o porta-documentos de couro. A identidade pertencia a Oskar Studer. Wachtmeister. Gräubunden Kantonspolizei. Foi então que ele percebeu que o carro não estava equipado como as outras viaturas de polícia. Não havia rádio. Nem computador de bordo. Nem suporte para arma. O carro estava impecavelmente limpo. Não havia uma poeira nos carpetes. Nenhuma xícara de café vazia. O hodômetro marcava dois mil quilômetros. Havia alguns documentos no compartimento lateral. Comprovantes de locação de veículo em nome de Oskar Studer. O carro fora retirado naquela mesma manhã às 10 horas e deveria ser devolvido dali a 24 horas.

Pourris. Ele sabia exatamente o que a palavra queria dizer.

Qualquer inclinação a apresentar-se à polícia desapareceu.

Tornou a guardar os documentos.

– Eles sabiam que eu era americano – falou. – Estavam me esperando.

Simone aquiesceu e cruzou olhares com ele, compartilhando sua aflição.

Ele olhou de relance para a bolsa de couro e para o pacote cuidadosamente embrulhado.

– Abra isso – disse ela. – Vamos descobrir essa história toda.

♦ ♦ ♦

Jonathan decidiu começar pelo embrulho. Usando o canivete suíço, cortou o barbante. O papel se desprendeu com facilidade, revelando uma caixa preta lustrosa. Um adesivo dourado com a gravação de uma marca decorava o canto superior direito.

– Bogner – disse Simone. – Deve ser um presente.

– Parece – disse Jonathan, pouco convencido, enquanto cortava a fita amarrada em torno da caixa.

A Bogner fabricava roupas de luxo destinadas a manter os ricos e famosos aquecidos e alinhados durante suas estadas nos Alpes. De brincadeira, ele e Emma haviam entrado em uma das lojas da marca durante uma escapada a Chamonix, no último outubro. Ele se lembrava de que o dia estava ensolarado, um fim de semana entre o outono e o inverno, quando a textura do ar parece alfinetar a pele.

– Qual deles você quer? – perguntara Emma em voz baixa, enquanto percorriam os corredores da loja. Eram saqueadores operando atrás de linhas inimigas. Os “inimigos” eram os vaidosos e ricos. Aqueles que ignoravam o próprio “dever de intervir”.

Jonathan apontou para um suéter grafite de gola careca.

– Vou ficar com este aqui.

– Já pode considerá-lo seu.

– É mesmo? – indagou ele, entrando na brincadeira.

– Fica bem em você. Vamos levar – disse ela para a vendedora que estava por perto.

– Vamos? – repetiu Jonathan, alto o suficiente para arriscar denunciá-los.

Emma aquiesceu, passando um braço pelo seu.

– Eu tenho recursos secretos – sussurrou no seu ouvido, mas só depois de ter lhe dado uma mordidinha.

– Madame, por acaso tem uma fortuna de Banco Imobiliário escondida dentro de uma caixa de sapato?

Emma não respondeu. Em vez disso, continuou falando com a vendedora como se ele não estivesse presente.

– Extragrande. E pode embrulhar, por favor. É um presente para o meu marido. – O seu tom não era mais discreto nem conspiratório. E o mesmo valia para a expressão nos seus olhos.

– Emma, sério – disse ele. – Já chega. Vamos embora daqui.

– Não – insistiu ela. – Você mereceu. É uma compensação.

– Pelo quê?

– Não vou dizer.

Nessa hora, Jonathan vira o preço na etiqueta e, depois de quase desmaiar, puxara-a para fora da loja. Na rua, riram do comportamento impetuoso de Emma. Mas, mesmo assim, ela lhe lançara um olhar gélido, dando a entender que ele havia cometido um pecado e seria privado dos seus favores até segunda ordem.

Jonathan lembrou-se da expressão da mulher ao remover a tampa da caixa. Um papel de seda escondia uma peça de roupa escura. Depois de soltar o papel, ergueu-a um tiquinho para fora da caixa. Havia se esquecido de como a lã era macia.

– Que lindo – disse Simone.

Era o suéter de Chamonix. Um suéter simples, grafite, de gola careca. Bem cortado e elegante, mas, à primeira vista, nada fora do comum, o que era exatamente o seu estilo. Ele passou os dedos pela gola. Cashmere de quatro fios. Não havia nada mais macio no mundo. Custara 1.600 dólares. Metade do salário do mês.

"Eu tenho recursos secretos."

Seria aquele o presente de aniversário que ela mencionara para o gerente do Bellevue?

Jonathan tornou a guardar o suéter na caixa. O extrato bancário do Dr. Ransom e sua esposa agora exibia um saldo de pouco mais de 15 mil francos suíços. Mais ou menos 12 mil dólares. Isso antes de pagar a conta do hotel.

Deixando a caixa de lado, ele pôs no colo a bolsa de viagem de couro. Teve a perturbadora sensação de que não deveria ver o que ela continha, assim como jamais deveria ter aberto a carta de Emma. "Quem escuta atrás da porta raramente ouve o que quer", alertara-o sua mãe quando ele era adolescente. Mas, para Jonathan, não existia mais certo nem errado. Havia apenas verdade ou farsa. Era tão incapaz de descartar aquela bolsa quanto de ignorar os tíquetes de bagagem. Teve uma visão de si mesmo abrindo uma matryoshka russa, aquelas bonequinhas coloridas que se encaixam umas dentro das outras, cada qual contendo uma gêmea idêntica em tamanho menor.

Um resistente cadeado dourado prendia o zíper. Jonathan olhou para Simone. Ela assentiu. Ele então enfiou a lâmina de sua faca no couro e deslizou-a por todo o comprimento da bolsa.

A primeira coisa que viu foi um saco plástico de congelamento contendo as chaves de um Mercedes-Benz e um mapa desenhado à mão com um quadrado indicando "Bahnhof" e um

retângulo ao lado onde se lia “Estacionamento”, com um X marcado no canto mais afastado. Seria a estação de Landquart? Havia muitas Bahnhofs na Suíça.

Debaixo das chaves havia um blazer de crepe azul-marinho, junto com uma calça do mesmo pano e uma blusa marfim. Era o tipo de terninho estiloso usado por jovens executivas de Frankfurt e Londres. Mulheres que se podia ver andando apressadas por aeroportos, em cima de saltos de 10 centímetros, com o celular colado no ouvido e uma bolsa de laptop pendurada no ombro. Em seguida havia um conjunto de sutiã e calcinha de renda preta. “Aqueles dali não tinham nada de profissional”, pensou Jonathan, erguendo-os com um dedo. Tinham sido feitos para impressionar uma clientela inteiramente diferente.

Depois surgiu um estojo de maquiagem. Jonathan o examinou. Rímel. Delineador. Batom. Base, blush, hidratante e, minha nossa senhora, um par de cílios falsos. Havia perfume também. Tender Poison, da Dior.

“E Emma?”, perguntou-se Jonathan. Ela só usava Tender Touch, da Burberry. Uma rosa inglesa no nome e na atitude.

Debaixo dos tubos, frascos e estojos, achou uma bolsinha de cetim presa por uma elegante cordinha dourada. Com um deselegante puxão, soltou-a e abriu a bolsinha. Dentro dela, encontrou o tesouro de um pirata: uma pulseira-escrava Cartier, um anel quadrado de esmeralda, brincos de diamante e um colar de trama de ouro. Não entendia nada de jóias, mas sabia reconhecer qualidade, e aquilo ali era de grande valor.

Ergueu os olhos e viu Simone o encarando. Jonathan sentiu uma estranha comunhão entre os dois. “A sua Emma não vestia terninhos de superexecutiva. A sua Emma não usava batom vermelho-sangue. Não colocava cílios falsos nem passava Tender Poison atrás da orelha; certamente não possuía, tampouco, as jóias de uma herdeira.” Jonathan tinha a impressão de estar examinando os pertences de outra mulher.

Simone estudava um anel que havia tirado da bolsinha.

– E.A.K. – disse. – Conhece alguém com essas iniciais?

– Por quê?

– Dê uma olhada no lado de dentro do anel. – Era uma aliança de casamento gravada com os dizeres “E.A.K. – 2-8-01”. – Essa é a dona da bolsa – disse Simone. – A Sra. E.A.K., que se casou no dia 8 de fevereiro de 2001. Deve ser uma amiga de Emma.

Jonathan lembrou-se de seus conhecidos cujos nomes começavam com E. Havia um Ed, um Ernie e um Étienne, mas não achava que a calcinha fio-dental fosse caber em nenhum deles. A lista feminina era mais curta e limitava-se a um único nome: Evangeline Larsen, uma médica dinamarquesa com quem ele havia trabalhado quatro anos antes.

Havia um último objeto dentro da bolsinha de jóias. Um Rolex de pulso feminino, de aço e ouro, com a borda do mostrador cravejada de diamantes. Para Jonathan, era a prova mais cabal de que a sua mulher não tinha nada a ver com aquela bolsa. Um Rolex era o símbolo de tudo que eles consideravam errado no mundo. Status à venda por 5 mil dólares. E qual era o relógio preferido de Emma? Um G-Force da Casio, usado por jogadores de hóquei, fuzileiros navais norte-americanos e profissionais humanitários com “dever de intervir”.

Tinha mais coisa dentro da bolsa. Um par de sapatos tamanho 35. O mesmo de Emma. Ele sabia disso porque seus pés eram pequenos, e ela sempre reclamava de como era difícil achar sapatos que coubessem neles. Uma caixa de balas de hortelã. Um estojo contendo um par de óculos estilosos de armação de tartaruga.

Jonathan correu as mãos pelo interior da bolsa. Sentiu algo firme e retangular guardado na lateral. Uma carteira, supôs. Porém, ao mesmo tempo que abria o compartimento e retirava a carteira de crocodilo que estava lá dentro, uma coisa o incomodava. A aliança. Uma mulher casada não tirava a aliança a não ser no banho ou quando ia nadar e, mesmo nesses casos, nem sempre. A idéia de deixar a aliança dentro de uma bolsa de viagem, quase sem nenhuma segurança, dentro de um trem comum, era... bem, era impensável.

A carteira continha um Eurocard, um cartão de saque do Crédit Suisse, um American Express e um cartão que dava ao titular o direito de usar o transporte público do cantão de Zug durante um ano.

– Eva Kruger – disse ele, lendo o nome impresso no cartão. – E.A.K. Já ouviu falar nela?

Simone balançou a cabeça.

– Deve ser um dos contatos de Emma. Que bom que é você quem vai ter que ligar para ela contando o que fez com esta linda bolsa, e não eu.

Mas Jonathan não reagiu. Nem ao comentário nem ao seu humor implícito. Começara a fazer um inventário da carteira, que continha 1.000 francos suíços e 500 euros em dinheiro. No moedeiro, ele encontrou 4 francos e 50 rappen.

Abruptamente, empertigou-se no assento. Ocorreu-lhe que faltava uma coisa. Uma coisa sem a qual a Sra. Eva Kruger, cumpridora da lei e proprietária de um Mercedes-Benz, jamais sairia de casa. Com os pensamentos a mil, abriu a carteira de crocodilo. Foram as mãos firmes de um cirurgião que desafiaram seu coração disparado e percorreram os cartões de créditos e notas, vasculhando cada compartimento e cada dobra.

Descobriu a carteira de motorista de Eva Kruger enfiada no espaço debaixo dos cartões de crédito. Abriu-a e estudou a foto colorida do lado de dentro. Uma mulher bonita, de cabelos castanhos lisos puxados para trás em um penteado sóbrio, óculos chiques de aro de tartaruga escondendo grandes olhos cor de âmbar e uma boca carnuda encarava a câmera.

– O que foi? – perguntou Simone. – Parece que você viu um fantasma.

Mas Jonathan não conseguia falar. Sentia uma enorme pressão no peito que estava deixando-o sem ar. Tornou a olhar para a carteira de motorista. Por trás do rímel de atriz de cinema e do batom de vadia, Emma o encarava de volta.

Ele abriu a porta do carro com um safanão e saiu. Depois de dar alguns passos, parou para se apoiar em uma árvore. Era difícil continuar se movendo, agir como se a terra não tivesse acabado de tremer sob os seus pés. Forçou-se a olhar para a imagem da mulher austera, de cabelos escorridos e óculos estilosos, que fitava a câmera com ar desafiador.

"Eva Kruger."

Bastou uma olhada naquela fotografia para a idéia de Emma ter tido um caso parecer um mero detalhe desagradável. Mais ou menos como uma mosca no rabo de um cavalo. Mas aquilo ali...

uma carteira de motorista falsa, um nome falso, toda uma vida dupla... aquilo era um buraco negro.

Simone deu a volta pela frente do carro e postou-se ao seu lado.

– Tenho certeza de que existe alguma explicação. Espere a gente voltar para Genebra. Aí vamos descobrir.

– Aquele relógio custou 10 mil francos. E as outras jóias? As roupas? A maquiagem? Me diga, Simone, exatamente que tipo de explicação você tem em mente?

Ela fez uma pausa, pensando.

– Eu não... quero dizer, não sei.

Jonathan baixou os olhos para o próprio casaco e viu que havia nele uma mancha de sangue seco. Não sabia se era seu ou de algum dos policiais. De toda forma, ver aquilo lhe causou náuseas. Ele se desvencilhou do casaco e jogou-o em cima do capô do carro. O frio o atingiu no mesmo instante.

– Me dê o suéter, por favor.

Simone foi buscar o suéter de cashmere dentro do carro.

– Tome...

Um envelope escorregou de dentro das dobras da roupa e caiu na neve. Jonathan trocou olhares com Simone e, em seguida, o recolheu. Não havia nada escrito no envelope, mas era pesado. Ele soube imediatamente o que continha. Tinha o peso certo, o formato certo. Abriu-o com um rasgão. Dinheiro. Muito dinheiro. Em notas de 1.000 francos. Recém-emitidas e firmes como papel-manteiga.

– Meu Deus – disse Simone, com os olhos esbugalhados. – Quanto tem aí?

– Cem – disse ele, depois de contar o bolo.

– Cem o quê?

– Cem mil francos suíços.

“Eu tenho recursos secretos”, dissera Emma.

– Você deve estar brincando. – Simone ria, uma risada aguda, histérica, a um milímetro da perda de controle total.

– Agora a gente sabe – disse Jonathan, enfeitiçado pelo bolo de notas.

– Sabe o quê? – perguntou Simone.

– O que a polícia queria com a bolsa.

Ele tornou a colocar as notas dentro do envelope e o enfiou no bolso. Ainda faltava descobrir como a polícia soube que a bagagem estava em Landquart e, mais importante ainda, pelo menos para Jonathan, por que Emma recebeu tamanha quantia de dinheiro vivo.

Uma brisa sacudiu os galhos, derrubando no chão alguns flocos de neve. Tremendo, ele vestiu o suéter por cima da cabeça. O pulôver de cashmere ficou apertado no peito e nos ombros. As mangas sequer chegavam a seus pulsos.

Era o suéter de outro homem.

16

– JÁ VIU ISTO AQUI? – perguntou o ministro da Justiça Alphons Marti quando Von Daniken entrou em sua sala. – NZZ. Tribune de Genève. Tages-Anzeiger. – Ele recolheu os recados telefônicos e amassou-os na palma da mão. – Todos os jornais do país querem saber o que aconteceu no aeroporto ontem.

Von Daniken tirou o sobretudo e dobrou-o por cima do braço.

– O que o senhor disse a eles?

Marti jogou a bola de papel no lixo.

– "Nada a declarar." O que você acha que eu disse a eles?

A sala no quarto andar da Bundeshaus poderia ser descrita como suntuosa. Tetos altos decorados com folha de ouro e uma pintura em trompe l'oeil mostrando Cristo subindo aos céus, tapetes orientais enfeitando um piso de tábuas enceradas e uma escrivaninha de mogno grande como o altar da igreja de São Pedro. Um crucifixo de madeira gasto pendurado na parede mostrava que Marti era, na verdade, apenas um homem simples.

– Então – começou Marti. – Quando eles decolaram?

– O avião partiu hoje, assim que a turbina foi consertada – respondeu Von Daniken. – Em algum momento depois das 7 horas. O piloto declarou que seu destino era Atenas.

– Outro monte de merda que os americanos querem que a gente engula rindo. Eu elegi como principal política deste escritório a tarefa de acabar com a prática da rendição extraordinária em solo europeu. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai falar com a imprensa e eu vou ficar com cara de bobo. – Marti sacudiu a cabeça, contrariado. – O prisioneiro estava no avião. Tenho certeza. O Ônix não mente.

Usando 300 antenas conjugadas, com controle de fase, posicionadas bem no alto de uma encosta de montanha acima da cidade de Leuk, no vale do Ródano, o Ônix era capaz de interceptar todas as comunicações civis e militares transmitidas entre um número equivalente de satélites pré-identificados em órbitas geossíncronas. Um programa de computador baseado em algoritmos vasculhava as transmissões em busca de palavras-chave que indicassem informações de valor imediato. Algumas dessas palavras-chave eram: Federal Bureau of Investigation, inteligência e prisioneiro. Às 4h55 da véspera, o Ônix havia interceptado informações valiosas.

– Eu reli a transmissão interceptada ontem à noite – continuou Marti. – Nomes, itinerário. Está tudo lá. – Ele empurrou uma pasta de papel pardo por cima da mesa. Von Daniken a pegou e examinou o conteúdo. A pasta continha cópia de um fax enviado pelo consulado sírio em Estocolmo para a Diretoria de Inteligência Síria em Damasco, intitulado "Lista de Passageiros: Transporte de Prisioneiro n.º 767". A lista indicava o nome do piloto e do co-piloto, bem como dois outros nomes mais conhecidos: Philip Palumbo e Walid Gassan.

– Verifique o carimbo da hora, Marcus. A lista de passageiros foi transmitida depois da decolagem do avião. Gassan estava a bordo. Não acredito nem por um segundo que Palumbo o tenha jogado do avião. Você sabe o que eu acho. Acho que alguém avisou o Sr. Palumbo que nós pretendíamos revistar a aeronave. Gostaria que você iniciasse uma investigação a esse respeito.

– Poucas pessoas receberam cópias dessa lista. O senhor, eu, nossos vices e, claro, os técnicos de Leuk.

– Exatamente.

– Nós revistamos a aeronave de cima a baixo – disse Von Daniken, enquanto tornava a pousar a pasta sobre a mesa. – Não havia sinal do prisioneiro.

– Você revistou, quer dizer. – Os olhos azuis estavam cravados nele.

– Acho que o senhor também estava presente.

– Então podemos descartar nós dois – disse Marti, com um sorriso que exibia sua dentição ruim. – Isso já vai facilitar a sua investigação. Quero relatórios diários. – Ele deu duas batidinhas na pasta com o nó dos dedos indicando que o assunto estava encerrado. – Então? O que houve? A sua secretária me disse que você tinha descoberto alguma coisa sobre o assassinato de Erlenbach ontem à noite. Que história é essa de mandado de busca?

Von Daniken hesitou, esperando que Marti o convidasse a se sentar. Quando ficou evidente que isso não aconteceria, começou a fazer um resumo do que havia descoberto sobre Lammers, incluindo o seu histórico de projetista de peças de artilharia e o seu interesse recente pelos MVA. Terminou com a sua suspeita de que o holandês fazia parte de uma rede mais ampla e com o pedido de um mandado para revistar a sede da Robótica AG.

– Só isso? – perguntou Marti. – Não posso colocar "avião em miniatura suspeito" em um mandado. É um documento legal. Preciso de um motivo legítimo.

– Na minha opinião, Lammers representava uma ameaça para a segurança nacional.

– Como? O homem está morto. Só porque você viu um aeromodelo... não era nem um aeromodelo... um par de asas com sabe lá o quê.

Von Daniken tentou sorrir para esconder sua raiva, que aumentava cada vez mais.

– Não é só o avião, senhor. É o esquema todo. Lammers estava aqui há muito tempo. Tinha um histórico de brincar com os meninos maus e aí, um belo dia, do nada, é executado em frente à porta da própria casa. Tenho certeza de que alguma coisa está acontecendo. Ou está sendo tramada, ou então está desmoronando. As provas podem estar lá na sala dele.

– Conjectura – vociferou Marti.

– O cara tinha uma Uzi escondida na oficina de casa, junto com um monte de passaportes falsificados com esmero, que foram roubados de pessoas que moravam ou visitavam o Oriente Médio. Essa parte não é conjectura.

A embaixada da Nova Zelândia na França havia retornado a ligação minutos antes de Von Daniken chegar à sala de Marti, informando que o passaporte encontrado no carro de Lammers fora roubado de um hospital, em Istambul. O verdadeiro titular do passaporte era, na verdade, um tetraplégico que morava havia três anos em uma casa de repouso. O homem sequer percebera que seu passaporte fora roubado. Lammers usara o mesmo estratagema da Jordânia, fingindo ser um executivo que havia perdido o passaporte.

– Só existe um motivo para alguém querer roubar um passaporte belga e outro neozelandês – continuou Von Daniken. – Entrar e sair com facilidade do Oriente Médio. Sobretudo países com acesso restrito. Iêmen, Irã, Iraque. Esse tipo de operação não requer somente fundos, mas também infra-estrutura e um trabalho de formiga meticuloso. Lammers estava assustado. Tinha previsto o que ia acontecer. A operação estava ativa.

– Conjectura – repetiu Marti. – Lammers não tinha motivo para emitir um mandado de busca em uma empresa suíça registrada. Estamos falando de uma corporação, não de um indivíduo.

Von Daniken contou até cinco.

– A propósito, senhor, o nome oficial do aparelho é “microveículo aéreo”. Também conhecido como “‘avião teleguiado”.

– Pode chamar de mosquito anabolizado se quiser, estou pouco ligando – retorquiu Marti. – Mesmo assim não vou assinar o mandado. Se quiser tanto assim revistar a sede da empresa, abra um dossiê com um juiz de investigação de Zurique. Se ele achar que você tem provas suficientes para justificar um mandado, não vai mais precisar de mim.

– Isso vai levar pelo menos uma semana.

– E daí?

– E se houver uma ameaça iminente ao solo suíço?

– Ah, meu Deus, sem histeria.

Atrás da mesa de Marti havia uma foto dele entrando no estádio olímpico depois de sua desastrosa maratona. Mesmo na imagem parada, ele parecia cambalear. Estava claro que havia vomitado sobre si mesmo mais cedo durante a corrida. Von Daniken se perguntou que tipo de homem exibiria uma imagem de si próprio no momento mais baixo, mais humilhante de sua vida.

– Se você acha mesmo que a ameaça é iminente, então me dê algo concreto – disse Marti. – Você disse que Lammers costumava projetar peças de artilharia. Tudo bem. Então me mostre uma arma grande. Esse mandado não vai simplesmente desaparecer dentro de um dossiê. É na minha ficha que ele vai estar se eu agir como seu fantoche. Não vou mesmo deixar você sair por aí, descontrolado, mobilizando todos os recursos em nome de um palpite sem fundamento.

“Palpite sem fundamento?” Era isso que significavam 30 anos de experiência? Von Daniken estudou Marti. As bochechas encovadas. Os cabelos compridos, tingidos com uma hena sofisticada, estilosos. Aquele homem podia ignorar a lei o quanto quisesse. Ele estava sendo resistente de propósito, como represália pela revista fracassada do jato da CIA.

– E a Uzi? – perguntou Von Daniken. – E os passaportes? Eles não contam?

– Você mesmo disse. Ele estava assustado, fugindo. Esses fatos por si sós não nos permitem violar a sua privacidade.

– O homem morreu. Ele não tem mais privacidade.

– Não faça joguinhos comigo! Não vou ficar discutindo semântica.

– Deus nos livre de irritar alguém. – Von Daniken respeitava tanto a constituição quanto qualquer outra pessoa. Nunca, em toda a sua carreira, havia se desviado de seu texto ou de sua intenção. Mas o trabalho de policial mudara drasticamente nos últimos 10 anos. Como contraterrorista, ele precisava deter um crime antes de este ocorrer. Não podia mais se dar ao luxo de recolher os indícios depois do fato ocorrido e apresentá-los a um magistrado. Muitas vezes os únicos indícios eram suas próprias experiência e intuição.

Foi até a janela e olhou para o rio Aare lá embaixo. O crepúsculo havia transformado o céu em uma paleta de vários tons de cinza que se digladiavam logo acima dos telhados da cidade. A neve, que diminuíra mais cedo, caía novamente com força. Um vento forte agitava os flocos em um turbilhão rebelde.

– Não se importe com o mandado – disse, por fim.

Marti se levantou, deu a volta na mesa e apertou sua mão.

– Fico feliz em ver que você está sendo mais sensato.

Von Daniken virou-se e se encaminhou para a porta.

– Tenho que ir.

– Espere um instante...

– Sim?

– O que você vai fazer em relação ao aviãozinho? O MVA?

Von Daniken deu de ombros, como se o assunto não o interessasse mais.

– Não vou fazer nada – respondeu.

Era mentira.

17

JONATHAN CRAVOU OS OLHOS na entrada da estação de Landquart e no estacionamento do outro lado da rua, onde um sedã Mercedes, último modelo, ocupava o centro da terceira fileira, no lugar exato onde o mapa da bolsa de Eva Kruger dizia que iria estar. O seu mirante era a soleira de um restaurante fechado, 50 metros mais adiante na rua. Ele passara os últimos 90 minutos rodeando a estação. Trens chegavam a cada meia hora de Chur e Zurique. Durante alguns minutos, antes e depois das chegadas, a calçada se enchia de passageiros. Carros entravam e saíam do estacionamento. Então, a atividade cessava até a chegada do trem seguinte. Não viu sequer um policial durante todo esse tempo. Ainda assim era impossível dizer se alguém estava vigiando o estacionamento. Qualquer que fosse o caso, ele havia decidido que Simone tinha razão. Os policiais que queriam roubar as bagagens de Emma eram corruptos.

Às 17h55, o tráfego noturno estava no auge. Faróis passavam em um desfile ofuscante. Ele bateu com as botas no chão, movimentando-se para manter a circulação ativada. Deixara Simone na entrada da cidade, apesar de seus protestos estridentes. Havia uma hora para o trabalho em equipe e uma hora para operar sozinho. Não restava dúvida de que aquela era uma tarefa para uma pessoa só.

Encolhendo-se dentro do casaco, manteve os olhos fixos no Mercedes.

Receber a carta.

Mostrar os tíquetes.

Pegar as malas.

Consultar o mapa para saber a localização do carro estacionado.

Trocar de roupa. Puxar os cabelos para trás. Não se esquecer da aliança.

Trocar de vida.

Entregar o suéter com o envelope contendo 100 mil francos.

Mas onde? Quando? Para quem? E, o mais enlouquecedor de tudo: Por quê?

Ele correu os dedos pela chave do carro, pensando em Emma.

Pergunta: quando sua mulher é a sua mulher?

E quando ela não é sua mulher, quem é ela?

O Dr. Jonathan Ransom, formado pela Universidade do Colorado em Boulder, Faculdade de Medicina do Sudoeste, residente-chefe de cirurgia no Centro de Oncologia Sloan-Kettering de Nova York e bolsista da Dewes no Hospital Redcliffe, em Oxford, com especialização em cirurgia reconstrutiva, está em pé sobre o asfalto do Aeroporto Monrovia-Roberts, na Libéria, vendo os últimos passageiros desembarcarem e passar por ele. Às 8 horas, o sol está baixo em um céu flamejante, cor de laranja. O dia já se anuncia quente e úmido, o ar saturado com o cheiro de combustível de jato e sal marinho, e entrecortado por gritos vindos da horda de rostos negros apinhada do outro lado da cerca, da altura de uma barreira de estádio, que margeia a pista. Bem de perto, o ra-tá-tá de tiros de metral-hadora pipoca no ar.

Não há com que se preocupar, prometeram eles durante a orientação. Os combates só acontecem na zona rural.

Ele caminha na direção do prédio da imigração e passa por dois cadáveres inchados, encostados na cerca. Mãe e filha, a julgar pelo modo como estão abraçadas, embora seja difícil dizer, por causa das moscas.

– Ransom?

Um jipe militar surrado anda ao seu lado, devagar. Uma mulher jovem, bronzeada, com uma cabeleira ruiva revolta presa em um rabo-de-cavalo segura o imenso volante.

– Ei, você! – grita ela para ser ouvida em meio ao rugido de um avião que decola. – Você é o Dr. Ransom? Entre. Vou resgatá-lo deste circo.

Jonathan joga a mala na traseira do jipe.

– Achei que os combates fossem na zona rural – diz ele.

– Isto não é combate. É "diálogo". Não tem lido os jornais? – Ela estende a mão. – Emma Rose. Prazer.

– Sim – diz Jonathan. – O prazer é meu.

Os dois passam pelas piores favelas que ele já viu, um muro de pobreza de oito quilômetros de extensão e 10 andares de altura. A cidade termina abruptamente. A zona rural começa, tão tranqüila e luxuriante quanto a cidade é barulhenta e árida.

– Primeira missão, não é? – pergunta ela. – Eles sempre mandam os novatos.

– Por quê?

Emma não diz nada. Um sorriso de Mona Lisa é sua resposta.

O hospital é uma fossa convertida, situada na beira de um mangue. Dezenas de mulheres e crianças estão deitadas na grama e na lama vermelha e crestada que cerca a feia construção. É óbvio que muitas estão feridas, algumas gravemente. Seu silêncio é uma afronta.

– A gente recebe um grupo assim a cada poucos dias – diz Emma, parando o jipe atrás do prédio. – Ataques de morteiro. Felizmente, a maioria dos ferimentos é superficial.

Jonathan vê um menino com um estilhaço de bomba do tamanho de um punho fechado espetado em seu tornozelo. "Superficial" quer dizer que ele não vai morrer de hemorragia.

Um homem baixo e barbudo, de olhos injetados, cumprimenta Ransom calorosamente. É o Dr. Delacroix, de Lyon.

– Que bom que o avião chegou na hora – diz ele, limpando as mãos em uma camiseta toda suja de sangue. – A menina na sala de cirurgia 2 é toda sua. Ela cortou a mão direita.

– Cortou?

– Sabe como? – Delacroix faz um gesto como uma guilhotina caindo. – Com uma machadinha.

– Onde é que desinfeto as mãos? – pergunta Jonathan.

– Desinfetar? – O Dr. Delacroix troca um olhar cansado com Emma. – Pode lavar as mãos no banheiro. Vai encontrar umas luvas lá também. É bom guardar. A gente tenta usar cada par pelo menos três vezes.

♦ ♦ ♦

Depois, Jonathan sai para o quintal de terra árida do lado de fora do hospital de campanha, usado como varanda, recepção e área de triagem. À meia-noite, o ar está úmido de calor, cheio de gritos de macacos e de detonações de pequenas armas de fogo.

– Café? – Emma lhe estende uma xícara. Ela parece diferente de quando ele a viu pela primeira vez. Mais magra, ainda mais baixa, não tão cheia de energia como antes.

– Não tem sangue O positivo – diz Jonathan. – A gente perdeu dois pacientes porque não tinha sangue suficiente.

– Você salvou alguns.

– É, mas... – Ele sacode a cabeça, desolado. – É sempre assim?

– Só dia sim, dia não.

É a vez de Jonathan não responder.

Emma olha para ele, pensativa.

– Os mais velhos não vêm – diz ela depois de alguns instantes.

– Como?

– Você queria saber por que eles só mandavam os novatos. É por isso. Depois de algum tempo, fica difícil demais. Isso tudo afeta a pessoa. Vai minando. Os mais velhos não agüentam o tranco. Dizem que só é possível olhar para um número limitado de pessoas mortas antes de começar a se sentir morto também.

– Dá para entender.

– Não é como na Inglaterra, não é? – continua Emma em tom de empatia, de igual para igual. – Vi que você morou em Oxford. Eu estudei em St. Hilda's. Sistemas Políticos Comparativos.

– Quer dizer que você não é médica?

– Meu Deus, não. Tenho treinamento de enfermagem, mas o meu negócio é administração. Logística, essas coisas. Se a gente um dia tiver O positivo suficiente, é a mim que você vai ter que agradecer.

– Eu não quis... – Jonathan começa a se desculpar.

– É claro que não.

– No início, não soube dizer se você era inglesa ou não. O seu sotaque, quero dizer. Achei que fosse escocês ou londrino, passando pela Europa Central. Praga, alguma coisa assim.

– Eu? Eu sou do Sudoeste. Cornualha, por ali. A gente fala esquisito por lá. Perto de Land's End. Penzance. Conhece?

– Penzance? De certa forma. – Ele respira fundo, como se soubesse que vai passar por bobo, estufa o peito e recita com uma voz melodiosa:

"Conheço muito bem todas as questões matemáticas,

Sei muito de equações, sejam simples ou quadráticas,

Dos teoremas binomiais trago muitas notícias,

E do quadrado da hipotenusa muitas anedotas."

Como ela não disse nada, ele acrescentou:

– Gilbert e Sullivan. Os Piratas de Penzance. Não vá me dizer que não conhece a versão moderna da canção do major-general?

De repente, Emma explodiu em uma gargalhada.

– É claro que conheço. Só não estou acostumada a ouvir isso nas selvas da África. Meu Deus! Um fã.

– Eu não. Meu pai. Ele era diplomata. A gente morou no mundo inteiro. Suíça, Itália, Espanha. Para onde se mudava, virava membro da opereta. Sabia cantar essa música em inglês, alemão e francês.

Um ritmo animado chega até eles pelo ar pesado da noite. A batida eletrônica de um baixo. Emma inclina a cabeça nessa direção.

– Clube Muthaiga. Ótimo lugar para dançar. Só que, infelizmente, eles não tocam operetas cômicas.

– O Clube Muthaiga fica em Nairóbi. Eu já vi Entre dois amores.

– Eu também – sussurra ela, ficando na ponta dos pés. – Não conte para ninguém que eu roubei o nome. Vamos?

– Dançar? – Ele sacode a cabeça. – Já faz tempo demais que estou acordado. Estou morto.

– E daí? – Emma o pega pela mão e o conduz na direção da música pulsante.

Jonathan resiste.

– Obrigado, mas eu preciso mesmo descansar.

– Isso quem está dizendo é o seu antigo eu.

– Meu antigo eu?

– O residente-chefe. Aquele chato, que ganha todos os prêmios e bolsas de estudo. – Ela puxa sua mão. – Não me olhe assim. Eu disse que era da administração. Li a sua papelada. Quer um conselho? O antigo você... aquele que trabalha demais. Esqueça ele. Não vai durar uma semana aqui. – Emma abaixa a voz, e ele não consegue saber se ela está falando sério ou brincando. – Isso é a África. Todo mundo aqui ganha uma nova vida.

♦ ♦ ♦

Mais tarde, depois da dança, da aguardente feita em casa e da cantoria desenfreada e alegre, ela o conduz para fora do clube, para longe dos tambores retumbantes e dos corpos apinhados, para o meio do mato. Cruzam um bosque de casuarinas seguindo uma trilha – um arranhão na

escuridão da noite –, até chegarem a uma clareira. Acima deles, um macaco solta um grito e sai pulando de galho em galho. Ela se vira para Jonathan, com o olhar cravado no seu, os cabelos desgrenhados caindo por cima do rosto.

– Estava esperando você – diz, levando uma das mãos até seu cinto e puxando-o na sua direção.

Jonathan também estava esperando por ela. Não há semanas, nem meses, mas há mais tempo. Em um único dia ela o conquistou. Ele a beija, e ela retribui o beijo. Ele corre uma das mãos por baixo da camiseta dela, sentindo a pele firme, úmida, e subindo mais, até tocar um seio. Ela morde seu lábio e se aperta de encontro a ele.

– Eu sou uma moça de família, Jonathan. Pra você ficar logo sabendo.

Emma desabotoa a camisa dele e a faz deslizar pelos ombros. Esfrega seu peito com a palma de uma das mãos, depois vai descendo. Dando um passo para trás, puxa a camiseta por cima da cabeça e tira a calça jeans. Absorve seu olhar ávido.

– Como é que você pode ter certeza? – perguntou Jonathan enquanto ela envolvia seu corpo no dele.

– Do mesmo jeito que você.

Ele se deita na grama e Emma se ajeita por cima. O luar passeia por seus cabelos cor de cobre. As árvores balançam. Em algum lugar, um grito corta o céu.

♦ ♦ ♦

O trem de Chur entrou na plataforma e, no minuto seguinte, na direção contrária, o de Zurique também chegou. Passageiros lotavam a calçada em frente à estação. Era agora ou nunca. Jonathan saiu do vão da porta do restaurante e atravessou a rua depressa. Pulou por cima da mureta que cercava o estacionamento e começou a descer o corredor central. Se alguém estivesse vigiando a estação, poderia vê-lo com clareza. Um homem branco, de 1,90 metro, usando um casaco azul-marinho recém-comprado, um gorro de esqui também azul, puxado até bem junto dos olhos para esconder os cabelos grossos e ondulados que haviam começado a ficar grisalhos aos 23 anos de idade.

“Não se apresse”, disse a si mesmo, lutando para se controlar.

Tirou as chaves do bolso e ativou o controle remoto. Teve a sensação de que as coisas ali estavam bem organizadas. Emma sempre fora maníaca por organização. O carro emitiu um bipe. “Não olhe em volta”, aconselhou a si próprio. O carro é de Emma, o que significa que é seu. Um S600. Preto diamante. O carro que toda mulher de cirurgião nasceu para dirigir.

Jonathan sentou-se no banco do motorista e fechou a porta. Tocou a alavanca de marchas e o motor rugiu, ganhando vida. Ele deu um pulo no assento, batendo com a cabeça no teto. Esbravejou, antes de perceber que havia apertado o botão da ignição, em cima da alavanca de marchas. Era a última novidade em funções automáticas. Acomodou-se, recuperando o fôlego. “Em breve os carros estarão dirigindo sozinhos”, pensou. Foi então que olhou melhor o interior do veículo. O cheiro de couro novo, intocado. Uma sensação de que estava estalando de novo. Não apenas um Mercedes, mas um sedã novinho em folha, tope de linha. Custo: estratosférico. Não era propriamente um automóvel, e sim um templo ao luxo; engenharia automotiva alçada a um plano superior. Ajeitou-se, ajustou o assento, os espelhos, pôs o cinto de segurança. Deslizou a alavanca automática para a posição de ré e saiu da vaga. O carro se movia

com um silêncio abafado, rodando sobre o asfalto coberto de gelo, como se estivesse flutuando em uma nuvem.

Sentiu uma onda súbita e irracional de ódio por aquele veículo não apenas por ser a prova da farsa de Emma, mas por representar a vida que ele jamais quisera ter. Muitos dos residentes do Sloan-Kettering tinham sonhado em voz alta com consultórios na Park Avenue e casas nos Hamptons. Que ficassem com seus troféus e bugigangas. Deus sabia que haviam trabalhado duro para consegui-los. Para ele, porém, a medicina não era um meio que justificava um fim. Era o fim em si. Recusava-se a ser definido pelas coisas que possuía. Por carros como aquele. Eram as ações que importavam. O Dr. Jonathan Ransom cuidava dos outros.

Saiu da vaga de ré e avançou até a saída. Na rua principal, o tráfego passava veloz em ambos os sentidos. Pedestres aproveitaram a brecha e atravessaram na frente do Mercedes. Um homem se aproximou e parou na luz de seus faróis. Protegendo os olhos, olhou para Jonathan através do pára-brisa. Era da polícia. Jonathan teve certeza. Tirou as mãos do volante e esperou o homem sacar a pistola e gritar: “Saia do carro! Você está preso.”

Instantes depois, porém, o sujeito desapareceu; mais uma cabeça entrando e saindo do mar de passageiros que voltavam para casa.

O tráfego diminuiu. Jonathan entrou na rua, virando à esquerda, para longe da estação. Quatro quarteirões mais adiante, encostou e abriu a janela.

– Entre.

Simone entrou no carro. Apertando o casaco em volta do corpo, examinou o interior.

– Este carro é da Emma? – perguntou.

– Acho que sim. – Jonathan entrou na auto-estrada, em direção ao leste. Uma placa dizia: Chur 25 km.

Simone ficou intrigada.

– Para onde você está indo?

– Estou voltando para o hotel. A gente precisa descobrir quem mandou aquelas malas.

18

– MAIS QUENTE.

Um guarda girou o bico que regulava os queimadores de gás butano. Chamas azuis cresceram debaixo do enorme tonel de cobre. O medidor de temperatura marcava 60ºC. O ponteiro começou a subir.

O nome daquilo era caldeirão, e o aparato datava do século XVII. Com pouco mais de 1,50 metro de altura, e quase a mesma largura, fazia parte do equipamento da lavanderia pública de Aleppo, na época em que a Síria era uma província do Império Otomano. O ponteiro atingiu 65ºC. Mergulhado até os ombros na água que esquentava rapidamente, Gassan começou a pedalar de forma frenética. Não podia deixar os pés encostarem no fundo, com medo de que se queimassem.

O ponteiro chegou a 68ºC.

Fora uma noite longa. Gassan demonstrara uma resistência impressionante. Havia sofrido; mesmo assim, não dissera uma palavra sobre para quem entregara os 50 quilos de explosivos plásticos. O coronel Mike não tinha mais o mesmo aspecto limpo e arrumado. Seu bigode estava caído, devido ao suor causado pelo esforço. O mal que impregnava aquele lugar tinha se entranhado em seus poros.

– Mais.

Bolhas passaram a se formar na beirada do caldeirão. Gassan começou a gritar. Nada de preces. Nada de clamar por Alá. Somente uma série de obscenidades amaldiçoando o Ocidente, o presidente dos Estados Unidos, o FBI e a CIA. Ele não era nenhum fanático religioso. Era daquele outro tipo. Um terrorista definido por suas ações. O rebelde sem outra causa que não destruir.

Philip Palumbo estava sentado em uma cadeira no canto. Já fazia muito tempo que se cansara dos gritos lamentáveis. Sua empatia em relação a excrementos como Gassan se esgotara na época em que ele trabalhara nos bombardeios a Báli. Vinte corpos. Homens, mulheres e crianças tirando férias à beira-mar nos trópicos. Todos mortos. Mais uma centena de feridos. Vidas exterminadas. Vidas arruinadas. E para quê? Apenas pela baboseira habitual de atacar o Ocidente. Na opinião de Palumbo, todos nós tínhamos um contrato com a sociedade para tratar nossos semelhantes de forma justa e obedecer às leis. Quando alguém quebrava esse contrato, ou ultrapassava as fronteiras do fair-play, não havia mais regras.

Gassan queria matar gente inocente. Palumbo tinha a intenção de detê-lo. A temperatura estava aumentando, era hora de a festa começar.

– Vamos voltar ao começo – disse o coronel Mike com uma calma irritante. – No dia 10 de janeiro, você se encontrou com Dimitri Shevchenko em Leipzig. Transferiu os explosivos plásticos para uma van branca da Volkswagen. Para onde você foi depois disso? Tinha que passar os explosivos para alguém. Não imagino que quisesse ficar com eles mais tempo do que o necessário. Você é um garoto esperto. Muito experiente. Me diga o que aconteceu depois. Vou até ajudá-lo. Você entregou os explosivos para o usuário final. Quero o nome dele. Fale comigo, e vamos parar com essas coisas desagradáveis. Para dizer a verdade, eu não durmo muito bem depois desse tipo de coisa.

Dez horas depois, as perguntas eram as mesmas.

Do lado de fora podia-se ouvir cães uivando para a lua cheia. Um veículo grande passou roncando, fazendo tremer as paredes.

Gassan começou a falar, em seguida franziu os lábios e enfiou o queixo no peito. Um grito gutural se formou na sua garganta e irrompeu pelo aposento.

– Mais quente – disse o coronel Mike.

As chamas cresceram. O ponteiro alcançou 80ºC.

– Quais são os planos deles? Me diga qual é o alvo. Quero lugar, data, hora. – O coronel Mike não desistia nunca. Ou um homem nascia para aquele tipo de coisa ou não. Mike nascera para a tortura como um jóquei nasce para montar.

Temperatura: 90ºC.

– A primeira coisa a cair é o seu pau. Explode que nem uma salsicha cozida além da conta. Aí o seu estômago vai inchar dentro de você e os seus pulmões vão começar a ferver. Olhe para os seus braços. A pele está se soltando. O triste é que isso pode durar muito tempo.

Os olhos de Gassan se esbugalharam enquanto ele seguia gritando impropérios sobre a injustiça da sua situação.

– Qual era o nome do seu contato? Como eles vão usar os explosivos?

Temperatura: 95ºC.

– Está bem – berrou Gassan. – Eu falo. Me tirem daqui! Por favor!

– Fala o quê?

– Tudo. Tudo que eu sei. O nome dele. Agora me tirem daqui!

O coronel Mike ergueu uma das mãos para o guarda que controlava o bico. Chegou mais perto do tonel, de modo que o calor fez brotar suor em sua testa.

– Quem é o usuário final?

Gassan deu um nome que Palumbo nunca tinha escutado antes.

– Entreguei a ele pessoalmente. Ele me pagou 20 mil dólares.

– Onde você entregou os explosivos?

– Genebra. Uma garagem no aeroporto. Quarto andar.

A comporta havia se rompido. Gassan começou a falar, despejando informações como se fosse água de um cano furado. Nomes. Codinomes. Esconderijos. Senhas. Não conseguia falar depressa o suficiente.

Palumbo gravou tudo. Saiu da sala para verificar as informações. Cinco minutos depois, voltou.

– Alguns dos nomes conferem, mas ainda temos muito chão pela frente.

– Então? – perguntou o coronel Mike. – Mais alguma pergunta para o nosso ilustre convidado?

– Ah, sim – disse Palumbo. – O Sr. Gassan está no ramo há muito tempo. Estamos apenas começando.

O coronel Mike meneou a cabeça para o guarda.

– Mais quente.

19

JONATHAN LEVOU 90 MINUTOS para chegar a Arosa. Depois de subir toda a Poststrasse, estacionou do outro lado da rua, em frente ao Kulm Hotel, a 300 metros do Bellevue. Simone estava afundada no banco do carona, fumando.

– Você não tem por que ficar – disse ele. – É melhor a gente se separar. Posso assumir a partir daqui.

– Eu quero ficar – respondeu ela, espiando pela janela.

– Vá para casa. Você já cumpriu o seu dever. Me ajudou quando eu precisei. Não posso ser responsável por você.

Ficou óbvio que essa insinuação a irritou.

– Ninguém está lhe pedindo isso – disparou ela. – Eu, até hoje, tenho cuidado de mim mesma muito bem, obrigada.

– O que vai dizer ao Paul?

– Que estava ajudando um amigo.

– Vai ser lindo ouvir isso quando você telefonar para ele da cadeia. Tudo que está fazendo é se afundar mais ainda em problemas.

Simone se remexeu no assento, dirigindo o olhar na sua direção. Sua bochecha estava roxa onde o policial lhe dera o soco. O hematoma contrastava muito com seu aspecto geralmente impecável.

– E você, está fazendo o quê? Me diga, Jon.

Jonathan dissera a si mesmo que iria fazer as coisas dando um passo de cada vez. Tecnicamente, sabia que era um fugitivo, mas não era da polícia que tinha medo – nem da polícia honesta nem da do outro tipo. Era da verdade.

– Ainda não sei direito – respondeu ele depois de alguns instantes.

Simone se endireitou na cadeira.

– Quantos irmãos você tem?

A pergunta o pegou desprevenido.

– Dois. E uma irmã. Por quê?

– Se isto aqui estivesse acontecendo com algum deles, você iria para casa?

– Não – respondeu Jonathan. – Não iria.

– Eu não tenho irmãos – continuou Simone. – Sou casada com um homem que trata o trabalho como se fosse uma amante. Tenho meus alunos no colégio e tenho Emma. Estou tão confusa quanto você em relação ao que ela estava aprontando. Se eu puder ajudar a descobrir, seja como for, quero tentar. Entendo a sua preocupação comigo e fico grata. Amanhã vou encontrar Paul em Davos. Tenho certeza de que até lá isso tudo já vai estar esclarecido. Mas, se a gente tiver de confrontar a polícia, quero estar ao seu lado.

Jonathan viu que não havia como dissuadi-la. Não podia negar que a sua presença seria útil quando ele estivesse diante de um capitão de polícia. Simone era professora, ligada a uma prestigiosa escola de Genebra; seu marido, um economista respeitado.

Ele estendeu a mão e tirou o cigarro da boca de Simone.

– Está bem, você venceu. Mas, se ficar, tem que parar de fumar esses troços. Vai me fazer vomitar.

Simone tirou outro cigarro da bolsa no mesmo instante e enfiou-o no canto da boca.

– Allez. Espero você aqui. – Inclinou-se e deu-lhe um beijo na bochecha. – Tome cuidado.

♦ ♦ ♦

De cabeça baixa, Jonathan desceu a rua apressado. O vento levantava a neve do chão e a lançava contra seu rosto com tanta violência que ele precisava proteger os olhos para enxergar apenas três metros diante do nariz. Seguiu uma bifurcação que saía da Poststrasse, depois entrou em uma trilha que cortava a Arlenwald, a floresta que cobria a parte mais baixa da encosta da montanha. O vento ali estava mais calmo, e ele começou a acelerar o passo.

Depois da constelação de luzes da cidade, a trilha ficou mais escura, cercada por altos pinheiros e bétulas rígidas como pilões. À sua direita, a colina descia de forma abrupta. Depois de alguns minutos, Jonathan chegou aos fundos do hotel e foi descendo o declive em meio à neve, que lhe chegava até os joelhos. Parou na borda da floresta, localizando seu quarto. Quarto andar. Canto da frente. Um pinheiro centenário se erguia na encosta junto ao prédio, e seus galhos superiores se estendiam até bem perto das sacadas do terceiro e do quarto andares.

Foi então que ele sentiu os cabelos da nuca se eriçarem. Virou-se de supetão, certo de que havia alguém a observá-lo. Vasculhou a encosta atrás de si. Uma coruja encarapitada bem no alto de uma árvore piou. Aquele chamado rouco, grave, o fez estremecer. Ficou olhando por mais um segundo, mas não viu ninguém.

Cinco passos o levaram até o pinheiro grande. Depois de escolher um galho, içou-se para cima da árvore e foi subindo. Dez metros mais alto, esgueirou-se por um dos galhos menores. A sacada estava bem perto, quase ao alcance do braço, e a inclinação do declive era tanta que, caso ele caísse, aterrissaria na neve três metros abaixo. Pendurou-se no galho e balançou as pernas até alcançar o parapeito. Transferiu o peso do corpo e pulou para a sacada.

Atrás das cortinas fechadas, as luzes estavam acesas. Havia uma fresta aberta na porta. Ele avançou, pisando na ponta dos pés. Nesse instante, as cortinas se afastaram. A porta se abriu para dentro. Viu de relance a imagem de um homem de terno a segurando, de forma a mantê-la aberta, e falando com uma mulher. Jonathan recuou e pulou para fora. Pendurando-se com a ponta dos dedos – o que os escaladores chamam de "usar os apoios naturais da rocha" –, foi se movendo pela divisória que separava as sacadas. O muro estava congelado. Olhou para baixo. Eram 18 metros até a entrada da garagem e, caso errasse, outros 18 até a rua lá embaixo. Seus dedos ficaram dormentes. Tentou se convencer de que aquilo era igualzinho a se pendurar em uma saliência num paredão de granito. Mas ele não fazia escalada livre de fachadas de granito em pleno inverno. Centímetro por centímetro, atravessou a sacada pelo lado de fora. Com um grunhido, içou-se pelo parapeito.

Recuperando o fôlego, tentou a porta. Estava destrancada, exatamente como ele a deixara naquela manhã. Do lado de dentro, as luzes estavam apagadas. Entrou no quarto, parando por alguns instantes para deixar os olhos se acostumarem à escuridão. O trabalho da arrumadeira era visível. A cama estava feita. O cheiro agradável de lustra-móvel pairava no ar. Ainda assim, ele não pôde evitar a sensação de que algo não estava como deveria estar.

Chegou perto da cama. A camisola de Emma estava debaixo do travesseiro. Seus livros de bolso empilhados direitinho na mesa-de-cabeceira. Ele pegou o primeiro da pilha, Deslizes do

passado. O título era bem adequado, mas Jonathan estava relativamente certo de que esse ela ainda não tinha começado a ler. Encontrou o que Emma estava lendo no final da pilha.

Andou até o hall do quarto e abriu o armário. Gaveta por gaveta, examinou seus pertences. Deveria estar procurando pistas das atividades dela. Mas que tipo de pistas? Se não sabia o que ela vinha fazendo, como poderia saber o que procurar?

Fechou o armário e examinou a parte de cima, onde havia guardado as malas. Na ponta dos pés, retirou a maior das duas. Era a mala de Emma, uma Samsonite dura do mesmo tipo das usadas por aeromoças. Pousou-a no chão; em seguida, congelou.

Ele nunca punha a mala de Emma por cima. Sempre punha a sua, que era menor e mais fina.

Alguém estivera no quarto.

Por um minuto, não se moveu. Com a cabeça inclinada, ficou escutando. Cada batida do seu coração cravava um prego no seu peito. Porém, com exceção dos nervos em polvorosa, não escutou nada. Por fim, pegou a mala, levou-a até a cama e a abriu.

Outra surpresa. O tecido que forrava o interior da tampa fora afastado em toda a extensão, como as folhas de plástico transparentes usadas para prender fotografias em um álbum. Não fora cortada nem danificada de forma alguma. Ele examinou mais de perto e descobriu um fecho, muito parecido com o de um saco de congelamento. À meia-luz da lua, distinguiu um rebaixo retangular do tamanho e do formato de uma pasta. Era um compartimento para esconder papéis ou documentos, de modo a burlar o controle de um fiscal da alfândega.

Fechou a mala e devolveu-a ao seu lugar. A mala de mão de Emma estava debaixo da escrivaninha. Ela não era de couro preto de novilho, e sim de lona grossa, manchada por anos de uso. Ele abriu a divisória externa e ficou aliviado ao encontrar a carteira onde ela costumava guardá-la. Sua carteira de identidade estava intacta; o dinheiro também: 87 francos. Seus cartões de crédito estavam perfeitos. Ele abriu o moedeiro. Alguns francos. Um grampo de cabelo. Uma caixinha de Tic-Tac. Fechou a mala, depois correu a mão pelo fundo. Seus dedos esbarraram em uma pulseira. Reconheceu como uma que Emma usava de vez em quando. Era azul-clara e feita de borracha prensada, parecida com as pulseiras Livestrong popularizadas por Lance Armstrong, sete vezes campeão do Tour de France.

Três quartos da pulseira eram finos, mas, no ponto onde descansava debaixo do pulso, era perceptivelmente mais grossa. Ele correu um dedo por essa protuberância. Havia algo duro e retangular lá dentro. Manuseou a pulseira por alguns instantes antes de perceber que podia desmontá-la. Ela se abriu e revelou um flash drive com entrada USB. Era um dispositivo usado para transferir arquivos de um computador para outro. Nunca o vira antes. Emma fazia miséria com o BlackBerry, mas raramente tirava o laptop do escritório. Jonathan tornou a montar a pulseira e colocou-a ao redor do pulso.

Nesse exato instante, ouviu passos avançando pelo corredor. Largou a mala e vasculhou a escrivaninha. Mapas. Postais. Sua bússola. Canetas. Os passos chegaram mais perto, ecoando bem alto.

– Por aqui, seu guarda. É o quarto no final do corredor.

Jonathan reconheceu a voz do gerente do hotel. A chave entrou na fechadura. Ele abriu a gaveta do meio e viu um livro marrom encadernado em couro. Segurando a mala de lona de Emma com uma das mãos, jogou o livro lá dentro e saiu correndo na direção da sacada.

A porta se abriu. A luz do corredor iluminou o quarto.

– O policial morreu? – perguntava o gerente.

Sem olhar para trás, Jonathan saiu voando do quarto e pulou da sacada para a encosta do morro.

♦ ♦ ♦

– Eles vieram aqui – arquejou Jonathan, enquanto se jogava dentro do Mercedes. – Alguém revistou o...

Olhou para o banco do carona. Simone não estava dentro do carro. Olhou para baixo em busca de sua bolsa e viu que esta também havia sumido. “Ela foi embora”, pensou. “Viu a luz da razão e deu o fora daqui enquanto ainda podia.” Jonathan se apoiou no painel do carro, recuperando o fôlego. Seus olhos dispararam para a ignição. As chaves não estavam ali. Com um susto, ele virou o corpo e olhou para o banco de trás. Nem a mala de Emma nem a caixa do suéter estavam lá. Simone fora embora e levara tudo consigo.

Recostou-se no assento, confuso, cansado. Olhou para o grosso livro em seu colo. Abriu-o e passou a ler os nomes, endereços e telefones. “É um começo”, pensou.

Nesse instante, a porta do carona se abriu. Simone Noiret entrou no carro.

– Onde você estava? – perguntou ele.

Simone se retraiu.

– Fui dar uma volta até o alto do morro. Se quiser mesmo saber, fui fumar um cigarro.

– Cadê as coisas da Emma?

– Coloquei dentro da mala, para se algum de nós dois quisesse deitar no banco.

Jonathan aquiesceu, acalmando-se.

– Desculpe. Não quis ser ríspido com você. Mas é que eles foram lá. No nosso quarto de hotel, quero dizer. Revistaram tudo. De alto a baixo. Mas foram bons. Muito discretos. Isso tenho que reconhecer. Quase conseguiram ser perfeitos. E nesse caso eu nunca teria descoberto.

Simone o encarava, e seu susto se refletia nos olhos dela.

– Do que você está falando? Quem foi lá? A polícia?

– Não. Pelo menos não a polícia de verdade. – Ele explicou a estranha forma como alguém havia cortado a mala e o estranho buraco do tamanho de um baralho.

– Só a mala? – perguntou Simone. – O que eles estavam procurando?

– Não sei.

– Pense, Jon. O que poderia haver lá dentro?

Jonathan não deu ouvidos à pergunta. Não fazia a menor idéia.

– Ligue o carro. Eles podem estar chegando.

– Calma – disse Simone, tranqüila. – Ninguém está chegando. Olhe.

Jonathan olhou pelo pára-brisa traseiro. A rua estava deserta. A tempestade de neve havia mantido todos os habitantes da cidade dentro de casa. Ele se recostou e fechou os olhos.

– Tudo bem – murmurou. – Está tudo bem.

– É claro que está tudo bem – disse Simone.

– Eu ouvi vozes no corredor. Acho que o gerente do hotel estava com a polícia. Estavam falando sobre o policial de Landquart. Eles sabem que fui eu.

– Você está seguro por enquanto. É isso que importa. – Simone indicou o livro em seu colo. – O que é isso?

– O caderno de endereços de Emma. A gente precisa descobrir quem ela conhecia em Ascona. Se uma de suas amigas mandou as coisas, o nome vai estar aqui dentro.

– Posso?

Jonathan lhe entregou o volume encadernado em couro. Era grosso como uma Bíblia e duas vezes mais pesado. Emma gostava de dizer que sua vida estava ali dentro, simplesmente. Simone pôs o livro no colo e abriu-o solenemente, como se fosse um texto religioso. O nome de Emma estava escrito na folha de rosto. Havia uma sucessão de endereços anotada embaixo. O mais recente era Avenue de Collonges, Genebra. Antes disso, havia Rue St. Jean, em Beirute, Campo de Refugiados da ONU em Darfur, Sudão, etc. A lista prosseguia, um mapa da vida passada e futura de Jonathan.

– Quantos nomes ela deve ter aqui? – perguntou Simone.

– Todo mundo que ela conheceu na vida. Emma nunca esquecia ninguém.

Juntos, examinaram cada página, de A a Z. Estavam procurando algum endereço no cantão de Tessin, Ascona, Locarno, Lugano. Qualquer telefone com o código de área 078. Acharam nomes de todos os cantos do globo. Tasmânia, Patagônia, Lapônia, Groenlândia, Cingapura e Sibéria. Mas em nenhum lugar encontraram qualquer referência a Ascona.

Meia hora mais tarde, Simone pousou o caderno de endereços sobre o console central.

Emma não tinha um único amigo que morasse na província mais ao sul da Suíça. Ascona não existia.

Examinando os bolsos, ele pescou os tíquetes de bagagem de Emma.

– Ainda temos estes aqui – falou. – O cara do guichê de passagens disse que o nome do remetente estava registrado na estação de partida.

– Não acho que os suíços vão liberar informações assim tão fácil. Você vai ter que mostrar um documento de identidade.

– É provável que você tenha razão. – Jonathan entregou os recibos para Simone e, em seguida, deu partida no motor.

– Para onde a gente está indo?

– Para onde você acha? – perguntou ele, com a cabeça virada por cima do ombro enquanto dava ré para entrar com o carro na rua.

Simone se remexeu no assento, ajeitando os cabelos atrás da orelha.

– Mas a Emma não tinha amigo nenhum lá. A gente não faz idéia de por onde começar a procurar. O que espera descobrir?

Jonathan apontou a frente do carro para baixo da encosta e pisou no acelerador.

– Eu sei como descobrir quem mandou essas malas para Emma.

20

ÀS CINCO PARA A MEIA-NOITE, uma van sem identificação visível encostou na plataforma de entregas nos fundos da sede da Robótica AG, no bairro industrial de Zurique. Quatro homens saltaram. Todos vestiam roupas escuras e usavam gorros abaixados até quase cobrir os olhos, luvas cirúrgicas e sapatos de sola de borracha. O líder, quase 10 centímetros mais baixo do que os outros três, arranhou de leve a porta do carona, e a van foi embora.

Subindo na plataforma, ele passou pela cortina de aço corrugado que protegia o local das entregas. Trazia na mão duas chaves. A primeira desarmou o circuito de segurança. A segunda abriu a entrada de serviço. Os homens entraram no prédio às escuras em fila indiana.

– A gente tem 17 minutos até a próxima ronda do vigia – disse o inspetor-chefe Markus Von Daniken, enquanto fechava a porta atrás deles. – Sejam rápidos, cuidado com o que tocarem e – sob nenhuma hipótese, não tirem nada do local. Lembrem-se: não estamos aqui.

Os homens sacaram lanternas dos casacos e começaram a descer o corredor. Junto com Von Daniken estavam Myer, do setor de Logística/Apoio, Kübler, dos Serviços Especiais, e Krajcek, do Batalhão de Choque. Todos tinham sido postos a par das circunstâncias relativas à operação. Todos sabiam que, se fossem pegos, seria o fim de suas carreiras e tinham chance de ir para a cadeia. A lealdade a Von Daniken superava todos esses riscos.

Myer, da Logística, era quem havia entrado em contato com a seguradora para conseguir os horários do vigia, bem como as chaves para entrar no prédio em segurança. A indústria suíça tinha um longo histórico de cooperação com a Polícia Federal.

Deixando os outros passarem na frente, Kübler tirou da bolsa um dispositivo retangular parecido com um celular grande e volumoso e segurou-o na frente do corpo. Caminhou devagar até o corredor, com os olhos grudados no histograma que pulsava no monitor de cristal líquido. De repente, parou e apertou o botão vermelho sob o polegar. O histograma desapareceu. Em seu lugar surgiu escrito “Am-21”. Ele ergueu os olhos. Bem acima de sua cabeça havia um detector de fumaça.

O aparelho em sua mão era um sensor manual de explosivos e radiação. O Am-21 – ou americium-21 – não o preocupava: era um mineral usado em detectores de fumaça. Estava procurando alguma coisa um pouco mais instigante. Continuou a descer o corredor, acenando com o sensor de radiação à frente do corpo, como se fosse uma varinha de condão. O lugar parecia limpo. Até agora.

Von Daniken não tinha a chave da sala de Theo Lammers. Por mais que se mostrasse cooperativa, a seguradora não podia fornecer algo que não tinha, e o escritório do principal executivo da empresa estava além do seu alcance. Myer abriu no chão um rolo de camurça contendo seus pés-de-cabra e matrizes e pôs-se a trabalhar. Antigo instrutor da academia de polícia do cantão, ele precisou de apenas 30 segundos para abrir a fechadura.

Von Daniken varreu a sala com a lanterna. O MVA estava em cima da mesa onde o vira da última vez. Ele o pegou, examinando-o de vários ângulos. Incrível um aparelho tão pequeno poder viajar a velocidades tão grandes. O que o interessava mais era sua finalidade, fosse ela pacífica ou não.

Largou o MVA, tirou várias fotos dele com a câmera digital e passou então à mesa de Lammers. Surpreendentemente, as gavetas estavam destrancadas. Uma depois da outra, foi retirando as pastas do executivo, espalhando os documentos sobre a mesa e fotografando-os. A maioria parecia ser correspondência de clientes e memorandos internos. Não viu nada que indicasse por que um homem acharia necessário ter em casa três passaportes e uma Uzi carregada.

“Esta é a vida pública dele”, pensou Von Daniken. O lado sorridente do espelho.

– Doze minutos – sussurrou Krajcek, enfiando a cabeça dentro da sala. Krajcek era o braço armado, e a submetralhadora Heckler & Koch MP-5 com silenciador que trazia nas mãos confirmava isso.

A agenda.

Von Daniken a viu quase por acidente, em cima do aparador, ao lado de um retrato de Lammers com a mulher e os filhos. Pegou o volume encadernado em couro e folheou as páginas. As anotações eram sucintas, quase codificadas, a maioria delas lembretes de reuniões com nomes de alguma empresa e seu representante. Olhou a última anotação, feita no dia de sua morte. Jantar às 19 horas no Ristorante Emilio com um tal de "G. B.". Ao lado estava escrito um número de telefone.

Von Daniken fotografou a página.

Depois de terminar no escritório, ele e Myer passaram pela recepção e atravessaram duas portas de vaivém, até o andar onde ficava a fábrica.

– Onde é a oficina dele? – perguntou Myer, enquanto os dois serpenteavam entre várias estações de trabalho móveis.

– Como é que eu vou saber? Só me disseram que Lammers construía os MVAs aqui.

Myer parou e segurou-o pelo braço.

– Mas tem certeza de que é aqui?

– Quase. – Von Daniken se lembrou de que a assistente de Lammers não havia mencionado especificamente que a oficina ficava na sede da empresa.

– Quase? – repetiu Myer. – Estou pondo a minha aposentadoria em risco por um "quase"?

Uma baia fechada ocupava o canto mais afastado do aposento. Entrava-se lá por uma porta de aço onde havia uma placa dizendo "Privado".

– Tenho quase certeza de que é ali – disse Von Daniken.

Myer ajoelhou-se e usou a lanterna para examinar a fechadura.

– Trancado que nem o Banco Nacional – murmurou.

– Você consegue abrir? – perguntou Von Daniken.

Myer lhe lançou um olhar hostil.

– Tenho quase certeza que sim.

Desembalou as ferramentas e começou a enfiá-las dentro da fechadura uma após outra. Von Daniken ficou parado junto dele com o coração batendo tão forte que poderia ter sido ouvido na Austrália. Não fora feito para esse tipo de coisa. Primeiro invasão de estabelecimento sem mandado e agora violação de propriedade particular. Que bicho o havia mordido? Nunca fora muito chegado àquelas histórias de espionagem. A verdade é que ele era um burocrata e tinha orgulho disso. Cinqüenta anos era um pouco tarde para participar da primeira operação clandestina.

– Nove minutos – disse Krajcek, cuja voz impassível ecoou no fone de ouvido de Von Daniken.

A essa altura, Kübler e seu detector de radiação já tinham chegado ao andar da fábrica. Ele moveu o detector para a direita, e o histograma indicou outra coisa. A tela exibia a fórmula C3H6N6O6, e ao seu lado a palavra "ciclotrimetilenotrinitramina". Reconheceu o nome, mas

estava mais acostumado a chamar aquilo pela marca: RDX. Talvez, no final das contas, aquela busca não fosse se revelar totalmente inútil.

– Oito minutos – disse Krajcek.

Ajoelhado no chão da fábrica, Myer manipulava dois pés-de-cabra como um mágico.

– Pronto – disse, quando os cilindros se encaixaram e a porta se abriu.

Von Daniken entrou. O facho de sua lanterna recaiu sobre uma bancada de trabalho coalhada de ferramentas, alicates, parafusos, fios e pedaços de metal. Bastou uma olhada para saber que a tinham encontrado. A oficina de Theo Lammers.

Von Daniken acendeu a luz. Era uma versão maior do que vira na noite anterior, em Erlenbach. Havia pranchetas de um lado e de outro da sala. Ambas estavam cobertas com desenhos mecânicos e plantas esquemáticas. No chão havia todo tipo de caixa. Ele reconheceu os nomes impressos nelas como fabricantes de equipamento elétrico.

Preso à parede mais próxima, um desenho de algum tipo de aeronave. Na ponta dos pés, ele estudou as especificações. Comprimento: 2 metros. Envergadura: 4,5 metros. Aquilo não era um MVA. Aquilo era de verdade. Os desenhos identificavam o objeto como um avião teleguiado, as aeronaves movidas a controle remoto usadas para sobrevoar território inimigo e, se não estava enganado, para disparar mísseis de vez em quando. A idéia arrepiou os pêlos de sua nuca. Ali, pregada ao lado do desenho, estava uma fotografia da aeronave em si. Era grande mesmo. Do tamanho de um condor. Um homem estava em pé ao seu lado. Cabelos escuros. Moreno. Ele aproximou a fotografia. A indicação da data mostrava que fora tirada na semana anterior. Virou-a. No verso estava escrito "T. L. e C. E." e uma data. T. L. era Lammers. Quem era C. E.?

– Quatro minutos – disse Krajcek.

Von Daniken trocou olhares preocupados com Myer. Os dois continuaram a busca. Myer revirou as caixas, enquanto Von Daniken examinava os papéis sobre as pranchetas.

– Dois minutos – avisou Krajcek.

Nesse instante, Von Daniken lembrou-se das iniciais da agenda de Lammers. G. B. Tornou a olhar o verso da fotografia. As iniciais não eram "C. E.", mas "G. B.".

Localizou a foto que havia tirado e usou o zoom embutido na câmera para ler o telefone escrito ao lado das iniciais G. B. Código de área 078. Tessin, o cantão mais ao sul da Suíça, onde ficavam as cidades de Lugano, Locarno e Ascona. Era sua primeira pista de verdade.

Foi então que viu Kübler em pé no vão da porta. O homem não disse nada, mas andou na direção dos outros dois feito um robô, com os olhos pregados no detector de radiação.

– RDX – falou. – Isto aqui está impregnado.

Não era preciso explicar as iniciais. RDX, sigla de Royal Demolition Explosive, ou Explosivo Real de Demolição, era um velho conhecido de qualquer funcionário de segurança pública envolvido com contraterrorismo. Inicialmente desenvolvido pelos britânicos antes da Segunda Guerra Mundial, o RDX era o principal componente de vários tipos de explosivos plásticos e a carga detonadora usada em todas as armas nucleares.

Von Daniken se sentiu completamente sem fôlego. Um avião teleguiado, uma empresa que fabricava sistemas de rastreamento hiperprecisos e agora explosivos plásticos.

– Mas não estou vendo nada aqui – reclamou. – Onde poderia estar escondido?

– Não está aqui agora. Só estou captando rastos. Mas as indicações são recentes.

– Quão recentes?

Kübler estudou a tela.

– Pela taxa de decomposição, eu diria 24 horas.

Antes do jantar de Lammers com G. B.

– Sessenta segundos – disse Krajcek. – O carro do vigia está a três quarteirões daqui e se aproxima.

– Fora daqui – disse Von Daniken, enquanto fotografava freneticamente os desenhos. Kübler saiu correndo da oficina. Myer foi atrás. Von Daniken partiu em direção à porta. Foi quando ia apagar a luz que o viu.

Um irmão menor.

No outro canto da sala, recuada sobre uma prateleira debaixo da bancada, estava uma versão menor do MVA, no escritório de Lammers, com metade do tamanho, talvez – não mais de 20 centímetros de comprimento e outros 20 de altura. As asas, porém, estavam cortadas em um formato diferente e eram quase triangulares. Observou que estavam afixadas a um eixo central e que subiam e desciam como as asas de um pássaro.

Sem saber se ficava ou se ia embora, correu até lá e pegou a aeronave em miniatura. O conjunto não pesava mais de meio quilo. Não era exatamente leve como uma pluma, mas quase isso.

“Isto aqui voa mesmo?”, perguntara ele a Michaela Menz mais cedo, naquela tarde.

“Claro”, fora a resposta indignada. “Eles são lançados da plataforma de carga.”

Von Daniken observou que a parte de baixo das asas estava coberta com um material leve, tensionado, pintado de amarelo vivo e estampado com desenhos pretos conhecidos.

Myer tornou a entrar na sala.

– Porra, cara, o que você está fazendo? A gente tem que sair daqui!

Von Daniken ergueu o MVA.

– Olhe para isto.

– Deixe isso aí! – disparou Myer em resposta. – Que diabo você vai querer com uma borboleta de brinquedo?

21

DO LADO DE FORA DA CIDADE DE VIENA, na aldeia de construções de madeira de Sebastiansdorf, as luzes ardiam nas janelas do Flimelen, um tradicional retiro austríaco de caçadores. Construída para acolher o imperador Francisco José, a extensa propriedade tinha ido à cova com seu dono após a Primeira Guerra Mundial. Durante 40 anos, ficara abandonada, sem ninguém para cuidar dela. Janelas quebradas, portas arrancadas para servir de lenha, as pedras dos alicerces retiradas para construir outras casas menos majestosas: o lugar parecia ter sido totalmente engolido pela própria floresta.

Então, em 1965, ele renasceu. De um dia para outro, operários chegaram e começaram a restaurar o edifício decrépito. Novas janelas foram colocadas. Portas resistentes instaladas. Mais adiante na estrada, construíram uma guarita. Necessitada de um refúgio isolado onde pudesse discutir suas questões mais confidenciais, outra organização havia tomado Flimelen para si. Não era um governo, mas uma criação de muitos governos preocupados em evitar tragédias ou guerra.

Quatro homens e uma mulher se sentavam em volta de uma mesa comprida no Salão Principal. A cabeceira era presidida por um homem rígido e carrancudo, do Oriente Médio, com uma franja grisalha e um bigode bem aparado. Usava uns óculos estreitos de intelectual e, de fato, era formado em Direito e Diplomacia pelas Universidades do Cairo e de Nova York. Embora fosse quase meia-noite e os outros já tivessem tirado as gravatas e afrouxado os colarinhos havia muito tempo, ele ainda estava de paletó, com a gravata impecável. Considerava sua posição com tremenda seriedade. Pelos seus esforços, tinha recebido o Prêmio Nobel da Paz. Poucas pessoas podiam se gabar de que o destino do mundo dependia delas sem serem tachadas de mentirosas arrogantes e deslavadas. Ele era uma delas.

Seu nome era Mohamed ElBaradei. Era presidente da AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica.

– Não pode ser – disse ElBaradei, correndo o dedo pelo relatório.

– Infelizmente, não há dúvida – disse o homem ao seu lado, Yuri Kulikov, um russo com o rosto impassível de um jogador de pôquer, que chefiava o Departamento de Energia Nuclear da AIEA.

– Mas como? – ElBaradei olhou para os rostos reunidos em volta da mesa. – Se for mesmo verdade, nós cometemos uma falha terrível.

– Um programa de farsa institucionalizada – disse Kulikov. – Uma fraude. Durante anos, concentramos nossas inspeções em um só local, enquanto eles trabalhavam secretamente em outro.

Os homens e a mulher sentados ao seu lado eram os membros mais importantes do corpo de profissionais que administrava a AIEA. Oniguchi, japonês, chefiava a Ciência Nuclear e Aplicações; Brandt, austríaca e única mulher na sala, administrava a Cooperação Técnica; Kulikov; e Pekkonen, o corpulento finlandês, era chefe do Departamento de Prevenção e Verificação, o mais conhecido da AIEA.

– Não há como questionar a exatidão dos dados – disse Pekkonen. – O sensor estava equipado com um chip de última geração, capaz de identificar marcadores de emissões de raios gama com 10 vezes mais precisão do que o modelo anterior.

ElBaradei não tinha formação científica, mas 20 anos de trabalho na AIEA de Viena haviam lhe ensinado os princípios da física nuclear. Emissões de materiais radioativos, como urânio ou plutônio, produzem marcadores únicos. Quando medidos com exatidão, esses marcadores indicam a idade e o grau de enriquecimento do material radioativo e – mais importante ainda no que dizia respeito a ele e aos outros indivíduos sentados em volta daquela mesa – também o uso pretendido.

Em sua forma natural, o urânio não poderia ser usado para produzir uma reação nuclear. Precisava ser enriquecido, ou injetado com um isótopo específico – o urânio-235. A forma mais usual de fazer isso era processar hexafluoreto de urânio gasoso através de uma centrífuga, um tambor de metal em rotação rápida. A cada vez que o gás passava pela centrífuga era mais enriquecido. Para acelerar o processo, as centrífugas eram conectadas entre si, de modo

que o gás cascateava de uma para outra. O caminho rumo ao sucesso era bem direto: quanto mais centrífugas, mais rápido o urânio poderia ser enriquecido.

Para ser usado em centrais de energia nuclear, o mineral radioativo precisava ser enriquecido a 30%. Como material de fissão – ou seja, para ser capaz de gerar uma reação nuclear –, precisava alcançar um nível de 93%. O papel sob os olhos de ElBaradei indicava marcadores de raios gama de impressionantes 96%.

– A borboleta passou sete dias sobrevoando a área – continuou Pekkonen. – Durante esse tempo, enviou milhares de medições atmosféricas. É improvável que estejam todas erradas.

– Mas essas leituras são astronômicas – protestou ElBaradei. – Como é que eles poderiam ter escondido isso de nós durante tanto tempo?

– A nova instalação ficava sob o solo, disfarçada de reservatório subterrâneo.

– Se está tão bem disfarçada, como foi que descobrimos?

Pekkonen inclinou-se para a frente, e a mecha de cabelos louros de sua franja contrastou com sua pele avermelhada.

– Um boato sobre a localização foi transmitido por um membro da delegação norte-americana junto às Nações Unidas. Vinha de uma fonte muitíssimo bem posicionada no governo iraniano. Os americanos acharam que poderíamos confirmar ou desmentir a informação. Tínhamos uma equipe de inspeção em um país 160 quilômetros mais para o sul. Conseguimos lançar e monitorar a borboleta de lá, sem atrair atenção.

– E vocês fizeram isso sem a minha aprovação, em total violação à nossa regra de inspecionar os locais com a permissão e a cooperação de nossos anfitriões?

Pekkonen aquiesceu.

– Muito bem – disse ElBaradei. – Os americanos já sabem o que descobrimos?

– Não, senhor.

– Que continue assim. – ElBaradei olhou para os rostos em volta da mesa. – Um ano atrás, chegamos ao consenso de que o Irã tinha 500 centrífugas e não conseguiria enriquecer mais de meio quilo de urânio a 60%. Nem perto do grau necessário para armamento. Agora isso! De quantas centrífugas precisamos exatamente para gerar esse tipo de leitura?

– Mais de 50 mil – disse Oniguchi, da Ciência Nuclear.

– E onde é que devemos supor que eles conseguiram essas centrífugas? Não se trata de um caixote de iPods falsificados. É um avião inteiro lotado com as máquinas mais monitoradas e mais regulamentadas do mundo.

– Evidentemente foram contrabandeadas – disse Pekkonen.

– Evidentemente – repetiu ElBaradei. – Mas por quem? De onde? Eu tenho 400 inspetores cuja função é ficar de olho nesse tipo de coisa. Até cinco minutos atrás, achava que eles fossem muito competentes. – Ele tirou os óculos e colocou-os sobre a mesa. – Então? Que quantidade de urânio em grau de armamento devemos supor que eles têm hoje?

Nervoso, Pekkonen olhou para o chefe.

– Senhor, nós concluímos que a República do Irã possui atualmente não menos de 100 quilos de urânio-235 enriquecido.

– Cem quilos? E quantas bombas eles podem fazer com isso?

O finlandês engoliu em seco.

– Quatro. Talvez cinco.

Mohamed ElBaradei tornou a pôr os óculos. Quatro. Talvez cinco. Seria a mesma coisa se ele tivesse dito mil.

– Até recebermos uma avaliação independente desse material, ninguém nesta sala deve repetir nada sobre essas descobertas.

– Mas não devemos compartilhar... – começou Milli Brandt, a austríaca.

– Nenhuma palavra – vociferou ElBaradei. – Nem com os americanos. Nem com nossos colegas em Viena. Quero silêncio absoluto. A última coisa de que precisamos é de um incidente antes de conseguirmos confirmar as informações.

– Mas, senhor, nós temos responsabilidade – insistiu ela.

– Tenho total consciência das nossas responsabilidades. Estou sendo claro?

Milli Brandt balançou a cabeça, mas seus olhos sugeriam uma decisão diferente.

– A sessão está encerrada.

Enquanto esperava os outros saírem, ElBaradei ficou sentado escutando o vento sacudir as janelas, atormentado pelos próprios pensamentos. Por fim, a porta bateu. As vozes silenciaram. Estava sozinho.

Unindo as mãos, olhou para o céu noturno. Não era um homem religioso, mas se viu entrelaçando os dedos em uma prece. Se a notícia do relatório saísse daquela sala, as conseqüências seriam imediatas e devastadoras.

– Deus nos ajude – sussurrou ele. – Vai ser guerra.

22

O PILOTO CORREU A MÃO PELAS ASAS da aeronave enquanto completava a verificação pré-decolagem. Tanques de combustível cheios. Líquido anticongelante no nível máximo. A aeronave estava pronta para levantar vôo. Ele saiu andando pela pista de pouso, chutando pedrinhas soltas no chão.

Nessa noite faria o último teste de vôo. Era imprescindível que tudo fosse ensaiado exatamente como no dia de verdade. Repetição gerava precisão, e precisão gerava sucesso. Tinha aprendido essas regras pelo caminho mais difícil. Seu corpo exibia as cicatrizes de sua ignorância. Caminhando de volta na direção do avião, deu duas batidinhas na asa para dar sorte e, em seguida, entrou.

Muitos anos haviam se passado desde a sua última missão de combate. Nessa época, ele era jovem, inconseqüente e bonito. Beberrão. Conquistador. Um homem que desprezava a Trilha dos Justos. Olhou para sua imagem no espelho. Não era mais jovem nem inconseqüente, tampouco bonito.

Não conseguia olhar para o próprio rosto sem se lembrar. As recordações daquele lugar perdido nunca estiveram enterradas a fundo; eram um fantasma sempre presente envolto em medo, culpa e fogo. Lembrou-se da noite no deserto. A animação, a promessa de vitória, a certeza de que Deus lutava do seu lado. Do lado dos fiéis. Podia ouvir suas vozes. Amigos, companheiros. Irmãos.

Então, de repente, o haboob, uma imensa nuvem de areia girando furiosamente, saída do chão do deserto e subindo quase dois quilômetros pelo céu, envolvendo a todos, criando caos, tumulto e coisas ainda piores.

A missão terminou em chamas. Oito homens morreram queimados. Outros cinco ficaram gravemente feridos, entre os quais ele, com queimaduras de terceiro grau cobrindo 70% do corpo.

Nos dias seguintes – longos dias pontuados pela dor e pela dúvida – ocorreu-lhe que havia sido poupado por um motivo. Recebera uma segunda chance. As cicatrizes que carregava serviam para lembrá-lo disso, para assegurar sua obediência a Ele. Embora o Todo-Poderoso tivesse roubado seus dotes físicos, presenteara-o com um despertar espiritual. Puxara-o para perto de Si e falara com ele. Para torná-lo um de Seus servidores particulares. Um eleito. Tudo tinha um propósito, e esse propósito estava próximo.

O piloto ardia pelo susto. Vivia apenas para o seu retorno.

Dentro da pequena sala, reuniu os membros da equipe. Todos se deram as mãos.

– Ó Senhor, cheio de poder, rezo para que apresse a vinda do seu derradeiro emissário, o Prometido, o ser humano perfeito e puro, Aquele que irá encher este mundo de justiça e paz.

O círculo se desfez. Cada um dos homens ocupou sua posição.

O piloto se aproximou com apreensão dos controles do avião. Muita coisa havia mudado desde a última vez que voara em missão de combate. No lugar de uma profusão de mostradores e instrumentos, encarou uma parede de seis monitores de tela plana, exibindo as funções cruciais da aeronave. Sentou em seu lugar e orientou-se. Segurou o manete e passou alguns instantes familiarizando-se com ele.

– Verificação dos sistemas finalizada – disse um dos técnicos. – Conexão com o solo estabelecida. Ligação com satélite estabelecida. Vídeo funcionando.

– Afirmativo. – O piloto deu a partida no motor. As luzes verdes do painel de controle se acenderam. A única turbina Williams girou, emitindo um ronco regular, enquanto ele executava a preparação para a decolagem.

Eram 2 horas da manhã. Do lado de fora da cabine do piloto, a noite estava escura como breu. Nem uma única luz brilhava no vale alpino onde seria feito o teste. Ele manteve os olhos cravados na tela posicionada no centro do painel de controle, onde uma câmera infravermelha montada no nariz do avião proporcionava uma imagem verde fosforescente e granulada da pista. Era como ver o mundo através de um canudo de refrigerante.

– Requisitando permissão para decolar.

– Permissão concedida. Tenha um bom vôo. Allahu akbar. Deus é grande.

O piloto empurrou o acelerador para a frente, soltou o freio e o avião começou a percorrer a pista. Quando atingiu a velocidade de 100 nós, puxou o manche e o avião ergueu-se no ar.

Ele estudou o radar do solo. Aquele vale era cercado de montanhas, algumas cuja altura chegava a 4 mil metros. A localização não era ideal, mas proporcionava um elemento fundamental: privacidade. Aumentou a velocidade para 250 nós e baixou os flapes. A aeronave respondeu muito bem, reagindo a seus comandos com apenas um pequeno atraso. Em seguida, caiu para a direita, e seu corpo se inclinou junto com o avião.

– Executando Teste Um – falou, depois de completar um circuito pelo vale.

Estudou seu radar. Instantes se passaram, e um ponto apareceu piscando. O alvo estava a seis quilômetros de distância, ganhando altitude. Ele apertou um botão e batizou aquele ponto de "Alfa 1". O computador de bordo traçou um caminho direto até o alvo.

– Iniciando perseguição do alvo. Contato em dois minutos e dez segundos.

– Dois minutos e dez – respondeu o controle de solo.

Ele alinhou a aeronave atrás do alvo. O ponto se aproximou mais do centro do monitor. Estava a apenas um quilômetro de distância e 200 metros abaixo dele. Nesse exato momento, o avião entrou numa nuvem. Sua visão foi reduzida a zero. Verificou um segundo monitor, de imagem infravermelha. Não havia sinal de calor. Uma rajada violenta empurrou o nariz do avião para baixo. Um alarme disparou. O alerta de ângulo crítico. Um raio de pânico varou sua espinha. Era como a noite no deserto tantos anos atrás. Sentiu que estava novamente preso no haboob, o redemoinho de poeira que se erguia do chão do deserto e subia vários metros no céu, em espiral. Seus olhos pulavam de um monitor para outro.

Confie nos seus instrumentos. Era a regra de ouro dos pilotos.

Lembrou-se da colisão. O combustível de jato se derramando sobre seu corpo, incinerando seu co-piloto. O cheiro medonho de carne queimada. A sua carne.

Confie nos seus instrumentos.

Dessa vez era outra voz que lhe falava. Uma voz calma, impossível de conter. Confie em mim, dizia.

Ele puxou o manche na sua direção e empurrou o acelerador para a frente. Velocidade: 300 nós. O nariz subiu. De repente, saiu da nuvem. As estrelas reluziram acima dele. Sua pulsação desacelerou, mas ele podia sentir o suor escorrendo pelas costas.

Posicionou-se novamente atrás do alvo. Quando estava a 500 metros, armou a nacela. O alvo surgiu em seu campo de visão, aproximando-se como uma imensa baleia. Ele aumentou a velocidade e aproximou-se para o ataque.

Três... Dois... Um.

A aeronave bateu no objeto. No monitor, o pontinho batizado de Alfa 1 desapareceu.

– Disparo certeiro. Alvo destruído – anunciou o controle de solo. – Teste finalizado.

A equipe deu vivas. Dessa vez, o alvo fora uma simulação gerada pelo computador.

O piloto deu uma volta pelo vale e aterrissou a aeronave sem percalços. Ao sair da cabine, atravessou a sala de controle e afastou as cortinas de uma grande janela de vidro. Do lado de fora, na estrada, o avião teleguiado que ele havia pilotado por controle remoto estava sobre o asfalto. Um grupo de homens em volta da aeronave começou a desmontá-la.

Ele baixou os olhos e agradeceu.

Da próxima vez seria para valer.

23

O RELÓGIO MOSTRAVA 4H41 quando Jonathan parou o carro no acostamento e desligou o motor. A chuva batia no pára-brisa. À sua frente, encoberto na bruma, havia um prédio de três andares, feito de pedra e terracota.

– Mas ainda nem abriu – disse Simone. – Não tem ninguém aí.

Jonathan apontou para dois varais amarrados na janela do segundo andar.

– O chefe da estação mora em cima do escritório. – Estendeu a mão espalmada. – Está com você?

Simone tirou da bolsa a credencial do sargento Oskar Studer.

– E se ele não acreditar?

– São 5 horas da manhã. A última coisa que ele vai fazer é questionar um policial que aparecer na sua porta. Além do mais, não posso chegar mostrando essa credencial à luz do dia, a menos que engorde 20 quilos, raspe a cabeça e quebre o nariz umas duas vezes. Dê uma olhada. O que você vê?

Jonathan segurou a credencial ao lado do rosto. Simone moveu a cabeça para a frente e para trás, apertando os olhos para se concentrar na fotografia três por quatro. Jonathan lhe deu três segundos, em seguida fechou a carteira de couro.

– Então?

– Está escuro demais. Não consegui ver nada.

– Justamente.

Mas Simone não se deixou convencer tão facilmente.

– Mas como é que você sabe que vai encontrar alguma coisa?

Jonathan tirou os tíquetes do bolso e guardou-os na carteira junto com a credencial.

– Ninguém manda essa quantidade de dinheiro sem um jeito de pegar de volta.

Simone sacudiu a cabeça. De braços cruzados, já sem a coragem de antes, ela parecia menor, mais velha, e não mais sua cúmplice voluntária.

– Sério, Jon, eu acho que a gente deveria esperar.

– Sente no banco do motorista. Se eu não voltar em 15 minutos, vá embora.

Ele abriu a porta e saiu para a chuva.

– Si?

Um homem com a barba por fazer, usando um pijama de flanela, encarou-o com olhos cheios de sono por uma fresta da porta. Jonathan ergueu a credencial do sargento para poder lhe mostrar.

– Signor Orsini – começou, em um italiano eficiente. – Kantonspolize, de Gräubunden. Precisamos da sua ajuda.

Orsini arrancou a credencial da mão de Jonathan e aproximou-a do rosto. Focou o olhar.

– Que história é essa que não pode esperar até de manhã? – perguntou, deslocando os olhos da credencial para o homem em pé à sua frente e vice-versa.

– Já está de manhã – disse Jonathan, arrancando a credencial de volta. Ele se postou bem no vão da porta, forçando o superintendente a recuar para dentro de casa. – Houve um assassinato. Um colega meu. Meu parceiro, na verdade. Talvez o senhor tenha visto no noticiário.

Esperou Orsini fazer algum comentário sobre a fotografia, mas este parecia apenas irritado.

– Não vi, não – respondeu. – Ninguém me ligou para falar sobre isso.

Jonathan prosseguiu como se não desse a mínima para quem havia ou não telefonado.

– Algumas horas atrás, descobrimos que umas malas pertencentes ao suspeito foram enviadas em um trem que partiu da sua estação. Temos os canhotos. Precisamos do nome da pessoa que as deixou com o senhor.

– O senhor tem uma autorização escrita? – perguntou Orsini.

– Claro que não. Não houve tempo. O assassino está vindo para cá.

A notícia não afetou Orsini em nada.

– Onde está Mario? O tenente Conti?

– Ele me pediu para ir direto para a estação.

Orsini pensou um pouco enquanto fungava e puxava a calça do pijama para cima.

– Me dê um minuto. – A porta se fechou.

Orsini tornou a surgir cinco minutos depois, com os cabelos bem penteados, o rosto lavado, vestido para trabalhar, com uma calça cinza e uma jaqueta azul grossa de carregador. Jonathan o seguiu pela lateral do prédio até o escritório, onde eram emitidas as passagens.

Um minuto depois, Orsini estava sentado à sua escrivaninha, digitando os números dos tíquetes de bagagem no computador.

– Vejamos... enviadas para Landquart... recolhidas ontem à tarde. Basta! Tarde demais. Depois que as malas são recolhidas, o arquivo é deletado automaticamente. Não posso ajudá-lo.

A expressão resignada de Orsini enfureceu Jonathan.

– Existe algum outro registro da transação? – perguntou ele. – Talvez quando o cliente comprou a passagem? Estamos falando de assassinato. Não de uma bolsa roubada. Arrume esse nome para mim! – Ele bateu com a mão espalmada na mesa.

Orsini se retraiu, mas instantes depois teclava como um maluco.

– As passagens foram compradas em dinheiro vivo... tive de preencher um recibo... espere um pouco...

Ele se levantou e passou por Jonathan até uma fileira de arquivos. Nervoso e murmurando consigo mesmo, foi puxando maço após maço de recibos, examinando cada um, antes de jogá-los sobre a mesa ao seu lado. De repente, bateu com os dedos em um recibo específico.

– Achei!

Jonathan postou-se ao seu lado.

– Quem é?

– Blitz. Gottfried Blitz. Villa Principessa. Via della Nonna. – A voz de Orsini era vitoriosa enquanto ele estudava os recibos. – Então, está feliz agora?

Quando se virou, porém, viu que a sala estava vazia. Jonathan já tinha ido embora.

24

MARCUS VON DANIKEN ANDAVA de um lado para outro pelo terminal de passageiros do aeroporto de Bern-Belp. Um helicóptero Sikorsky estava na pista, enquanto uma equipe terminava de descongelar as hélices. A torre havia sido alertada de que o tempo sobre os Alpes estava abrindo e que tinham uma janela de 60 minutos para subir as montanhas e chegar ao Tessin antes de a frente fria seguinte chegar e novamente dividir o país entre norte e sul. Voar não era a atividade preferida de Von Daniken, mas nessa manhã não havia escolha. Um caminhão de nove eixos tinha capotado na entrada norte do túnel de Gotthard e o congestionamento estendia-se por 25 quilômetros.

Um anúncio foi feito para embarcarem no helicóptero. Relutante, ele saiu do espaço aquecido do terminal seguido por Myer e Krajcek.

– Quanto tempo? – perguntou ao piloto quando subia a bordo.

– Noventa minutos... se o tempo se mantiver. – A resposta foi acompanhada pela oferta de um saquinho para enjôo.

Von Daniken apertou com firmeza o cinto de segurança. Olhou para o saquinho de papel branco no colo e murmurou uma prece curta.

♦ ♦ ♦

O helicóptero aterrissou em um campo de pouso nos arredores de Ascona, às 9h06. Durante o vôo, ventos de frente violentos sacudiram a aeronave como uma bola de pingue-pongue em um sorteio de loteria. O piloto perguntou duas vezes a Von Daniken se ele queria voltar. A cada vez, Von Daniken só fazia sacudir a cabeça. Pior do que o enjôo era a suspeita de que Blitz, naquele exato momento, estava fazendo as malas e escapulindo pela fronteira italiana.

O número anotado na agenda de Lammers fora identificado como pertencente a um certo Gottfried Blitz, morador da Villa Principessa, em Ascona. Um telefonema havia alertado a polícia local sobre a chegada iminente de Von Daniken. Foram dadas instruções para que ninguém tentasse, em nenhuma circunstância, contactar ou prender o suspeito.

O motor gemeu e, em seguida, parou por completo. As hélices diminuíram a velocidade e curvaram-se sob o próprio peso. Quando Von Daniken pousou os pés no chão, por pouco não caiu de joelhos e beijou o asfalto. Chovesse ou fizesse sol, iria voltar para casa de carro.

O tenente Mario Conti, chefe de polícia de Tessin, esperava na beira do heliporto.

– O senhor vai comigo até a casa de Blitz – disse ele. – Acho que seu assistente já está lá.

Von Daniken caminhou até o carro estacionado. O barulho do motor do helicóptero ainda ecoava em seus ouvidos.

– Meu assistente? Meus homens são estes aqui: Sr. Myer e Sr. Krajcek. Ninguém mais do meu escritório está trabalhando neste caso.

– Mas hoje de manhã eu recebi uma ligação do Sr. Orsini, chefe da estação ferroviária, dizendo que tinha recebido a visita de um policial perguntando sobre as malas. Imaginei que estivesse trabalhando no mesmo caso que o senhor.

– O senhor está falando de que malas exatamente? – perguntou Von Daniken, parando de modo abrupto.

– As que foram enviadas para Landquart – explicou Conti. – O policial informou ao Sr. Orsini que elas pertenciam ao suspeito do assassinato do policial de ontem.

– Não estou investigando a morte do policial de Landquart. Não mandei ninguém falar com o chefe da estação.

Conti balançou a cabeça e suas faces perderam a palidez.

– Mas esse policial... ele mostrou a credencial. Tem certeza de que vocês não estão trabalhando juntos?

Von Daniken ignorou a pergunta e foi direto ao ponto.

– O que esse homem queria exatamente?

– O nome e o endereço da pessoa que tinha enviado as malas originalmente.

Von Daniken se encaminhava para o carro. Quando começou a entender, apressou o passo.

– E o nome da pessoa era...

– Blitz – disse o chefe de polícia, quase correndo para acompanhá-lo. – O homem que o senhor está procurando, é claro. Ele mora em Ascona. Alguma coisa errada?

Von Daniken abriu a porta de passageiros.

– Quanto tempo leva daqui até a casa dele?

– Vinte minutos.

– Temos que chegar lá em 10.

25

A BRUMA DESCIA PELA ENCOSTA DA MONTANHA, enroscando-se em volta dos prédios centenários e serpenteando por becos estreitos de paralelepípedo. O homem conhecido profissionalmente como Fantasma cruzou de carro a tranqüila cidadezinha turística de Ascona. Em várias ocasiões ele foi forçado a diminuir a velocidade até quase parar o carro, por causa da névoa espessa que engolia a rua.

"Névoa... ela o seguia por toda parte..."

"Havia névoa no dia em que os comandos chegaram", recordou ele, enquanto prosseguia pelas colinas ao redor da cidade, passando por ruazinhas bucólicas, margeadas de casas rústicas e jardins bem cuidados. Não uma névoa como aquela. Mas uma névoa noturna do alto vale de montanha onde sua família plantava café, uma bruma dissimulada e serpenteante como uma cobra venenosa. Fora obrigado a ficar olhando, enquanto os soldados arrancavam os pais da cama, arrastavam-nos até o lado de fora, despiam-nos e forçavam-nos a se deitar nus na lama. Depois pegaram suas irmãs, inclusive Teresa, que não tinha nem 5 anos. Ele fechou os olhos, mas não conseguiu deixar de ouvir seus gritos, o lamento de seus espíritos lutando até as últimas forças. Depois de terminarem, os soldados mataram as meninas com tiros na barriga. Alguns entraram na casa e encontraram o precioso uísque escocês de seu pai. Foram para a varanda, bebendo e fazendo piadas, enquanto as suas irmãs iam embora deste mundo.

Ele era um menino, tinha só 7 anos e estava aterrorizado. O comandante enfiou uma pistola em sua mão e marchou junto com ele até seus pais, que foram obrigados a se ajoelhar. O sujeito segurou a mão dele com a sua, ergueu-a e guiou seu dedo até o gatilho. Então, sussurrou em seu ouvido que, se o menino quisesse viver, teria de matar os pais. Dois tiros ecoaram em rápida sucessão. Seu pai e sua mãe caíram lado a lado na lama. Fora o menino quem havia puxado o gatilho.

Em seguida, sem demonstrar nem medo nem hesitação, voltou a arma contra si mesmo.

Milagrosamente, não morreu.

Impressionado com aquela exibição de coragem resoluta, o comandante tomou uma decisão. Em vez de deixá-lo ali com o pai, a mãe, as quatro irmãs e o cachorro, para servir de exemplo aos camponeses em relação à sabedoria de exercer o direito de voto, levou o menino embora das montanhas. Cirurgiões retiraram a bala que havia destruído sua mandíbula. Dentistas consertaram seus dentes quebrados. Depois das operações, ele foi levado para uma escola particular, onde se revelou um aluno dedicado. Tudo isso financiado pelo governo. Era um investimento em um "projeto" muito especial.

Na escola, o menino era bom em todas as matérias. Aprendeu a falar francês, inglês e alemão, além da língua materna. Nas modalidades esportivas do atletismo revelou-se rápido e elegante. Não gostava de esportes de equipe e concentrava-se em competições solitárias: natação, tênis e corrida.

O comandante ia visitá-lo toda semana. Os dois bebiam chá e comiam doces em um café próximo. No início, o menino reclamava dos pesadelos. Todas as noites, enquanto dormia, ele encontrava a mãe e o pai, que lhe imploravam para salvar suas vidas. As imagens eram tão vívidas, tão reais, que o acompanhavam mesmo depois de ele acordar. O comandante lhe disse para não se preocupar. Todos os soldados tinham pesadelos assim. Com o tempo, desenvolveu-se um laço entre os dois. O menino passou a se referir ao comandante como se este fosse seu pai. Passou a ter afeto pelo homem. Mas os pesadelos não acabaram.

Ele começou a ter problemas na escola.

O primeiro deles se deveu à sua falta de sociabilidade. Quer por incapacidade ou por falta de vontade, ele se recusava a interagir normalmente com os colegas. Era cortês. Era solícito... até certo ponto. Mas nunca se desfazia do verniz de frieza distante. Fazia as refeições sozinho. Depois de treinar no estádio de atletismo, voltava para o quarto, onde trabalhava diligentemente nas tarefas escolares. Nos finais de semana, ia jogar golfe com algum de seus vários conhecidos (recusando sempre qualquer convite para sair com eles depois do jogo) ou então ficava no quarto estudando idiomas.

Isso era ainda mais estranho porque o menino tinha se transformado em um rapaz bonito. Tinha os traços finos, bem definidos e totalmente aristocráticos, e mal dava mostras de ter uma gota sequer do sangue índio da mãe. Além disso, tinha a aura carismática dos líderes natos. Os meninos mais benquistos da escola procuravam sempre a sua companhia. Ele sempre recusava. Os convites recusados logo se transformaram em provocações. Chamavam-no de bicha, de filho bastardo, de esquisito. Ele reagia com uma selvageria rara para um menino tão jovem. Descobriu que era bom de briga e que gostava de tirar sangue dos adversários. A notícia não demorou a se espalhar. Ele era um solitário, e não gostava que o incomodassem.

O segundo pecado, muito mais grave aos olhos da escola, era a recusa do menino em participar dos serviços religiosos. Era uma escola católica, que exigia dos alunos o comparecimento diário à missa. Embora ele fosse ocupar seu lugar nos bancos da igreja, nunca rezava nem participava dos cânticos. Quando se ajoelhava no altar, recusava o corpo e o sangue do Senhor Jesus Cristo. Certa vez, quando o padre tentou fazê-lo engolir o sacramento à força, ele mordeu seus dedos com tanta violência que chegou a tirar sangue. Pior ainda, as autoridades da escola perceberam que ele estava aprendendo por conta própria a língua dos antepassados da mãe e que adquirira o hábito de murmurar preces para uma divindade pagã nas palavras esquecidas.

O comandante foi avisado de tudo isso. Em vez de desanimar com a evolução do seu "projeto", ficou satisfeito. Era vantajoso para ele pessoas cuja consciência tivesse sido totalmente lavada de artifícios. Sobretudo um homem cuja aparência e educação tinham todas as qualidades de um cavalheiro. Um homem assim poderia freqüentar os mais altos círculos da sociedade. Seria aceito nas reuniões mais reservadas.

Em resumo, era um assassino perfeito.

♦ ♦ ♦

Em um minuto, o "assassino perfeito" atravessou a cidade e entrou nas colinas próximas. Virou na Via della Nonna e encontrou a Villa Principessa com bastante facilidade. Prosseguiu por um quilômetro e estacionou o carro no final de uma rua sombreada, sem saída. Ali, realizou seu ritual. Pegou o frasco que trazia em volta do pescoço e mergulhou as balas no líquido cor de âmbar, soprando cada uma delas de leve. Enquanto fazia isso, rezou sua prece.

Ao terminar, desceu do carro e abriu o porta-malas. Vestiu um suéter de lã, uma capa de chuva e um boné da Ferrari vermelho-vivo. As pessoas viam o boné, nunca o rosto. Tirou os sapatos sociais. Em seu lugar, calçou um par de botas de escalada. Como toque final, jogou uma mochila por cima do ombro. Os suíços eram loucos por caminhadas. Fechando o porta-malas, guardou a arma no cós da calça e começou a descer.

Tinha percorrido uns 100 metros quando viu um homem de cabelos escuros, precedido por três cadelas rasteiras, emergir da porta da frente da Villa Principessa e subir a rua. Tinha 50 e poucos anos, olhos azuis, e usava um suéter azul-marinho. Era ele.

O Fantasma aproximou-se com um sorriso de boas-vindas.

– Bom dia – disse, simpático.

Nem sempre tinha a oportunidade de falar com aqueles que devia assassinar. A oportunidade lhe agradou. Ao longo dos anos, desenvolvera determinadas crenças em relação à mortalidade e ao destino, e estava curioso para ver se aquele homem tinha noção de que o seu tempo na Terra estava no fim.

– Bom dia – respondeu Gottfried Blitz.

– Posso? – O Fantasma se curvou para afagar os cachorros, que lamberam suas mãos, animados.

Blitz se agachou e coçou a cabeça e o pescoço dos cães.

– Minhas filhas – disse. – Gretel, Isolde e Eloise.

– Três filhas. Elas cuidam bem do pai?

– Muito bem. Elas me mantêm saudável.

– O que mais os filhos devem fazer?

Poucos centímetros separavam os dois. O Fantasma olhou Blitz nos olhos. Sentiu uma corrente de inquietação emanando daquele homem. Não era medo, mas cautela. Encarou-o por tempo suficiente para convencê-lo de que não era uma ameaça. “Ele não vê”, pensou o Fantasma. “Não tem consciência do próprio destino.”

Despedindo-se de forma casual, o assassino levantou-se e andou até o início da rua. Olhou por cima do ombro e viu que Blitz seguira na direção oposta.

O encontro o deixou abalado. O sujeito podia até estar nervoso, mas não desconfiara de que sua vida estava no fim. Sua alma sequer pensara nisso.

O Fantasma reprimiu uma onda de medo. Nada o deixava mais aterrorizado do que a idéia de morrer de repente e sem aviso.

Dobrando a esquina, subiu correndo uma colina baixa. Cinqüenta metros mais adiante, uma estradinha de terra chegava à rua pela direita. Seguiu por ela, contando as casas conforme avançava. Ao chegar à quarta, pulou a cerca baixa e caminhou sem pressa até a porta dos fundos da vila. Olhou para a esquerda e para a direita, verificando se havia alguém por perto. Convencido de que ninguém o vira, bateu duas vezes com força. Segurava a arma na palma da mão, uma bala no tambor e mais três outras para garantir que a primeira fizesse o seu trabalho. Observou que a casa não tinha sistema de alarme. Uma atitude arrogante, mas mesmo assim dava um toque especial. Pressionou a porta com a ponta dos dedos, tentando sentir alguma vibração. A casa estava silenciosa. Blitz ainda não voltara do passeio.

Segundos depois, o Fantasma estava do lado de dentro.

26

MILLI BRANDT NÃO CONSEGUIA DORMIR. Revirando-se na cama em sua casa de Josefstadt, bairro vienense da moda, não pensava em nada, a não ser no terrível veredicto dado por Mohamed ElBaradei durante a reunião de emergência, seis horas antes. “Noventa e seis por cento de concentração... 100 quilos... o bastante para quatro ou cinco bombas.” As palavras assombravam-na como a lembrança de um acidente grave. Mas a expressão no rosto de ElBaradei era ainda pior. Angústia, raiva, frustração, todas facetas do que ela considerava uma rendição. O futuro era inevitável. O mundo iria entrar em guerra de novo.

Sentou-se abruptamente na cama. Estava ofegante e precisou beber, com calma, o copo d’água ao seu lado. Sem fazer barulho, levantou-se, olhou de relance para o marido e desceu o corredor na ponta dos pés até chegar ao escritório. Trancou a porta por dentro e aproximou-se da escrivaninha. Uma sensação de determinação agitou-se dentro dela. Não estava mais imaginando, e sim agindo. “Isto é o meu dever”, pensou.

Foi com a mão firme que tirou o fone do gancho. Por incrível que pareça, lembrou-se do número que fora obrigada a decorar tantos anos antes para ser usado apenas em emergências. O telefone tocou uma vez, duas. Enquanto esperava, percebeu que sua vida havia mudado drasticamente em relação ao que era apenas um minuto antes. Ela não era mais a vice-diretora de Cooperação Técnica da Agência Internacional de Energia Atômica. A partir daquele momento, era uma patriota e, de certa forma, uma espiã. Nunca se sentira tão segura de si na vida.

– Alô – atendeu uma voz brusca, autoritária.

– Aqui é Milli Brandt. Preciso falar com Hans sobre os cavalos do rei.

– Espere na linha. – Praticamente pôde ouvir o homem do outro lado consultar seus papéis, registros ou qualquer outra coisa que os profissionais de inteligência verificam ao receber contatos de agentes.

“Agente”, é claro, não era a palavra correta. Mas Millicent Brandt também não era seu verdadeiro nome. Registrada como Ludmilla Nilskova, em Kiev, onde nasceu, era a terceira filha de um químico judeu de idéias ousadas, sem permissão para emigrar, que havia se mudado clandestinamente para Jerusalém e, em seguida, para a Áustria, cerca de 30 anos antes. Embora criada falando alemão, freqüentando escolas austríacas e viajando com um passaporte também austríaco, ela nunca esquecera o país que garantira a liberação de sua família da União Soviética. Pouco depois de começar a trabalhar na AIEA, recebera um telefonema de um homem que dizia ser um velho amigo da família. Embora não tivesse se lembrado do nome, reconheceu o sotaque.

Encontraram-se em um restaurante discreto perto do Belvedere, bem longe do lado da cidade onde ela trabalhava. Fora um jantar amigável, e a conversa nunca se demorou em um único assunto. Um pouco de política, um pouco de cultura. O interessante era que o conhecido (que na verdade ela nunca havia encontrado) sabia tudo sobre sua paixão pela equitação, seu amor por Mozart e até mesmo o fato de freqüentar um grupo mensal de estudos bíblicos.

No final do jantar, ele perguntou se estaria disposta a lhe fazer um favor. Os sinais de alarme de Milli dispararam na mesma hora. Ele tocou-lhe o braço imediatamente para acalmar seus temores. Ela estava entendendo errado. Ele não queria nada de imediato. Nada impróprio. Com certeza nada que fosse pôr em risco seu emprego. Pelo contrário, era vital que ela continuasse na posição em que estava. Tudo que lhe pedia era que ficasse atenta para defender seus melhores interesses. Que prometesse avisá-lo caso ficasse sabendo de alguma coisa que pudesse ameaçar a segurança de seu lar de adoção.

Ele lhe deu um telefone e uma frase que deveria repetir se algum dia sentisse necessidade de telefonar-lhe. Pediu para decorar os dois e insistiu em testá-la até ela ser capaz de repetir o número de 10 algarismos e a frase sem errar. Depois dessa combinação, recuperou a atitude afável. Abraçou-a e agradeceu-lhe de coração.

Ao subir no táxi que a levaria de volta para casa, Millicent Brandt, nascida Ludmilla Nilskova, sentiu uma palpitação desconhecida no peito. Era em parte medo, em parte apreensão, em parte empolgação. Tinha se juntado a incontáveis outros – executivos, militares, burocratas e profissionais de todas as áreas – que haviam jurado fidelidade ao Estado de Israel e prometido ajudar o país da forma que este julgasse conveniente.

Ao telefone, a voz ríspida tornou a falar.

– Hans vai encontrá-la no Gloriette, no Palácio de Schönbrunn, às 10 horas. Leve um exemplar do Wiener Tagblatt e certifique-se de que o nome do jornal esteja visível.

– Certo – respondeu ela. – Claro. – Mas o telefone já estava mudo.

Milli Brandt desligou. Pronto, estava feito. Havia mantido sua promessa. Era oficialmente uma sayyan.

Uma amiga.

27

GOTTFRIED BLITZ PÔS AS TRÊS CADELAS dentro de casa. Depois de fechar a porta atrás de si, imobilizou-se, com os ouvidos atentos para algum grito de alerta. Os narizes bem treinados dos animais eram mais eficazes do que qualquer sistema de segurança eletrônico. A casa continuou silenciosa. Ele entrou na sala. As cadelas estavam deitadas no chão de mármore, ofegando depois do exercício matinal.

Blitz foi até a janela, afastou a cortina e olhou para a rua. Estava vazia. Não havia sinal do sujeito com quem tinha conversado mais cedo. Blitz tinha o costume de memorizar rostos e sabia que aquele homem pálido e magro não era um vizinho. Seu italiano era fluente, mas não era o de um nativo. Quem seria, então? Um turista explorando as colinas próximas? Mas com esse tempo? E por que não estava indo na direção das trilhas que começavam logo depois do final da rua?

Blitz espiou o céu que escurecia. Ainda não eram nem 9 horas e o dia já estava no fim. Começou a chover. Ele escutou os pingos ficando mais fortes e começando a bater na vidraça. Tremendo, deixou a cortina de renda voltar para o lugar.

A morte de Lammers o deixara assustado. Os jornais indicavam que o assassino o esperara em casa. Havia sugestões de que fora um serviço profissional e de que Lammers talvez estivesse envolvido com o crime organizado. Blitz sabia que não era bem assim. Se Lammers havia sido desmascarado, não iria demorar muito para que ele também o fosse. Em qualquer outro momento, iria embora e desistiria de tudo. Gottfried Blitz corria grande perigo.

Mas aquele não era um momento qualquer.

A final do jogo já havia começado. O piloto estava no país. O último teste com o avião teleguiado fora um sucesso retumbante. A operação já havia sido disparada. Estava tudo pronto. Para todos os efeitos, o ataque tinha iniciado.

E agora aquela confusão em Landquart. Um homem morto, outro ferido.

Blitz mordeu o lábio. Havia questionado a decisão de enviar as malas por trem, mas, no final das contas, não tivera outra alternativa. Não era apenas uma questão de pessoal (a Divisão tinha apenas sete agentes no país), mas de risco. Nesse estágio, era perigoso demais entregar as malas pessoalmente. Usar o sistema postal suíço não o preocupara, embora visse agora que pôr seu nome no recibo havia sido um erro. Fora uma insistência do Departamento Financeiro. Não queriam perder o dinheiro se alguma coisa desse errado. O Departamento de Operações também concordara. O dinheiro era fundamental, disseram. É a primeira coisa que vão procurar. Seria como migalhas deixadas pelo caminho, era esse o seu raciocínio. Era preciso guiar a polícia pelo nariz para ela descobrir alguma coisa. E todas as trilhas conduziam a ele – Gottfried Blitz.

Mesmo assim, não conseguia tirar Theo Lammers da cabeça. Um serviço profissional. Alguém esperando por ele em casa. Estremeceu. Isso só poderia significar uma coisa. A rede fora descoberta.

Na sala de estar, ligou o som. Wagner, como sempre. Em altura suficiente para os vizinhos saberem que ele estava em casa e que aquele era um dia como outro qualquer.

Amigos e vizinhos conheciam Gottfried Blitz como um rico executivo alemão, um dos milhares que haviam fugido para o sul da Suíça, querendo aproveitar o clima mais ameno e a atmosfera mediterrânea. Dirigia o mais recente modelo de Mercedes sedã. Fazia peregrinações anuais a Bayreuth para assistir ao ciclo de óperas de Wagner. Nas manhãs de domingo, o bom Herr Blitz comparecia ao culto luterano como qualquer outro cristão devoto. O disfarce era completo.

Blitz foi até o escritório, sentou-se à escrivaninha e tirou a pistola que guardava no cós da calça. Guardou a arma na gaveta de cima, virou-se para o laptop e repassou a lista de coisas a fazer. Suéter Bogner novo P. J. Cred FEM H. H. Transf. 100 mil. Assobiou baixinho. Mais 100 mil francos. Essa não iria passar pelos caras do Financeiro. Por outro lado, não era nada perto do que já havia sido gasto. Duzentos milhões de francos para assumir o controle da empresa em Zug. Outros 60 milhões para financiar o transporte de equipamentos. Só o pagamento de P. J. chegava a 20 milhões de francos, e isso sem contar o Mercedes e todo o equipamento especial do carro. Terminou de digitar

a solicitação da transferência bancária e mandou um e-mail para o Departamento Financeiro. Nesse exato instante, Blitz inclinou a cabeça na direção da porta. Os pêlos de seu antebraço estavam arrepiados.

– Olá? – chamou. – Tem alguém aí?

Não houve resposta. A casa estava silenciosa demais. E onde estavam os latidos que acompanhavam a chegada de um hóspede?

– Gretel, Isolde – disse ele, chamando as cadelas.

Empertigou-se na cadeira, tentando escutar o arranhar de suas patas no chão de mármore. A música de Wagner flutuava, vinda do salão. O rufar dos tímpanos, como um trovão distante; o lamento de uma donzela teutoa a chorar pela perda de seu príncipe derrotado.

Onde estavam as cadelas?

Alguma coisa no ar atrás dele se mexeu. Uma presença, escura e fria.

Um forte alarme disparou dentro de si.

Blitz olhou para a gaveta onde estava sua arma e, em seguida, para o computador.

Escolha um.

Trinta anos de treinamento tomaram a dianteira. A missão vinha em primeiro lugar. Levou os dedos ao teclado e digitou o comando de "destruir", zerando o disco rígido do laptop.

Sentiu o ar atrás de si farfalhar. Sentiu algo frio e duro encostado em sua têmpora.

Então fez-se a luz. Um relâmpago com as cores do inferno que durou um segundo e depois se foi.

28

A VILLA PRINCIPESSA FICAVA NO final de uma estrada de cascalho, uma construção restaurada do século XVIII, com hera subindo por paredes esburacadas e jardineiras cheias de gerânios decorando as janelas do andar de cima. Um muro baixo de pedra e cimento cercava o roseiral adormecido na frente da casa. Às 9 horas, a chuva caía em uma cortina espessa, pesada e incansável como uma cachoeira.

Simone abotoou o casaco e ajeitou os cabelos atrás das orelhas.

– Então a gente vai simplesmente confrontar o cara? E se ele disser que não mandou as malas? O que é que nós vamos fazer?

– Por que ele iria negar? – indagou Jonathan. – Quando souber que Emma morreu, vai ficar feliz em recuperar o carro.

– E o dinheiro?

– E o dinheiro? – Jonathan abriu o porta-luvas e tirou de lá o envelope cheio de notas. – Pensei nisso a noite inteira... no que Emma estaria fazendo.

Os olhos de Simone lhe diziam para prosseguir.

– Remédios – disse Jonathan. – Emma estava sempre falando sobre como a ajuda nunca chega ao destino certo. Isso a deixava maluca. Você sabe como a gente funciona. Na metade das vezes os carregamentos são confiscados pelo governo ou roubados por oficiais da alfândega, que depois tentam vender de volta pra gente pelo dobro do preço. Quando 70% do esperado chegam às nossas mãos, já é lucro. Acho que tem alguma coisa a ver com isso. Sério, olhe só para esta casa. Deve ter custado uma nota. Imagino que o Blitz seja executivo de alguma grande farmacêutica. Os dois estavam tramando alguma coisa juntos. Subornando alguém. Em troca de ajuda. Emma sempre achou que não estava fazendo o suficiente.

– E você espera que Blitz converse com você sobre isso?

– Cem mil francos podem comprar bastante cooperação.

– Ou bastante silêncio. Parece que você está esquecendo uma coisa. Já pensou que talvez tenha sido Blitz quem mandou os policiais?

– Não faz sentido. Em primeiro lugar, ele precisaria saber sobre o acidente de Emma, e isso é impossível. O que você acha? Que ele mandou as malas para Emma, depois colocou dois policiais corruptos na cola dela para pegar as malas de volta assim que ela fosse buscar? De jeito nenhum. Não foi Blitz. Foi alguma outra pessoa.

– Alguém que sabia sobre o acidente de Emma?

– Ou alguém que estava esperando as malas desde o início.

Jonathan saiu do carro e atravessou o portão de ferro fundido. Simone chegou instantes depois. “Gottfried Blitz”, dizia a plaquinha abaixo da campainha. Jonathan apertou o botão e a campainha tocou. Ninguém veio atender. Enfiando a mão no bolso, ele achou as balas de hortelã que tirara da bolsa de viagem de Eva Kruger e pôs uma delas na boca.

– Quer uma?

Simone fez que não com a cabeça.

Jonathan apertou o ouvido contra a porta. Acordes de música clássica vinham lá de dentro. Tornou a apertar a campainha. Quando ninguém atendeu, passou uma das pernas por cima da cerca e esticou o pescoço para olhar pela

janela da frente. Três cachorros dormiam no chão de mármore. De relance, detectou uma sombra na periferia de seu campo de visão.

– Sr. Blitz – chamou. – Preciso falar com o senhor. Por favor, abra.

Tornou a olhar para os cães. Sua visão parecia mais aguçada do que o normal. Observou como os animais estavam parados. Parados demais, na opinião de um médico. Estudou suas caixas torácicas. Não parecia que nenhum deles estava respirando. Um deles, em especial, estava deitado com a cabeça pendendo em um ângulo muito fechado, a língua pendurada pelo canto da boca.

Jonathan tentou a porta, mas estava trancada.

– O que você está fazendo? – perguntou Simone. – Não pode simplesmente ir entrando.

Jonathan bateu na porta.

– Sr. Blitz! Meu nome é Ransom. Acho que conhece a minha mulher, Emma. Por favor, abra. É sobre as malas. Estou com elas aqui. E com o dinheiro.

Nesse momento, uma porta bateu dentro da casa.

– Continue batendo – disse ele, virando-se e descendo a escada às carreiras.

– Aonde você vai? – perguntou Simone atrás dele.

– Entrar pelos fundos. Tem alguma coisa errada aqui.

– Mas... espere!

Ele deu a volta correndo pela lateral da casa e chegou ao caminho dos fundos que atravessava o jardim. Em algum lugar atrás dele, Simone gritou para que parasse, mas Jonathan mal escutou. A porta dos fundos estava aberta. Uma música saía do aparelho de som. "A cavalgada das valquírias". Ele entrou na casa e se viu dentro de uma cozinha estreita. Seguiu em frente, fazendo uma careta a cada gemido das tábuas do assoalho. Teve a sensação de um desequilíbrio no ar, mas, em vez de se assustar, sentia-se alerta e cheio de energia. Pronto para a batalha.

Saiu da cozinha e atravessou a sala até onde os cães jaziam deitados junto à porta da frente. Nenhum deles ergueu a cabeça quando chamou. Agachou-se para examiná-los. Estavam mortos, os pescoços quebrados. Pôs-se de pé, consciente da respiração pesada e das contrações fortíssimas do coração. Logo em frente, um lance de escada conduzia ao primeiro andar. Ouviu alguma coisa... alguma coisa bem à sua frente... e continuou a descer o corredor. Abriu a porta à sua esquerda com um safanão. Era o lavabo: vazio. O som foi ficando mais nítido. Um chiado esforçado, descompassado.

Foi então que sentiu cheiro de cordite e seus olhos começaram a lacrimejar.

Chegou ao escritório.

– Ai, meu Deus – disse, precipitando-se para dentro.

Um homem estava sentado diante da escrivaninha, afundado na cadeira. Tinha a boca aberta e seu peito arfava enquanto ele se esforçava para respirar. Blitz? Imaginou que sim. Havia um

ferimento de entrada na têmpora, um buraco perfeito rodeado de marcas de pólvora. Suicídio? Jonathan deu um passo para trás, tentando ver uma pistola, mas não havia arma nenhuma. Lembrou-se da sombra passando no canto do salão. Suicídio, não. Assassinato.

Jonathan olhou para a porta, imaginando se o assassino ainda estaria dentro da casa e se ele próprio estaria correndo perigo. Deixou a idéia de lado e começou a conversar com Blitz, dizendo-lhe seu nome e que era marido de Emma. Disse-lhe para agüentar firme e afirmou que iria fazer o possível para mantê-lo vivo.

Com a maior delicadeza possível, ergueu Blitz da cadeira e deitou-o no chão, tomando cuidado para deixar as vias respiratórias abertas e desobstruídas. Virou a cabeça de Blitz e estudou o ferimento de saída. Já vira muitos assim. Calibre grande. Balas de ponta oca. Não estava otimista quanto às suas chances. Mas, naquele momento, o homem ainda estava vivo.

Jonathan foi correndo até o salão, pegou o telefone e discou 144, número do serviço de emergência. Quando o atendente perguntou o que havia acontecido, respondeu:

– Ferimento letal na cabeça com grande perda de sangue.

Ao perceber que estava falando inglês, repetiu as palavras em italiano.

– O que foi, Jon? O que aconteceu? – Simone estava em pé na porta da sala, e seu semblante era de preocupação. – Suas mãos estão sujas de sangue.

– Tem um banheiro mais adiante no corredor. Molhe algumas toalhas com água quente e traga para mim.

– Toalhas? O que aconteceu? Por que...

– Agora!

Jonathan voltou para o escritório e ajoelhou-se ao lado de Blitz. Havia pouco a fazer até os paramédicos chegarem, a não ser garantir que o coração do homem continuasse a bater. As pupilas de Blitz estavam dilatadas e sua respiração era superficial. Jonathan segurou seu pulso, mas não conseguiu encontrar pulsação. Começou a ressuscitá-lo. Três compressões, duas respirações boca a boca. Simone entrou correndo na sala. Ao ver Blitz, soltou um grito e deixou as toalhas caírem no chão.

– Já liguei para a emergência – disse ele. – Devem chegar aqui a qualquer momento. Ponha as toalhas ao lado da cabeça dele.

– Mas por quê? – Relutante, ela recolheu as toalhas e colocou-as no chão ao lado de Jonathan. Levantou-se depressa, cambaleando ao ver o sangue que se espalhava pelo tapete. – Ele morreu?

– Não, ainda não. Se eu conseguir manter o coração dele batendo até os paramédicos chegarem, ele tem chance.

– Ele levou um tiro na cabeça. Não adianta.

Jonathan levou a cabeça ao peito de Blitz. O coração não estava batendo. Não havia mais respiração. Ergueu os olhos para Simone e balançou a cabeça.

– Quem fez isso? – perguntou ela.

– Eu pensei ter visto alguma coisa... uma sombra... ouvi uma porta bater. O assassino deve ter fugido.

– A polícia vai chegar a qualquer minuto. A gente tem de sair daqui.

Jonathan pôs-se de pé. De repente, a luz pareceu estar forte demais e ele teve de piscar. Respirou fundo, esperando a compaixão que acompanhava inevitavelmente a morte. Mas a compaixão não veio. Pelo contrário, sentia-se disposto, quase feliz, e com muita energia para alguém que havia passado a noite inteira em claro. Correu a mão pelos cabelos. Sentiu a aspereza dos fios na ponta dos dedos. Todas as suas sensações estavam intensificadas. Visão. Tato. Audição. Mas sua boca estava seca e pastosa. Olhou-se no espelho pendurado na parede. Seus olhos o encararam de volta, desnorteados e acusadores, com as pupilas quase completamente dilatadas.

A sensação agora estava mais forte e ele reconheceu o que era: anfetamina de alta qualidade, sem mistura, com algum aditivo especial para aguçar os sentidos.

Tirou a caixinha de balas de hortelã do bolso. Quantas havia comido na última hora? Duas? Três?

– Vamos, Jonathan. Agora. – Simone agarrou seu braço e tentou guiá-lo na direção da porta, mas Jonathan se desvencilhou.

– Me dê um minuto – falou, tentando avaliar a situação. – Não vou embora antes de descobrir alguma coisa sobre esse cara.

– Mas, Jonathan...

– Ouviu bem? – disparou ele. – Você acha que é para a gente ficar fugindo e pronto? – Respirou fundo, acalmando-se, lutando contra a voz descontrolada que ecoava em sua cabeça. – Blitz conhecia Emma – falou. – Estavam trabalhando juntos. Isso é a nossa chance de descobrir em quê.

Havia um laptop aberto sobre a escrivaninha e a tela era uma confusão de pixels. Ele digitou algumas teclas, mas a imagem não se definiu. Então voltou a atenção para a escrivaninha e seu conteúdo. Abriu a gaveta de cima e deu de cara com uma pistola semi-automática. Conhecia o suficiente sobre as armas de fogo para saber que era uma SIG-Sauer, a preferida dos oficiais militares do Terceiro Mundo. O resto da gaveta continha uma balbúrdia de papéis, canetas e lápis. Ele a esvaziou sobre a escrivaninha e vasculhou o conteúdo. Bilhetinhos com nomes e números de telefone. Contas diversas. Caixas de fósforo.

A gaveta de pastas suspensas estava trancada. Jonathan partiu um abridor de cartas ao meio, tentando forçá-la antes de desistir. Voltou a atenção para as bandejas de "correspondência recebida" e "coisas a fazer" sobre o aparador atrás da escrivaninha. Folheou os papéis. "ZIAG", dizia o cabeçalho de um memorando interno, e abaixo da sigla podia-se ler o nome completo da empresa: Zug Industriewerk AG. O memorando era de um tal Hannes Hoffmann para Eva Kruger, com cópia para Gottfried Blitz. Assunto: Projeto Thor.

Eva Kruger.

Pronto: era a prova, preto no branco. Como se não bastasse, o cadáver com uma bala na cabeça.

O memorando dizia: “Finalização planejada para o primeiro trimestre de 200–. Carregamento final para o cliente a ser feito em 10 de fevereiro. Desmantelamento de todo o aparato de montagem a ser completado até 13 de fevereiro.”

– Estou ouvindo uma sirene – insistiu Simone. – Por favor, Jonathan. Vamos sair daqui.

– Um segundo.

Debaixo do memorando havia diversos envelopes pardos. Dentro do primeiro, ele encontrou três fotografias de Emma do tamanho usado para passaportes, parecidas com a da carteira de motorista. Um segundo envelope continha outras fotografias, de um homem louro, de semblante sério, mais ou menos da idade de Jonathan. “Hoffmann”, estava escrito atrás, com a mesma caligrafia masculina em letras de forma usadas para endereçar o envelope para Emma. Ele encarou a foto. Hannes Hoffmann. O homem que havia enviado o memorando para Eva Kruger.

– Fachada – murmurou Jonathan, lembrando-se de uma expressão lida em algum dos romances de espionagem que ele devorava quando adolescente. É tudo fachada. Emma que não é Emma. Anfetaminas disfarçadas de balas de hortelã. Um disfarce para tudo e para todos. Olhou para o corpo estendido no chão. E Blitz? Quem seria ele?

À medida que a escala da farsa ia ficando mais clara, Jonathan estremeceu. Aquilo não era um subterfúgio isolado. Emma não estava subornando nenhum ministro da Saúde africano nem comprando remédios no mercado informal. Aquilo era bem maior. Tinha uma escala inteiramente diferente. Aquilo era um mundo de pílulas energizantes, falsas identidades e carteiras de motorista adulteradas com perfeição.

– Jonathan, por favor! – Simone agarrou a cadeira, como para impedir a si própria de sair correndo.

Sirenes. Duas, pelo menos. Ele ergueu a cabeça e, nesse único instante, pôde ver que estavam chegando perto, que não estavam muito distantes e que se aproximavam com grande velocidade. Varrendo a escrivaninha com o braço, recolheu todos os papéis e enfiou-os dentro de uma pasta de couro ao lado do aparador.

– Vá na frente – falou. – Estou logo atrás de você.

– Rápido!

– Já estou indo – disse ele, empurrando-a para fora do quarto. – Saia pelos fundos!

Simone saiu correndo do escritório.

Jonathan ficou parado na soleira da porta. As sirenes estavam logo do lado de fora. Distinguiu vozes agitadas em meio ao murmúrio incessante da chuva. Em vez de ir embora, correu até a escrivaninha de Blitz e abriu a gaveta de cima. Olhou para a pistola, pegou-a e enfiou-a no cós da calça.

No hall, deteve-se por tempo suficiente para ver os carros de polícia junto ao meio-fio e policiais correndo em direção à casa de armas em punho. Um homem baixo e decidido, de sobretudo preto, conduzia-os pelo caminho de cascalho.

“Polícia? Onde estava a ambulância que ele havia chamado?”

Perguntas. Perguntas demais.

Jonathan atravessou a casa correndo e alcançou Simone na porta dos fundos. Agarrando-lhe a mão, puxou-a pelo jardim.

– Para onde a gente está indo? – perguntou ela, esforçando-se para acompanhar o ritmo dele. – O carro está do outro lado.

– Esqueça o carro. Podemos voltar para buscar.

Não pararam na estradinha de terra, mas continuaram a subir a encosta. Ignorando o vento, a chuva e a vegetação à altura do peito, Jonathan abriu caminho até o topo. Simone ofegava, chiava e xingava, mas deu um jeito de continuar ao seu lado. Quando ele finalmente olhou para trás, já haviam ganhado 120 metros de altitude e a vila estava a quase um quilômetro de distância.

– Não consigo continuar – disse Simone, arquejando em busca de ar. – Preciso descansar.

Mas foi a voz de Emma que ele escutou e, por um instante, jurou tê-la visto, usando uma roupa vermelha e preta, em pé na encosta abaixo deles. Agarrou a mão de Simone.

– Vamos – disse. – Só há um caminho.

E, segurando a pasta junto ao peito, virou-se e continuou subindo a montanha.

29

MILLI BRANDT PERCORREU DEPRESSA o caminho coberto de neve cercado dos dois lados por sebes altas e bem cuidadas. Em tempos melhores, gostava de visitar os jardins do Palácio de Schönbrunn. Estendendo-se por quase dois quilômetros a cada lado, seu terreno, impecavelmente conservado, era o retrato de uma época em que realeza significava poder irrestrito. Para o bem e para o mal.

A primeira vez que visitara os jardins do palácio fora logo depois de chegar de Israel. Junto com os pais e a irmã, passara o dia caminhando de uma ponta a outra do parque e subindo o morro até a Gloriette, a imensa colunata construída em 1775 pelo imperador José e sua mulher, Maria Teresa. Mesmo então as duas meninas eram ambiciosas. Milli sonhava em ser uma importante juíza. Tovah planejava uma carreira de diplomata. Das duas, Tovah foi a primeira a alcançar seus objetivos. Aos 25 anos, já tinha se mudado de volta para Jerusalém e conseguido um cargo de porta-voz no Ministério das Relações Exteriores israelense. Casada e com uma filha pequena, era presença constante no noticiário da noite.

Certa noite, Tovah e o marido tinham ido a Tel Aviv para jantar frutos do mar em um dos melhores restaurantes do litoral. Ela estava em clima de festa. No início daquela semana, o médico havia informado que ela estava grávida do segundo filho.

Percebendo que aquela talvez fosse a sua última oportunidade em muito tempo, decidiram ir dançar no Teddy'Z, uma discoteca ao ar livre. Em algum momento, por volta da meia-noite, um rapaz bonito e bronzeado chamado Nasser Brimm entrou na discoteca e abriu caminho até o meio da pista. Quando alguém percebeu que os seus trajes formais e o paletó de lã não combinavam com uma quente noite de primavera, já era tarde demais.

Depois, a polícia concluiu que Tovah estava bem ao lado do homem-bomba quando ele detonou sua carga de explosivo plástico C-4 recheada com milhares de pregos, porcas e parafusos. A cabeça, estranhamente intacta, foi a única parte de seu corpo que encontraram.

Dezesseis rapazes e moças morreram no atentado. Dois outros ficaram cegos. Um terceiro perdeu os dois braços e um quarto ficou paraplégico. Na verdade, o número de mortos foi maior. Ninguém contou a nova vida que crescia dentro do ventre de Tovah.

– Srta. Brandt.

Milli se virou ao escutar a voz grave, com forte sotaque. Um homem magro, com ares de intelectual, estava poucos metros atrás dela, sorrindo. Ela não o ouvira chegar.

– Sr. Katz?

– Estou vendo que está com o jornal. Obrigada por seguir nossas instruções.

O homem lhe deu o braço e saíram passeando pelos jardins desertos. Enquanto andavam, Milli o informou sobre a reunião de emergência no bosque de Viena, na noite anterior, e sobre as descobertas reveladas por Mohamed ElBaradei.

– Enriquecido a 96%. Tem certeza?

Milli respondeu que sim.

– E quais são as chances de a medição estar errada?

– Seria a primeira vez. Desculpe dar essa notícia. Achei que fosse o meu dever.

– "O dever de todo súdito é o dever do rei; mas a alma de cada súdito é só sua." Acho que sou o único, mas estou convencido de que Shakespeare era judeu. – Parando e virando-se para ela, o homem deu um sorriso tímido. – Ninguém gosta de trair a confiança de outra pessoa.

Milli ficou olhando a figura alta e magra desaparecer entre as topiarias cobertas de neve. Um vento frio soprou, enchendo seus ouvidos com um chiado de desolação. Ela esperava ouvir que fizera a coisa certa. Queria um discurso sobre como iria tomar providências imediatas e como ela salvara milhares de vidas; mas ele não disse nada disso.

Ao despedir-se, simplesmente pediu que telefonasse para o número que lhe dera caso soubesse mais alguma coisa importante. Não disse nem mesmo obrigado.

30

– É ELE?

Von Daniken comparou o retrato de Gottfried Blitz em pé ao lado do avião teleguiado com o rosto destroçado jogado a seus pés.

– Me diga você – falou, entregando a fotografia para Kurt Myer e virando-se antes que a bílis lhe subisse mais ainda pela garganta.

– Mesmo suéter. Mesmos olhos. É ele. – De cócoras, Myer examinou o cadáver com o olhar atento de um especialista. – Ele foi morto quando estava sentado na cadeira, depois transferido para o chão. O tiro deve ter sido dado de cima para baixo, de modo a ter espalhado os miolos de Blitz por toda a escrivaninha e a parede.

Usando uma caneta-tinteiro, apontou para a mancha de pólvora tatuada na pele.

– Olhe para o anel de abrasão em volta do buraco da bala e para as marcas de pólvora. O atirador estava a menos de meio metro de distância quando disparou. Blitz nem sabia que ele estava aqui. Ficou trabalhando no laptop até o momento em que levou o tiro.

Mas Von Daniken estava interessado em outra coisa que Myer tinha dito.

– Espere aí um segundo, Kurt. Como assim “transferido para o chão”? Está dizendo que o assassino atirou nele e depois o deitou em cima do tapete? Foi ele quem trouxe as toalhas também?

– Alguém trouxe. Com certeza não foi o Sr. Blitz. – Myer apalpou o monte de toalhas empilhadas junto ao corpo. – Ainda estão mornas.

Os homens trocaram um olhar desconfortável.

Da rua, o som de outra sirene se aproximava. Portas bateram. Houve uma confusão no hall. Dois paramédicos entraram no escritório.

– Que rapidez – disse Von Daniken, referindo-se à chegada quase instantânea dos técnicos de salvamento.

– Foi o senhor quem ligou? – perguntou um dos paramédicos. – A mesa disse que foi um americano.

– Americano? – Von Daniken trocou olhares com Myer. – Quanto tempo faz que o americano ligou? – perguntou-lhe.

– Doze minutos. Nove horas e seis minutos.

– É ele – disse Myer. – Ransom.

Von Daniken assentiu e em seguida olhou para o relógio. Durante o trajeto de carro, partindo da pista de pouso, havia telefonado para o Sr. Orsini, chefe da estação, para obter uma descrição do homem que aparecera à sua porta naquela manhã bem cedo fazendo-se passar por policial e perguntando quem havia mandado um determinado par de bagagens para Landquart. Em seguida, telefonara para a polícia de Graubünden para pedir detalhes sobre o assassinato de um de seus homens na véspera, também em Landquart. A descrição de Orsini correspondia perfeitamente à fornecida por uma testemunha ocular do crime. A polícia de Landquart tinha até um nome: Dr. Jonathan Ransom. Um americano. E mais. A mulher de Ransom morrera dois dias antes em um acidente de escalada, nas montanhas próximas a Davos.

– Se foi Ransom quem ligou – disse ele para Myer –, isso explica as toalhas. Ele é médico.

O tenente Conti, que escutava a conversa, encostou o queixo no pescoço e levantou a mão em um gesto tipicamente italiano.

– Mas por que Ransom iria atirar em Blitz e depois chamar a ambulância para salvar a vida dele?

Von Daniken trocou olhares com Myer. Nenhum dos dois queria responder àquela pergunta por enquanto.

Von Daniken foi até a escrivaninha e digitou algumas teclas no laptop. A tela exibia uma mistura de cores sem nexo. Era outra coisa que o estava incomodando. Será que Blitz estava trabalhando em um computador quebrado quando levou o tiro? Ou será que o estragara de propósito para impedir alguém de descobrir o que havia em seu disco rígido?

Uma a uma, abriu as gavetas da escrivaninha. As duas de cima estavam vazias, com exceção de alguns pedaços de papel, elásticos e canetas. A de baixo, trancada, mas parecia ter sido forçada. Ergueu os olhos e reparou em algumas caixas de mudança encostadas na parede. Correu para ver o que tinha dentro e ficou desapontado ao constatar que também estavam vazias.

Nesse momento, os técnicos de investigação criminalística chegaram. Solicitaram aos que não precisavam estar ali que saíssem do escritório. Myer passou por Von Daniken no corredor sussurrando que ia pegar o farejador de margaridas, que era como chamava o detector de explosivos e radiação.

Enquanto os técnicos enchiam a casa, Von Daniken subiu ao andar de cima e foi até o quarto de Gottfried Blitz. Não estava pensando na vítima, e sim no homem que poderia tê-la matado. Estava procurando uma pista. Por que o assassino de um policial cuja mulher morrera em um acidente de alpinismo estava com tanta pressa de visitar Blitz?

♦ ♦ ♦

A busca no quarto de Blitz não deu em nada. A mesa-de-cabeceira tinha pilhas de revistas alemãs de fofoca sobre celebridades; a cômoda estava cheia de roupas cuidadosamente dobradas; e o banheiro, lotado de um estoque fenomenal de água-de-colônia, produtos para cabelos e diversos remédios vendidos com receita. Mas em nenhum lugar ele encontrou qualquer coisa que ligasse Blitz ao avião teleguiado ou que indicasse como ele planejava usá-lo.

Von Daniken sentou-se na cama e olhou pela janela. Ocorreu-lhe que havia dois grupos de alguma forma em conflito um com o outro. De um lado havia Lammers e Blitz; de outro, aqueles que queriam vê-los mortos. A qualidade das mortes, aliada à descoberta do avião teleguiado e do RDX, indicava que se tratava de uma operação de inteligência.

Aquela idéia o deixou irritado. Se uma agência de inteligência sabia o suficiente sobre um complô envolvendo RDX e um avião teleguiado para tomar medidas para detê-lo, por que não o haviam procurado para compartilhar essa informação?

Pensou no Dr. Jonathan Ransom, que aparentemente telefonara para os paramédicos. Segundo o chefe da estação, Ransom estava decidido a descobrir quem enviara as malas para Landquart no início da semana. A suposição lógica era que ele não conhecia Blitz. Como, então, Ransom podia estar com os canhotos das bagagens?

Se, no entanto, Von Daniken supusesse que Ransom e Blitz estavam trabalhando juntos, que se conheciam, sim, as peças se encaixavam. Detido pela polícia depois de coletar as malas,

Ransom havia entrado em pânico, matado o policial que tentava prendê-lo e depois atropelado o parceiro deste em sua fuga do local. Com seu disfarce comprometido, Ransom fora correndo até Ascona pedir instruções ao seu superior. O fato de ele desconhecer o endereço de Blitz podia ser atribuído a uma regra fundamental da espionagem: compartimentalizar informações ou, na linguagem corrente, informar apenas o necessário. Daí sua necessidade de falar com Orsini.

E a mulher? A inglesa morta em um terrível acidente de escalada? Será que Ransom poderia tê-la matado depois de ela descobrir que o marido era agente?

Von Daniken fez uma careta de desgosto. Estava dando tiros a esmo. Criando fantasias sem base nenhuma. Levantou-se e foi até a escada. Queria saber o que havia nas tais malas para fazer Ransom achar que valia a pena matar por elas. Havia poucas chances de descobrir, pelo menos a curto prazo. O policial que Ransom atropelara estava em coma. O prognóstico não era bom.

O telefone de Von Daniken tocou, interrompendo seus pensamentos.

Era Myer, e parecia preocupado.

– Na garagem. Venha depressa.

31

A GARAGEM ERA SEPARADA DA CASA PRINCIPAL e acessível por uma entrada lateral. Um Mercedes sedã último modelo ocupava uma das vagas. A outra estava vazia, mas uma mancha fresca de óleo e marcas de pneu enlameadas indicavam que um carro – pela largura do eixo, uma picape ou uma van – estivera estacionado ali recentemente.

Myer deu a volta no Mercedes e foi até um armário embutido na parede de trás. Abriu as portas e recuou, para Von Daniken poder ver bem.

– É o que estou pensando? – perguntou Von Daniken. Empilhados nas prateleiras havia tijolos envoltos em plástico branco e presos de cinco em cinco com fita adesiva.

♦ ♦ ♦

– Trinta quilos de Semtex ainda na embalagem de fábrica – disse Myer. – Não vai ser difícil descobrir de onde veio isso.

Explosivos plásticos eram marcados com um produto químico especial que identificava não apenas o fabricante como o número do lote. A prática permitia que fossem rastreados e, pelo menos em teoria, servia para evitar a venda e o tráfico ilegais.

– Pegue um – disse Von Daniken.

Myer não titubeou: pegou um dos tijolos e lançou-o para Krajcek, que o guardou no casaco. Como evidência material, os explosivos pertenciam oficialmente à polícia de Tessin, mas Von Daniken não estava com vontade de preencher uma requisição e esperar uma semana para as provas serem catalogadas e só depois liberadas. Explosivos plásticos não eram passaportes.

– Checou o carro? – perguntou Von Daniken.

– Só o porta-malas. Limpo.

Von Daniken entrou no Mercedes e vasculhou seu interior. Os documentos estavam em nome de Blitz. A carteira de motorista estava guardada no compartimento lateral da porta. Quando a pegou, um pedaço de papel azul caiu em seu colo.

Um envelope. Um daqueles envelopes antiquados, de papel fininho, com os dizeres “Air Mail”, correio aéreo. Ele viu a caligrafia, e seu coração deu um pulo. Estava escrito em árabe, com a tinta azul desbotada de uma caneta-tinteiro. O carimbo postal dizia: “Dubai, E.A.U., 10/12/85”.

Von Daniken o abriu. A carta também estava escrita em árabe. Uma página só, a letra bonita e precisa. Uma impressora a laser mal seria capaz de fazer melhor. Não conseguiu ler nenhuma palavra, mas pouco importava. A fotografia desbotada dentro da carta lhe disse tudo o que precisava saber.

Um jovem soldado encarava a câmera vestido com um uniforme verde completo, com direito a cinto de correia cruzado na frente do peito e uma boina de oficial grande demais para sua cabeça. Estava ladeado pela mãe e pelo pai. Sorrisos de orgulho eram iguais no mundo todo. Von Daniken nunca estivera no Irã, mas reconheceria um retrato do aiatolá Ruhollah Khomeini se o visse. O painel gigante com o retrato pintado do religioso que dominava o fundo da fotografia só poderia ter sido tirado em Teerã. Mesmo assim, sua atenção não parava de se fixar no rosto do militar e em seus estranhos olhos azuis. “Olhos de fanático”, pensou.

Nesse exato instante, seu celular tocou. Ele verificou a tela. Número confidencial.

– Von Daniken.

– Marcus, é o seu primo americano.

Von Daniken entregou a carta a Myer e lhe disse para encontrar alguém que falasse árabe. Então, saiu da garagem e retomou a conversa.

– Nenhum outro problema de motor, espero.

– Tudo resolvido.

– Que bom.

– Falamos com Walid Gassan.

– Já imaginava. – Von Daniken se perguntou onde o haviam escondido dentro do avião. – Quando foi que o prenderam?

– Cinco dias atrás, em Estocolmo. Um dos nossos informantes ficou sabendo que Gassan tinha aceitado fazer a entrega de uns explosivos plásticos em Leipzig. Arrumamos uma equipe-relâmpago para pegar o cara, mas ele já tinha se livrado da carga antes de conseguirmos prendê-lo.

– Semtex?

– Como é que você sabia? Comprado daquele ucraniano nojento, o Shevchenko.

– Tem certeza?

– Vamos dizer que tivemos uma conversa franca e ele decidiu abraçar Jesus.

Von Daniken não precisava de mais detalhes.

– Gassan estava agindo como facilitador – continuou Palumbo. – Ele entregou os explosivos para um sujeito chamado Mahmoud Quitab. Verificamos o nome em Langley e na Interpol, mas não achamos nada. Enfim, o tal de Quitab recebeu a carga em uma van Volkswagen, com placa da Suíça. Não temos o número da placa.

Von Daniken havia feito a curva para sair da garagem. Enquanto escutava, percebeu que um pedacinho de concreto estava lascado na pilastra que separava as duas vagas. Uma pequena mancha de tinta branca era visível a olho nu.

– Uma van branca? Tem certeza da cor?

– O cara disse que era branca. O nome Quitab significa alguma coisa para você?

– Nada. – Von Daniken esforçou-se para não deixar transparecer ansiedade na voz. – Alguma outra coisa sobre esse Quitab... telefone, endereço, descrição?

– O telefone dele era de chip, com prefixo da França. Já solicitamos à France Telecom para verificar. Estamos fazendo a mesma coisa com todas as ligações feitas e recebidas no telefone de Gassan. Até agora nada sobre o endereço ou o paradeiro desse Quitab, mas a gente conseguiu uma descrição. Cinqüenta anos mais ou menos. Cabelos escuros. Magro. Altura mediana. Sofisticado. Bem-vestido. Um deles, porém, com olhos azuis.

Um deles, ou seja, um árabe.

Von Daniken olhou para a foto de Blitz. Altura mediana. Um ar sofisticado. E, é claro, os olhos azuis de diamante.

Nesse instante, Myer voltou, seguido por um policial. Von Daniken pediu a Palumbo para esperar um instante e dirigiu-se ao policial.

– Leu a carta? – perguntou.

O policial assentiu e explicou que se tratava de uma carta para os pais sobre a vida cotidiana. Acrescentou que não havia menção de qualquer atividade ilegal.

Von Daniken absorveu as informações.

– E o nome? Pode me dizer para quem a carta estava endereçada?

– Ora, claro. – O policial lhe disse o nome.

"Tinha de ser", pensou Von Daniken. "Não existiam coincidências naquele jogo."

– Marcus, está aí? – perguntou Palumbo.

– Estou. Pode falar.

– Aparentemente, esse tal de Quitab tem uma casa pelas suas bandas – disse Palumbo. – Telefonei para deixar você informado.

– É, eu sei.

– Como assim, sabe? – Palumbo parecia irritado. – Achei que nunca tivesse ouvido falar nele.

– Na verdade, estou na casa dele neste exato momento.

– Está querendo dizer que sabe sobre essa operação?

– É mais complicado do que isso. Quitab está morto.

– Morto? Quitab? Como? Quer dizer... ótimo! Meu Deus, que boa notícia. Fiquei preocupado por um instante. Achei que vocês estivessem com uma situação complicada nas mãos. Encontraram os explosivos também?

– Encontramos.

– Os 50 quilos? Graças a Deus. Vocês desviaram uma bala e tanto.

Von Daniken entrou correndo na garagem. Contou os tijolos de explosivo. Seis feixes de cinco tijolos. Trinta quilos, no máximo.

– Como assim a gente desviou uma bala, Phil? Vocês têm idéia do que o Quitab estava planejando?

– Achei que vocês... – O sinal enfraqueceu e a voz de Palumbo desapareceu em um mar de estática. – ... porra de maluco do cacete.

– Está falhando. Posso ligar para você de um telefone fixo?

– Não dá. Estou em trânsito.

Esperando conseguir um sinal melhor, Von Daniken saiu da garagem e ficou em pé debaixo da chuva.

– O que você quis dizer quando falou que a gente desviou uma bala?

– Eu disse que o Gassan contou que o filho-da-puta do Quitab, esse iraniano maluco, estava a caminho da Suíça para derrubar um avião.

32

O HORÁRIO EM ISRAEL ESTAVA TRÊS HORAS à frente do suíço. Em vez de chuva e neve, um sol escaldante brilhava no céu. O termômetro marcava quase 38ºC, e o litoral do Mediterrâneo derretia sob a onda de calor do início da primavera.

Dezesseis quilômetros ao norte de Tel Aviv, na cidade costeira encarapitada no alto das colinas chamada Herzliya, uma reunião de emergência transcorria no segundo andar do Instituto de Inteligência e Operações Especiais, mais conhecido como Mossad, o serviço israelense de inteligência internacional. Estavam presentes os chefes das divisões mais importantes da organização. Convergência, que cuidava da coleta de informações. Ação Política e Intermediação, responsável por tratar com os serviços de inteligência de países estrangeiros. E Operações Especiais, ou Metsada, que supervisionava o lado sombrio do negócio: assassinatos encomendados, sabotagem e seqüestros, entre outros.

– Desde quando eles têm um estabelecimento em Chalus? – indagou o homem gordo e feio, porém altivo, que andava de um lado para outro na frente da sala. – Que eu saiba, eles concentravam as operações de enriquecimento em Natanz e Esfahan. – Usando uma camisa de mangas curtas, com cabelos pretos ralos, um rosto sem rugas e os olhos saltados de um réptil, poderia tanto ter 40 quanto 70 anos. Inegável, porém, era o seu ar decidido e bravo. Chamava-se Zvi Hirsch e há sete anos era chefe do Mossad.

– Não conseguimos achar nada nos mapas. Nenhuma imagem de satélite. Nada – disse o responsável pela Convergência. – Eles foram muito espertos. Conseguiram manter o lugar secreto.

– Secreto mesmo! – disse Zvi Hirsch. – De quantas centrífugas eles precisam para processar tanto urânio assim? Estamos falando de 100 quilos em menos de dois anos.

– Em tão pouco tempo assim? Pelo menos umas 50 mil.

– E quantas empresas fabricam o equipamento necessário para esse tipo de operação?

– Menos de 100 – respondeu a Convergência. – As exportações são rigidamente controladas e monitoradas.

– Estou vendo – retrucou Hirsch, seco.

– É evidente que eles receberam o equipamento fora dos canais habituais – disse Metsada. Ele era moreno e magro como um fiapo e falava com uma voz mansa que parecia incapaz de fazer mal a uma mosca. – Muito provavelmente de fabricantes de artigos de dupla utilidade.

– Traduza, por favor.

– Produtos fabricados para fins civis que podem ser usados pela indústria da defesa. Nesse caso, seriam equipamentos para auxiliar o ciclo de enriquecimento do urânio. Centrífugas de alta rotação vendidas para empresas de laticínios para fabricar iogurte que também podem ser usadas para separar o gás hexafluoreto de urânio. Transmissores de calor feitos para siderúrgicas que podem ser usados para resfriar reatores. Esses produtos não precisam de licença de exportação nem de certificados de uso. Operações disfarçadas, em suma.

– Disfarçadas? Achei que dominássemos esse nicho de mercado. – Hirsch cruzou os braços sobre o peito largo. – Muito bem, então eles têm a bomba. Conseguem fazê-la chegar aqui?

– Eles fizeram testes bem-sucedidos com o míssil de longo alcance Shahab-4 dois meses atrás – informou a Convergência.

– Quanto tempo leva depois do lançamento para chegar aqui?

– Uma hora no máximo.

– Conseguiremos derrubar? – perguntou Hirsch.

– Teoricamente, estamos seguros como um bebê no colo da mãe.

Israel dispunha de uma estrutura de defesa aérea em dois níveis para destruir mísseis de longo alcance. O primeiro consistia no míssil terra-ar Flecha II, e o segundo, no sistema de mísseis de última geração chamado Patriota. Ambos tinham o mesmo problema: só podiam ser acionados quando o míssil inimigo estivesse a pelo menos 100 quilômetros do alvo – ou seja, a poucos minutos de atingi-lo. E nenhum dos dois nunca fora testado em combate.

– E alguma coisa que passe pelo radar? Eles têm mísseis teleguiados?

– Boatos, só isso.

– Esperemos que sim – disse Hirsch. – E qual a precisão do Shahab?

Um representante de Ação Política e Intermediação tomou a palavra.

– Precisão é algo para a Alemanha, a França e os Estados Unidos se preocuparem. No nosso caso, não faz diferença. Qualquer coisa a menos de 80 quilômetros do alvo é fatal. Se eles conseguiram contrabandear 50 mil centrífugas para dentro do país debaixo dos nossos narizes e construir uma estação de enriquecimento de urânio de ponta sem ninguém ficar sabendo, eu não ficaria surpreso se tivessem avançado também no quesito precisão.

– Então? – disse Hirsch, esfregando os antebraços grossos e pelados. – O que fazer, colocar as mãos para cima e nos render? É isso que os nossos amigos persas querem? Será que eles esperam que fiquemos parados enquanto eles armam os foguetes com ogivas capazes de destruir nossas cidades?

Ex-general da Força de Defesa de Israel, ele sabia muito bem o que poderia acontecer no caso de um ataque nuclear ao solo israelense. Israel ocupava um território de pouco menos de 500 quilômetros de comprimento e uns 250 de largura. No entanto, 90% da população vivia nos arredores de Jerusalém e Tel Aviv, cidades separadas por apenas 50 quilômetros. Um ataque nuclear em uma das duas não apenas mataria uma porcentagem significativa da população como arrasaria a infra-estrutura industrial do país. A radioatividade tornaria o lugar inabitável durante anos. Falando em termos claros, a população não teria para onde ir, a não ser para fora do país. Uma nova diáspora.

Nenhum de seus chefes de seção respondeu.

– Tenho uma reunião com o primeiro-ministro daqui a uma hora – continuou Hirsch. – Gostaria de poder mostrar que não fomos pegos de calças curtas. Imagino que ele vá estar interessado em uma só pergunta. Eles vão nos atacar?

Convergência franziu os lábios.

– O presidente iraniano acredita no fim dos tempos apocalípticos pregado pelo Alcorão. Considera que é missão pessoal sua apressar a chegada do décimo segundo imã, conhecido como Mahdi, descendente legítimo do profeta Maomé. Está escrito que a sua volta será precedida por um confronto entre as forças do bem e do mal, que irá prenunciar um período prolongado de guerra, turbulência política e carnificina. Ao final desse período, o Mahdi guiará o mundo para uma era de paz universal. Antes, porém, precisa destruir Israel.

– Maravilha – disse Hirsch. – Lembre-me de não pedir boas notícias a você no futuro.

– Tem mais. As medidas do presidente para assumir o controle de todos os níveis de poder do país tiveram um sucesso incrível. Ele demitiu centenas de líderes iranianos que não compartilhavam das suas crenças nas áreas de educação, medicina e diplomacia e substituiu-os por correligionários da Guarda Republicana. Pior ainda, fez um aliado seu ser eleito líder religioso supremo do país. Seis meses atrás, as ambições do presidente podiam ter sido neutralizadas pelos clérigos mais importantes. Agora não mais. Esse cara novo, o aiatolá Razdi, é um louco. Fala com Maomé no telefone todos os dias. Definitivamente não é um sujeito racional.

– Você queria saber se eles vão puxar o gatilho – disse Metsada. – Acho que já temos a resposta.

Convergência aquiesceu.

– O presidente está levando o Irã de volta à idade de Maomé. Em várias ocasiões, afirmou publicamente que o profeta em pessoa tinha falado com ele e informado que a sua volta iria acontecer daqui a apenas dois anos. Está com uma das mãos no Alcorão e a outra no gatilho.

– Ele não vai conseguir manter o programa em segredo por muito mais tempo. – A voz de Metsada tinha adquirido um tom venenoso. – Quando a notícia se espalhar, sabe que vamos agir.

– A menos que ele aja primeiro. – Hirsch despencou na cadeira, fazendo um rangido. – Parece março de 1936 se repetindo.

– Como assim?

– Quando Hitler mandou as tropas entrarem na Renânia para recuperar o território anexado pela França depois da Primeira Guerra. Os soldados não tinham treinamento e suas armas eram patéticas. Alguns não tinham nem balas para os fuzis. O comandante levou duas ordens diferentes no bolso. Uma para seguir se os franceses reagissem e outra em caso contrário.

– Os franceses deixaram os boches entrar sem resistência e chegaram até a tratá-los como libertadores. O comandante abriu a primeira ordem. Esta lhe dizia para ocupar o território e distribuir bandeiras alemãs para os cidadãos. Isso foi um divisor de águas. Até esse dia, Hitler era só empáfia e papo furado. Depois de recuperar a Renânia, começou a se levar mais a sério. Assim como o resto do mundo.

– Desculpe, Zvi – interrompeu Convergência. – O que a segunda ordem dizia?

– A segunda ordem? – Zvi deu um sorriso triste. – Se encontrasse resistência, o comandante deveria recuar imediatamente e voltar para a caserna com os soldados. Em suma, dizia para sair correndo ao primeiro sinal de conflito. A vergonha seria demais para o país suportar. O governo teria caído. Bastaria um tiro para tirar Hitler do poder.

– Você está dizendo que temos que enfrentar o presidente?

Hirsch se virou e olhou pela janela.

– Não acho que vá ser fácil desta vez.

33

JONATHAN ESTAVA SENTADO com os joelhos junto ao peito, costas apoiadas na parede. Um nicho no canto à sua frente abrigava um vaso de flores frescas. Logo acima havia um crucifixo de ferro grosseiro pendurado. O abrigo fora construído no flanco da colina, pelo Clube Alpino Suíço, e era parecido com uma gruta, com o chão e as paredes feitas de pedra e cimento. De onde estava sentado, ele podia ver todos os caminhos que conduziam até ali. Um vinha do leste, uma trilha plana que acompanhava o contorno da colina. Outro subia do lago, ziguezagueando em uma série de curvas fechadas. Um terceiro vinha do oeste. Depois dos morros baixos de declive abrupto, através da chuva torrencial, o crescente cinza agitado do lago Maggiore enchia o horizonte.

Simone estava deitada de costas no chão duro, com as roupas encharcadas, o peito arfante.

– Está vendo alguém? – perguntou, ofegante. – Qualquer um? Estão seguindo a gente?

– Não – respondeu Jonathan. – Não tem ninguém lá fora.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Graças a Deus. – Com um gemido, ela se ergueu até ficar sentada. – É demais – disse, segurando a cabeça com as mãos. – Estou apavorada. Aquele homem... Blitz... Nunca vi alguém levar um tiro daquele jeito. O que é que a gente vai fazer?

– Ainda não sei direito.

De repente, como se tivesse lhe ocorrido uma idéia, Simone levantou a cabeça.

– Vou dizer o que a gente vai fazer – falou. – Vamos descer desta montanha, pegar um ônibus até Lugano e encontrar um lugar para nos secarmos. Depois, vamos comprar roupas novas para você. Um terno. Alguma coisa profissional. Em seguida, cortar e tingir seu cabelo e colocá-lo em um trem para Milão. É isso o que a gente vai fazer.

– Primeiro eu preciso de um passaporte – disse Jonathan. – De preferência sem o meu nome ou a minha foto.

Simone fez um gesto descartando o plano inicial.

– Certo, esqueça o trem. Vamos esperar um pouco, depois voltar e pegar o carro. Vamos cruzar a fronteira. Eles deixam todo mundo passar. Não vão parar um banqueiro em um Mercedes. Eu vou com você.

Enquanto falava, ela não tirava os olhos dele. "Meu Deus", pensou Jonathan, "se eu estiver com uma cara tão assustada quanto a dela, vamos ter problemas."

– E depois? – perguntou Jonathan. – Continuar fugindo? – Pondo-se de pé, ele apontou para a paisagem de montanha na direção da vila de Blitz. – Olhe para lá. A polícia sabe tudo o que eu fiz na estação de trem. O escritório de Blitz está coalhado com as minhas digitais. Simone, o assassino sou eu. Fui eu quem estourei a cabeça do Blitz. Qualquer chance que existisse de convencer a polícia de que o que aconteceu ontem foi em legítima defesa já era.

– É por isso que você tem que sair do país.

– Isso não vai resolver nada.

– Mas vai deixá-lo vivo. E em segurança.

– Por quanto tempo? Eles não vão parar de me procurar só porque cruzei a fronteira. Vão mandar a minha foto para todos os países da Europa.

Jonathan cruzou os braços, tentando imaginar o que aconteceria se saísse do país. Sempre esbarrava em um impasse. Não conseguia visualizar direito, em parte porque sua mente não estava condicionada para fugir. Ele passara anos lutando para subir encostas impossíveis, em condições impossíveis. Depois de um certo tempo, começara a pensar que é possível fazer qualquer coisa, contanto que não se desista. Não era preciso ser nenhum fenômeno. Bastava seguir em frente.

Quando ele era jovem e impetuoso, e um pouco arrogante demais, costumava dizer que era contra bater em retirada, por princípio. A tenacidade lhe permitira se formar na faculdade e na escola de medicina em sete anos e o levara a continuar na profissão mesmo depois de seus colegas, um por um, desistirem da carreira.

– Eles amarelaram, só isso – costumava dizer Emma depois de uma ou duas doses de Jack Daniels. – Covardes, todos eles. Têm o coração do tamanho do de um camundongo, e os documentos não muito maiores.

Ouviu a voz dela dizendo aquelas palavras com a mesma clareza como se estivesse sentada ao seu lado. De repente, sentiu os olhos quentes, irritados. Queria segurar as mãos dela. Ansiava pela sua força.

Simone olhou para Jonathan por baixo do emaranhado de cabelos molhados.

– Que história toda é essa, caramba? – perguntou.

– Como assim?

– Em que a nossa menina estava metida?

– Sei lá.

– Ela nunca disse nada para você? Como é que conseguiu guardar segredo sobre um negócio assim? Você deve ter percebido. É por isso que não quer parar agora... não quer parar de perseguir o fantasma de Emma. Diga-me a verdade, Jonathan. Você estava nisso com ela? Uma dupla? Já ouvi falar em casais que fazem esse tipo de coisa juntos.

– Que tipo de coisa?

– Não sei como chamar. Espionagem. Isso de ser agente. É disso que se trata, não é? A carteira de motorista falsa. Os homens atrás das malas. Todo aquele dinheiro. Cem mil francos. Não foi um ladrão que matou Blitz, foi?

– Não – respondeu ele. – Não foi, não.

A resposta pareceu confirmar as piores suspeitas de Simone. Seus ombros caíram, vergados pelo peso de todas as suas acusações.

Jonathan escorregou pelo chão e foi sentar-se ao seu lado.

– Eu não sei no que a Emma estava metida – falou. – Quisera Deus eu soubesse.

Simone o encarou por alguns instantes mais do que o necessário.

– Não sei se acredito em você.

Jonathan desviou o olhar, correndo as mãos pelo rosto, esforçando-se para decidir o que fazer em seguida.

– Então – disse por fim. – O que você vai fazer?

– Eu já falei. A gente vai dar um jeito de chegar até Lugano e comprar umas roupas novas para você. Depois vamos mudar o seu visual. E vamos...

– Simone, pode parar. Você não pode ficar comigo. Está tudo fora de controle.

– Você espera que eu vá embora?

– Quando descer desta montanha, a gente vai se separar. Você vai encontrar o Paul em Davos e vai esquecer que isso um dia aconteceu.

– E você?

Jonathan tomou uma decisão.

– Eu vou descobrir o que ela estava fazendo.

– Por quê? De que vai adiantar? Você precisa é cuidar de si.

– É isso que eu estou fazendo. Você não entende?

Aquiescendo, Simone vasculhou a bolsa à procura de um cigarro. Acendeu um e soltou uma nuvem de fumaça. Ele percebeu que as mãos dela não tremiam mais.

– Pelo menos, deixe eu ajudá-lo com as roupas – disse. – Antes de ir...

Jonathan passou o braço em volta de Simone e a abraçou.

– Isso você pode fazer. Agora vamos ver se a gente consegue destrinchar essa papelada que trouxe do escritório do Blitz.

Ele abriu a pasta e começou a revirar a papelada que catara da escrivaninha. Eram, na maioria, contas e uma miscelânea de papéis inúteis. Passou-os para Simone, que olhou rapidamente cada um deles antes de devolvê-los à pasta. Nenhum dos dois encontrou nada que revelasse qualquer indício sobre quem era Blitz ou para quem ele trabalhava.

Em um bolso lateral, Jonathan achou um Palm: um aparelho que conjuga telefone, processador de texto, e-mail e navegador de internet. Apertou o botão de ligar. O aparelho acendeu e ativou-se na função telefone. No canto superior, um asterisco apareceu e começou a piscar, indicando uma mensagem de voz. Jonathan clicou ali. Uma senha foi solicitada. Ele digitou 1-1-1-1, depois 7-7-7-7. Acesso negado. Disse um palavrão entre os dentes.

– O que é isso? – perguntou Simone, escorregando para mais perto dele, com os olhos fixos na tela.

– O Palm do Blitz. Tudo está protegido por senha. Não consigo entrar no programa. Nem no e-mail, nem no Word, nem no navegador. O que você usa como senha?

– Depende. Tenho uma senha diferente para cada conta. Antes usava o aniversário da minha mãe, depois o endereço da casa em Alexandria, onde fui criada. Hoje em dia tenho usado 1-2-3-4. É mais fácil.

E Jonathan? Ele só tinha uma senha. O aniversário de Emma: 11-12-77.

De repente, lembrou-se da pulseira com o flash drive que encontrara dentro da bolsa de viagem dela. Tirou-a do pulso, abriu-a e inseriu o flash drive na entrada USB do Palm. Um ícone chamado "Thor" apareceu na tela. Deu um duplo clique em cima dele e uma tela apareceu pedindo uma senha.

– Que se dane tudo isso.

– Esse negocinho é seu? – perguntou Simone, estendendo a mão para tocar o flash drive.

– Era da Emma. Encontrei na bagagem dela quando voltei para o hotel. Também está pedindo uma senha. – Tentou o aniversário de Emma, depois o seu. Tentou a nova senha do cartão do banco de sua conta conjunta, depois a senha antiga. Tentou seu aniversário de casamento. Nenhuma delas funcionou. Jonathan desistiu.

"Thor".

Ele apontou para o ícone.

– Eu vi esse nome num memorando para Eva Kruger. Algo sobre suspender ou derrubar.

Remexendo nos papéis, ele encontrou o memorando endereçado a Eva Kruger, no papel de carta da ZIAG relacionado ao Projeto Thor.

– Vou ligar para lá e perguntar.

– Para quem?

– Para a ZIAG, ou qualquer que seja o nome da empresa onde Blitz trabalhava.

Simone fez uma tentativa malsucedida de tirar-lhe o Palm das mãos.

– Não, Jonathan, não faça isso. Só vai causar mais problemas para você.

– Mais problemas? – Jonathan se levantou e foi para o outro lado da gruta.

– Dizia quando?

– 10 de fevereiro. É segunda-feira.

– O que você está fazendo? – perguntou Simone.

Ele ativou o telefone e ouviu um sinal de discagem. Pelo menos aquilo funcionava sem senha. Com o memorando na mão, digitou o número impresso no alto da página. O telefone tocou duas vezes antes de atenderem.

– Zug Industriewerk, boa tarde. Com quem deseja falar?

A voz era jovem, feminina e totalmente profissional.

– Eva Kruger, por favor.

– Quem devo anunciar?

"O marido dela, na verdade", pensou Jonathan. Não havia preparado uma resposta, porque não esperava que a empresa existisse.

– Um amigo – disse depois de alguns instantes.

– Seu nome, senhor?

– Schmid – respondeu Jonathan. Foi o mais próximo de Smith em que conseguiu pensar.

– Um instante. – Um bipe neutro soou quando a ligação foi transferida. Uma caixa postal de voz atendeu. "Aqui é Eva. Não estou na sala no momento. Deixe seu nome e telefone que ligarei em seguida. Para maiores informações, tecle estrela para falar com minha assistente, Barbara Hug."

A língua era alemão suíço fluente, com um leve sotaque de Berna. Não havia dúvida de que Eva Kruger era suíça de nascimento. O problema é que aquela era a voz de Emma. Emma, que titubeava ao dizer grüezi e não conseguia pronunciar chuechikaestli, mesmo que sua vida dependesse disso. Emma, que além de um domínio decente do que chamava de "francês de colégio", era uma imbecil confessa quando se tratava de línguas que não fossem o inglês da rainha.

Jonathan teclou estrela. Queria falar com Barbara Hug. Queria perguntar se aquele era o seu nome de verdade, ou se ela o usava apenas para transações envolvendo cílios falsos e roupas de baixo sensuais, sem falar em envelopes abarrotados de dinheiro vivo.

Instantes depois, porém, a caixa de voz de Fräulein Hug repetiu um curto recado e ele desligou.

Tornou a discar o número na mesma hora. Quando a telefonista atendeu, tornou a dar o nome "Schmid". Agora ele também tinha um pseudônimo.

– Eu gostaria de falar com o superior da Sra. Kruger – disse, lembrando-se da aliança com a data de casamento gravada. – É uma emergência.

– Infelizmente ele está ocupado no momento.

– Claro que está – zombou Jonathan.

– Perdão, senhor?

Jonathan havia achado o envelope com as fotografias de passaporte de Emma e de um homem chamado Hoffmann.

– Quero falar com o sr. Hoffmann.

– Um instante, por favor.

Uma voz masculina atendeu.

– Sr. Schmid. Aqui é Hannes Hoffmann. A Sra. Kruger está fora do país. Sobre o que desejava falar com ela?

– Sobre o Thor.

Silêncio. Obviamente, Jonathan também não tinha a senha para passar por Hoffmann. Então, surpreendentemente, Hoffmann disse:

– Sim, o que tem o Thor?

– Acho que vocês vão ter um problema para finalizar esse projeto até o dia 10.

– Desculpe, Sr. Schmid, mas não temos o hábito de discutir negócios com desconhecidos.

– Não sou um desconhecido. Já disse que sou amigo de Eva. Só acho que vocês também não deveriam confiar em Gottfried Blitz. – Jonathan esperou outra reprimenda sobre não discutir negócios com desconhecidos, mas tudo que recebeu como resposta foi silêncio. – O senhor o conhece, não é? Pelo menos o nome dele está em um memorando que o senhor recebeu.

– Sim. – A resposta era hesitante. – O que tem o Sr. Blitz?

– Ele morreu.

– Do que o senhor está falando?

– Foi pego hoje de manhã. Entraram na casa dele e deram-lhe um tiro na cabeça.

– Quem está falando? – perguntou Hoffmann.

– Já disse. Meu nome é Schmid.

– Como o senhor sabe sobre o Sr. Blitz?

– Eu estava lá. Eu vi.

– Impossível. – Hoffmann disse isso de forma casual, como se Jonathan estivesse se referindo a uma brincadeira que não poderia continuar.

– Mande alguém à casa dele, se não acreditar. A polícia já está lá. Ligue para ele e vai descobrir.

– Vou fazer isso. Imediatamente. Agora diga-me: quem está falando, na verdade?

– Olhe para o número no seu bina.

Houve uma pausa seguida por um arquejo rápido.

– Quem está falando? O que você fez com Blitz?

Jonathan desligou. Dali em diante, quem faria as perguntas seria ele.

34

DE ACORDO COM O REGULAMENTO aplicado a todos os homicídios, o corpo de Theodor A. Lammers, presidente da Robótica AG, cidadão holandês, suspeito de ser agente secreto a serviço de um país desconhecido e vítima de um assassino profissional, foi transferido para o necrotério do Hospital Universitário e submetido a uma autópsia completa, executada pelo Dr. Erwin Rohde, médico-legista chefe do cantão de Zurique.

Rohde tinha 60 anos e era um homem baixinho, como um gnomo, de olhos azuis e cabelos grisalhos. “Não há dúvida quanto à causa mortis daquele ali”, pensou, em pé ao lado do corpo, examinando os ferimentos no rosto e no pescoço. Se os tiros na cabeça não tivessem matado a vítima, o tiro no peito completaria o serviço. O buraco de bala preto e redondo estava posicionado logo acima do coração.

Assassinatos eram relativamente raros em Zurique, e na Suíça como um todo. O país tinha registrado um total de 67 homicídios no ano anterior. Menos do que na cidade norte-americana de San Diego, que, com pouco mais de um milhão de habitantes, tinha um sétimo da população da Suíça. Desses 67, 20 morreram nas mãos do crime organizado e quase todos eram criminosos. Mas há anos ele não via nada como aquilo.

Depois de escolher um bisturi, Rohde fez uma incisão no alto da testa e continuou, seguindo a circunferência da cabeça. Após afastar a pele (metade no rosto, metade na nuca), usou uma serra elétrica para remover o topo do crânio de Lammers. Foi um trabalho sujo. Os tiros haviam praticamente destruído o cérebro.

Rohde pescou vários pedaços de chumbo deformado e largou-os na bacia à sua direita. As balas eram do tipo dundum, ou balas de ponta oca, que se abriam com o impacto. Soltou mais um pedaço de metal e fez uma pausa. “Que estranho...”, pensou. Em vez do cor-de-rosa saudável e normal, a área em volta do pedaço de bala apresentava um colorido marrom desagradável. Normalmente uma cor daquelas indicava necrose, a morte inesperada de algum tecido devido a um fator externo: infecção, inflamação ou envenenamento.

Rohde removeu um pedaço do cerebelo e depositou-o dentro de um saco plástico. Deixando ao assistente a tarefa de fechar o crânio, começou a examinar o ferimento do tórax. A bala havia parado ao atingir o coração, mas, fora isso, estava intacta. Removê-la foi rápido. Ajustando as lâmpadas sobre a bancada, o legista se curvou para examinar o órgão. O coração apresentava uma cor escura, bordô e saudável. Todo ele, exceto o tecido em volta do ferimento. Ali, o músculo tinha o mesmo marrom fecal que ele observara no cérebro.

Rohde removeu um pedacinho de tecido e segurou-o perto da luz. Não havia dúvida de que o que estava observando era um caso avançado de necrose. Guardou esse pedaço em um saco também.

Recolheu os dois sacos plásticos, tirou o jaleco e saiu apressado da sala de autópsia.

Dois minutos depois, chegou ao laboratório de criminalística.

– Preciso usar o espectrômetro cromatográfico – disse, referindo-se ao aparelho que combinava as funções de espectrômetro de massa e cromatográfico a gás.

Alguma coisa na bala estava matando o tecido.

C_{31}-H_{42}-N_2-O_6

Erwin Rohde olhou fixamente para a fórmula exibida no mostrador do espectrômetro de massa, esperando a máquina traduzi-la em uma substância identificável. Dez segundos se passaram sem nenhuma palavra aparecer. Capaz de identificar mais de 64 mil substâncias, o espectrômetro não tinha resposta. Um segundo pedido para analisar a substância produziu o mesmo resultado. Rohde sacudiu a cabeça. Em 20 anos, era a primeira vez que a máquina o decepcionava.

Anotou a fórmula e voltou apressado para sua sala. Tratava-se de uma toxina ou veneno, tinha certeza. A questão era que tipo de toxina. Rohde tentou inserir a fórmula no computador. Novamente nada. Perplexo, deslizou com a cadeira para trás. Havia um homem em quem podia confiar para lhe dar a resposta.

Depois de consultar seu caderno de telefones, Rohde discou um número internacional: 44 para a Inglaterra, 20 para Londres. O prefixo de quatro algarismos pertencia à New Scotland Yard.

– Wickes – atendeu uma voz inglesa seca.

Rohde se apresentou, dizendo que havia assistido ao seminário de Wickes no verão anterior, chamado Novas Tecnologias Criminalísticas e Forenses. Wickes era um homem ocupado, que dava pouco crédito a gentilezas sociais.

– O que houve?

Rohde resumiu a autópsia de Lammers e contou como o espectrômetro de massa havia fracassado em identificar o composto responsável por necrosar o tecido do cérebro e do coração.

– Me dê apenas a composição – interrompeu Wickes. – Do resto cuido eu.

Rohde leu a lista de componentes. Quando Wickes tornou a atender, falou com um tom bem menos arrogante.

– Onde disse que encontrou esse tecido?

– Em volta de ferimentos a bala na cabeça e no peito.

– Interessante – disse Wickes.

– O senhor quer dizer que achou a substância?

– É claro que achei. A fórmula que o senhor me deu é a da batracotoxina.

Rohde admitiu que nunca tinha ouvido falar naquela toxina.

– Não teria motivo para ter ouvido falar nela – disse Wickes. – Afinal, esse tipo de coisa não existe pelas suas bandas. Vem do grego batrachos, que quer dizer "sapo".

– Veneno de sapo?

– Gênero Dendrobates. Dendrobatídeos, para ser mais exato. Os diabinhos são do tamanho do seu polegar. Vivem nas florestas da América Central e do Oeste da Colômbia. Nicarágua, El Salvador, Costa Rica. A batracotoxina é um dos venenos mais letais do mundo. Cem microgramas, mais ou menos o peso de dois grãos de sal, bastam para matar um homem de 70 quilos. O único uso registrado do veneno, exceto a proteção dos próprios sapos, é por indígenas locais, que revestem suas lanças com a gosma deles quando saem para caçar macacos e outros animais.

– Então as balas foram revestidas? Mas por quê?

Em vez de responder à pergunta, Wickes fez outra.

– Vocês já têm uma idéia de quem possa ser o assassino? Não o prenderam ainda, não é?

– Não.

– Imaginei. Tenho certeza de que é um profissional.

Rohde lhe disse que a polícia acreditava que o crime de fato fora cometido por um profissional.

Wickes pigarreou e, quando tornou a falar, sua voz havia assumido um tom conspiratório.

– Isso me lembra uma coisa que vi quando estava na Marinha Real. Foi em El Salvador e já faz um tempo, em 1981 ou 1982. Estávamos chegando de Belize, fazendo um treinamento conjunto com os americanos. Na época, o país estava um caos. Todo mundo disputava o poder. Comunistas, fascistas, até alguns democratas. O governo mandava esquadrões da morte para a zona rural para matar todo mundo da oposição. Na verdade, eram assassinatos puros e simples. Alguns dos soldados eram indígenas, e não ficaram nada contentes com o que estavam sendo obrigados a fazer. Eram uma gente cheia de superstição. Acreditavam em fantasmas e no mundo dos espíritos. Xamãs. Seres imaginários. Essas coisas. Eles tinham um ritual para se proteger dos fantasmas dos homens e mulheres que matavam. Para impedir que os espíritos das vítimas os assombrassem, mergulhavam as balas em veneno. Para matar a alma antes de ela deixar o corpo.

– Que horror – disse Rohde.

– Você sabe quem treinava esses esquadrões da morte, não sabe? – perguntou Wickes.

– Como assim, “treinava”?

– Quem ensinava tudo a eles. Quem os punha para lutar. Quem os mandava fazer o que faziam.

– Não faço idéia – disse Rohde.

– Os americanos. A Companhia. Era assim que eles se faziam chamar, na época. Se quiserem encontrar o assassino, é lá que devem começar a procurar.

– Na Companhia? Está querendo dizer na CIA?

– Isso. Bando de escrotos.

Wickes desligou sem se despedir.

Erwin Rohde sentou-se. Precisava de um tempinho para digerir o que havia acabado de descobrir. Balas envenenadas. Assassinos. Coisas assim simplesmente não existiam na Suíça.

Quase relutante, ele pegou o telefone e discou o número pessoal do inspetor-chefe Marcus Von Daniken.

35

– VOCÊS NUNCA VÃO CONSEGUIR DERRUBAR ISTO – disse o general-de-brigada Claude Chabert, comandante da 3.ª Esquadra de Caça da Força Aérea Suíça. – As aeronaves com turbina a gás já são difíceis. E elas só voam a 200 quilômetros por hora, mas esse negocinho tem um jato na cauda. Podem esquecer.

– Não dá para lançar um míssil? – resmungou Alphons Marti, empurrando para abrir caminho até mais perto do centro da mesa, para poder ver melhor os desenhos do avião teleguiado, ou "veículo aéreo não-tripulado", segundo Chabert. – Seria Stinger? Como o senhor disse, é um jato. Deve deixar uma assinatura térmica.

Chabert, Marti e Von Daniken estavam em pé junto a uma mesa na sala deste último, em Nussbaumstrasse. Eram quase 5 da tarde. Chabert, engenheiro elétrico de formação e piloto de F/A-18 Hornet, com seis mil horas de vôo computadas, havia sido chamado às pressas de sua base em Payerne para dar uma aula-relâmpago sobre destruição de veículos aéreos não tripulados. Esbelto e louro, com os olhos azuis apertados, ainda vestido com o uniforme de piloto, era o retrato de um aviador consumado.

– Uma assinatura térmica não basta – explicou Chabert, paciente. – Vocês precisam lembrar que se trata de um jato pequeno. A envergadura é de 4 metros. A fuselagem mal chega a 2,5 por 50 centímetros. Não é um bom alvo se estiver voando a 500 quilômetros por hora. Os sensores dos radares tradicionais usados pelo controle aéreo são ajustados de propósito para evitar captar pequenos objetos como pássaros e gansos. E esse daí é bem discreto. Tem poucas superfícies retas. Os canos de exaustão são montados ao lado dos aerofólios verticais da cauda. Se fosse para apostar, eu diria que esse revestimento prateado no corpo é RAM.

– O que é RAM? – perguntou Marti, como se fosse algo inventado apenas para chateá-lo.

– Radar Absorbent Material, material absorvente de radar. A cor metálica serve para dificultar a visão pelo olho humano. – Chabert terminou de examinar os desenhos e virou-se para Von Daniken. – Desculpe, Marcus, mas um radar civil nunca detectaria isto. Você está sem sorte.

Von Daniken sentou-se em uma cadeira e passou a mão pela cabeça. A última hora fora para ele uma lição e tanto sobre desenvolvimento e uso de aviões teleguiados como armas militares. Na década de 1990, a Força Aérea Israelense tinha sido a pioneira no uso de veículos aéreos não tripulados para sobrevoar a fronteira norte com o Líbano. Na época, um avião teleguiado não passava de um brinquedo controlado por rádio com uma câmera presa à base que tirava fotos do inimigo. Os últimos modelos tinham envergaduras que chegavam a 15 metros, carregavam mísseis ar-terra Hellfire debaixo das asas e eram pilotados via satélite por operadores dentro de bunkers fortificados, a milhares de quilômetros de distância.

– Alguma idéia de qual vai ser o alvo? – perguntou Chabert.

– Um avião – disse Von Daniken. – Muito provavelmente aqui na Suíça.

– Alguma idéia de onde? Zurique, Genebra, Basiléia-Mulhouse?

– Nenhuma. – Von Daniken pigarreou. O estresse e o cansaço dos últimos dias estavam cobrando seu preço. Fundas olheiras rodeavam seus olhos e, mesmo sentado, sua postura era curvada. – Diga-me uma coisa, general, de que tipo de pista essa coisa precisa para decolar?

– Duzentos metros de terreno aberto – disse Chabert. – Um avião teleguiado desse porte pode ser retirado da embalagem de transporte e colocado no ar em cinco minutos.

Von Daniken se lembrou de sua ida à Robótica AG, a empresa de Lammers. E da descrição orgulhosa da tecnologia de fusão de sensores que integrava dados de várias fontes. Até onde ele sabia, o piloto – ou "operador" – poderia estar no Brasil ou em qualquer outro lugar do mundo, aliás.

– Alguma chance de interferir no sinal?

– Melhor tentar descobrir onde fica a estação em terra. O avião teleguiado funciona com base em três princípios: a estação em terra, o satélite e o avião em si, e os sinais vão sendo transmitidos permanentemente entre os três.

– De que tamanho é a estação em terra?

– Depende. Mas, se o piloto estiver pilotando a aeronave sem visão direta, ou seja, se estiver confiando nas câmeras contidas dentro do avião, então vai precisar de monitores de vídeo, uma fonte de energia estável e recepção de satélite constante.

– A estação poderia ser móvel? – perguntou Von Daniken. – Alguma coisa que caiba na traseira de uma van, por exemplo?

– Com certeza, não – respondeu Chabert. – O operador precisa estar em algum tipo de instalação fixa. De outra forma, não vai ter energia suficiente para enviar o sinal a grande distância. Você disse que a intenção é derrubar um avião. Esse veículo aéreo não tripulado não tem tamanho para carregar mísseis ar-ar. Vocês acreditam que quem quer que esteja por trás disso pretende lançá-lo em cima de outra aeronave? Se for o caso, eles vão querer ter visão direta do alvo. É muito arriscado pilotar essas coisas só com câmeras e radares.

– Não posso afirmar com certeza – respondeu Von Daniken. – Mas é provável que usem explosivos plásticos.

– Bom – disse Chabert, animando-se. – Então pelo menos sabemos para que serve a nacela. Imaginei que fosse para abrigar mais equipamentos.

– De que nacela você está falando?

Usando uma esferográfica, Chabert apontou para um recipiente em forma de gota que parecia estar pendurado no nariz do avião.

– O peso máximo permitido é 30 quilos.

Von Daniken soltou um grunhido reprimido. Uns 20 quilos de Semtex tinham sido tirados da garagem de Blitz.

– É o suficiente para derrubar um avião? – perguntou Marti.

– Mais do que suficiente – respondeu Chabert. – A bomba que derrubou o vôo 103 da Pan Am, em Lockerbie, cabia dentro de um toca-fitas. Basta menos de meio quilo de C-4 para abrir um rombo de 2 por 4 metros na lateral de um Boeing 747. A 10 mil metros de altitude, o avião não teve chance. Imagine um avião teleguiado com uma velocidade de 500 quilômetros por hora e uma carga 50 vezes maior.

Marti, com o rosto pálido, afastou-se da mesa.

– Mas isso é só metade do nosso problema – disse o general-de-brigada Claude Chabert.

Von Daniken estreitou os olhos.

– Por quê?

– Com uma carga dessas, o avião teleguiado em si na verdade é um míssil. Não precisaria necessariamente esperar um avião estar no ar para matar todos a bordo. Poderia facilmente destruir o alvo em terra. A detonação iria incendiar o combustível nos tanques das asas. A bola de fogo e os estilhaços iniciariam uma reação em cadeia. Qualquer avião estacionado a menos de 20 metros iria explodir como munição superaquecida.

Com uma careta, Chabert passou uma das mãos pela nuca.

– Senhores, melhor fechar o aeroporto inteiro.

♦ ♦ ♦

Fazia cinco minutos que Chabert tinha ido embora. Von Daniken estava sentado na extremidade da mesa de reunião, de braços cruzados, enquanto Alphons Marti andava de um lado para outro. Só restavam os dois na sala.

– Precisamos alertar as autoridades competentes – disse Von Daniken. – Acho que o telefonema deveria partir do seu escritório.

A lista era longa e incluía o Escritório Federal de Aviação Civil, o Serviço de Segurança Federal, os Departamentos de Polícia de Zurique, Berna, Basiléia e Lugano, e também as agências irmãs na França, Alemanha e Itália, em cujo espaço aéreo o avião teleguiado poderia entrar. Caberia a eles avisar às companhias aéreas.

– Concordo, mas acho que é cedo ainda. Quer dizer, de que tipo de ataque exatamente estamos falando?

– Achei que já tivéssemos conversado sobre isso.

– Sim, sim, mas e quanto aos detalhes? Temos uma data, uma hora ou mesmo um local? Tudo que sabemos até agora tem por base as palavras de um terrorista que deu as informações em uma situação que só posso imaginar ter sido de extrema coação.

O tom de Marti era ponderado, como o de um pai paciente refreando uma criança impetuosa. Von Daniken lhe correspondeu de forma perfeita.

– Gassan pode ter sido coagido, mas o que ele disse se mostrou exato. Não estava mentindo quando disse que entregou 50 quilos de Semtex para Gottfried Blitz, também conhecido como Mahmoud Quitab. Além disso, temos uma foto que mostra que Blitz era ou foi, no passado, um oficial militar no Irã. Acho razoável supor que Lammers construiu um avião teleguiado e entregou a Blitz. Diria que, somado à confissão de Gassan de que o alvo de Blitz era um avião na Suíça, isso é mais do que suficiente para comunicarmos às autoridades.

– Certo, mas tanto Lammers quanto Blitz estão mortos. Não seria razoável supor que os outros membros do seu grupo... como é que se diz mesmo?... da sua célula, possam estar mortos também? Se você me perguntasse, eu diria que alguém está fazendo nosso trabalho.

Von Daniken pensou nos fragmentos de tinta branca encontrados na pilastra da garagem de Blitz, nos 20 quilos de explosivos plásticos desaparecidos, nas marcas de pneu que correspondiam às da van da Volkswagen supostamente usada para transportar os explosivos.

– Tem mais gente. A operação é maior e requer mais de dois homens.

– Talvez até tenha, Marcus. Não vou negar o fato de que há alguma coisa acontecendo. Mas você não está me dando muita munição. Eu aviso os chefes da aviação civil, e depois? Você espera que eles cancelem todos os vôos? Vão desviar todos os aviões a caminho da Suíça para Munique, Stuttgart ou Milão, e mandar todo mundo para cá de trem e de ônibus? E se recebêssemos ameaça a um túnel? Deveríamos fechar o San Bernardino e o Gotthard? É claro que não.

Von Daniken encarou Marti.

– Vamos precisar da cooperação estreita da polícia local – disse depois de alguns instantes, fingindo não ter escutado uma palavra do que Marti dissera. – Vamos vasculhar todas as casas em um raio de 10 quilômetros do aeroporto. Depois vamos...

– Você não ouviu o general? – interrompeu Marti, com o mesmo tom sensato. – O avião teleguiado poderia ser lançado de qualquer lugar. Poderia derrubar um avião na França, na Alemanha ou... na África, até onde sabemos. Por favor, Marcus.

Von Daniken enterrou uma das unhas na palma da mão. "Isto não está acontecendo", disse para si mesmo. Marti não estava subestimando a ameaça.

– Como eu estava dizendo, vamos começar com uma revista de casa em casa. Prometo que vai ser discreta. Vamos começar em Zurique e Genebra.

– E quantos policiais você acha que serão necessários para isso?

– Várias centenas.

– Ah, é? Várias centenas de policiais discretos, que vão andar na pontinha dos pés, sem dar um pio sobre o motivo que os obrigou a deixar mulheres e filhos no meio da noite para sair batendo de porta em porta à procura de um míssil armado.

– Para procurar um míssil, não. Mas conversar com os moradores e perguntar se repararam em alguma atividade suspeita. Vamos disfarçar a operação dizendo ser uma busca por uma criança desaparecida.

– Policiais discretos. Investigação amigável. Amanhã de manhã, metade do país já vai estar sabendo do que se trata e amanhã à noite eu vou estar no noticiário noturno explicando para a outra metade que nós achamos que existe uma célula terrorista operando nas nossas fronteiras com a intenção de derrubar um avião de passageiros e que não existe nenhuma porcaria de providência que possamos tomar.

– Exatamente – disse Von Daniken. – Nós acreditamos, de fato, que existe uma célula terrorista operando dentro das nossas fronteiras justamente com essa intenção.

Ele estava perdendo. Podia sentir que a argumentação fugia ao seu controle, como areia escorrendo por entre os dedos.

Marti lançou-lhe um olhar de avaliação recriminadora.

– Você tem alguma idéia do pânico que vai causar? – indagou. – Pode ser até que feche toda a malha aérea da Europa Central. Isso não é uma bomba na bagagem de alguém. O custo econômico por si só... sem falar na reputação do nosso país...

– Vamos ter de estacionar equipes com mísseis Stinger nos telhados dos aeroportos e posicionar baterias antiaéreas em volta das pistas.

Von Daniken esperou Marti protestar, mas o ministro da Justiça permaneceu calado. Sentou-se e uniu as mãos atrás da cabeça, com o olhar perdido. Depois de alguns instantes, sacudiu a cabeça e Von Daniken soube que era o fim. Havia perdido a briga. Pior, sabia que Marti não estava totalmente errado por preconizar calma.

– Sinto muito, Marcus – disse Marti. – Antes de fazermos qualquer dessas coisas, precisamos corroborar esse complô. Se esse tal de Blitz, Quitab ou sei lá qual é o nome dele tinha cúmplices, você vai encontrá-los junto com os 20 quilos de explosivos plásticos e a van branca. Se quiser que eu interrompa o tráfego aéreo do país inteiro, vai ter de me apresentar provas concretas de um complô para derrubar um avião de carreira em solo suíço. Não vou paralisar o país com base em uma confissão extraída pelos nossos amiguinhos da CIA.

– E Ransom?

– O que tem ele? – perguntou Marti sem prestar muita atenção, enquanto se levantava e encaminhava-se para a porta. – Ele é suspeito de assassinato. Deixe as autoridades cantonais cuidarem dele.

– Estou esperando o policial ferido sair do coma. Espero que ele possa esclarecer algumas coisas sobre o Ransom e as tais malas.

– Não precisa se preocupar com isso. Fiquei sabendo que o policial sucumbiu aos ferimentos uma hora atrás. Agora Ransom está sendo procurado por dois assassinatos.

Von Daniken teve a sensação de que alguém o apunhalara pelas costas.

– Mas ele é a chave...

A pálpebra de Marti estremeceu e uma leve coloração ruborizou-lhe as faces. A raiva estivera ali o tempo todo. Simplesmente fora mantida bem escondida.

– Não, inspetor-chefe, a chave desta investigação é encontrar a tal van e os homens que querem derrubar um jato em solo suíço. Esqueça Ransom. É uma ordem.

36

A VAN ANDAVA DEVAGAR PELAS RUAS adormecidas do bairro. Não estava mais branca. Dias antes fora pintada de preto fosco e na lataria fora impresso o nome de uma empresa de catering falsa. O número de telefone anunciado existia e seria atendido profissionalmente. As placas suíças também haviam sido substituídas por placas alemãs que começavam com as letras “ST”, de Stuttgart, grande cidade industrial próxima à fronteira.

O piloto estava ao volante. Tomava cuidado para manter a velocidade abaixo do limite legal. Em cada parada obrigatória, imobilizava a van por completo. Havia verificado que todos os faróis estavam em perfeitas condições. Diante de um sinal amarelo, diminuía e não se importava em aguardar. Em nenhuma circunstância poderia correr o risco de chamar a atenção da polícia. Se revistassem os caixotes de aço inoxidável na caçamba, seria um desastre. O único elo fraco do plano era este: a necessidade de transportar o avião teleguiado em via pública sem segurança.

A van passou por Oerlikon, Glattbrugg e Opfikon, nos arredores de Zurique. Logo deixou para trás as ruelas ocupadas por apartamentos e casas e adentrou uma floresta de pinheiros esparsos. A estrada subia em aclive pronunciado, por entre árvores. Depois de alguns minutos, a floresta terminou, a van chegou ao cume do morro e deparou com um parque amplo, todo coberto de neve. A estrada acabava ali, e o piloto guiou a van até uma estrada asfaltada que margeava o parque, com aproximadamente um quilômetro de comprimento. Um gelo escuro cobria o asfalto. Pôde sentir os pneus perderem a aderência, mesmo àquela velocidade baixa. Não se preocupou muito com isso. O local correspondia às especificações necessárias. A estrada – ou pista de decolagem, como preferia pensar – era reta como uma régua. Não havia árvores em volta para interferir. Dali a alguns dias o gelo teria derretido. A previsão do tempo anunciava a chegada de um anticiclone na região para sexta-feira, trazendo sol e um aumento brusco de temperatura.

Seguindo até o final da estrada, guiou a van para uma entrada particular de garagem. A porta estava aberta, e a neve e o gelo tinham sido removidos da calçada. Segundos depois de entrar no abrigo, a porta se fechou atrás dele.

Saiu da garagem por uma porta lateral e foi até o lado de fora, ansioso para esticar as pernas depois da longa viagem. No caminho até o parque, um rugido surgiu no ar, um assobio agudo e ensurdecedor que agrediu seus ouvidos. O barulho foi ficando mais alto. Ele ergueu os olhos para o céu noturno no mesmo instante em que a barriga de um avião de carreira passava a menos de 300 metros acima de sua cabeça. O avião era um Airbus A380, o novo jumbo de dois andares, com capacidade para até 600 passageiros. As turbinas rugiam magnificamente enquanto o avião ganhava altitude. Estava próximo o suficiente para ele poder identificar a insígnia na cauda. Uma orquídea roxa com a palavra “Thai” escrita embaixo. O vôo de 21h30 para Bangcoc.

O piloto ficou olhando o avião desaparecer no meio das nuvens, então virou-se e olhou para trás. Espalhada na planície lá embaixo havia uma cidade dentro da cidade. Inúmeras luzes iluminavam longas faixas de terminais de passageiros e grandes hangares de concreto, aço e vidro, cercados por campos nevados.

Aeroporto de Zurique.

A vista não poderia ser melhor.

37

– INCLINE A CABEÇA PARA TRÁS – disse Simone, massageando a tintura nos cabelos limpos e úmidos dele. – Primeiro vamos deixar agir, em seguida lavar, depois cortar. Preto siciliano. Você não vai se reconhecer.

– Não é comigo que estou preocupado.

Sentado em um banquinho, Jonathan inclinou a cabeça em direção à pia e fechou os olhos. Os dedos fortes de Simone fizeram a tintura penetrar em todos os recantos de seu couro cabeludo, massageando-lhe as têmporas, o cocuruto, descendo pela nuca. O efeito das anfetaminas já passara havia muito tempo. A loucura que o levara a invadir a casa de Blitz e comandara seu diálogo com Hannes Hoffmann, executivo da ZIAG, pertencia a um passado nebuloso e distante. Sentia-se exaurido, com a pele ainda formigando depois da chuveirada quente. As mãos de Simone massagearam os tendões na base de seu crânio. Jonathan suspirou e, pela primeira vez em 24 horas, permitiu-se relaxar.

Eles tinham ficado nas montanhas até o início da tarde, depois descido até a auto-estrada e pegado um ônibus para Lugano, cidade de 100 mil habitantes, espalhada pelas margens do lago de mesmo nome, 30 quilômetros a oeste. Enquanto Jonathan se escondia dentro de um cinema, Simone fora de loja em loja comprar roupas novas para ambos. Depois, saíram para os arredores da cidade à procura de um lugar para passar a noite.

O hotel se chamava Albergo del Lago. Era um estabelecimento pequeno, familiar, situado na periferia de Lugano. Um prédio com fachada de terracota, 20 quartos com vista para o lago e uma pizzaria no térreo para justificar as duas estrelas no guia. Usando o passaporte e o cartão de crédito de Simone, os dois se registraram como Sr. e Sra. Paul Noiret. Em vez de malas, levavam sacolas de compras cheias de roupas, produtos de beleza e uma quentinha contendo frango assado e pommes frites comprados em uma delicatessen de comida provençal. Para quem quer que os visse, eram dois amantes se recolhendo ao hotel depois de um dia na cidade.

– Prontinho – disse Simone, descalçando as luvas de látex. – Daqui a 15 minutos, seu cabelo vai estar tão preto como o da Elizabeth Taylor.

– Não sabia que ela era siciliana.

Simone deu-lhe um tapinha no ombro.

– Engraçadinho. Agora fique quieto para a cor pegar.

Ela dobrou uma toalha e ajeitou-a por cima dos olhos dele para evitar que a tintura escorresse. Quando Jonathan se deu conta, Simone estava sacudindo seu ombro, dizendo-lhe para acordar.

– Hora de enxaguar.

A toalha foi retirada de seus olhos. Ele piscou com a luz forte que vinha do teto.

– Eu dormi por um minuto.

– Mais ou menos 20. – Simone abriu a torneira e, quando a água ficou morna, retirou a tintura. Usando uma tesoura recém-comprada, aparou-lhe os cabelos até todos os cachos sumirem e os fios ficarem retos ao serem penteados.

– Levante. Deixe eu ver como ficou.

Jonathan se levantou.

– Só mais um pouco. – Com os dedos apoiados em seu maxilar, ela segurou-lhe a cabeça enquanto ajeitava o corte. Por fim, pôs as mãos em seus ombros e virou-o para que ele pudesse ver o resultado no espelho. – Pronto – falou. – Está reconhecendo este cara?

– Assustador.

– Não era bem essa a reação que eu esperava.

O homem que o encarava parecia 10 anos mais jovem. Era o diplomata que seu pai sempre quisera que ele fosse, preparado e disposto a roubar direitos de exploração de minérios de um país do Terceiro Mundo. O cirurgião da Park Avenue com especialização em elogios fajutos. Teve de se conter para não bagunçar a risca que repartia os cabelos. Sorriu, e seus dentes quase cintilaram sob as luzes fortes. "Eu não compraria um carro usado desse homem", pensou.

Em suma, estava perfeito.

– Liz Taylor, não – falou, saindo do banheiro. – Mas Vince Vaughn eu aceito.

– No mínimo Brad Pitt.

– Brad Pitt é louro.

– E daí? Eu fico com ele qualquer que seja a cor.

Jonathan entrou no quarto e pegou a sacola com suas roupas novas. Colocou-a sobre a cama e retirou o terno e o sobretudo azul-marinho. A televisão estava ligada. O apresentador falava italiano e dizia que o segundo policial atacado no dia anterior em Landquart havia morrido e que a caçada ao médico americano procurado pelo crime fora ampliada até o cantão de Tessin, onde o corpo de um executivo alemão fora encontrado naquela manhã. Jonathan sentou-se e escutou. Ouviu seu nome ser citado duas vezes. Dottore Jonathan Ransom. Felizmente, não mostraram nenhuma foto.

O apresentador passou à previsão do tempo, mas Jonathan já deixara de prestar atenção. Estava pensando na televisão do lobby do hotel, ligada no noticiário da noite na hora em que se registraram, e no concierge, cujos olhos pretos estreitos não perdiam um só detalhe. Se a caçada fora ampliada para o Tessin, a polícia devia ter entrado em contato com todos os hotéis da região. Faxes teriam sido enviados com seu nome e descrição. Talvez até soubessem que ele estava viajando na companhia de uma mulher.

Foi até a varanda, abriu a porta e saiu para a chuva. Lá longe, na beira do lago, viu uma luz piscante azul e branca se aproximando. Cem metros atrás vinha outra.

Passou alguns instantes com os olhos fixos nas luzes. Poderiam estar indo para qualquer lugar. O concierge não tinha motivos para desconfiar dele. As luzes piscaram na chuva, e ele soube que não estavam indo "para qualquer lugar", e sim rumando para o Albergo del Lago. Vinham atrás dele.

– Simone, a gente tem que sair daqui – falou. – A polícia está chegando.

Simone pôs a cabeça para fora do banheiro.

– O que foi que você disse sobre a polícia?

– Saiu uma reportagem no noticiário... o concierge lá embaixo, ele chamou a polícia.

– Jonathan, calma, o que foi?

– Eles sabem sobre a gente, que estamos viajando juntos. A polícia vai chegar daqui a poucos minutos. Temos que sair daqui.

Ele vestiu às pressas as roupas que Simone comprara naquela tarde. Camisa social branca, terno azul-marinho, sobretudo de cashmere e sapatos de amarrar. Deu uma olhada de relance no espelho. O terno. Os cabelos muito pretos cortados acima das orelhas e repartidos com uma risca perfeita. E Emma? O que ela iria pensar? Ele era o inimigo. O diabo de terno azul. Detestou a visão de si mesmo.

Voltou à varanda. As luzes com certeza estavam rumando para lá. Faltava menos de um quilômetro agora. Pôde ouvir o apito indistinto das sirenes ficando mais alto.

– Vamos. – Jonathan atravessou o quarto e abriu a porta que dava para o corredor.

Atrás dele, Simone calçava os sapatos. Agarrou o sobretudo e esbarrou nele.

– Está bem – falou. – Estou pronta.

Os dois evitaram o elevador e a escada principal, encaminhando-se em vez disso para o final do corredor, onde, por trás de portas altas e cortinas de renda, uma varanda se abria para o estacionamento nos fundos do hotel. As portas estavam destrancadas. Jonathan saiu para a varanda, jogou a pasta de Blitz no chão lá embaixo e depois desceu escorregando por um cano.

– Não consigo – disse Simone lá de cima.

– É só um andar. Estou bem aqui embaixo.

– E se eu cair?

– Você consegue. Vamos. Não dá pra esperar!

– Mais merde. – Simone pulou o parapeito da varanda e, sem precisar de mais nenhum incentivo, segurou o cano e escorregou até o chão. Demorou só três segundos.

– Foi tão ruim assim? – perguntou ele.

– Foi – respondeu ela.

Pegando-a pela mão, Jonathan conduziu-a até a rua principal. O instinto lhe dizia que casais despertavam menos suspeita do que pessoas sozinhas. As luzes da Itália piscavam do outro lado do lago. Pequenos barcos a vela e lanchas se balançavam, ancorados. “Segurança”, pensou ele, olhando para o outro lado.

O primeiro carro de polícia passou por eles segundos depois.

♦ ♦ ♦

Na cidade, pegaram um táxi e pediram ao motorista para levá-los até a Via della Nonna, em Ascona. Lá, Jonathan lhe disse para parar a dois quarteirões da casa de Blitz. Chovera havia pouco e o bairro estava tranqüilo. Luzes cálidas brilhavam atrás de cortinas de renda. Um cheiro de pinho vinha da encosta da montanha. Um cão latiu ali perto.

– Deixe que eu pego o carro – falou Simone, estendendo a mão aberta.

– É arriscado demais – disse ele. – Pelo que a polícia sabe, você não existe. Melhor que fique assim. Espere mais embaixo na rua. Eu chego em 10 minutos.

Jonathan subiu a rua em direção ao Mercedes. Uma fita amarela fora estendida em frente ao portão da Villa Principessa e outra na porta principal. Uma solitária viatura de polícia parara no caminho de cascalho. A calma e a segurança que sentira no hotel haviam desaparecido. Seu corpo estava tenso de preocupação. Ele era novamente um fugitivo. Esperava o momento em que seus nervos iriam se acalmar, em que ele se acostumaria àquela condição. Mas, na verdade, estava cada vez mais tenso. Era como se pudesse sentir a corda sendo passada em volta do seu pescoço, o material resistente e áspero arranhando-o, e o calombo duro do nó pressionando-lhe a nuca.

“Será que Emma se sentia assim?”, perguntou-se, olhando para a lamentável fachada da vila e para o roseiral bem cuidado. “Será que vivia com um medo constante de ser descoberta, achando que a qualquer momento um alçapão poderia abrir-se aos seus pés?”

O Mercedes estava estacionado no mesmo lugar onde ele o deixara, 30 metros mais abaixo da casa de Blitz. Jonathan desceu da calçada e atravessou a rua. Com o canto do olho, viu o policial sair da viatura. De terno e sobretudo novos, Jonathan parou e forçou-se a cumprimentá-lo. Com um sorriso e a mão levantada, acenou para ele. O policial o encarou fixa e demoradamente antes de responder e depois tornou a entrar no carro.

Jonathan continuou o que estava fazendo. O controle remoto da chave emitiu um bipe. Ele se sentou no banco do motorista e o motor ganhou vida. Afastando-se do meio-fio, passou pelo policial e virou à direita na rua seguinte. Parou dois quarteirões mais adiante para pegar sua passageira.

– Então? – perguntou Simone, entrando no carro.

– Tinha um policial estacionado na frente da casa. Acenei para ele.

– Você fez o quê? Meu Deus, acho que você nasceu para esta vida.

– Está enganada.

Seguiram pela rua sinuosa, entraram na cidade e pegaram a saída na direção da estação de trem. Em duas ocasiões, ele reparou nos faróis baixos de Xenon acompanhando-os de longe. Pediu a Simone para verificar se estavam sendo seguidos. Ela olhou pela janela traseira e disse que não via vivalma. Jonathan tornou a checar antes de chegar à estação, mas os faróis não estavam mais lá.

Parou na sombra, nos fundos do estacionamento.

– A gente tem que se separar – disse ele. – A polícia está procurando um casal.

– Você está exagerando. Não pode ter certeza de que eles sabem da minha existência.

– Simone. – Ele suspirou e baixou a voz. – Não posso fazer o que tenho a fazer se você estiver comigo.

Ela olhou para o próprio colo.

– O que você espera conseguir se a gente se separar? – Jonathan não respondeu. Ela levantou a cabeça e olhou para ele. – Pelo menos aceite o meu conselho e saia do país enquanto pode. Arrume um advogado. Depois, se precisar, volte.

Ele segurou sua mão.

– Diga a Paul que eu mandei um abraço. Entro em contato com vocês quando chegar a Genebra.

– Estou preocupada com você.

– Reze.

– Não sei se vai ser suficiente.

– Então me deseje sorte.

– Seu bobo. – Simone balançou a cabeça, exasperada, e em seguida inclinou-se para a frente e deu-lhe um abraço bem apertado. – Fique com isto aqui. Vai proteger você. – Tirou do pescoço uma medalha presa em uma corrente de couro e entregou-a a ele. – São Cristóvão. Patrono dos viajantes.

– Mas ele não é mais santo.

– Somos dois, então – disse Simone.

Jonathan olhou para a medalha e colocou-a em volta do pescoço.

– Tchau.

– Adieu.

Observou-a atravessar o estacionamento. Quando ela chegou à estação, pensou tê-la visto levar a mão ao rosto para enxugar uma lágrima.

38

SIMONE NOIRET AJEITOU A BOLSA no ombro e entrou na estação. Espalhadas de um lado a outro da plataforma, umas 12 pessoas esperavam o trem. Um vento sibilante assobiava por entre os caibros, congelando-a até os ossos. Ela enfiou as mãos nos bolsos e andou até os monitores que exibiam as chegadas e partidas.

"Tentei", disse a si mesma. Fizera tudo que era humanamente possível para avisá-lo. Mesmo assim, não conseguiu convencê-lo a mudar de idéia. Ele era um homem bom. Não merecia as conseqüências do comportamento da mulher. Simone perguntou-se se o seu marido faria tanto por ela. Duvidava disso. Paul não era um homem bom. Fora por isso que se casara com ele.

Com uma rajada de ar, o trem de 20h06 entrou na estação. Era um expresso regional, de dois motores e cerca de 20 vagões, indo de Locarno até Regenburg, na fronteira alemã. Os freios guincharam e o trem parou. Passageiros começaram a descer. Simone ficou olhando de um lado para outro da plataforma, enquanto as pessoas embarcavam. Por fim, subiu no trem. O compartimento de fumantes estava com metade da lotação. No entanto, ela preferiu seguir até o compartimento de não-fumantes. Ali também havia diversos lugares vazios. Ela os ignorou. Seus olhos estavam fixos na plataforma. Não viu sinal de Jonathan. Quando chegou ao final do vagão, adentrou a divisória que o separava do seguinte, abriu a porta externa e saltou para a plataforma.

Sozinha, viu o trem deixar a estação.

Depois de as luzes traseiras terem sumido na escuridão, desceu a plataforma até o restaurante self-service. Decorado ao estilo de uma cervejaria, o lugar estava bem movimentado, freqüentado sobretudo por executivos que bebiam uma cerveja ou um café ristretto a caminho de casa, vindos do trabalho. Escolheu uma mesa junto à janela e acendeu um cigarro.

O garçom chegou, e ela pediu um uísque. Uno doppelte, per favore. A bebida veio depressa, e ela a tomou de um gole só. Ligou para o marido e conversou com ele sobre as novidades do Fórum Econômico Mundial, depois lhe disse que chegaria a Davos depois de uma da manhã. "Jonathan vai bem", falou. "Está muito chateado, é claro, coitadinho, e guarda tudo para si. É a cara dele. Não, ele ainda não marcou a data do funeral."

Nesse instante, a mesa chacoalhou e um homem pálido e compacto sentou-se à sua frente. Simone ergueu os olhos depressa.

– Infelizmente a mesa está reservada – falou, abaixando o telefone. – Mas há muitos outros lugares livres.

– Eu gosto de sentar perto da janela.

Ela engoliu o comentário que estava na ponta da língua.

– Paul, tenho de ir. O trem chegou. Tchau, amor. – Simone deixou cair o telefone dentro da bolsa. Pela primeira vez, olhou diretamente para o homem sentado do outro lado da mesa. Tinha olhos tristes, e a pele tão pálida que chegava a ser translúcida. Ela não conseguiu encará-lo por mais de alguns segundos.

– Sim, a vista pode ser agradável – falou. – Mas prefiro no verão.

– No verão eu estou em Zurique.

Simone fez deslizar pelo tampo da mesa um pedaço de papel.

– Ele está num Mercedes preto – falou. – Placas provisórias. Está indo para Goppenstein. Atravessará a montanha de trem. Vai tentar pegar o de 22h20 para Kandersteg.

O Fantasma estudou o papel por um instante, depois rasgou-o ao meio e jogou-o no cinzeiro.

– E de lá?

– De lá ele vai para Zug. Você não deverá ter problemas para segui-lo. Ele está usando um rastreador em volta do pescoço.

– Isso vai facilitar as coisas. – O Fantasma acendeu um fósforo e queimou os pedacinhos de papel.

– O que você vai fazer? – perguntou ela.

Ele não respondeu, e Simone se sentiu tola e irritada por ter deixado transparecer a preocupação.

– Ele está carregando uma pasta – continuou ela, com a voz mais dura. – Pegue. E não deixe de encontrar o flash drive. Está escondido em uma pulseira que ele usa no braço direito. E cuidado com o carro quando o estiver seguindo – acrescentou. – Vi você o caminho todo, desde a casa do Blitz.

– Não era eu. Eu estava esperando no estacionamento.

– Tem certeza?

Os olhos negros encontraram os seus.

– Segui as suas instruções – disse ele, com a voz mais baixa.

– Ótimo. – Simone aquiesceu. – Ah, e mais uma coisa... ele está armado.

O Fantasma levantou-se.

– Não faz mal.

Simone afundou mais na cadeira e acendeu outro cigarro. Olhou pela janela para a escuridão lá fora.

39

DEPOIS DE SAIR DE ASCONA, Jonathan não seguiu as placas rumo ao norte, em direção a Lugano, Airolo e ao túnel de St. Gotthard, que poderiam guiá-lo por baixo do viaduto e fazê-lo chegar ao destino em segurança dali a três horas. Como na noite anterior, subiu as montanhas. Digitou o nome da cidade para onde estava indo no sistema de GPS do carro. A rota apareceu no monitor. Uma voz lhe disse para virar à esquerda dali a 500 metros; 500 metros depois ele virou à esquerda. A estrada de quatro pistas se transformou em duas, foi se afastando da água, subindo o vale Versazca e iniciando uma série de ziguezagues montanha acima. Nuvens prateadas cascateavam pelas encostas. Começou a chover mais forte e logo a chuva congelou, atingindo o pára-brisa como punhados de pregos.

A pasta de Blitz estava no chão ao seu lado. Pensou no memorando para Eva Kruger sobre o fim do Projeto Thor. O documento parecia inócuo, não fosse pela palavra Thor no flash drive de Emma. “Quem está falando?”, perguntara Hoffmann, não propriamente zangado, mas com um medo palpável.

Era uma pergunta que o próprio Jonathan tinha vontade de fazer. O que mais o incomodava era o subterfúgio. Os planos. O fingimento. O engodo. Tinha vontade de perguntar a Emma havia quanto tempo aquilo estava acontecendo, quando começara e quantas vezes mentira para ele. E, finalmente, como ele não percebera.

Ele ligou a calefação. Um ar quente rodopiou pelo carro, emanando um cheiro conhecido. Baunilha e sândalo. Por reflexo, olhou para o banco do carona. Cada poro do seu corpo fremia de ansiedade. O banco estava vazio, é claro, mas por um segundo ele tivera certeza da presença de Emma. Sentira o cheiro dos seus cabelos.

♦ ♦ ♦

– Preciso confessar uma coisa – disse Emma. – Tenho lido a sua correspondência.

É agosto. Manhã de domingo. Eles estão em Sanaya, cidade perdida na fronteira oriental da Jordânia com o Iraque. É um trabalho temporário. Três dias substituindo um dos colegas de Emma, que está com apendicite. O trabalho é agradável e fácil. Resfriados. Infecções. Cortes e hematomas leves.

É cedo e eles estão deitados lado a lado em meio a um emaranhado de lençóis embolados. Uma janela aberta deixa entrar uma brisa morna, irregular, e o canto do muezim conclamando os fiéis para a prece. Sozinhos, sem ninguém para atrapalhar, os dois redescobriram os hábitos de quando eram namorados, fazendo amor todo dia de manhã, tornando a dormir, depois fazendo amor novamente.

Paris ficou para trás. Nada de dores de cabeça. Nada de olhares vazios.

– Lido a minha correspondência? – pergunta Jonathan. – Achou alguma coisa interessante?

– Diga-me você.

– Uma carta da minha namorada finlandesa?

– Você nunca foi à Finlândia.

– Uma Playboy?

– Não – diz ela, montando em cima dele e sentando-se. – Você não precisa de nenhuma revista de sacanagem.

– Desisto – diz Jonathan, correndo as mãos pelos quadris e seios da mulher, sentindo a excitação aumentar. – O que você achou?

– Vou dar uma pista: Voulez-vous coucher avec moi? – O sotaque dela é terrível. Paris com escala em Penzance.

– A gente acabou de fazer isso. Pelo menos eu acho.

Emma sacode a cabeça, exasperada.

– Ah, oui, oui – continua. – Ah, je t'aime. Pepé le pew. Magnifique...

– Você ama Pepé le Pew? Agora tenho certeza de que me casei com uma louca.

– Non, non. Fromage. Pato à l'orange. Pâtisserie.

– Alguma coisa francesa? Você leu o meu exemplar do guia Michelin?

Emma bate palmas, com os olhos brilhando. Ele está chegando perto.

– Ahn... Croix-Rouge... Jean Calvin... Fondue – continua, falando alegremente.

A luzinha se acende dentro da cabeça de Jonathan. Ela está falando da carta da Médicos Sem Fronteiras. Um bilhete curto de seu chefe perguntando se ele aceitaria um cargo na sede de Genebra.

– Ah, isso.

– Ah, isso? Por favor – diz ela, deixando-se cair na cama ao lado dele. – Você não ia me contar? É uma notícia incrível.

– É?

– Vamos aceitar. A gente já fez a nossa parte.

– Genebra? É um cargo administrativo. Eu iria ficar preso atrás de uma mesa.

– É uma promoção. Você ficaria encarregado de organizar todas as missões para a África e o Oriente Médio.

– Eu sou médico. Meu trabalho é ficar com os pacientes.

– Não seria para sempre. Além do mais, mudar de ritmo vai fazer bem a você.

– Genebra não é mudar de ritmo. É mudar de profissão.

– Vai poder ver o seu trabalho de outro ângulo, só isso. Pense no que você vai aprender. Além do mais, vai ficar lindo de terno. Lindo de morrer, aliás.

– É, tem tudo a ver comigo. Daqui a pouco você vai me pedir para virar sócio de um country club e jogar golfe.

– Médicos não adoram jogar golfe?

Jonathan a encara com um olhar sério. Sabe que tem alguma outra coisa.

Emma se apóia em um dos cotovelos.

– Tem outra coisa também.

– O quê?

– Eu quero ir. Para mim, chega disto aqui por um tempo. Quero comer em restaurante com toalhas brancas nas mesas. Beber vinho em taças limpas. Taças de vinho. Quero usar maquiagem e vestido. Parece tão estranho assim?

– Você? De vestido? Não pode ser. – Jonathan joga longe o lençol e sai da cama. Não é uma conversa que ele queira ter. Nem agora nem nunca. – Sinto muito, eu não faço trabalho administrativo.

– Por favor – pede Emma. – Pense no assunto, só isso.

Ele se vira e olha para a mulher, enrolada no lençol branco. Suas faces estão coradas e bronzeadas, castigadas pela exposição constante ao sol e ao vento. Seus cabelos ruivos passaram de despenteados a embaraçados e agora estão simplesmente um lixo. O corte em seu queixo está demorando demais para cicatrizar.

– Pense no assunto, só isso...

Em Genebra teriam muitas manhãs como aquela. Tempo para relaxar. Não apenas para falar em ter filhos, mas para tomar alguma providência. E, é claro, havia também a escalada. Chamonix: duas horas de carro para o norte. Berner Oberland: duas horas para o leste. As Dolomitas ao sul.

– Talvez – diz ele, afastando uma cortina e olhando para a paisagem dura e árida. – Mas não se anime demais.

Um grupo de homens se reúne em frente à mesquita para a prece da manhã. Eles se cumprimentam à moda árabe, com um beijo em cada bochecha.

– Vai levantar? – pergunta ele por cima do ombro. – Se quiser, posso sair e buscar café para você...

É então que ele vê o carro. Um sedã branco, cantando pneus na rua de terra batida. Um carro onde não deveria haver carros. Nuvens de poeira esguicham de seus pneus quando ele avança e sacoleja pela superfície esburacada. Atrás do pára-brisa, duas silhuetas.

– Saiam daí – grita ele para os homens, mas sua voz sai apenas como um sussurro. Então ele grita mais alto. – Saiam da frente! Saiam daí! Rápido!

Impotente, vê o carro arremeter contra a multidão, fazendo corpos voarem. Gritos. Tiros. O carro bate em uma das paredes da mesquita e tijolos e cimento despencam sobre o capô. Por um instante faz-se silêncio. Mentalmente, ele começa a contar...

Um clarão.

Um estouro ofuscante que lhe queima a retina.

Uma fração de segundo depois, o barulho chega. Uma trovoada que repercute em seus tímpanos com força suficiente para fazê-lo encolher-se. Não uma explosão, mas três, sucessivas.

Jonathan se joga na cama, cobrindo o corpo de Emma com o seu, enquanto a onda da detonação faz explodir as janelas, salpicando o quarto de cacos de vidro, arremessando o pau da cortina como se fosse a lança de um cruzado, liberando uma névoa de poeira e cimento.

– Um carro-bomba – diz ele, enquanto o barulho vai diminuindo. – Bateu em cheio na mesquita.

Tonto, ele se levanta e sacode a sujeira dos cabelos. Emma sai da cama e caminha na ponta dos pés, em meio aos cacos de vidro, até a cômoda, onde veste as roupas depressa. Jonathan procura seu kit médico, mas Emma já o pegou e o está enchendo de gaze, curativos e lenços antissépticos tirados de seu armário de suprimentos portátil. Ele chega ao lado dela e começa a recitar os medicamentos de que precisa. Em 90 segundos, sua maleta está cheia.

Uma fumaça preta sobe em direção ao céu. A mesquita não existe mais. A explosão destruiu a estrutura. Sobrou apenas a base do edifício, com paredes desfalcadas, parecendo dentes quebrados. De cima chovem papéis e detritos.

Jonathan diminui a velocidade ao se aproximar do carro destroçado. Olha para baixo e vê um par de botas fumegantes. Ali perto, um braço se ergue para o céu, segurando com firmeza um Alcorão. Em algum outro lugar está a metade superior de um ser humano. Tudo carbonizado e sujo de sangue. À sua volta, sobreviventes se levantam, cambaleando sem rumo. Outros correm na sua direção, atendendo aos chamados desesperados dos feridos. O cheiro de óleo queimado e carne cauterizada é fortíssimo.

– Aqui – diz Emma. Sua voz é firme como pedra. Ela está em pé ao lado de um rapaz deitado de costas. O rosto dele é uma maçaroca de sangue, e a pele de seu tórax está esfolada e toda queimada. Mas é a sua perna que chama a atenção de Jonathan. Um osso estilhaçado salta para fora da calça. Fratura exposta do fêmur.

– Não se mexa – ordena Jonathan ao rapaz em árabe. – Fique parado. – Então, fala com Emma. – Vou pôr uma tala. Ele tem que ficar parado senão vai perfurar a artéria femoral.

Emma segura os ombros do rapaz e tenta impedir que ele se debata enquanto Jonathan põe a tala.

Jonathan levanta a cabeça e conta mais uma dúzia de pessoas que precisam de tratamento urgente. Sua decisão sobre quem atender irá determinar quem vai viver e quem vai morrer.

– Está bem – diz ele, olhando Emma nos olhos.

– Está bem o quê?

– Genebra. Vamos.

– Sério?

– Aquelas toalhas brancas parecem ótimas agora.

♦ ♦ ♦

Jonathan seguiu a descida sinuosa em direção a Brig. Eram 21h45. A temperatura externa estava gélida: –3ºC. Ao fazer uma curva bem fechada, sentiu os pneus traseiros escorregarem, mas eles recuperaram a tração um segundo depois. A pista cobria-se de gelo.

Apesar do tempo inclemente, viajara bem. Como esperado, havia pouco tráfego na estrada alpina. Contara seis veículos passando por ele na direção contrária. Nenhum da polícia. Em várias ocasiões, percebera o brilho de faróis atrás de si, mas ou o motorista saíra da estrada algum tempo antes ou então não conseguira acompanhá-lo. O hodômetro parcial avançou mais

um pouco. Faltavam 38 quilômetros para o seu destino. À direita, viu uma placa com a palavra "Lötschberg" e, ao lado, o símbolo de um carro em cima de um trem.

Emma cuidara da promoção. Não Emma pessoalmente, é claro, mas as pessoas para quem ela trabalhava. Seus superiores. A implicação disso era clara. Tinham algum contato dentro da Médicos Sem Fronteiras.

Quem seria? Alguém da Recursos Humanos? Um dos vice-diretores? A própria diretora? Ele contou um chileno, um japonês, um zimbabuano, dois britânicos e um sueco.

Teria sido mais fácil se um deles fosse americano? Jonathan pensou sobre isso. Será que assim ele consideraria resolvido o problema da fidelidade de Emma? Incluir os Estados Unidos na equação só faria aumentar a confusão. Emma era uma crítica ferrenha da "maior democracia do mundo". Não acreditava em construção de nações, esferas de influência, doutrinas de qualquer espécie, nem em realpolitik.

Mas se ela não estava trabalhando para os Estados Unidos, então para quem seria? Para os britânicos? Para os israelenses? Como era mesmo que os franceses chamavam seu núcleo de espionagem... aqueles doidos que tinham tentado afundar o Rainbow Warrior no porto de Auckland um tempo atrás? Com um susto, percebeu que ela poderia estar trabalhando para qualquer um. O país não tinha importância. Apenas os ideais.

Emma e seu dever de intervir.

Enquanto o pára-brisa se cobria de branco e a noite congelada se adensava à sua volta, a mente de Jonathan não parava de pensar na bola de fogo que consumira a mesquita. O clarão cegante que surgira um milésimo de segundo antes de a explosão agredir seus ouvidos.

Será que o carro-bomba também fazia parte daquilo tudo? A gota d'água para fazê-lo aceitar? Ele implorou a Emma pela resposta. Mas perdera contato com ela.

Desiludido, escutou apenas o silêncio.

40

MARCUS VON DANIKEN JOGOU UM DOSSIÊ em cima da mesa.

– Não é exatamente o contingente que eu esperava – falou. – Mas vocês vão dar conta.

Olhou para os quatro homens sentados em volta da mesa. Nenhum deles havia pregado o olho nas últimas 36 horas. Uma profusão de canecas de café vazias era a prova de seu estado. As luzes fortes no teto também não ajudavam muito.

Além dos habituais Myer, Krajcek e Seiler, chamara também Klaus Hardenberg, investigador da Divisão de Crimes Financeiros. Depois de alguns minutos de discussões, decidiram batizar a si mesmos de força-tarefa, apesar de serem pouco numerosos. Isso tornaria mais fácil explicar as longas jornadas às suas respectivas mulheres, mesmo que não pudessem falar sobre o teor do trabalho.

Von Daniken não se preocupou em lisonjeá-los dizendo que eram os melhores homens de seu departamento.

– Vamos começar com as perguntas – falou, sentando-se. – Se alguma coisa estiver incomodando vocês, quero que falem.

As vozes se sucederam, rápidas e exaltadas. Quem ele achava que tinha matado Lammers? Qual era a ligação entre Lammers e Blitz/Quitab? Se Quitab era um oficial iraniano, não deveriam mandar seu nome para todas as agências aliadas e verificar se existia alguma informação anterior? Além da confissão do terrorista, foi encontrada alguma prova que ligasse Walid Gassan a Blitz/Quitab e Lammers? Tinham alguma idéia das atividades de Gassan durante sua passagem pela Suíça no mês anterior? Qual aeroporto seria o alvo mais provável? E o americano, Ransom? Onde ele se encaixava? O que achavam do fato de ter matado dois policiais em Landquart? Será que poderia ter tido tempo de matar Lammers no mesmo dia em que sua mulher morreu?

Por fim, uma mesma pergunta feita de várias maneiras por todos os homens presentes: Por que Marti se recusava a tomar providências?

Von Daniken foi incapaz de responder a qualquer questão, e sua ignorância sublinhou a falha que marcava o cerne da investigação. Na verdade, eles nada sabiam sobre os conspiradores e o complô.

Tudo se resumia a um único fato: havia coisas demais e tempo de menos para fazê-las.

Von Daniken dividiu a investigação em quatro áreas: finanças, comunicação, investigação de campo e transportes. Ele ficaria com as finanças. Sua experiência como membro da Comissão do Holocausto lhe proporcionara muitos conhecimentos e contatos, bem como alguns amigos no sistema bancário.

– Vamos começar com a Villa Principessa – falou. – Não é a mesma coisa que uma cabeça-de-porco em Hamburgo. Para se mudar para lá, é preciso ter muito dinheiro.

Seria tarefa sua descobrir quem alugara a vila, havia quanto tempo e de onde vinham os pagamentos. A chave seria descobrir onde Blitz fazia suas operações bancárias. De todas as linhas investigativas, essa era a que tinha mais potencial. Uma vez descoberto onde ele conduzia seus negócios do dia-a-dia, Von Daniken poderia andar para trás e traçar a origem do dinheiro transferido para a conta. Tão importante quanto isso, poderia ver para onde o dinheiro era transferido depois. Em uma direção, a trilha do dinheiro levaria aos financiadores de Blitz – a organização ou o governo que bancava suas aventuras. Na outra, levaria a seus cúmplices.

Klaus Hardenberg ficaria responsável pela segunda linha investigativa, concentrando-se nas questões de crédito. Von Daniken disse que queria todos os históricos relativos a Blitz, Lammers e Ransom dos últimos 12 meses. O acesso a essas despesas traria informações inestimáveis sobre as atividades diárias de cada um e forneceria um mapa de seu paradeiro no último ano.

Lammers seria o mais fácil dos três. Cinco cartões de crédito tinham sido encontrados em sua carteira. Para não ser deportada, sua mulher estava colaborando com a investigação.

Blitz já era outra história. Em sua casa não fora encontrada nenhuma carteira ou identificação. No entanto, por um golpe de sorte, uma página do extrato de seu Eurocard, do mês de dezembro, escorregara para trás do aparador do escritório. O cartão trazia um histórico de crédito, junto com referências bancárias e algum tipo de número de identificação nacional.

Quanto a Ransom, ainda pairavam dúvidas. O Departamento de Imigração acabara de fornecer as informações que tinha sobre ele. Naquele exato momento, o passaporte de Ransom e seu número de previdência social nos Estados Unidos estavam sendo verificados pela Interpol e encaminhados ao Sistema Nacional de Informações sobre Crimes do FBI.

Kurt Myer cuidaria da comunicação. Começara a trabalhar desde que chegara de Ascona.

– A Swisscom vai mandar uma lista de todas as ligações feitas da casa de Blitz nos últimos seis meses – informou. – Já conseguimos a lista de Lammers para o mesmo período. Primeiro, vamos cruzar as duas e ver se os dois têm algum amigo em comum. Depois desceremos um nível e daremos uma olhada nas ligações feitas por e para seus correspondentes. Devemos receber os primeiros relatórios lá pelas 7 horas da manhã.

– Ótimo – disse Von Daniken. Cinco anos antes, ele tivera um papel importante na aprovação de uma lei exigindo que as companhias telefônicas mantivessem um registro de seis meses de todos os números cadastrados. – Depois de cruzar as duas listas, separe as ligações para celulares e veja se dá para encontrar algum nome parecido. Se estiverem usando chips, descubra o lugar onde foram comprados.

– Posso garantir que a gente vai encontrar uns nomes parecidos – disse Myer. – É só uma questão de quanto cuidado eles tomaram. Todo mundo comete erros.

– Vamos cruzar os dedos para eles não terem se registrado em companhias telefônicas estrangeiras – disse Von Daniken.

Krajcek revirou os olhos.

– Por favor, os alemães não.

Ninguém protegia a privacidade de seus cidadãos com mais determinação do que a República Federativa da Alemanha.

Finanças e comunicação trabalhavam juntos. Quando as investigações de Von Daniken sobre as finanças dos suspeitos começassem a dar resultados, todos os números de telefone relacionados seriam comunicados a Myer. Toda e qualquer informação seria inserida em um programa de computador, que as usaria para mapear uma “rede de relacionamentos”, ilustrando de forma clara a vida socioeconômica de Blitz e Lammers.

Von Daniken foi pegar um café expresso do lado de fora da sala – duas pedras de açúcar, uma raspa de limão – e tomou-o em dois goles. Eram 10 horas da noite e ele estava acordado havia 38 horas. Seu cansaço, porém, fora substituído por um otimismo discreto. No início de uma investigação, tudo sempre é possível.

Olhou para a xícara vazia. Talvez fosse apenas a cafeína que lhe dava aquele ânimo.

Bateu com a mão espalmada na mesa para chamar a atenção de todos.

– O Sr. Krajcek irá visitar os nossos agentes infiltrados de Genebra, Basiléia e Zurique amanhã, não é?

– Na primeira hora.

Durante os três anos anteriores, o Serviço de Análise e Prevenção tinha agentes infiltrados dentro das mesquitas mais importantes do país. A maioria era composta de voluntários, muçulmanos revoltados pela forma como sua religião fora seqüestrada pelos fundamentalistas. Outros se mostravam mais relutantes e precisavam ser forçados a operar, por meio de ameaças de deportação para o seu país de origem. A operação fornecera informações fundamentais sobre contrabando de lança-foguetes e metralhadoras AK-47 e sobre uma rede de agentes de hawala – ou transferência bancária – usada por uma célula de terroristas argelinos com ramificações na França, na Suíça e no Norte da Itália.

– Concentre-se em achar alguém que tenha encontrado Gassan durante a sua recente passagem por Genebra – disse Von Daniken. – Quero contatos, lugares visitados, o local onde ele se hospedou e qualquer pista sobre suas intenções.

Krajcek anotou tudo rapidamente em um bloquinho.

Von Daniken voltou a atenção para o próximo da fila.

– Quanto ao senhor, Sr. Hardenberg...

Hardenberg tentou sorrir, mas só conseguiu fazer uma cara de quem estava expelindo um cálculo renal. Era gordo, de meia-idade e tinha um rosto flácido, emoldurado por pesados óculos de armação de tartaruga que envolviam olhos castanhos e um crânio calvo como um cubo de gelo. E era, sem sombra de dúvida, o investigador mais cruel e tenaz que Von Daniken jamais havia encontrado. Seu apelido era "Rottweiler".

– O senhor vai encontrar a van da Volkswagen que Gassan usou para receber os explosivos plásticos em Leipzig. Aposto todo o meu dinheiro que ela também está sendo usada para transportar o avião teleguiado. Achando-a, encontramos nossos homens.

Era uma instrução breve que disfarçava uma tarefa gigantesca. Hardenberg pigarreou e meneou a cabeça, assentindo. Sem mais nenhuma palavra, levantou-se e saiu da sala. Ninguém acreditou sequer por um segundo que estivesse indo para casa. Como era noite, todas as empresas de locação de automóveis, revendas de carros e agências governamentais estavam fechadas, mas Hardenberg ficaria sentado à sua mesa até amanhecer, bolando a melhor maneira de começar seu ataque quando todas abrissem as portas na manhã seguinte.

Por último, mas não menos importante, vinha Max Seiler. A sua tarefa tinha duas frentes. Primeiro, usando os passaportes de Lammers como ponto de partida, teria de anotar todos os carimbos de entrada e saída para reconstruir suas viagens freqüentes. Ao mesmo tempo, eles pediriam às principais companhias aéreas para vasculhar as listas de passageiros de suas aeronaves à procura de Lammers, Blitz, Ransom e de todos os supostos nomes conhecidos ao longo do último ano. As descobertas de Seiler poderiam não ajudar a encontrar o avião teleguiado, mas seriam muito úteis para rastrear os financiadores do ataque planejado.

Von Daniken afastou sua cadeira da mesa.

– Hora de trabalhar.

41

GOPPENSTEIN, ALTITUDE 1.500 METROS, população três mil habitantes, fica aninhada no colo do vale de Lötsch. A cidade não tem nenhum atrativo histórico ou paisagístico. Quando alguém a conhece, é por ser o ponto final mais ao sul de um túnel ferroviário de 12,5 quilômetros que atravessa a montanha de Lötschberg e conecta o cantão de Berna, ou seja, o Norte da Suíça, ao cantão de Valais, no Sul.

Construído em 1911, o túnel é uma relíquia. Somente um trem pode atra-vessá-lo de cada vez. Não há túnel de escape, como é o costume nas construções modernas. Apenas nas duas extremidades o túnel se abre o suficiente para comportar dois trilhos, e só por um quilômetro. Mas é uma relíquia fundamental. A cada dia o trem transporta mais de dois mil carros, caminhões e motocicletas pela montanha.

Depois de pagar a passagem de 26 francos, o Fantasma guiou seu carro até a área de estacionamento. O asfalto estava marcado com linhas divisórias que delimitavam faixas numeradas de 1 a 6. As duas primeiras estavam ocu-padas por uma mistura de carros de passeio e caminhões de transporte internacional de nove eixos. Um homem de colete laranja fluorescente sinalizou para ele entrar na faixa 3.

O trem ficava logo depois do estacionamento. Em vez de vagões de passageiros, era formado por vagões planos, protegidos das intempéries por um fino toldo de aço. Uma sucessão sem fim desses vagões passava pelo terminal e adentrava a escuridão do túnel. Aquilo o fez pensar em uma cobra com a cabeça para fora de uma caverna. Uma cobra imensa, enferrujada e segmentada.

Ele verificou o relógio. Faltavam nove minutos para a partida.

Pelo retrovisor, o Fantasma viu Ransom entrar na mesma faixa onde ele estava, três carros mais atrás. Batucou no volante com a palma da mão. Tudo estava em ordem.

Abriu o porta-luvas, tirou a pistola, colocou nela um silenciador e um supressor de ruído, depois pousou-a no banco ao seu lado. Soltou o frasco preso em volta do pescoço. Recitou a prece devagar e de forma arrebatada, escutando o som de tambores distantes rufando na floresta. Uma após outra, molhou as balas no veneno. Certo de que a alma de sua vítima não poderia segui-lo neste mundo, o Fantasma acabou de carregar a arma.

Pôs-se a esperar.

♦ ♦ ♦

Uma luz verde piscou. Motores rugiram. Luzes de freio se apagaram. Uma procissão de veículos começou a subir no trem. As faixas à sua direita se esvaziaram. O carro logo à sua frente avançou. Jonathan subiu um leve declive. Avançou pela plataforma estreita, passando de um vagão a outro em direção à dianteira do trem. De cada lado havia uma barreira baixa e, acima desta, uma grade com cartazes instruindo os motoristas a puxar o freio de mão e avisando que era proibido sair do carro. Faróis iluminavam o espaço confinado e ele teve a impressão de mergulhar dentro do cano de um fuzil. Parou o Mercedes na frente do vagão, a mais ou menos dois metros do veículo à sua frente. De cabo a rabo, motoristas desligavam seus motores.

Minutos se passaram. Por fim, o trem deu um salto e começou a se mover, ganhando vida como um animal ad-ormecido. As batidas ritmadas das engrenagens de metal foram se acelerando. As montanhas chegaram mais perto, cercando os trilhos. Seus ouvidos estalaram por causa da mudança na pressão atmosférica. O trem pareceu projetar-se para a frente quando adentrou a escuridão.

Os olhos de Jonathan estavam abertos, mas ele não via nada. Passou algum tempo assim e, no escuro, viu o rosto de Emma. A mulher olhava para ele por cima do ombro. "Venha comigo", disse, e sua voz ecoou dentro dele. O queixo de Jonathan quicou contra o peito e ele acordou sobressaltado. Olhou para o relógio. Os ponteiros de titânio indicavam que tinha cochilado por cinco minutos. Ele espantou o sono e acendeu a luz interna.

Retirou da pasta a documentação sobre a empresa Zug Industriewerk. Primeiro, releu o memorando de Hoffmann para Eva Kruger sobre o Projeto Thor. "... carregamento final para o cliente a ser feito em 10 de fevereiro." Alguma

coisa naquela data o incomodava. Faltavam três dias para o dia 10. Então, percebeu. Emma estava com uma viagem de dois dias marcada para Copenhague, para uma reunião regional da Médicos Sem Fronteiras. Pela primeira vez foi forçado a avaliar suas ações por uma outra ótica. Será que ela realmente planejava ir à Dinamarca? Ou será que tinha outros planos? Algo organizado por Blitz, ou Hoffmann, ou algum outro personagem desconhecido de sua vida dupla.

Voltou a atenção para o folheto da empresa, impresso em papel cuchê. Uma fotografia na contracapa mostrava um prédio sóbrio de três andares, sede da empresa, e uma fábrica conectada a ele. Passou por fotos de equipamentos prateados impressionantes e de colegas entretidos em conversas animadas.

“A Zug Industriewerk foi fundada em 1911 por Werner Stutz como uma fábrica de canos de precisão para armas de fogo”, dizia um breve histórico da firma. “No início dos anos 1930, o Sr. Stutz já havia expandido a linha de produção da empresa para abarcar armamentos leves e pesados, bem como as primeiras asas de aço para aeronaves de fabricação em massa.” “Bem na hora”, pensou Jonathan. Na época, metade do mundo estava prestes a precisar de tantos canos de armas quanto pudesse encontrar. A mesma história de sucesso se repetira inúmeras vezes ao longo do sangrento século XX. Até agora, as coisas estavam se encaminhando para uma repetição no século XXI.

Virou as páginas até o final do folheto e deu uma olhada nas contas da empresa. Renda: 55 milhões. Lucro: 6 milhões. Funcionários: 478. Os números tinham um peso que as palavras não conseguiam acompanhar. Dinheiro era uma coisa real. Fisicamente real. Dinheiro não mentia.

Quanto mais Jonathan lia, com mais raiva ficava. Não havia dúvida de que a ZIAG era uma empresa legítima. Então, como uma mulher que não existia conseguira virar sua funcionária?

Foi então que escutou alguma coisa batendo no seu vidro. Alguma coisa dura.

Deu um pulo no banco e virou-se em direção ao barulho.

♦ ♦ ♦

Tudo o que precisava era de uma toalha. O Fantasma não havia previsto uma escuridão tão completa. O brilho do silenciador seria visível 10 carros mais atrás. Vasculhou a bolsa que trazia no carro e encontrou uma camiseta preta. Rasgou um pedaço de tecido e enrolou-o em volta do silenciador. Seu último ato antes de descer do automóvel foi prender na arma a sacola que iria recolher as cápsulas disparadas.

Em seguida, abriu a porta com cuidado, deixando-a entreaberta para quando voltasse. Muito pouco espaço separava o seu veículo da grade de segurança. Mantendo-se abaixado, foi avançando rente ao chassi. O ar dentro do túnel era úmido e gelado. O muro de pedra passava correndo, quase ao alcance do braço. Viu o carro de Ransom três lugares atrás do seu. A luz interna dos que os separavam estavam apagadas, os motoristas provavelmente descansando. Mas a de Ransom estava acesa. Ele estava sentado lendo uns documentos, iluminado como se estivesse em um palco.

Mantendo-se agachado, o Fantasma foi chegando mais perto. Passou por um carro, depois por outro. Parou para verificar o relógio. Fazia nove minutos que o trem entrara no túnel. O atendente no guichê de passagens havia lhe informado que a travessia durava 15 minutos. Seus olhos se fixaram em Ransom. A luz interna era um problema. Não queria que ninguém visse o corpo dele antes de chegarem a Kandersteg. Os celulares funcionavam dentro do túnel. Não era impossível que alguém chamasse a polícia.

Esperou um pouco, de cócoras.

Um minuto se passou. Depois outro. Por fim, ele entrou em ação.

Saindo de trás do carro, locomoveu-se de um vagão para outro. O Mercedes estava estacionado na dianteira. Ali não havia grades e o Fantasma teve de tomar cuidado para o seu pé não resvalar pela beirada. Deu outro passo à frente, estendendo a mão para tocar o pára-choque do Mercedes. Chegou à porta do motorista. Desarmando a trava da pistola, pôs-se de pé e bateu com ela no vidro.

Jonathan Ransom se virou para ele.

O Fantasma puxou o gatilho.

♦ ♦ ♦

Jonathan olhou pela janela. Tinha alguma coisa ali. Uma sombra. Uma forma. Observou mais de perto. Seus olhos se arregalaram. Havia uma arma apontada para sua testa.

De repente, um clarão surgiu, ofuscando sua visão.

Ele se retraiu e virou a cabeça de lado. Ouviu um barulho de areia sendo pisada. De novo o mesmo barulho. Olhou para trás na hora em que uma faísca iluminou a vidraça. A janela fez pressão para dentro. Viu as rachaduras em forma de estrela onde as balas haviam atingido o vidro, mas sem atravessá-lo.

O vidro era blindado.

Não teve tempo de reagir. Nesse exato instante, a porta do carro se abriu e um braço apareceu pela fresta. Tudo que Jonathan enxergou foi a pistola apontada para sua bochecha. Por instinto, jogou a cabeça para trás e segurou o pulso, forçando-o para cima e para longe de seu rosto, antes de o cano cuspir alguma coisa que estraçalhou o teto. Agarrou o pulso com as duas mãos e fez força para baixo. Olhou para a porta e, de relance, viu um rosto. Sobrancelhas fartas. Uma expressão de concentração fria.

Nesse instante, o trem entrou na parte mais larga do túnel. A parede à sua direita desapareceu e ele teve a impressão de estar olhando para uma caverna subterrânea. Bem à frente, viu uma luz tremeluzindo. A estação de Kandersteg.

O assassino soltou o braço com um puxão. Jonathan fechou a porta do carro e trancou-a. A sombra se dissolveu na escuridão. Ele deu partida no motor. Mas para onde ir? Não podia avançar nem recuar, e não podia ficar sentado ali esperando para levar um tiro. Colou a mão na buzina, depois acendeu os faróis no máximo. Os feixes de Xenon iluminaram os carros à sua frente, como reflexos azuis de um diamante. Pela primeira vez, percebeu que não havia grade de segurança entre os dois vagões. Uma grossa corrente de dois metros de comprimento se estendia pelo vão.

Então o trem saiu do túnel. Os trilhos dobraram à esquerda, alinhando o trem junto à plataforma de desembarque. Jonathan colocou a alavanca do câmbio automático na posição drive, girou o volante e pisou fundo no acelerador. O motor de 12 cilindros impulsionou o carro para a frente, rompendo a corrente de proteção e levando-o até a plataforma. Uma mistura de chuva e neve salpicou o pára-brisa. Ele tentou ligar o limpador, enquanto aproximava o rosto do vidro. Alguma coisa baixa e escura se erguia à sua frente. Por fim, encontrou o controle e ligou as pás.

Havia um quiosque a apenas 10 metros do automóvel. Jonathan deu um safanão no volante e desviou do obstáculo por poucos centímetros.

Seguiu pela rampa de desembarque e atravessou o estacionamento, parando em um sinal vermelho que regulava o acesso à auto-estrada. Atrás dele, o trem ia parando, com as rodas metálicas guinchando e gemendo. Nenhum carro havia começado a desembarcar.

O sinal ficou verde.

Jonathan entrou na auto-estrada e seguiu no limite máximo de velocidade durante 10 minutos antes de pegar a saída seguinte e guiar por uma série de vias mais estreitas que conduziam para o mais longe possível da pista. Depois de verificar que não havia sido seguido, parou o carro no acostamento e desligou o motor. Olhou-se no retrovisor. Tinha os olhos de um fugitivo. Sua respiração vinha como golfadas que o deixavam tonto e quase enjoado.

Não era a primeira vez que atiravam nele. Já fora alvo de disparos ao léu, ao estilo "abaixe-se, seu idiota". Quando trabalhava em um hospital de campanha na Libéria, acabara indo parar na terra de ninguém entre duas facções inimigas. Estava no meio de uma cirurgia quando começou o tiroteio. Era uma amputação, um ferimento de machadinha, que havia gangrenado. Até hoje, sete anos depois, podia se ver empunhando a serra quando as balas de repente começaram a atingir as paredes de cimento caiado. Do lado de fora vinham os lamentos e gemidos de sempre. Lembrava-se da voz de um homem em especial, gritando: "Cachez-vous. Ils vont tous nous tuer." (Escondam-se. Vão matar todos nós.) Mas ninguém na sala de cirurgia se mexeu. Nem mesmo depois de uma bala explodir a sonda intravenosa.

Jonathan virou-se e examinou a janela do motorista. Não havia rachaduras. Nem fraturas. Apenas arranhões em forma de estrela no vidro. Correu os dedos pela superfície. Não estava sequer marcada. "Incrível", pensou, imaginando como um pedaço de vidro poderia deter uma bala disparada à queima-roupa. Concluiu que não era vidro, e sim algum tipo de plástico. O que quer que fosse, estava gostando. Estava gostando muito. Enfiou o dedo dentro do rasgão no tecido do teto, à procura da bala, mas não encontrou nada.

Recostou-se no banco, sentindo a gravidade da própria situação. Em algum ponto, cruzara uma linha sem volta. Não tinha certeza se fora quando fugira da polícia em Landquart ou quando decidira ir atrás de Gottfried Blitz. Pouco importava. Não estava mais olhando do lado de fora, o cônjuge em luto tentando esclarecer a vida dupla da esposa. Suas atividades clandestinas. Ele agora fazia parte daquilo, o que quer que aquilo fosse.

Enfrentando a chuva, saiu do carro e examinou o Mercedes em busca de danos. O pára-choque dianteiro estava arranhado e amassado na parte inferior direita, mas fora isso o carro estava em bom estado.

"Um verdadeiro tanque", pensou, sentindo uma onda de orgulho.

Tornou a entrar no automóvel depressa e aumentou a calefação. Pensou no homem que tentara matá-lo. Tinha certeza de que era o mesmo homem que matara Blitz. Devia ter passado o dia inteiro seguindo Jonathan, esperando, aguardando o momento certo. Mas por que esperara tanto? Houvera muitas ocasiões, tanto na montanha quanto na cidade, em que Jonathan estivera vulnerável. Não tinha resposta para essa pergunta.

Uma coisa era certa: o assassino devia ter ficado surpreso com o fato de o carro ser blindado.

É isso aí, amigão. Uma porra de um tanque!

Jonathan levou a mão ao pescoço, sentindo o São Cristóvão encostado na pele. Patrono dos viajantes. Sentiu vontade de beijar a medalha. O sorriso se desfez dali a alguns segundos, apagado por uma sensação cada vez mais forte de medo. Não acreditava nem por um segundo que o assassino fosse desistir. Estava lá fora em algum lugar e estava chegando perto, igualzinho ao incansável homem de um braço só, das velhas histórias de fantasma.

Jonathan pôs a marcha na posição drive, manobrou e tornou a pegar as ruas laterais até chegar à auto-estrada. Apontou o carro para o norte, na direção de Berna. Outros automóveis passavam por ele em fluxo constante. Seus olhos não paravam de checar o retrovisor, mas não viu nada que o deixasse preocupado.

As montanhas se afastaram e o horizonte adquiriu uma coloração laranja fosca. Luzes da cidade.

Um carro blindado, 100 mil francos e um suéter de cashmere... mas para quem seria aquilo tudo?

42

MEIA-NOITE EM Jerusalém.

O calor pairava sobre a cidade como um cobertor velho. A temperatura inesperada fizera as pessoas saírem à rua. Vozes ecoavam dos becos de calçamento de pedra. Motoristas buzinavam, impacientes. As ruas fervilhavam com uma energia exuberante, desafiadora, que era o retrato de Israel.

Na residência do primeiro-ministro, em Balfour Street, quatro homens estavam sentados em volta de uma mesa comprida, surrada. Sem chegar a 12 metros por 15, a sala seria considerada pequena para um chefe de Estado. Embora tivesse sido pintada recentemente, ainda guardava um cheiro de mofo e de velhice.

A "linha vermelha" havia sido cruzada. Não somente os iranianos possuíam meios para fabricar urânio com gradação suficiente para armamentos como já tinham 100 quilos do material. Não se tratava mais de uma questão de prevenção, porém de legítima defesa.

Zvi Hirsch estava em pé ao lado de um mapa do Irã, e as fortes luzes do teto davam à sua pele um colorido esverdeado e pálido, deixando-o mais parecido do que nunca com um lagarto. Sobrepostos ao mapa havia 30 emblemas característicos, amarelos e pretos, indicando materiais radioativos armazenados em centrais nucleares conhecidas.

– Os iranianos têm 10 fábricas capazes de produzir urânio enriquecido – disse, usando um sinalizador a laser para indicar os diversos locais. – E mais quatro em que o urânio pode ser acoplado a uma ogiva. Os locais mais importantes para suas atividades são Natanz, Esfahan e Bushehr. E, é claro, a recém-descoberta instalação de Chalus. Para que um primeiro ataque tenha sucesso, precisamos destruir todos eles.

– Quatro não bastam – disse uma voz baixa.

– Desculpe, Danny – disse Hirsch. – Vai precisar falar mais alto.

– Quatro não bastam. – O general Danny Ganz, chefe de estado-maior da Força Aérea e líder do recém-criado Comando do Irã, encarregado de todo o planejamento e operações relativos a um ataque à República Islâmica, levantou-se da cadeira. Ganz era um homem magro e musculoso, irrequieto, com nariz aquilino, olhos castanhos e sobrancelhas fartas. Anos de combate e conflito fizeram surgir rugas profundas ao redor de seus olhos e na testa.

Ele se aproximou do mapa.

– Se quisermos deter as atividades nucleares do Irã, vamos ter que destruir pelo menos 20, incluindo as instalações de Chalus. Não vai ser fácil. Os alvos estão espalhados por todo o país. Também não estamos falando de prédios isolados. São verdadeiros complexos. Natanz, por exemplo, aqui no centro do país. – Ganz bateu no mapa com o nó dos dedos. – O complexo estende-se por 10 quilômetros quadrados. Dúzias de prédios, fábricas e armazéns. Mas o tamanho é só metade do problema. A maioria das principais instalações de produção foram construídas pelo menos oito metros abaixo da superfície do solo, debaixo de camadas e camadas de concreto reforçado.

– Mas é possível? – perguntou o primeiro-ministro.

Ganz lutou para esconder o desprezo que sentia. Não fazia tanto tempo assim que o primeiro-ministro era um defensor ferrenho da paz, insurgindo-se contra qualquer nova ocupação da Cisjordânia. Na sua opinião, tratava-se de um vira-casaca, quase um traidor. Era bem verdade que tinha a mesma opinião sobre a maioria dos políticos.

– Antes de falar em atacar o alvo, precisamos decidir como vamos chegar lá – continuou. – Das nossas bases mais ao sul até Natanz são 800 quilômetros, e até Chalus, 1.000. Para chegar a qualquer um dos dois lugares nós teríamos de sobrevoar a Jordânia, a Arábia Saudita ou o Iraque. Não acho que os dois primeiros países vão nos dar permissão para violar seu espaço aéreo... então só nos resta o Iraque.

Ganz olhou para o primeiro-ministro à espera de algum comentário.

– Vou conversar com os americanos no momento adequado – disse o chefe de Estado.

– Esse momento já passou há algumas horas – comentou Zvi Hirsch pelo canto da boca.

O primeiro-ministro ignorou a provocação. Foi a Ganz que dirigiu sua pergunta seguinte.

– E os nossos aviões? Têm capacidade de fazer isso?

– Nossos F-151 conseguem fazer a viagem de ida e volta, mas os F-16 são outra história – respondeu Ganz. – Vão precisar se reabastecer no caminho. O Irã não possui uma Força Aérea digna desse nome, mas tem radares. Nos últimos anos, compraram vários sistemas russos de mísseis terra-ar. Em Natanz, por exemplo, há plataformas de lançamento de mísseis no norte, no leste e no sul do complexo. Para entrar lá, vamos ter que aceitar uma taxa de mortalidade alta.

– Quanto? – perguntou Zvi Hirsch.

– Quarenta por cento. – Ganz cruzou os braços, enquanto um burburinho de ultraje e desaprovação se erguia pela sala. Queria ter certeza de que todos os presentes soubessem qual seria o preço cobrado de seus homens.

– Meu Deus! – comentou o primeiro-ministro.

– É difícil se esquivar de mísseis e tentar, ao mesmo tempo, bombardear um alvo – disse Ganz.

– E um ataque preliminar para neutralizar parte da defesa aérea? – sugeriu Hirsch.

– Não temos aviões suficientes. – Ganz pigarreou e prosseguiu. – Se quisermos prejudicar os alvos de forma significativa, precisaríamos atacar várias vezes. E estou falando de atacar bem em cima deles. Vou precisar das coordenadas de GPS exatas das unidades de produção. Sei o que todos você estão pensando. Já fizemos isso uma vez. Podemos fazer de novo. Desculpem, senhores. Mas isso não vai ser uma repetição da Ópera.

Ganz estava se referindo à Operação Ópera, o ataque aéreo surpresa de 7 de junho de 1981 contra a usina nuclear de Osirak, perto de Bagdá. Nesse dia, 15 aviões israelenses decolaram da base área de Etzion, atravessaram a Jordânia e a Arábia Saudita e destruíram a central nuclear ainda não inaugurada de Saddam Hussein. Todos voltaram para casa sãos e salvos. Os aviões tinham sido auxiliados por um agente americano que colocara transmissores ao longo de todo o percurso, permitindo aos aviões israelenses voarem, com a ajuda de instrumentos, por baixo dos radares jordanianos e sauditas. O mesmo agente estivera do outro lado assinalando o alvo com laser, para que as bombas não errassem.

– O que nos traz à última questão – continuou o general. – Munição. Imaginando que consigamos levar 20 jatos a 1.600 quilômetros de distância até cada alvo e que pelo menos 12 deles consigam passar pelas defesas aéreas, o que vamos usar para atacá-los? O melhor que temos é a Paveway III. A bomba anti-bunker. Quase 1.000 quilos de explosivos com uma ogiva capaz de penetrar 2,5 metros de concreto. Com certeza é uma potência e tanto, mas e se a usina estiver a oito metros do chão? Ou 15? Ou até 30? E aí? As Paveway vão fazer uma poeirinha cair do teto, e só.

– Existem armas mais potentes – sugeriu Hirsch, olhando para o primeiro-ministro.

– Bombas Paveway-N com ogivas B61 – disse Ganz. – Uma anti-bunker com potência de algumas centenas de quilotons, o que equivale a mais ou menos um décimo da bomba de Hiroshima. Os americanos fizeram um teste de penetração ano passado. – Um "teste de penetração" se referia ao processo pelo qual um míssil é detonado contra uma parede de concreto para medir sua força destrutiva. – Conseguiram uma penetração de até 30 metros. A cratera ficou com 500 metros de circunferência.

– Justo a força suficiente para destruir a fábrica – acrescentou Hirsch, cauteloso. – Afinal de contas, nós não somos bárbaros.

Todos os olhos recaíram no primeiro-ministro. Ele era um homem mais velho, de quase 70 anos, e estava no final de uma carreira política turbulenta. Sua reputação o definia como um homem que selava acordos, um negociador. Seus inimigos questionavam-lhe os princípios. Seus amigos o chamavam de oportunista.

O primeiro-ministro sacudiu a cabeça, contrariado.

– A nossa filosofia sempre foi a de que não podemos permitir que os iranianos tenham meios para produzir urânio enriquecido. Infelizmente, eles ultrapassaram essa barreira. É tarde demais para recuar. Não estou certo quanto a um ataque. Minha primeira responsabilidade é o bem-estar da população. Mas não posso correr nenhum risco capaz de provocar um ataque nuclear ao nosso território. Só queria que soubéssemos mais sobre a capacidade deles.

– O senhor está se esquecendo de uma coisa – disse Hirsch. – Nós conhecemos a capacidade deles. Eles têm uma bomba e vão lançá-la.

O primeiro-ministro recostou-se na cadeira, com as mãos unidas por cima do nariz e da boca. Por fim, suspirou com força e levantou-se.

– Ao longo da nossa história, uma vez nós demos ao inimigo o benefício da dúvida. Não podemos nos dar a esse luxo outra vez. Quero um plano de ataque na minha mesa em 24 horas. Vou ligar para os americanos e ver o que consigo em termos de permissão para usar o espaço aéreo iraquiano. – Ele olhou para Ganz. – Quanto ao outro, que Deus me ajude.

Devagar, os homens em volta da mesa começaram a se levantar. Zvi Hirsch foi o primeiro a aplaudir. Os outros logo o imitaram. Adiantaram-se, um a um, para apertar a mão do primeiro-ministro. Todos disseram as mesmas palavras.

– Vida longa a Israel.

43

EM CASA, MARCUS VON DANIKEN não conseguia dormir. Deitado na cama, olhava para o teto, escutando os sons habituais da noite marcarem a passagem das horas. À meia-noite, ouviu a calefação desligar-se. A velha casa de madeira começou a estremecer, liberando seu calor armazenado, em ruídos, estalos e vozes fracas, queixosas, que pareciam lamentar-se eternamente. Às 2 horas, o trem de carga noturno cruzou a Ponte Rumweg. Os trilhos ficavam a cinco quilômetros de distância, mas o ar estava tão parado que ele pôde contar os vagões que passavam sacolejando pela estrutura da ponte.

“Um avião teleguiado.”

Sabia que aquele seria o caso que iria definir a sua carreira. Sabia disso porque coisas assim não aconteciam com freqüência na pequena e aprazível Suíça, e sentiu orgulho desse fato. Imaginou a aeronave não-tripulada cortando o céu, carregando sua nacela cheia de explosivos plásticos. Imaginou quais seriam os alvos possíveis. O terrorista, Gassan, dissera que Quitab queria derrubar um avião, mas ali em sua cama, na escuridão da noite, Von Daniken imaginou mais uma dezena de outras possibilidades, de uma barragem nos Alpes a uma usina nuclear em Gösgen. Um avião teleguiado como aquele poderia ir a qualquer lugar.

Na sua imaginação, a aeronave branca cresceu de tamanho e mudou de forma, até deixar de ser um avião teleguiado carregando 20 quilos de explosivos plásticos e transformar-se em um DC-9 da Alitalia, carregando 40 passageiros e seis tripulantes de Milão a Zurique, entre os quais sua mulher, seu bebê ainda por nascer e sua filha de 3 anos. Estava sonhando, sabia disso, mas essa consciência nada fez para mitigar o horror que viria a seguir. Viu o avião furando as nuvens, o trem de pouso baixar da fuselagem em preparação para a aterrissagem. Não era fevereiro, mas novembro. Uma noite bem parecida com essa. Temperatura glacial. Neblina baixa.

No sonho, ele estava em pé dentro da cabine, dando um sermão no piloto e dizendo que ele não deveria voar naquelas condições. O piloto, porém, estava ocupado falando com uma aeromoça, mais interessado em conseguir o telefone dela do que em prestar atenção ao altímetro defeituoso que o fazia voar 300 metros abaixo de onde deveria estar.

Então, com a precisão impiedosa de todo sonho, Von Daniken viu a filha e a mulher sentadas na parte de trás do avião quando este se espatifou contra a encosta da montanha. Como sempre fazia, sentou-se ao lado delas e cobriu-lhes delicadamente os olhos, fechando suas pálpebras e guiando-as para um sono profundo e sem dor. Tinha certeza de que a cabeça da pequena Stéphanie estava recostada no ombro da mãe.

Às 19 horas, 11 minutos e 18 segundos do dia 14 de novembro de 1990, o vôo 404 da Alitalia chocou-se, de frente, contra o Stadeberg, 400 metros acima do nível do mar, a apenas 15 minutos do Aeroporto de Zurique. A velocidade na hora da colisão era de 400 nós. Segundo os relatórios sobre o acidente, quando o alarme de colisão em solo disparou, o piloto teve menos de 10 segundos para evitar o choque com a montanha.

Von Daniken deu um pulo e sentou-se na cama, assustado, antes ver o avião explodir.

– De novo, não – disse para si mesmo, com a respiração rápida e superficial.

Nenhum outro avião cairia sob sua vigilância.

Ele não iria permitir.

44

SESSENTA QUILÔMETROS MAIS AO SUL, na aldeia de Kandersteg, encontravam-se acesas as luzes de um pequeno quarto de hotel, onde um homem magro e musculoso, completamente nu, tremia violentamente, de pé em frente ao espelho. Parecia uma visão de um circo dos horrores. Grandes manchas de sangue cobriam sua pele cadavérica. Olhos negros febris espiavam de órbitas fundas. Mechas de cabelo sem vida colavam-se à testa suada.

O Fantasma estava morrendo.

O veneno estava matando-o.

Uma de suas próprias balas havia ricocheteado no vidro blindado e penetrado em seu abdome, logo acima do fígado. O ferimento não tinha nem o tamanho de uma semente de girassol, mas a pele em volta apresentava uma cor marrom amarelada, como um hematoma de uma semana. A cada batida do coração, pequenos riachos de sangue escorriam por sua barriga chapada e sem pêlos. Podia sentir a bala alojada bem rente à superfície. Seu impacto no vidro havia espatifado a ponta oca da cápsula. Era só um fragmento, revestido com poucos microgramas do veneno. De outra forma, ele já teria morrido.

Um espasmo varou seu corpo. Ele fechou os olhos, esperando passar. A respiração estava ficando difícil, a visão começava a falhar. A ponta de seus dedos formigava como se estivesse sendo espetada por agulhas. Nos recantos de sua mente, ele olhava para o abismo. Via formas lá dentro, seres monstruosos se contorcendo de dor. Via rostos também. As vítimas que matara gritavam seu nome. Esperavam ansiosamente a sua chegada.

Ele recuou do precipício e abriu os olhos. “Ainda não”, disse a si mesmo. Não estava pronto para ir para o outro lado.

Com uma das mãos, segurou a faca. Com a outra, um curativo de gaze embebido em álcool. Com a ponta dos dedos, localizou o pedacinho de chumbo e posicionou a lâmina acima dele. Esperou a mão parar de tremer e, então, fez um corte certeiro e rápido, liberando o metal. O curativo ardeu terrivelmente.

Em seguida forçou-se a beber um chá, sentado na cama. Ficou assim por três horas lutando com o veneno. Por fim, os espasmos cessaram. O suor diminuiu e a respiração voltou ao normal. Tinha ganhado a batalha. Iria viver, mas a vitória o deixara enfraquecido tanto mental quanto fisicamente.

Embora exausto, não podia se permitir dormir. Tomou uma chuveirada para limpar o sangue do corpo. Secou-se e, então, montou seu altar no peitoril da janela. Este consistia em alguns gravetos de figueira, um torrão de solo do terreno próximo a sua casa e gotas d’água da nascente sagrada do rio Lempa. Rezou para Hanhau, deus do mundo subterrâneo, e para Cacoch, o criador. Pediu que lhe fosse concedido encontrar e matar o homem que escapara da morte mais cedo naquela noite. Ao terminar, salpicou a água em volta do pé da cama para proteger-se dos maus espíritos.

Somente então o Fantasma se deitou entre os lençóis.

Durante o sono, uma voz lhe avisou que ele nunca mais veria seu lar. Disse-lhe que não iria matar o americano, mas que Ransom iria matá-lo. Implorou-lhe para acabar com a própria vida ali mesmo. Era Hanhau, tentando atraí-lo para o mundo das sombras. No sonho, ele riu para mostrar a Hanhau que não lhe dava atenção.

Acordou de madrugada com um único objetivo em mente.

Matar Ransom.

45

ÀS 10 HORAS DAQUELA MANHÃ, a força-tarefa já havia obtido suas primeiras vitórias fáceis.

Von Daniken identificara a Banca Popolare del Ticino como a instituição onde Blitz fazia suas operações. Cópias de todas as transações da conta – depósitos, retiradas, pagamentos, transferências recebidas e enviadas – iriam chegar dali a uma hora. Além disso, descobrira que a Villa Principessa não fora alugada nem submetida a leasing, como desconfiava, mas comprada dois anos antes por três milhões de francos, por um misterioso truste de investimentos domiciliado nas Antilhas Holandesas. Toda a papelada fora administrada por um agente fiduciário em Liechtenstein. Von Daniken despachara emissários para Vaduz, capital do pequeno principado de montanha, para interrogar os executivos que haviam conduzido a transação.

Myer também tirara a sorte grande, e já tinha uma lista de 12 números de telefone usados regularmente tanto por Blitz quanto por Lammers. Vários pertenciam a empresas de manufatura com a qual a Robótica mantinha negócios. Intimações estavam sendo emitidas para forçar as empresas a divulgar os nomes de quem recebera as ligações. Os outros eram números de celular pertencentes a empresas estrangeiras de telecomunicações. Seria preciso passar pelas embaixadas da França, da Espanha e da Holanda (felizmente, não pela da Alemanha) para conseguir intimações que lhes possibilitassem acessar os registros.

Krajcek estava em Zurique conversando com vários informantes e ainda não havia feito contato.

Somente Hardenberg ficara frustrado. No que dizia respeito a localizar a van, até agora só conseguira reduzir a lista para 18.654 proprietários de vans da Volkswagen no país. Estava esperando informações das locadoras e das autoridades policiais do cantão sobre automóveis roubados que correspondessem àquela descrição.

– E o ISIS? – perguntou Von Daniken, sentando-se na beirada de sua mesa de trabalho.

– Já fiz o meu pedido – disse Hardenberg. – Van branca da Volkswagen com placa da Suíça. Vamos ver o que chega.

– Tente centralizar a busca primeiro na Alemanha.

– Já tentei. Indiquei Leipzig como alvo primário e, como alvo secundário, todas as cidades num raio de 50 quilômetros. Devemos conseguir alguma coisa.

Catalogar todos os mandados e manter uma base de dados sobre os indivíduos considerados de interesse para o governo era apenas uma parte do sistema ISIS. Outra estava conectada a milhares de câmeras de vigilância espalhadas por toda a Europa. A cada minuto de cada dia, essas câmeras tiravam fotos de qualquer veículo (e pessoa) que por acaso passasse na frente de suas lentes. As placas de todos os carros fotografados entravam automaticamente em um sistema que ligava as bases de dados das agências de inteligência de mais de 30 países. Era uma espécie de "internet do crime". Cada base de dados comparava, então, o número das placas com qualquer veículo roubado ou suspeito daquele país. Em toda a Europa, constantemente eram disparados avisos de que um carro roubado na Espanha fora visto em Paris ou de que uma van usada em um assalto a uma joalheria em Nice fora localizada em Roma. Era um trabalho de polícia, sem policiais, que resultava em milhares de prisões por ano.

O lado negativo era que o processo era dolorosamente lento. A quantidade de fotografias por si só – milhões delas por dia – impedia qualquer resultado instantâneo.

– Continue tentando – disse Von Daniken. – Avise-me assim que alguma coisa surgir. Você tem meu telefone.

Hardenberg fez que sim com a cabeça e pôs-se ao trabalho.

Convencido de que tudo estava começando com o pé direito, Von Daniken pegou o elevador até o térreo e saiu do prédio. Uma vez no carro, foi direto para a auto-estrada, onde pegou a A1 em direção a Genebra. Precisava apressar-se, caso quisesse chegar à sede da Médicos Sem Fronteiras antes do meio-dia.

46

O GASTHOF RÖSSLI FICAVA do outro lado da rua, em frente aos portões da fábrica da Zug Industriewerk. O restaurante era um beiz à moda antiga, estabelecimento familiar com paredes de pinheiro, chão de tacos de madeira e um bando de chifres de antílope fixados na parede. Ao meio-dia, o salão estava aquecido e entupido de gente.

Jonathan passou entre as mesas, prestando atenção na profusão de jalecos azuis de trabalho com o nome da empresa bordado em caligrafia gótica no bolso esquerdo da frente. O mesmo nome, com a mesma caligrafia, também era visível nos crachás em volta do pescoço de quase metade dos clientes: ZIAG. Estava óbvio que o Gasthof Rössli era uma alternativa bem popular ao refeitório da empresa.

No bar, clientes se sentavam segurando canecas de cerveja e almoçando. Havia vários bancos livres, e ele se acomodou em um, ao lado de um homem corpulento, barbado, cuja barriga generosa e nariz crivado de veias não escondiam sua predileção pelo álcool. Assim como a maioria dos outros, usava um crachá branco pendurado em um cordão azul em volta do pescoço. Jonathan tinha 30 minutos para conseguir aquele crachá.

Ele se sentou e deu uma olhada no cardápio. Teve consciência de que o homem o observava. Em um canto, no alto, uma TV exibia o noticiário sem som. Era difícil evitar erguer os olhos para ela. Pediu uma sopa e uma cerveja e aguardou sua oportunidade.

Jonathan chegara a Zug às 11 da manhã, depois de passar a noite no banco traseiro do carro, no estacionamento de uma revenda da Mercedes, perto de Berna. Era o primeiro descanso em 36 horas e, embora tivesse dormido mais do que gostaria, pelo menos estava começando o dia minimamente revigorado.

Passara a manhã rodeando a fábrica, primeiro de carro, depois a pé. Sua visita não era inesperada. Hoffmann levara o telefonema a sério. Jonathan não precisava de outra prova disso, além do carro modelo compacto onde se lia "Securitas" estacionado junto à entrada da sede. A Securitas era uma empresa de segurança conhecida. Um veículo parecido se posicionara em um local discreto junto à entrada da fábrica. Os guardas uniformizados se contentavam em ficar dentro dos carros espiando de longe os funcionários que entravam. Tudo sem alarde. Muito discreto. A presença deles não tinha a intenção de perturbar, apenas de ser percebida.

"O problema era que aquilo era sem alarde demais", ponderou Jonathan. "Se um amigo meu tivesse sido assassinado na véspera e o meu nome pudesse ser o próximo da lista, eu contrataria a firma de segurança inteira para ir se aboletar em frente ao meu local de trabalho", pensou. "Não haveria nada de discreto."

Então deu-se conta do motivo...

Não havia como ser diferente.

A ZIAG era uma empresa legítima. Existia havia mais de 100 anos. Tinha uma renda anual de 90 milhões de francos suíços. Empregava 500 pessoas. Hannes Hoffmann, Gottfried Blitz e Eva Kruger eram intrusos. Não faziam parte da organização em si. Da empresa de verdade. Faziam parte da empresa-fantasma. Da empresa dentro da empresa. Com a cumplicidade de alguém bem posicionado, haviam penetrado na ZIAG da mesma forma que carrapatos penetram na pele. Um parasita se alimentando do sangue de seu hospedeiro.

Um disfarce.

Mas por que eles haviam escolhido a ZIAG?

A sopa de Jonathan chegou. O homem barbado sentado ao seu lado lançou-lhe um olhar e desejou-lhe um "En guete", sem convicção. Jonathan agradeceu e concentrou-se no prato. Não queria parecer muito ansioso. Terminou a sopa e, então, encarou o homem nos olhos.

– Desculpe – disse, com a deferência que se fazia necessária. – O senhor acha que a empresa está contratando?

O funcionário avaliou o traje formal de Jonathan.

– Ela está sempre procurando gente, mas no escritório do diretor não estou tão certo.

– Enterro – disse Jonathan, dando uma explicação sobre o terno escuro e a gravata. – Eu sou maquinista. E o senhor?

– Engenheiro elétrico.

O homem tinha mais formação do que aparentava. Engenharia elétrica era terreno exclusivo dos fãs de análise quantitativa, dos cientistas malucos, para quem solucionar equações diferenciais era uma simples brincadeira.

– Achei que a ZIAG estivesse no ramo das armas.

– Isso faz tempo. Agora fabricamos material sob encomenda.

– O senhor se importa se eu perguntar em que tipo de projeto está trabalhando agora?

– Num campo chamado "fusão de sensor". Algo usado nos sistemas de direção.

– Parece ter relação com armas.

– Não. São para aeronaves.

– Mas os sistemas de direção também não eram usados para mísseis e foguetes? – Jonathan se conteve na questão. – Estava me perguntando se o senhor conheceria uma mulher chamada Eva Kruger?

– Em que departamento ela trabalha?

– Acho que vendas ou então marketing. Não é engenheira. Isso eu sei. Ruiva. Olhos verdes. Muito bonita.

O homem sacudiu a cabeça.

– Não, desculpe.

– Ela trabalhava com Hannes Hoffmann.

– Ele eu conheço. O cara novo da Alemanha. Veio junto com os novos donos. Está tocando seu próprio projeto no chão da fábrica. Dizem que é alguma coisa revolucionária. Dizem que ele sabe o que está fazendo. É um homem sagaz, mas não aparece muito. Se a sua amiga trabalha com ele, então ela é bem relacionada. É tudo que eu sei. De minha parte, tenho 10 imbecis para supervisionar. São mais do que suficientes. Se essa tal de Kruger trabalha com vendas ou marketing, deve estar no prédio principal. É lá que deve procurar por ela.

Uma garçonete chegou e depositou sobre o balcão um prato de Wiener schnitzel com pommes frites. O engenheiro enfiou um guardanapo no colarinho da camisa, pediu mais uma cerveja e atacou a comida com avidez.

Jonathan olhou de viés para o crachá pendurado no pescoço do homem. Sabia que tinha que pegá-lo, mas não tinha certeza de ter coragem para tanto. Pensou no assassino que encostara sua arma na janela do carro na noite anterior. Um homem assim não hesitaria em fazer o que precisava ser feito nesse tipo de situação.

O engenheiro cortou mais um pedaço de vitela, espetou várias batatas fritas e um pedaço de brócolis com o garfo e enfiou tudo na boca.

– O senhor se importaria em guardar meu lugar um minutinho? – perguntou-lhe Jonathan. As palavras saíram com mais segurança do que ele esperava. – Tenho que dar uma olhada no parquímetro. Estou estacionado na esquina. Já volto.

– Claro. – O engenheiro sequer se deu o trabalho de erguer os olhos.

Do lado de fora, Jonathan levantou a gola para se proteger da neve e caminhou depressa até uma farmácia mais adiante, no mesmo quarteirão. A cruz verde iluminada em frente à porta do estabelecimento era uma visão conhecida. Do seu apartamento em Genebra, ele passava por nada menos do que quatro farmácias a caminho da parada do bonde, a meros cinco quarteirões de distância. Entrou e foi direto até o balcão de atendimento. Sem hesitar, exibiu sua carteira de médico internacional por cima do balcão e pediu cápsulas de 500 miligramas de triazolam, mais conhecido pelo nome fantasia de Halcion.

Embora consciente de ser alvo de uma perseguição em nível nacional, ele não achava que os seus riscos de ser descoberto fossem muito altos. Em primeiro lugar, o Halcion era um sedativo receitado com freqüência para tratar insônia. Uma receita de 10 cápsulas não chamaria a menor atenção. Em segundo lugar, ao contrário do que acontecia nos Estados Unidos, as farmácias suíças eram estabelecimentos independentes, administrados por pequenos proprietários. Não existia nenhuma base de dados nacional que monitorasse as receitas, tampouco um sistema de computadores que as cruzasse de modo a permitir às autoridades alertar os farmacêuticos para ficarem atentos caso ele aparecesse. A menos que a polícia tivesse enviado um fax com seu nome e descrição física para todas as farmácias do país – possibilidade que descartava, tanto por causa do curto tempo transcorrido desde o incidente de Landquart quanto pela inércia inerente a qualquer grande organização governamental –, Jonathan não tinha nada a temer.

O farmacêutico lhe entregou o frasco de soníferos. Jonathan saiu da farmácia, depois parou em um vão de porta para esvaziar metade das cápsulas dentro de uma nota de 10 francos cuidadosamente dobrada. Segurou a nota na palma da mão esquerda e voltou apressado para o restaurante.

Em nove minutos já estava de volta ao bar.

– Mais uma? – perguntou ao homem sentado ao seu lado.

O homem sorriu, feliz com sua sorte.

– Por que não?

Jonathan pediu uma cerveja – dessa vez, uma caneca – e um schnapps para si.

– Prosit – disse quando as bebidas chegaram. O álcool forte queimou seu estômago. Ele estalou os lábios e tirou uma caneta do bolso. – O senhor me ajudou muito. Será que posso lhe pedir o nome do diretor de pessoal?

– A nossa empresa é pública. Aqui dizemos recursos humanos. – O engenheiro lhe deu o nome, e Jonathan demorou-se abrindo a caneta e fazendo um floreio exagerado com o pulso. Com o mesmo tipo de encenação elaborada, largou a caneta de modo a fazê-la cair do outro lado dos pés do homem. Como esperava, o engenheiro desceu do banco para procurá-la. Assim que a sua cabeça desapareceu sob o bar, Jonathan ergueu a mão esquerda por cima da cerveja e despejou

o conteúdo de cinco cápsulas de Halcion dentro da caneca. Instantes depois, o sujeito reapareceu e Jonathan ergueu seu copo.

– Danke.

Mais um brinde.

Dali a 10 minutos, a caneca já estava mais seca do que o deserto de Gobi e o prato do homem mais limpo do que louça de festa. O engenheiro pescou da cestinha o último pedaço de pão e devorou-o em duas bocadas. Ansioso, Jonathan imaginou se a enorme quantidade de comida em sua barriga poderia retardar o efeito do remédio.

A essa altura, o engenheiro já falava sem parar sobre seu trabalho, discorrendo sobre exportações para a África e para o Oriente Médio, sobre toda a burocracia que elas exigiam, autorizações, licenças. Jonathan olhou discretamente para o relógio no pulso. O remédio já deveria ter surtido efeito. O álcool multiplicava o efeito do Halcion. Vinte e cinco miligramas bastavam para derrubar um elefante. As pupilas do homem estavam dilatadas, mas a sua dicção não dava sinais de estar comprometida. Desviou os olhos para a barriga do sujeito. Era grande o suficiente para conter uma bola daquelas usadas para fisioterapia. Talvez cinco cápsulas não tivessem sido suficientes.

– Mas então? O senhor faz muitos negócios com a África do Sul? – perguntou Jonathan, esforçando-se para alongar a conversa de modo a impedir que o engenheiro fosse embora.

– São os pioresss. Não dá pra acreditar na burocracia.

– É mesmo? – O remédio finalmente estava começando a fazer efeito.

– Fazzz parte. Nada que seja motivo para preocupação... – Suas pálpebras se fecharam e só tornaram a abrir depois de um intervalo excessivamente longo. Então ele estremeceu e seus olhos se arregalaram. – A menos, é claro, que você nos confie um trrrabalho... – Seus olhos tornaram a se fechar e sua cabeça pendeu como a de uma boneca de pescoço de mola em cima de um brinquedo velho.

– Lllicença. Tenho que ir ao banheiro. Depois tenho que voltar para a fffábrica. – Ao ficar de pé, ele se apoiou no bar com as duas mãos, tentando se equilibrar. Um dos joelhos cedeu. Quando ia cair, Jonathan o segurou.

– Opa, amigão. Deixe eu ajudar você.

Com o máximo de delicadeza possível, ele conduziu o engenheiro até os fundos do restaurante e desceu a escada que levava ao toalete masculino. Quando subiu os degraus correndo, um minuto depois, trazia no bolso um crachá branco da ZIAG. O Sr. Walter Keller iria passar a tarde dormindo dentro do último cubículo do banheiro masculino.

47

ESPERAR E OBSERVAR.

O Fantasma espiava o restaurante do outro lado da rua. Sua posição era um quiosque que vendia os jornais e revistas habituais. Ele se demorou folheando várias publicações sobre futebol. Quando viu o dono lançar-lhe um olhar contrariado, comprou um pacote de chicletes, um maço de cigarros (embora não fumasse) e um exemplar do Corriere della Sera, o jornal diário italiano.

Segurando o jornal debaixo de um dos braços, andou até o final do quarteirão. O longo combate travado durante a noite o deixara exaurido e ele precisou de todas as suas forças apenas para transpor aquela curta distância. Mesmo assim continuou, certificando-se de que ninguém pudesse constatar sua fragilidade.

Estava usando uma capa impermeável, com a gola levantada, um terno de lã cinza que mandara fazer em Nápoles e um par de sapatos feitos à mão, cor de uísque. Hoje era um executivo italiano. Ontem tinha sido um montanhista suíço. No dia anterior, um turista alemão. A única pessoa que não tinha permissão para ser era ele mesmo. Não ligava para isso. Depois de 20 anos na sua profissão, quanto menos tempo passasse na companhia de si próprio, melhor.

Encontrara Ransom de madrugada saindo do estacionamento de uma revendedora autorizada de automóveis, onde havia passado a noite. O americano era desajeitado e amador em suas tentativas de verificar se estava sendo seguido. Dirigia devagar demais quando deveria ter pisado fundo no acelerador. Parava o tempo todo para espiar por cima do próprio ombro. Estacionava muito perto do lugar de destino. As suas ações eram inúteis. Qualquer tentativa de fuga era frustrada pelo sinalizador implantado na medalha que pendia de seu pescoço.

O Fantasma se contentava em esperar e observar. Sua especialidade era matar bem de perto. Havia construído sua carreira com base em cautela e planejamento, transformando em regra o fato de jamais tentar um ataque casual. Sua política era identificar o local, preparar uma armadilha e em seguida aguardar. O caso Lammers fora um modelo de planejamento e execução. O caso de Blitz, nem tanto, já que dispusera de tão pouco tempo de preparação. A súbita chegada de Ransom era uma prova dos riscos inerentes ao trabalho apressado.

Além disso, é claro, tinha o sonho.

Ransom iria matá-lo.

O Fantasma tentou não ser supersticioso. Sonhos pertenciam ao mundo dos índios que cultivavam a fazenda de café de sua família. Não ao de um homem instruído. Mesmo assim...

Nesse exato instante, viu Ransom sair do restaurante.

Observou o americano atravessar a rua e desaparecer no meio de um grupo de pessoas junto aos portões da fábrica.

Por ora, bastava-lhe manter distância.

Saberia reconhecer a oportunidade quando esta surgisse.

Até lá, iria observar e esperar.

E iria rezar.

48

JONATHAN ESPEROU O AFLUXO de funcionários da uma da tarde e, então, juntou-se a um grupo de uns 10 operários que se reuniu em frente aos portões da fábrica, passando pelo único guarda no carro da segurança. Ele havia tirado a gravata e levantado a gola do sobretudo. Trazia o crachá roubado em volta do pescoço, com a fotografia virada de propósito para o peito.

Não tinha guardas do lado de dentro do prédio, apenas uma catraca eletrônica que regulava a entrada do saguão. Jonathan passou o crachá pelo leitor ótico e entrou. Os homens iam em uma direção. As mulheres em outra. Ele entrou em um vestiário. Na parede mais próxima havia um relógio de ponto. Esperou junto com os outros na fila, com os olhos cravados no chão à sua frente, de modo a não atrair a atenção de ninguém. Quando chegou a sua vez, escolheu qualquer cartão aleatoriamente. Por sorte, o que escolheu não pertencia a nenhum dos seis ou sete homens atrás dele. Ao lado do toalete havia um armário cheio de jalecos passados a ferro. Jonathan escolheu um do seu tamanho e depois atravessou uma porta de vaivém que conduzia ao nível da fábrica.

O chão de fábrica dava a sensação aberta e arejada de um estádio esportivo coberto, inclusive no detalhe das vigas de alumínio aparente que sustentavam o teto. Um pequeno exército de operários zanzava atarefado de um lado para outro, alguns a pé, outros operando empilhadeiras e outros ainda dirigindo carrinhos elétricos. O amplo espaço era dividido em intervalos regulares por pilhas de estoque que se erguiam 10 metros acima do chão. Curiosamente, o próprio tamanho do lugar contribuía para abafar o som ambiente, emprestando à fábrica uma atmosfera sobrenatural.

Mais perto de onde ele estava, várias fileiras de tanques pressurizados de aço inox aguardavam para ser inspecionados. Jonathan os rodeou e seguiu em frente, parando sempre que via algo de interesse para perguntar o que estava sendo fabricado. Em sua maioria, os operários se mostravam educados, corteses e profissionais. Ele foi informado, por exemplo, de que os tanques pressurizados eram, na verdade, misturadores encomendados por uma grande farmacêutica suíça.

Em outras partes do chão de fábrica, equipes de operários manejavam autoclaves, transferidores de calor, extrusores. O leque de máquinas fabricadas parecia bem amplo para uma só empresa. Como dissera o homem do restaurante, a Zug Industriewerk realmente não trabalhava mais no ramo de armamentos.

Quando chegou ao final do estabelecimento, Jonathan viu um saguão contíguo por onde algumas pessoas entravam e saíam. Observou que a entrada era controlada por um scan biométrico dos olhos. Um cartaz pregado ao lado da porta dizia: “THOR. Thermal Heating and Operations Research (Pesquisa em Aquecimento Térmico e Operações). Somente pessoal autorizado”.

THOR. A mesma palavra que aparecia no flash drive de Emma. A palavra no memorando que encontrara sobre a mesa de Blitz. Finalização planejada para o primeiro trimestre de 200-. Carregamento final para o cliente a ser feito em 10 de fevereiro. Desmantelamento de todo o aparato de montagem a ser completado até 13 de fevereiro.

Jonathan sabia que não adiantava nada tentar entrar na área restrita. Deu meia-volta e começou a andar em outra direção. Teria de encontrar as respostas para suas perguntas em outro lugar. No prédio principal.

Havia uma prancheta de controle de qualidade pendurada na parede e, próxima a ela, uma caixa com meia dúzia de válvulas reluzentes. Ele pegou as duas. Seguindo as placas afixadas pelas paredes, encontrou o caminho até o prédio principal da administração da empresa. Bastou um meneio de cabeça educado para passar pelo recepcionista e entrar no elevador mais adiante.

Os andares estavam repartidos por função. Primeiro: Recepção. Segundo: Contabilidade. Terceiro: Vendas e Marketing. Quarto: Direção. Ele apertou o botão do terceiro.

Uma vez lá, observou que as salas eram numeradas de forma seqüencial: 3.1, 3.2, etc. Embaixo de cada número havia o nome ou os nomes dos executivos que ocupavam a sala. A de Hannes Hoffmann era a última à esquerda. Uma secretária meticulosamente penteada estava sentada na ante-sala.

– Para o Sr. Hoffmann – disse Jonathan, erguendo a caixa como se fosse um presente de Natal.

– Quem devo anunciar?

Jonathan deu o nome do homem cujo crachá havia roubado.

– Amostras para inspeção.

A recepcionista sequer olhou para o crachá.

“Ela não sabe”, percebeu Jonathan. “Não faz parte do Thor.”

– Vou interfonar para ele – disse a mulher.

– Não precisa – disse Jonathan. – Ele está me esperando.

Sem pensar nas conseqüências, movido apenas por um desejo de saber a verdade – sobre Emma, sobre Thor, sobre tudo –, ele abriu a porta e entrou na sala de Hannes Hoffmann.

49

HANNES HOFFMANN, VICE-PRESIDENTE de engenharia (segundo a placa na porta de sua sala), estava sentado atrás de uma escrivaninha de madeira clara, com um telefone colado à orelha, martelando na agenda com um lápis, como se fosse um tambor. Era corpulento e apático; tinha cabelos louros ralos, lambidos para trás, e uma cara rechonchuda, satisfeita, com os olhos azuis um pouco separados demais. Era o rosto da fotografia na escrivaninha de Blitz. Um rosto que Jonathan já vira centenas de vezes... conhecido, mas ao mesmo tempo totalmente desconhecido.

Ao ver Jonathan, Hannes se retesou. Seus olhos o encararam como fachos de laser. Será ele? A pergunta estava praticamente estampada em néon na sua testa. Jonathan sequer titubeou. Exibindo um sorriso subalterno, perguntou onde deveria colocar a caixa de válvulas. Hoffmann o examinou de cima a baixo por mais alguns instantes, depois apontou para o canto da mesa e voltou ao telefonema.

– O carregamento tem de estar no armazém da alfândega amanhã de manhã, às 10 horas – dizia ele. – Os inspetores não vão mais estender o prazo. Ligue para mim se tiver algum problema. – Hoffmann desligou o telefone e lançou um olhar contrariado para o visitante. – E o senhor quem é?

– Conversamos ontem pelo telefone.

Hoffmann tensionou o corpo.

– Sr. Schmid?

– Isso. – Jonathan pousou a caixa sobre a escrivaninha. – Grite! – falou. – Agora é a sua chance. Vamos lá. Grite pela sua secretária.

Hoffmann permaneceu imóvel como uma pedra. Não disse nada.

– Não pode gritar, não é? – continuou Jonathan. – Não pode correr o risco de a polícia vir correndo e eu contar a ela tudo que sei sobre a operação na qual você estava envolvido, junto com Eva Kruger.

– Nisso o senhor tem razão – disse Hoffmann com a voz neutra. – Mas é uma estrada de mão dupla. Eu não posso gritar, e o senhor não pode fazer nada para me forçar a falar.

– Eu só quero saber no que ela estava metida.

Hoffmann cruzou os braços na frente do peito.

– Sente-se, Dr. Ransom. Sugiro que deixemos os joguinhos de lado.

Jonathan aproximou-se da escrivaninha com cautela. Sentou-se na beirada da cadeira, fazendo uma careta quando a SIG-Sauer enfiada no cós da sua calça beliscou-lhe as costas.

– Como é que funciona essa armação? Uma empresa dentro da empresa? Um projeto interno secreto? É isso?

Hoffmann deu de ombros, indicando que aquele caminho era inútil.

– Pare de tentar adivinhar.

– Imagino que vocês estejam fabricando alguma coisa que não deveriam e entregando para alguém que não deveria receber. O que seria? Armas? Mísseis? Foguetes? Que outro motivo vocês teriam para montar a operação em um lugar como este? Eu vi a área reservada para o Thor na fábrica. Afinal, o que quer dizer "operações de aquecimento térmico"?

Hoffmann inclinou-se para a frente, deixando de lado a atitude cordial.

– O senhor não faz idéia de onde foi se meter.

– Faço alguma idéia, sim. Sei que vocês pegaram Emma na sua rede no ano passado, quando estávamos no Líbano. Imagino que também tenham alguém na Médicos Sem Fronteiras que ajudou a me transferir para cá.

– Foi antes do Líbano – disse Hoffmann.

– Não – retrucou Jonathan. – Tudo começou em Beirute. Eu estava lá quando ela tomou a decisão. – Tinha de ter sido ali. Por isso as dores de cabeça de Emma, sua depressão. Ela estava decidindo. – Ela foi para Paris encontrar-se com o senhor?

– Ah, sim, Paris. Lembro-me disso. Todas aquelas ligações suas quando não conseguiu falar com Emma no hotel. Deveríamos tê-las encaminhado para ela, mas houve algum problema técnico. Uma fatalidade. Emma me disse que arrumou uma amiga para confirmar sua história. Disse que o senhor tinha acreditado nela. Parece que estava errada.

Jonathan ignorou a provocação.

– Para quem o senhor trabalha?

– Basta dizer que somos um grupo poderoso. Olhe em volta. O senhor está com o Mercedes. Imagino que esteja com o dinheiro também. Viu a casa de Blitz e um pouco do que montamos aqui. – Hoffmann uniu as mãos e pousou-as sobre a escrivaninha. Parecia tão inofensivo quanto um corretor de seguros tentando vender uma apólice de vida. – Infelizmente, acho que isso vai ter de bastar.

– Hoje não vai ser possível.

– Dê meia-volta, Dr. Ransom – disse Hoffmann, sério. – Saia desta sala. Saia do país. Posso fazer com que a polícia esqueça os mandados de prisão que tem contra o senhor. Faça o que fizer, não olhe para trás. Ainda tem tempo de sair dessa sinuca.

– Isso quer dizer que o senhor também vai ligar para o sujeito que atirou em mim na noite passada?

– Não sei nada sobre isso.

– E os policiais que tentaram roubar as malas de Emma? Ou será que o senhor também não sabe nada sobre isso?

– Os policiais foram terceirizados. Eles se mostraram excessivamente entusiasmados. Peço desculpas. Ainda assim, eu diria que o senhor ficou com a melhor parte do bolo.

– Então quem matou Blitz?

Hoffmann pensou por alguns instantes.

– Pessoas com interesses diferentes dos nossos.

– Pessoas que não acham que o Thor é uma idéia tão boa assim? E se elas não quiserem me deixar ir embora?

– Não posso falar em nome delas. Se tentaram atentar contra a sua vida, imagino que seja porque acharam que o senhor trabalhava junto com a sua mulher.

– Está querendo dizer que eles acharam que eu trabalho com o senhor?

Hoffmann franziu o cenho. Era óbvio que não gostava da idéia de que alguém pensasse que Jonathan estava trabalhando com ele.

– De qualquer forma, não posso ajudar o senhor aqui.

– Agradeço sua honestidade – disse Jonathan. – Infelizmente, ela não contribuiu muito para resolver o meu problema.

Hoffmann afastou a cadeira da escrivaninha. Levou as mãos à nuca e inclinou-se para trás, como quem dá a entender que a etapa formal do encontro havia terminado. Agora podiam conversar como amigos.

– Tenho empatia pelo senhor, Dr. Ransom. Não saber é a pior parte. O meu casamento não durou nem três anos. O senhor chegou a oito. Eu diria que se saiu melhor do que a maioria.

Enquanto ele falava, seus olhos tornaram a piscar rapidamente. Gagueira ocular. Era um cacoete estranho, e algo nele fez Jonathan se lembrar de alguém que conhecera muito tempo atrás.

– Repito a sugestão que fiz – prosseguiu Hoffmann. – Saia desta sala. Deixe o país quanto antes. Não desejamos que nada de ruim lhe aconteça. Na nossa cartilha, o senhor é do bem. Já nos ajudou muitíssimo, quer tenha sabido disso ou não. Se me der a sua palavra de que não vai mais tentar descobrir nada sobre as nossas atividades, eu mando prender os cachorros.

– E o senhor me dá a sua palavra?

– Dou.

Ao dizer isso, Hoffmann piscou, e seus olhos tremeram durante quase dois segundos. Foi então que Jonathan ligou um nome àquele rosto. Fazia cinco anos, talvez mais, mas ele teve certeza.

Foi antes do Líbano.

– Eu conheço você.

Hoffmann não disse nada, mas seu rosto cobriu-se repentinamente de pontinhos vermelho-vivos.

Jonathan continuou.

– O seu nome é McKenna. Divisão Pessoal da Rainha, operando junto com a força de paz da ONU no Kosovo. Major, não é?

Hoffmann deu uma risadinha sarcástica, como se tivesse sido desmascarado em alguma brincadeira. Tornou a endireitar a cadeira, com a expressão de surpresa patente no rosto, e, quando falou, o alemão rígido de berlinense havia desaparecido e sido substituído por um sotaque afetado do bairro chique londrino de Belgravia.

– Demorou bastante, hein, Jonny. Tem razão. Foi no Kosovo. Na noite de ano-novo, se não me engano. A gente tomou umas e outras nessa noite. Você, eu e Em. Eu engordei um pouco desde

essa época, mas quem não engordou? Tirando você, é claro. Apesar de tudo, está em excelente forma.

Era ele. Era McKenna. Quase 20 quilos mais gordo, com alguns cabelos a menos e um bigode de vassourinha a mais, mas era ele mesmo. O mesmo tique nos olhos. A mania irritante de chamá-lo de "Jonny".

Jonathan sentiu um forte latejamento fazer pressão em suas têmporas. Kosovo. A festa de ano-novo no alojamento dos britânicos. O major John McKenna vestido com seu kilt escocês, marchando com sua gaita-de-foles e tocando "Auld Lang Syne" quando soou meia-noite. Então lembrou-se da última parte. O motivo que o fizera demorar tanto para reconhecer McKenna.

– Mas você morreu. Em um acidente de carro, dois dias antes de a gente sair do Kosovo.

Hoffmann deu de ombros, como quem diz: outra máscara caiu.

– Como você pode ver, eu não morri.

– Quem é você, cacete? – perguntou Jonathan.

– Eu sou quem preciso ser.

Hoffmann pulou de trás da escrivaninha. Jonathan tentou soltar a pistola, mas foi lento demais. Inexperiente. Um braço passou zunindo, derrubando a pistola de sua mão. Uma lâmina curta, de fio duplo, despontou entre os dedos médio e anular da outra mão de Hoffmann. Ele golpeou Jonathan. A lâmina passou a centímetros do pescoço, cortando a lapela de seu casaco. Jonathan deu um salto para trás, derrubando uma cadeira.

– Sua vez – disse Hoffmann, dando a volta na escrivaninha. – Vá lá. Pode gritar. Você queria chamar a polícia. Tudo bem. Pode chamar. Estou me protegendo de um assassino.

Jonathan agarrou a cadeira e posicionou-a na frente do corpo, bloqueando o homem mais pesado. Hoffmann avançou, a lâmina pouco mais do que um borrão. Jonathan ergueu a cadeira, esquivando-se do golpe.

Olhou na direção da escrivaninha. A caixa de válvulas de aço inox que trouxera consigo estava na beirada. Cada válvula tinha o tamanho de um copo d'água e pesava quase um quilo. Ele deu um passo à frente, forçando Hoffmann a recuar, e arrebatou uma das válvulas. Com apenas uma das mãos segurando a cadeira, ficou vulnerável. Hoffmann constatou isso no mesmo instante. Segurou uma das pernas da cadeira e puxou-a com força para o lado. Ao mesmo tempo, transferiu o peso do corpo para o pé do lado oposto e atacou. Jonathan demorou demais a recuar. Um zunido prateado cortou o ar. Dessa vez, a lâmina varou o casaco e cortou-lhe o peito. No mesmo instante, Jonathan abaixou a válvula. O golpe atingiu de raspão o supercílio de Hoffmann, abrindo um talho acima de seu olho. Hoffmann soltou um grunhido, afastou a válvula e avançou, arremetendo seu peso contra a cadeira, como um zagueiro de futebol americano empurrando um obstáculo fixo durante o treino. Jonathan largou a válvula e agarrou a cadeira com as duas mãos. Hoffmann chegou mais perto. Era mais pesado e, apesar da aparência inexpressiva, incrivelmente forte. A lâmina voou e Jonathan sentiu uma ardência na lateral da garganta.

Nesse exato instante, alguém bateu na porta.

– Está tudo bem, Sr. Hoffmann?

– Tudo perfeito – respondeu Hoffmann com uma voz ridiculamente jovial. Apoiando todo o seu peso na cadeira, o seu rosto estava vermelho-vivo, com gotículas de suor a cobrir-lhe a testa. Menos de um metro separava os dois. Ele ergueu o braço, preparando-se para golpear.

Ao mesmo tempo que se abaixava apoiado sobre um dos joelhos, Jonathan empurrou a cadeira para a sua esquerda. Pego desprevenido, Hoffmann perdeu o equilíbrio e foi na mesma direção. Caiu para a frente e abaixou-se sobre um dos joelhos. Jonathan deu a volta nele, pegou outra válvula dentro da caixa e bateu com força na nuca de Hoffmann. Ele tentou levantar-se, mas Jonathan tornou a bater.

Hoffmann desabou no chão.

– Sr. Hoffmann! – chamou a secretária, agora batendo na porta. – Por favor! Que barulho é esse? Posso entrar?

Atordoado, Jonathan cambaleou para trás, tateando em busca da mesa para se equilibrar. Viu de relance o próprio reflexo em uma fotografia emoldurada. Estava com uma cara horrível. O corte em sua garganta sangrava. Por pouco não atingira a carótida. Ele sacou um lenço do bolso e apertou-o em cima do ferimento.

– Um segundo – disse, sorrindo de forma grotesca para imitar a voz alegre de Hoffmann.

Olhou para a sala em volta. Atrás da escrivaninha, uma janela se abria para uma altura de quatro andares. Dessa vez não havia canos pelos quais deslizar. Ele foi depressa até a porta, pegou a pistola e enfiou-a no cós da calça.

– Pode entrar – falou.

A secretária entrou, esbaforida. Antes de conseguir interpretar o que via, Jonathan fechou a porta atrás dela.

– Nossa, mas o que foi que aconteceu? – indagou ela, associando lentamente os diversos elementos à sua frente.

Jonathan a imprensou contra a porta, imobilizando-a com o antebraço.

– Se ficar quieta, não vou machucá-la. Entendeu?

A secretária aquiesceu vigorosamente.

– Mas...

– Shhh – disse ele. – Você vai ficar bem. Eu prometo. É melhor relaxar.

Os olhos da mulher se arregalaram, aterrorizados.

Ele pressionou os dedos contra a sua carótida, interrompendo o fluxo de sangue até o cérebro. A secretária teve um único espasmo em seus braços e, cinco segundos depois, desmaiou. Jonathan a deitou no carpete. Imaginava que fosse recuperar os sentidos cerca de 10 minutos mais tarde. Hoffmann demoraria um pouco mais para acordar.

Jonathan examinou a sala. Não podia ir embora com aquele aspecto. Tirou o jaleco azul de operário, achou o sobretudo de Hoffmann e vestiu-o, tomando cuidado para abotoá-lo até em

cima. Desceu o corredor devagar, com a cabeça baixa e a mão apertando o lenço de encontro ao pescoço. Seguiu pela escada até o térreo e saiu pela entrada principal. A um quarteirão dali, seu passo rígido se transformou em um leve trote e, depois, em corrida.

Encontrou o Mercedes estacionado na garagem da Zentralstrasse, do outro lado da rua, em frente à estação. Arrancou o kit de primeiros socorros sob o banco da frente e vasculhou-o em busca de gaze e esparadrapo. Pouco adiantou. Precisava levar pontos.

Com uma das mãos pressionando o pescoço, guiou o carro lentamente para fora da cidade, entrou na auto-estrada e tomou a direção de Berna.

Só conseguia pensar em um lugar para onde ir.

50

VON DANIKEN MANTEVE O CARRO na faixa de ultrapassagem, com o velocímetro marcando quase 180 quilômetros por hora. A auto-estrada cortava vinhedos no alto das encostas, em volta do lago de Genebra. A imensa tela azul do lago cobria o pára-brisa. Mais além, envoltos em nuvens, erguiam-se os picos nevados da região francesa de Haute-Savoie.

Quando já estava quase chegando a Nyon, nos arredores de Genebra, o celular tocou. Ele acionou o botão de atender.

– Aqui é Rohde, do escritório do legista de Zurique.

– Sim, doutor... – Von Daniken se lembrou de ter ignorado o telefonema de Rohde, na véspera.

– É sobre a autópsia de Lammers. Encontramos uma coisa esquisita. – Rohde passou vários minutos resumindo suas descobertas sobre a batracotoxina, ou veneno de sapo, que revestia as balas. – Um colega meu, o Dr. Wickes, da New Scotland Yard, está convencido de que quem matou Theo Lammers já trabalhou para a Agência Central de Inteligência.

Von Daniken não respondeu. CIA. Fazia sentido. Depois de ter ficado claro que Blitz não era alemão, e sim iraniano, e ainda por cima ex-oficial militar, ele já desconfiava de que as mortes fossem obra de uma agência internacional de inteligência. Pensara em Philip Palumbo. Ou a agência norte-americana não estava por trás daquela operação ou então Palumbo havia lhe escondido as informações deliberadamente.

Depois de agradecer, Von Daniken desligou. A auto-estrada ficou mais estreita na entrada da cidade. O asfalto descia e passava a acompanhar os contornos do lago. À sua esquerda estendia-se uma ampla área verde, com as encostas cobertas de neve descendo até a margem. Ele passou por uma série de complexos de instituições governamentais construídas por lá: ONU, GATT, Organização Mundial da Saúde.

O endereço que procurava ficava em uma parte menos grandiosa da cidade. Jonathan estacionou na Rue de Lausanne, em frente a um restaurante chinês e a um alfaiate turco. Era meio-dia e cinco. Estava atrasado. A pessoa que havia marcado de encontrar teria de esperar mais alguns minutos.

Percorreu a lista de contatos de seu telefone até chegar à letra P. Um chiado distante encheu seu ouvido, enquanto o sinal passava pelas torres de transmissão que o conectavam com só Deus sabe que canto do mundo.

– Oi, Marcus – respondeu uma voz com sotaque americano.

Von Daniken sabia que era inútil perguntar onde Philip Palumbo estava.

– Eu acho que esta ligação ultrapassa as fronteiras do nosso relacionamento formal – começou ele, já descartando qualquer preâmbulo sem significado.

– É sobre a notícia que dei a você ontem?

– É. Preciso saber se você tem alguma outra informação sobre Quitab que não está me dizendo... sobre o homem que a gente conhece como Gottfried Blitz.

– Só isso, amigo. A primeira vez que ouvi falar nele foi dois dias atrás, pelo Gassan.

– Isso vale para o plano também? Nenhuma indicação anterior de que uma célula na Suíça estava planejando um ataque? Nada sobre os associados dele? Um homem chamado Lammers, por exemplo?

– Você está me deixando nervoso, Marcus. O que quer saber exatamente?

– Preciso saber se vocês estão com uma equipe trabalhando no meu país.

– Que tipo de equipe?

– Sei lá como vocês chamam isso. Wet work. Liquidação. Sanções.

– É uma senhora pergunta.

– É, sim, e acho que você me deve uma resposta.

– Eu diria que já paguei essa dívida ontem.

– Ontem foi tudo nos conformes. Deter Gassan e os cupinchas dele são tanto do interesse de vocês quanto do nosso. A vitória também entra no seu borderô.

– Pode ser – reconheceu Palumbo. – Mesmo assim, preciso de mais informações para trabalhar.

Von Daniken deu um suspiro, perguntando-se quanta informação deveria divulgar. Na verdade, não tinha muita escolha. Esse era o preço de se trabalhar com uma superpotência. Ou melhor, ultimamente, a superpotência. Não podia pedir a confiança de Palumbo sem demonstrar a sua.

– Estamos investigando Blitz também, mas de outro ângulo. Esse homem sobre quem perguntei a você, Theo Lammers, trabalhava com Blitz. Os dois se encontraram quatro noites atrás. A gente acha que Lammers entregou a Blitz um avião teleguiado de última geração, capaz de voar a 500 quilômetros por hora e de carregar uma nacela abarrotada com 20 quilos de explosivos plásticos. Lammers foi morto na noite seguinte a esse encontro. Foi um trabalho de profissional. A gente está imaginando que foi o mesmo homem que matou Blitz. Alguns indícios sugerem que o assassino é um dos seus.

– Que indícios são esses?

Von Daniken lhe falou sobre as balas mergulhadas em veneno de sapo e disse como essa prática vinha dos índios que haviam feito parte dos esquadrões salvadorenhos liderados pela CIA.

– Parece que talvez você esteja exagerando – respondeu Palumbo. – Índios supersticiosos, esquadrões da morte, veneno... você está falando de coisas que aconteceram quase 30 anos atrás. Isso é história antiga.

– Eu não acho que nenhum de nós dois acredite em coincidências.

– Nisso você tem razão – disse Palumbo, sem oferecer mais nenhum esclarecimento.

– Phil, estou perguntando claramente a você: esse cara está na folha de pagamento da Agência ou é um freelancer a mando de alguma outra pessoa?

– Não sei dizer. Você está falando de coisas que ficariam fora do escopo do Departamento de Operações. Isso é com o sexto andar. Muito acima da minha faixa salarial. Não acho que o vice-diretor iria gostar se eu me intrometesse onde não fui chamado.

– Entendo – disse Von Daniken. – Mas alguém está pagando esse homem. Alguém está apontando para ele a direção certa. Me parece que ele sabe mais sobre o que está acontecendo do que você ou eu. Eu, pelo menos, acho isso assustador. Pensei que você pudesse dar uma sondada por aí. Quem sabe... extra-oficialmente.

– Extra-oficialmente?

– Qualquer coisa que você descobrir...

– Veneno de sapo, é? Aí a gente estaria quite?

– Completamente quites – disse Von Daniken, com o tipo de entusiasmo que os americanos associavam à sinceridade.

Palumbo ruminou um pouco aquilo, deixando Von Daniken com o chiado da telefonia celular.

– Está bem, então – disse ele por fim.

– Está bem o quê?

– Eu volto a ligar – disse Palumbo, sem dar detalhes.

A ligação foi encerrada.

51

O NÚMERO 30 DA WALDHOHEWEG era um prédio simpático, de cinco andares, situado em um pacato bairro residencial de Berna, não muito longe do centro da cidade. Bétulas esguias, sem folhas, cresciam em canteiros na calçada, a cada 20 metros mais ou menos, parecendo sentinelas esqueléticos. Jonathan passou em frente ao edifício, devagar, examinando-o à procura de qualquer sinal de que estivesse sendo vigiado. Às 4 da tarde, a vizinhança estava tranqüila a ponto de parecer quase abandonada. Não vendo nada fora de lugar, ele estacionou o carro três quarteirões mais acima, na mesma rua.

Emma é real porque Bea é real, lembrou a si mesmo enquanto descia do automóvel. Durante o trajeto que partia de Zug, Jonathan havia repassado tudo que sabia sobre Bea. Aos 35 anos, era arquiteta de profissão, embora nunca tivesse conseguido se estabelecer no ramo. Já tinha sido artista frustrada, fotógrafa frustrada e fabricante de vidro artesanal frustrada. Era um bicho solto. Um espírito livre, com um certo quê de alma perdida; mas real. Carne e osso vestidos de calça jeans larga, jaqueta de motociclista rasgada e atitude correspondente ao visual.

Ao longo dos anos, Jonathan só a encontrara duas ou talvez três vezes. A última fazia um ano e meio, durante um almoço em Chamonix, quando ele e Emma estavam de licença do trabalho no Oriente Médio. Teria sido no mesmo fim de semana em que Emma sugerira comprar o suéter Bogner para ele? Desde que haviam se mudado para a Suíça, Emma já visitara a irmã em Berna várias vezes, mas ele nunca tivera oportunidade de acompanhá-la.

Jonathan aproximou-se do prédio pelo lado oposto da rua. Ainda nenhum sinal de qualquer pessoa por perto. Correu os olhos pelos carros estacionados. Não havia ninguém sentado ao volante. Atravessou a rua com uma corridinha, segurando o curativo com uma das mãos. Do lado de fora da porta estavam listados os nomes dos moradores: Strasser, Rutli, Kruger, Zehnder. Ele parou e voltou um nome para trás. Sentiu uma pontada de frio na barriga. Não havia nenhuma Beatrice Rose, mas E. A. Kruger morava no apartamento 4A.

Começou a tremer. O que estava esperando, então? Tocou o interfone. Um minuto se passou. Recuou e ergueu os olhos para o prédio. O movimento fez o talho em seu pescoço tornar a se abrir. Nesse exato instante, uma mulher chegou e usou a chave para entrar no edifício.

– Vim visitar a Srta. Kruger – disse ele. – Ela é minha cunhada. A senhora se importa se eu esperar na portaria?

Os olhos da mulher cravaram-se em seu pescoço, alarmados. Olhando para o próprio reflexo na porta de vidro, ele viu que a gaze estava encharcada de vermelho.

– O senhor está bem? – perguntou ela, não propriamente gentil.

– Um acidente. Não é tão ruim quanto parece.

– Deveria procurar um médico.

– Eu sou médico – disse Jonathan, estampando um sorriso no rosto e tentando descontrair a situação. – Posso me tratar lá dentro. A senhora certamente conhece a Eva. Ela tem mais ou menos esta altura. Cabelos ruivos. Olhos cor de avelã. Usa óculos.

A mulher fez que não com a cabeça, absorvendo todas aquelas informações.

– Desculpe – disse depois de alguns instantes. – Não conheço a Srta. Kruger. Acho melhor o senhor esperar do lado de fora.

– Claro. – Com o sorriso firme no lugar, ele virou as costas e contou até cinco. Quando olhou por cima do ombro, não havia mais ninguém na portaria. A porta se fechava em câmara lenta. Faltavam dois centímetros e meio para que trancasse. Jonathan precipitou-se para a frente e enfiou o dedão do pé no vão da porta. Tarde mais. O trinco já havia fechado.

Deu meia-volta, maldizendo a má sorte. Pensou em tocar todos os interfones para ver se alguém abriria, mas era arriscado demais. Já tinha sido visto por um dos moradores. Não queria que chamassem a polícia.

Enfiou as mãos nos bolsos. Seus dedos tocaram o chaveiro de Emma. Talvez ele tivesse a chave...

Sacou o chaveiro de Eva Kruger. Além da chave do carro, havia três outras, cada qual assinalada por um anel de borracha colorido. Tentou abrir a porta com uma de cada vez. A preta não serviu. A vermelha também não. A verde entrou. Com um giro do pulso, ele soltou o trinco. Instantes depois, estava dentro da portaria.

Uma escada bem iluminada subia em espiral, dando a volta no elevador. Eram três apartamentos por andar, dispostos ao redor de um hall art déco com um vaso de planta, um aparador e um espelho. Segundo o costume suíço, o nome do morador estava gravado abaixo da campainha. Ele achou o apartamento de Eva Kruger no quarto andar. Tocou a campainha, mas ninguém atendeu.

Isso remonta a antes do Líbano.

Hoffmann era o McKenna do Kosovo. E o Kosovo fora cinco anos antes do Líbano. Aquilo talvez remontasse a antes do Líbano, mas o Líbano era o máximo a que Jonathan conseguia chegar. Por algum motivo, não conseguia fazer a própria mente aceitar as implicações mais genéricas. Talvez não quisesse fazê-lo.

O fato era que não havia mais escolha. Tinha menos a ver com sua segurança do que com sua necessidade de saber.

Enfiou a chave na fechadura e abriu a porta do apartamento de Eva Kruger.

♦ ♦ ♦

Do outro lado do hall, a mulher ficou olhando pelo olho mágico enquanto o homem ferido entrava no apartamento. É claro que conhecia Eva Kruger. Não muito. Era impossível conhecer mais do que superficialmente uma mulher que viajava tanto. Ainda assim, as duas haviam conversado em diversas ocasiões e ela a achara bastante simpática. Mas não era tola a ponto de revelar isso a um desconhecido. Certamente não a um homem que estava se esvaindo em sangue.

Não era a primeira vez naquela semana que desconhecidos vinham procurar Fräulein Kruger. Na antevéspera, à noite, ela vira dois homens agindo de forma estranha em frente ao prédio. Entrara sem lhes dirigir a palavra. Mais tarde ouvira ruídos no patamar da escada e espiara pelo olho mágico a ponto de vê-los entrar no apartamento de Eva. Ainda se sentia mal por não ter avisado à polícia.

E agora aparecia um homem com um ferimento no pescoço, praticamente pingando sangue no chão!

Não iria cometer o mesmo erro duas vezes.

Voltou para a sala, pegou o telefone e ligou para a polícia.

– Sim, seu guarda – falou. – Eu gostaria de denunciar um... – Não tinha certeza do que era aquilo. Afinal de contas, o homem tinha a chave do apartamento. Pôs de lado as preocupações.

Ele era um intruso. – Gostaria de denunciar uma invasão no número 30 da Waldhoheweg. Por favor, venham agora mesmo. Ele está lá dentro.

♦ ♦ ♦

“Eles já tinham passado por ali. Dessa vez, não se deram sequer o trabalho de esconder sua presença”, observou Jonathan. O que ele estava vendo eram os indícios de uma busca meticulosa e metódica, conduzida por alguém que não tinha medo de ser descoberto.

A sala de estar era ampla e pouco mobiliada, iluminada por lâmpadas dispostas em trilho. Bem na sua frente havia um sofá de couro preto, com as almofadas removidas, encostadas ao lado como se estivessem aguardando para serem limpas. Livros tinham sido retirados das prateleiras e empilhados no chão. O mesmo acontecera com as revistas. Um tapete persa fora enrolado e desenrolado pela metade. Havia uma cadeira Eames. Uma mesa de centro alongada, com uma quantidade excessiva de metal cromado e polido. Um fino pedaço de metal retorcido que fazia as vezes de escultura. Alguém morara ali... mas não tinha sido Emma.

Ele tirou a carteira de motorista do bolso e encarou a fotografia da própria mulher. A mobília combinava com os óculos estilosos, o penteado austero, o batom berrante. Era a mobília de Eva Kruger.

Jonathan forçou-se a dar uma volta pelo apartamento. A cozinha era tão limpa que chegava a ser asséptica. Os armários estavam abertos. Os pratos tinham sido retirados e empilhados sobre a bancada. O mesmo acontecera com os copos. Ele abriu a geladeira. Suco de laranja. Vinho branco. Champanhe. Uma lata de caviar beluga. Uma cebola. Um pacote de pão de forma preto. Um vidro de picles. Era um apartamento para receber convidados durante um de seus “safáris-relâmpago”.

O congelador continha uma garrafa de vodca polonesa envolta por um anel de gelo. Jonathan verificou a marca: Zubrowka. Aromatizada com a chamada “erva de bisonte”. Na prateleira de cima encontravam-se dois copinhos gelados.

Ele abriu a garrafa e serviu-se de uma dose. A vodca era amarelo-clara e tinha a consistência de um xarope. Levou-a aos lábios e jogou a cabeça para trás.

– Para Emma – disse em voz alta. – Quem quer que você fosse de verdade.

O líquido deslizou garganta abaixo, como seda pegando fogo.

Uma profunda tristeza abateu-se sobre ele. Um peso vergava seus ombros e tornou os 10 passos até o escritório uma jornada épica. Outro pequeno cômodo. Impecável. Uma escrivaninha de metal e a cadeira Aeron que Emma cobiçava mas que nunca teve dinheiro para comprar. O computador havia sido retirado, mas os fios estavam no chão, ao lado de uma impressora a laser. Nenhum papel. Nenhuma anotação.

Ele entrou no quarto. Os lençóis tinham sido retirados da cama e embolados em um canto. Os travesseiros estavam cortados. Os armários continham algumas roupas. Uma sinfonia em preto: Armani, Dior, Gucci. Sapatos no mesmo estilo. Tamanho 35. O mesmo de Emma. (Por que ele não parava de verificar, quando já sabia?) E um vestido de festa, também preto, um modelo capaz de provocar a admiração do mais cínico dos convidados.

Contra a própria vontade, imaginou Emma entrando na sala com aquele vestido. Seus olhos subiram pelas pernas compridas, parando para admirar o decote e, em seguida, apreciando os

cabelos ruivos que caíam em ondas até os ombros. Sim, decidiu, o vestido cumpria seu papel. Ela havia escolhido a roupa perfeita para servir vodca e caviar para duas pessoas.

Duas pessoas. Duas personalidades. Mas qual delas era real? Como ele poderia saber a diferença entre a verdade e a ficção? E, se ele não conseguisse saber, será que Emma havia conseguido?

Ocorreu-lhe, então, que também fazia parte daquilo. Dr. Jonathan Ransom, médico viajante do mundo, convenientemente empregado nos cantos mais interessantes do planeta. Afinal de contas, fora transferido para Genebra para que Emma pudesse cuidar daquilo... do Thor... o que quer que fosse. Por que isso não poderia ter acontecido antes?

Jonathan era um fantoche.

Não, fantoche não. Um disfarce.

Ele se sentou na beirada da cama e pegou o telefone. O tom de discagem encheu seu ouvido. Ligou para a telefonista internacional e pediu o telefone do Hospital St. Mary, em Penzance, Inglaterra.

"Há quanto tempo isso está acontecendo?", perguntou a si mesmo. Antes de Beirute houvera Darfur. E antes de Darfur, Indonésia, Kosovo e Libéria, onde Emma o recepcionara em um jipe surrado, na pista de pouso do aeroporto.

Onde Emma havia traçado o limite? Ou, mais importante, quando?

Jonathan anotou o telefone do hospital e teclou. Uma voz inglesa agradável atendeu e ele pediu para ser transferido para o Departamento de Registros. Uma mulher respondeu.

– Registros.

– Estou ligando da Suíça. Minha esposa morreu recentemente e preciso conseguir uma cópia da certidão de nascimento dela para as autoridades. Ela nasceu no seu hospital.

– Terei prazer em mandar uma cópia depois de receber um pedido oficial.

– Tenho certeza de que não vai ser problema, mas agora eu só preciso confirmar se vocês têm o documento original. O nome dela era Emma Rose. Nascida em 12 de novembro de 1975.

– Um instante – disse a mulher.

Jonathan prendeu o telefone entre a orelha e o ombro. Estava segurando a aliança de Eva Kruger. Ocorreu-lhe que não havia sinal de nenhum Sr. Kruger no apartamento. Por que aquela aliança? Todo o resto era tão meticuloso. Toda uma vida dupla, incluindo até os cílios falsos.

– Senhor, aqui é a enfermeira Poole. Encontramos um registro de Emma Rose.

– Ótimo. Quer dizer, obrigado. – A notícia interrompeu seus devaneios. Foi difícil dizer qualquer coisa. Das duas, uma: ou ele estava à beira de ter um colapso ou começando a se curar. Não sabia.

Em sua mente, viu a imagem de si próprio e Emma passando de carro em frente ao hospital em Penzance, um prédio baixo de tijolinhos vermelhos no centro da cidade. Fora sua única visita à

cidade natal dela, um ano depois de se casarem. “E foi aqui que tudo começou”, dizia Emma, orgulhosa. “Eu vim a este mundo às 7 da manhã em ponto, gritando que nem uma diabinha. Não calei a boca desde então. Foi aqui que mamãe morreu. O ciclo da vida, essas coisas.”

A enfermeira continuava a falar.

– Só tem um problema. O senhor tem certeza de que ela nasceu em 1975?

– Claro.

– É muito estranho, entende. O nome do meio da sua mulher por acaso era “Everett”?

– Era.

Mais uma prova de que era ela. Aquela não era Eva Kruger. Aquela era Emma. A sua Emma.

– Na verdade, encontrei uma Emma Rose nos nossos registros – disse a enfermeira, com a voz agora mais séria. – Ela também nasceu em 12 de novembro... mas um ano antes. É esse o problema.

– Deve ser algum erro de digitação do documento. Tem que ser ela.

– Acho que não – disse a enfermeira. – Não sei muito bem como dizer isso.

Jonathan escorregou até a beirada da cama.

– Dizer o quê?

– Eu sinto muito, senhor, mas Emma Everett Rose, nascida em 12 de novembro de 1974 no Hospital St. Mary, já morreu. Morreu em um acidente de carro duas semanas depois de nascer, no dia 26 de novembro.

52

– ESTA É UMA LISTA COMPLETA dos postos que ele ocupou? – Marcus Von Daniken estava sentado em uma salinha entulhada e sem janelas, bem escondida no labirinto de corredores da sede da MSF. O calor era intenso, e a cada minuto que passava ali ele sentia mais uma parcela de sua paciência desaparecer.

A diretora da organização médica estava sentada à escrivaninha na sua frente. Era uma somaliana de 52 anos que emigrara para a Suíça 20 anos antes. Tinha a cabeça raspada, usava argolas de ouro nas orelhas e não se esforçava nem um pouco em esconder a hostilidade enquanto se inclinava por cima da bagunça de papéis que cobria sua mesa e passava um sermão em Von Daniken, apontando-lhe o dedo com uma unha hipercomprida e cuidadosamente pintada.

– Por que a lista não estaria completa? – indagou a mulher, passando-lhe o dossiê de Jonathan Ransom. – Estou com cara de quem tem alguma coisa a esconder? Isso é ridículo, estou lhe dizendo. Essa coisa toda. Jonathan Ransom, um assassino? Que loucura.

Von Daniken não se deu o trabalho de responder. A polícia de Gräubunden estivera ali um dia antes dele, e era evidente que havia ofendido alguns brios. Era melhor ter uma conversa com a polícia do que tentar discutir com aquela mulher. Aceitou o dossiê de Ransom e folheou os papéis sem pressa. Beirute, Líbano. Chefe de equipe de um programa de imunização-vacinação. Darfur, Sudão. Diretor, Operações de Refugiados. Kosovo, Sérvia. Médico-chefe encarregado da iniciativa de construir unidades locais de trauma. Ilha de Sulawesi, Indonésia; Monróvia, Libéria. Era uma lista de todos os piores buracos do mundo do ponto de vista político.

– É normal um médico de vocês passar tanto tempo em países estrangeiros? – perguntou ele, erguendo os olhos da pasta. – Estou vendo aqui que o Dr. Ransom passou dois anos em alguns desses lugares.

– É esse o nosso trabalho. – Um suspiro de desdém. Olhos virados para o teto. – Jonathan prefere as missões mais desafiadoras. Ele é um dos nossos médicos mais dedicados.

– Como assim?

– As condições muitas vezes são árduas. O médico tende a perder de vista a perspectiva global e se deixar envolver pelo sofrimento. A futilidade do nosso trabalho pode ser destruidora. Temos vários casos de estresse pós-traumático, parecidos com a exaustão que acomete os soldados. Mas Jonathan nunca se esquivava das missões mais difíceis. Aqui há quem pense que era por causa de Emma.

– Emma? A senhora quer dizer a mulher dele?

– Na nossa opinião, a tendência dela era se identificar de forma um pouco excessiva com a população. Virar nativa, de certa forma.

– É freqüente marido e mulher trabalharem juntos?

– Ninguém quer se casar para deixar o outro a milhares de quilômetros de distância.

Von Daniken refletiu sobre isso por alguns instantes. Estava começando a ver como aquilo poderia ter funcionado. As missões em países estrangeiros. As viagens constantes.

– E como se decide para onde os médicos vão ser mandados?

– Nós comparamos a força deles com as nossas necessidades. Há muito tempo tentamos atrair o Dr. Ransom para nossa sede na Suíça. A experiência dele poderia contribuir para os nossos projetos com uma dose de sensatez muito necessária.

– Entendo, mas quem decide exatamente para onde o Dr. Ransom vai ser enviado?

– Nós decidimos juntos. Nós três: Jonathan, Emma e eu. Olhamos a lista de vagas e decidimos onde eles serão mais úteis.

Von Daniken não sabia que a mulher de Ransom estava tão intimamente envolvida no trabalho humanitário. Perguntou sobre sua função nessas missões.

– Emma fazia tudo. Oficialmente, o cargo dela era na logística. Ela montava a missão, cuidava para que os remédios chegassem a tempo, coordenava os funcionários locais e pagava os capangas para que eles nos deixassem em paz. Administrava tudo para Jonathan poder salvar vidas. Uma Emma valia por cinco mortais comuns. O que aconteceu com essa mulher é uma tragédia. Já estamos sentindo a sua falta.

Uma esposa que se envolvia no trabalho do marido. Uma mulher competente. Uma mulher que fazia perguntas. Von Daniken imaginou se ela teria feito perguntas demais.

– E no que o Dr. Ransom está trabalhando no momento? – perguntou.

– Antes de começar a matar policiais, o senhor diz? – A somaliana lançou-lhe outro sorriso sarcástico para mostrar o que pensava daquela investigação. – Ele está supervisionando uma campanha antimalária que estamos montando em parceria com a Fundação Bates. Não acho que esteja lá muito feliz. É um trabalho administrativo, e ele prefere estar no campo.

– E quanto tempo vai durar essa missão?

– Normalmente, esse tipo de coisa não tem prazo para terminar. Ele ficaria nesse cargo até o programa ser implementado, depois formaria um sucessor e passaria as rédeas. Infelizmente, recebi há pouco tempo uma reclamação sobre o comportamento dele. Parece que tem sido um pouco brusco com o lado americano deste... com o lado do dinheiro – sussurrou ela. – A Sra. Bates não gosta de Jonathan. Ficou decidido que ele vai ser retirado do cargo.

Von Daniken aquiesceu, mas lá dentro dele um alarme soou e ele soube que havia localizado a mão invisível que guiava o percurso de Ransom de um país para outro. Tudo começava com uma reclamação feita junto à diretora de recursos humanos. Uma sugestão. Quem sabe algo mais forte, mas a mulher entenderia a dica. Jonathan Ransom tem de ir para Beirute. Ele deve ser enviado para Darfur.

– Alguma idéia de para onde ele vai agora?

– Eu estava torcendo para ele ir para o Paquistão. Estamos com uma vaga na nova missão em Lahore. O diretor morreu fulminado por um infarto. Tinha só 50 anos, coitado. Ele tinha agendado para terça-feira uma reunião importante com o ministro da Saúde e do Bem-Estar Social. Eu esperava conseguir convencer Jonathan a pegar um vôo neste domingo para chegar a tempo.

– Domingo agora?

– Sim. Um vôo noturno. Sei que é pedir muito para um homem que acabou de perder a mulher, mas, conhecendo Jonathan, acho que iria ser bom para ele.

– Domingo – repetiu Von Daniken enquanto tudo começava a fazer sentido.

Setenta e duas horas.

♦ ♦ ♦

A teoria de Von Daniken era simples. Ransom era um agente treinado e pago por um governo estrangeiro. O seu cargo na Médicos Sem Fronteiras proporcionava um disfarce ideal para ir de um país a outro sem atrair atenção indesejada. A forma de saber para quem Ransom trabalhava era descobrir o que ele já havia feito. Era por isso que Von Daniken estava sentado diante de um computador na sala de mídia da polícia de Genebra, na Rue Gauthier, encarando a fotografia de uma mulher gravemente ferida sendo resgatada de uma pilha de destroços num hospital bombardeado. A foto era da manchete do Daily Star, o jornal libanês de língua inglesa, e a data era 31 de julho do ano anterior.

A matéria intitulava-se "Explosão mata investigador de polícia" e falava sobre uma bomba que matara 17 pessoas, inclusive um importante investigador da polícia que chefiava um inquérito sobre o assassinato do ex-primeiro-ministro libanês. Na época da explosão, o investigador tinha de fazer diálise diariamente para tratar uma insuficiência renal. Outro policial presente na cena do crime disse desconfiar que a bomba fora colocada debaixo do chão da clínica durante uma reforma concluída três meses antes. Segundo suas estimativas, a explosão equivalia a quase 50 quilos de TNT.

O artigo afirmava ainda que ninguém havia assumido a responsabilidade pelo ataque e que a polícia estava investigando relatos de que agentes sírios tinham sido vistos no hospital antes da explosão.

Von Daniken ergueu os olhos do computador. Uma bomba plantada durante uma reforma três meses antes do atentado. Cinqüenta quilos de TNT. O tamanho do atentado fez um calafrio percorrer sua espinha. Aquilo exigia a participação de dezenas de pessoas. Construtores, fornecedores, funcionários municipais para emitir as autorizações, alguém no consultório do médico para transmitir detalhes sobre as consultas da vítima. Como policial, estava impressionado. Como pessoa, horrorizado.

Antes do Líbano, Darfur...

Um avião C-141 das Nações Unidas levando líderes da milícia muçulmana janjaweed e moradores do Sudão até Cartum, para uma negociação de cessar-fogo patrocinada pelo governo, explode durante o vôo. Não há sobreviventes. São encontrados indícios de que uma bomba havia sido plantada em um dos motores. Um lado acusa o outro de ser responsável pela calamidade. A guerra civil se acirra.

E, antes de Darfur, Kosovo. Página dois da National Gazette: "Uma explosão matou o general aposentado Vladimir Drakic, mais conhecido como 'Drako', além de outras 28 pessoas. Na ocasião, Drakic, de 55 anos, participava de uma reunião do Partido dos Patriotas, organização de direita proibida por lei, da qual supostamente era o principal líder. Perseguido internacionalmente por mais de 10 anos, Drakic era procurado pela Comissão de Crimes de Guerra das Nações Unidas por envolvimento no massacre de dois mil homens, mulheres e crianças perto da cidade de Srebrenica, em julho de 1995. Indícios na cena da tragédia indicam uma tubulação de gás rompida como causa da explosão. A polícia está investigando alegações de que uma organização albanesa rival participou do ataque. Dois homens foram detidos."

Os três ataques apresentavam características semelhantes. Todos tinham por alvo uma pessoa importante, muito bem protegida. Todos eram fruto de planejamento meticuloso, informações de inteligência extraordinárias e organização demorada. E em todos os casos haviam sido encontrados indícios apontando para algum outro responsável.

Mas o que finalmente convenceu Von Daniken da participação de Ransom foi a data dos três incidentes. A bomba em Beirute explodiu quatro dias antes de Ransom deixar o Líbano e ir para a Jordânia. O jato sudanês caiu dois dias antes de Ransom sair do país. E o atentado no Kosovo ocorreu na véspera de Ransom voltar para Genebra.

Ainda assim, Von Daniken continuava sem entender quem iria se beneficiar com aqueles ataques. Cui bono? Quem lucraria? A motivação era o elemento primordial de qualquer investigação, e não havia nenhuma motivação aparente.

Von Daniken afastou a cadeira do computador, com as palavras da diretora ecoando dentro da cabeça.

“Estamos com uma vaga em Lahore. Eu estava esperando que ele pudesse pegar um vôo neste domingo.”

53

UMA PATRULHA DE DOIS HOMENS respondeu ao chamado sobre um intruso no número 30 da Waldhoheweg. Os policiais tocaram a campainha e entraram no prédio. Não estavam muito preocupados. Uma análise estatística sobre criminalidade classificava aquela rua e aquele bairro entre os mais seguros da cidade. Somente dois roubos haviam sido registrados nos últimos três meses. No último ano não houvera nenhuma denúncia de assalto à mão armada, estupro ou assassinato.

– Ele está lá dentro – disse a moradora que fizera a ligação, depois de receber os policiais em seu apartamento. – Fiquei olhando desde a hora em que telefonei. Ele não saiu de lá.

– E por que a senhora acha que ele é um ladrão?

– Eu não disse que ele era ladrão. Disse que era um intruso. Ele não deveria estar aqui no prédio. Primeiro disse que estava esperando Eva Kruger. Queria entrar no hall. Mas ele estava sangrando aqui... – Ela apontou para o próprio pescoço. – Eu disse que, como não o conhecia, achava melhor esperar a cunhada do lado de fora. Um minuto depois, ouvi ele chegar aqui no andar. Ele estava com a chave do apartamento. Vi quando entrou lá.

– A Srta. Kruger é cunhada dele?

– Foi o que ele disse. Talvez tenha mentido. Nunca vi esse homem por aqui antes.

Os policiais se revezaram, fazendo-lhe perguntas.

– A senhora viu a mulher que mora no apartamento... essa tal Srta. Kruger?

– Não.

– Perguntou a ele sobre o ferimento?

– Ele disse que tinha sido um acidente, que era médico e ia se tratar quando entrasse no apartamento.

Os rostos dos policiais exibiam sinais claros de irritação.

– Esse médico lhe fez alguma ameaça?

– Não. Ele foi educado... mas não deveria estar aqui sem a Srta. Kruger. Eu nunca o vi antes. Ele me assustou.

Os policiais se entreolharam. Outra enxerida sem mais o que fazer.

– Vamos dar uma palavrinha com esse cavalheiro. Ele por acaso lhe disse como se chamava?

A mulher franziu o cenho.

– Fique aqui, senhora.

♦ ♦ ♦

Jonathan estava em pé no banheiro, com o queixo bem levantado, examinando o pescoço. O talho havia começado a coagular e a pele rasgada ia se consolidando devagar. Ele via ferimentos como aquele todos os dias. A única forma de tratá-los sem deixar cicatrizes permanentes era tornar a abrir a ferida e fechá-la com pontos enquanto ainda estava recente, mas nesse dia essa não era uma alternativa viável.

Serviu-se de uma dose da vodca aromatizada e bebeu-a para tomar coragem.

– Parado – sussurrou para si mesmo, aproximando a agulha e a linha da garganta.

Respirando fundo, pôs-se a trabalhar. A agulha não era ruim, considerando que a encontrara dentro de um kit de costura. Razoavelmente afiada. Razoavelmente desinfetada. Já havia trabalhado com coisa bem pior. Usando os dedos da mão esquerda para aproximar as duas bordas do corte, começou a dar os pontos.

Era tudo mentira desde o começo. Emma não era Emma. Até certo ponto, toda a sua vida tinha sido uma farsa. Uma peça de teatro encenada por um diretor invisível. Surpreendentemente, ele se sentia mais aliviado do que decepcionado. Seus olhos agora estavam abertos, e pela primeira vez ele conseguia ver as coisas como eram de verdade. Não apenas o que estava na sua frente, mas também os elementos periféricos. Era uma visão e tanto. Jonathan como fantoche. Jonathan como boneco. Jonathan como uma marionete ignorante, entusiasmada, de algum governo.

"Quem seria?", pensou. "Quem a havia levado a fazer isso?"

Ele deu o terceiro ponto. A linha ardia, fazendo seus olhos lacrimejarem. Puxou a agulha e arrematou o ponto.

Raiva. Era isso que estava sentindo. Raiva de Emma. Raiva de Hoffmann. Raiva de qualquer um que houvesse contribuído para roubar dele a sua vida e moldá-la para servir a seus próprios propósitos. Era um roubo de uma dimensão imperdoável.

E o resto? A parte da vida de Jonathan onde eram só os dois. Será que aquilo também fora uma encenação? Sentiu-se tentado a imbuir seus momentos íntimos de uma aura especial, distinta das obrigações maiores de Emma. Quando faziam amor. Quando trocavam olhares em segredo. Quando ela segurava sua mão nos instantes de cumplicidade muda.

Oito anos... como era possível?

Abaixou a agulha, segurando-se na pia com uma das mãos para se equilibrar.

Ergueu os olhos para o espelho. "Você não está entendendo. Ela nunca lhe disse o seu verdadeiro nome." Ela providenciava para que percorressem a África, a Europa e o Oriente Médio de modo a poder fazer seu trabalho. Tinha toda uma vida secreta. Bastava olhar para aquele apartamento. Bastava olhar para aquele vestido decotado. Ela recebia homens ali. Bebia vodca com eles. Seduzia-os.

Encarou fundo os próprios olhos e enfrentou a verdade.

Imune à dor, acabou o serviço com rapidez e aplicação, amarrando a linha e cortando-a com a tesourinha que encontrara no kit de costura. Levando em consideração a situação, o trabalho estava bem-feito. Passou álcool nos pontos, depois cobriu o ferimento com um esparadrapo. Pegou a camisa, foi até a cozinha e serviu-se mais uma dose de vodca. Fez uma anotação mental para se lembrar de procurar aquela marca no futuro. Zubrowka. Em polonês, "babaca crédulo e idiota".

Vestiu o sobretudo e pôs as mãos nos bolsos forrados de cashmere. Sua mão direita encontrou a aliança. Prometeu a si mesmo carregá-la sempre consigo, como lembrete. Apagou as luzes da cozinha e entrou na sala. Deu uma volta completa, estudando o apartamento. Era tudo uma ilusão. Aquilo não passava de um palco.

Nesse exato instante, um punho socou a porta.

– Polícia. Queremos falar com o senhor.

Jonathan congelou. A mulher da portaria. Ela deve ter dado o alarme. Imaginou como os acontecimentos iriam se suceder. Iriam pedir um documento de identidade. Fariam uma busca rotineira por antecedentes. A resposta seria imediata: Dr. Jonathan Ransom, procurado pelo assassinato de dois policiais. Suspeito deve ser considerado armado e perigoso. Bastaria um piscar de olhos para que o algemassem e fizessem-no deitar no chão de bruços, com as pernas abertas.

Mais socos na porta.

– Polícia. Por favor, Herr Doktor, sabemos que o senhor está aí dentro. Gostaríamos de lhe falar sobre a sua cunhada, Srta. Kruger.

Jonathan já fora longe demais para desistir agora. Se estava metido naquilo, devia ir até o fim.

Correu até o quarto e abriu as portas altas que davam para a varanda. Olhou para um lado, para outro, para cima e para baixo. A outra varanda mais próxima ficava dois pavimentos mais abaixo. A parede era lisa, sem ornamentos. Não havia como descer.

Os socos na porta foram ficando mais fortes.

Ele voltou para a sala, em seguida correu até o escritório, novamente para o quarto e depois para a cozinha. Parou, irritado com a futilidade daquilo tudo. Não havia nada a encontrar. A única saída era pela porta da frente.

Se não conseguia sair, tinha de forçá-los a entrar...

Andou até a cozinha. Já não estava com pressa. Não olhou para trás sequer uma vez nem cogitou responder às batidas cada vez mais fortes. Foi direto até o forno. Era um forno elétrico, com exterior de aço inox e painel digital. De nada servia. Mas o fogão era a gás. Ele retirou as bocas. Pegou uma faca na gaveta e afundou o botão da chama-piloto. Depois abriu o gás de todas as bocas até o máximo. O gás saiu chiando dos dutos e um cheiro leve e enjoativo encheu a cozinha.

Os socos haviam cessado. Do corredor vinha o som de vozes exaltadas. A maçaneta se mexeu. Instantes depois ouviu-se o atrito de metal contra metal. A polícia estava tentando arrombar a fechadura.

– Já vou – gritou Jonathan. – Só um instante.

– Rápido, por favor – foi a resposta. – Ou vamos entrar à força.

– Só um momento – gritou ele de volta. Fechou a porta de correr da cozinha e entrou depressa no escritório. Encontrou uma folha de papel em cima da escrivaninha e enrolou-a em forma de cone. No banheiro, encheu o cone de papel higiênico. Deixou-o de lado, pegou uma toalha de banho grande e encharcou-a de água fria. Torceu, dobrou e levou-a até a sala, pendurada em um dos braços. Encontrou uma caixa de fósforos dentro de um cinzeiro.

Os socos recomeçaram. Através da porta, pôde ouvir o som de vozes saindo dos rádios dos policiais.

A essa altura, o gás já estava vazando por baixo da porta. Uma única fungada foi suficiente para fazê-lo recuar. Ele se posicionou do lado de fora da cozinha com as costas contra a parede,

enrolou a toalha em volta da cabeça e dos ombros, acendeu um fósforo e o levou ao cone de papel. Esperou, segurando o cone afastado do corpo até este se acender como uma tocha.

“Agora!”, disse a si mesmo.

Abriu a porta de correr, jogou a tocha para dentro da cozinha e atirou-se ao chão.

Uma imensa bola de fogo explodiu dentro do pequeno cômodo, jogando no chão a louça empilhada sobre as bancadas, estilhaçando vidro, quebrando janelas e rugindo qual um trem expresso pela porta até a sala, antes de ser novamente sugada para dentro da cozinha.

Jonathan rastejou pelo chão até a entrada e escondeu-se dentro de um armário ao lado da porta principal. Menos de um segundo depois ouviu-se um tiro. A porta foi empurrada para dentro com força. Dois policiais entraram no apartamento de arma em punho, correndo até o local da explosão. Jonathan assistiu a tudo isso pela fresta da porta do armário.

Um dos policiais aproximou-se das chamas.

– Ele saiu pela janela.

O outro passou por cima de móveis destruídos e esticou a cabeça para dentro da cozinha.

– Não está mais aqui.

Jonathan saiu de fininho de dentro do armário, esgueirou-se pela porta da frente e desceu a escada correndo.

Dali a um minuto, estava longe do prédio.

Cinco minutos depois disso, dentro do Mercedes, ligando o motor e tomando o rumo da autoestrada.

54

QUANDO VOLTAVA AOS ESTADOS UNIDOS da América, depois de uma “caçada” no estrangeiro, Philip Palumbo cumpria uma rotina específica. Do aeroporto, ia direto para sua academia de ginástica em Alexandria, Virgínia. Passava duas horas pedalando em uma bicicleta ergométrica, levantando pesos e nadando. Por fim, depois de suar o suficiente para limpar o organismo de toda aquela comida ruim, de toda aquela sujeira e de todo aquele ar tóxico, seguia para a sauna, onde se livrava de toda a corrupção. Da culpa insistente que crescia como um tumor nos recantos escuros da alma. Chamava isso de “confessar-se”. Somente então ia para casa cumprimentar a mulher e os três filhos.

Nesse dia esqueceu-se por completo de purgar os próprios pecados e virou o carro na direção de Langley, onde rapidamente chegou aos arquivos da Agência Central de Inteligência. Uma vez lá, acessou um dossiê digitalizado da seção latino-americana que detalhava as atividades da companhia em El Salvador na década de 1980.

Dentro do dossiê, encontrou um documento que discutia a necessidade de se estabelecer a democracia na região, para servir de anteparo contra o regime comunista sandinista que havia se enraizado na vizinha Nicarágua e ameaçava os governos da Guatemala e de El Salvador. Mais adiante, encontrou documentos referentes a uma certa Operação Pomba, iniciada pela embaixada em San Salvador na primavera de 1984. O dossiê classificava esses documentos como “Acesso Privilegiado” e exigia uma assinatura do vice-diretor para acessá-los. Nenhuma outra operação estava acima da classificação “Secreto”.

Palumbo voltou atrás e consultou uma lista dos funcionários da agência que trabalhavam na embaixada na época. Reconheceu o nome de um colega com quem trabalhara no Centro de Comando Antiterrorista: um descendente de irlandeses magro e extrovertido chamado Joe Leahy.

Palumbo encontrou Leahy em uma sala de paredes envidraçadas com vista para várias baias na seção de operações do CCAT.

– Joe, tem um segundo?

Como de hábito, Leahy estava impecavelmente vestido, com um terno azul-marinho e sapatos engraxados, os cabelos penteados para trás com gel, parecendo um banqueiro de Wall Street. Tentava disfarçar o sotaque anasalado da Filadélfia.

– O que você manda? – perguntou ele.

– Preciso fazer algumas perguntas sobre uma coisa que aconteceu muito tempo atrás. Aceita um café?

Palumbo foi na frente até a cantina e pagou por dois pingados duplos. Escolheram uma mesa em um canto afastado.

– Você serviu em El Salvador, não foi?

– Faz tempo – disse Leahy. – Você ainda devia estar pegando calouras em Yale.

– Tentando e não conseguindo, mais provavelmente – respondeu Palumbo. – O que pode me dizer sobre a Pomba?

– Esse nome saiu do fundo do baú. Por que a pergunta? Está fazendo algum tipo de auditoria?

Palumbo sacudiu a cabeça.

– Nada desse tipo. Só quero me informar.

– Faz muito tempo isso. Eu era novato. GS-7. Um pirralho.

– Não é nada desse tipo, Joe. Dou minha palavra. Isso fica entre nós dois.

– Tipo Las Vegas, né?

– É, tipo Las Vegas. – Palumbo inclinou-se para a frente, fechando o espaço entre eles – Operação Pomba, Joe. Me fale sobre ela.

Leahy aproximou-se ainda mais e disse:

– Começou como uma temporada de treinamento. Um jeito de fazer com que alguns recrutas entrassem em forma. Eram todos amadores. Metade tinha acabado de sair das fraldas. Mandamos vir uns boinas-verdes lá de Fort Bragg. Armas, também. A idéia era dar a eles um treinamento básico de soldados. Ajudar a consolidar a democracia na região. O mesmo papo furado de sempre.

– Pensei que para isso a gente tivesse a Escola das Américas, em Fort Benning.

– E temos, claro. Mas lá o negócio é oficial. Isso de que estou falando era por baixo dos panos. Enfim, el presidente gostou do que a gente estava fazendo, então convocou algumas dessas unidades para fazer parte da sua própria guarda pessoal. A gente fazia o trabalho sujo. Você deve se lembrar de como eram as coisas nessa época, o Ortega comendo a Bianca Jagger, os sandinistas tocando fogo em tudo por lá. No más comunista. Pelo menos era essa a idéia. Tudo fugiu do controle quase desde o início. Não foi nada pensado. Mas funcionou. Todo mundo ficou apavorado. Em 1984, já estava tudo terminado. O presidente foi reeleito. A gente juntou nossas tralhas e voltou para casa.

– E os caras que vocês treinaram? Algum deles voltou com vocês?

– Como assim, "voltou"?

– Sei lá. Vai ver vocês acharam alguém com talento e trouxeram para cá para trabalhar com a Companhia.

O tom descontraído de Leahy desapareceu.

– Agora você está passando dos limites. Está entrando em um terreno muito pantanoso.

– Entre nós dois, Joe: um irlandês da Filadélfia e um mafioso italiano do Sul de Boston.

Isso fez Leahy rir, mas ele não disse nada.

Palumbo prosseguiu.

– O negócio é o seguinte: eu acho que encontrei um deles operando na minha seara. Ele apagou dois sujeitos importantes e deixou um rastro de vodu para trás. Parece que molhou as balas em veneno de sapo, porque achou que isso impedia as almas das vítimas de irem atrás dele no mundo dos vivos. Já ouviu falar nesse tipo de palhaçada?

Leahy sacudia a cabeça, as lembranças praticamente brilhando em seus olhos.

– Você por acaso não saberia alguma coisa sobre isso, não é, Joe?

– Isso aí é papo de magia negra – disse Leahy. – Se você souber o que é bom para a sua linda mulher e os três moleques que tem em casa, vai deixar essa história quieta.

Palumbo era tão arrogante quanto qualquer agente. O alerta só serviu para instigá-lo ainda mais.

– Os caras apagados estavam metidos no complô com Walid Gassan. Eles iam derrubar um avião de carreira. Era uma operação sofisticada. A gente está falando de um avião teleguiado que viaja a mais de 600 quilômetros por hora, levando 20 quilos de Semtex. Na minha opinião, isso é um míssil teleguiado. Não tem como um filho-da-puta muçulmano organizar um troço desses.

– Parece que o tal cara está fazendo a coisa certa.

– Sem dúvida.

– Então, se isso não é coisa do pessoal de pano na cabeça, quem você acha que está puxando as cordinhas? – perguntou Leahy.

– Não vou citar nomes. Mas faço uma idéia. Na boa, pensando bem, quanta gente existe com esse tipo de recurso à disposição?

– Você acha que algum governo está bancando a parada.

– Ah, com certeza. – Palumbo tamborilou na mesa com o nó dos dedos. – Mas essa informação não sai daqui.

Leahy agitou a mão na frente do peito, fazendo o sinal-da-cruz.

– Tinha uma coisa estranha no dossiê da tal operação – continuou Palumbo. – É sobre isso que eu preciso falar com você. O negócio é que estava faltando o nome do agente responsável pela operação. Parecia que o nome tinha sido cortado antes de digitalizarem o dossiê. Me diga uma coisa, Joe, qual dos nossos dava as ordens na Operação Pomba?

Leahy encarou Palumbo por um instante, depois levantou-se da mesa. Ao passar, curvou-se e sussurrou duas palavras em seu ouvido.

– O Almirante.

Palumbo permaneceu sentado até Leahy sair da cafeteria.

O Almirante era James Lafever. Vice-diretor de operações.

55

– SETENTA E DUAS HORAS – disse Von Daniken, tirando o sobretudo e jogando-o por cima do encosto da cadeira. – É o tempo que a gente tem. Ransom é o cara. Não tem dúvida. Ele já fez esse tipo de coisa antes. Ele explode bombas. Já fez isso em Beirute, no Kosovo e em Darfur. Jonathan mata gente e é bom no que faz.

A força-tarefa havia se reunido no "necrotério", uma sala de reuniões sem graça, localizada no subsolo da sede da Fedpol. Cinco escrivaninhas tinham sido dispostas em semicírculo. Computadores, telefones e aparelhos de fax haviam sido providenciados. Era um centro nervoso à procura de um corpo. Naquele momento, apenas Seiler e Hardenberg estavam presentes. A visão das escrivaninhas desocupadas na sala vazia não contribuiu para animá-lo.

– Calma, Marcus – disse Max Seiler. – Como assim "72 horas"?

Von Daniken pegou uma cadeira e contou aos dois outros homens o que havia descoberto.

– Ele dá o fora do país imediatamente depois do atentado – disse, depois de detalhar os crimes do Dr. Ransom. – Aparentemente, o nosso Dr. Ransom está pronto para partir para o Paquistão no domingo à noite. Ele pode até fingir que não sabe que vai ser transferido, mas sabe, sim. Os cupinchas dele provavelmente mataram o pobre homem que ele está indo substituir. A gente tem que localizar o Ransom, e tem que ser agora. Mas o que nós conseguimos sobre a van? Alguém a deve ter visto.

"Alguém" queria dizer uma câmera de vigilância em algum lugar do continente europeu entre Dublin e Dubrovnik.

– Nem sinal dela – disse Hardenberg. – O Myer está lá no ISIS para ver se consegue dar um gás neles.

– Dois milhões de câmeras, todas cegas. Qual a probabilidade de isso acontecer? – Revoltado, Von Daniken sacudiu a cabeça.

Nesse instante, a porta se abriu e Kurt Myer entrou com seu passo desajeitado, puxando o cinto da calça por cima do barrigão.

– Ah, você chegou – disse Von Daniken. – A gente estava mesmo falando de você. O que conseguiu?

Myer correu os olhos pelos rostos ansiosos. Podia ver que alguma coisa havia mudado, mas não tinha certeza do que era. Ergueu uma pilha de fotografias.

– Leipzig, 10 dias atrás. Tiradas perto da Bayerischer Platz, ao lado da estação de trem. Nós encontramos a van.

– Graças a Deus! – disse Von Daniken, levantando-se para examinar a foto.

Com notável clareza, a imagem mostrava uma van branca da Volkswagen com placas suíças, guiada por um homem de barba e óculos de armação metálica.

– É o Gassan dirigindo. Com a placa, consegui fazer uma busca avançada. O mesmo automóvel apareceu em Zurique sete dias atrás. – Outra fotografia passou de mão em mão. – Dessa vez quem está dirigindo é Blitz.

– Onde exatamente estava essa câmera? – perguntou Von Daniken.

– Na esquina da Badenerstrasse com a Hardplatz.

– Isso fica perto do endereço da empresa do Lammers, não é?

– Não fica muito longe – disse Myer. – Alguns quilômetros de distância. Olhem só os vidros traseiros. Tem alguma coisa bem volumosa dentro do veículo. A gente analisou as imagens e chegou à conclusão de que são umas caixas grandes feitas de aço.

– O avião teleguiado?

– Não faço idéia. Mas, seja o que for, é grande e pesado. Olhem como o chassi está baixo em cima dos amortecedores. Comparem esta foto aqui com as outras. Segundo as nossas estimativas, na segunda foto a van está transportando uma carga de pelo menos 600 quilos. – Myer selecionou outra foto da pilha e a fez circular. – Esta última foi tirada em Lugano, no sábado.

Lugano, a meros 30 quilômetros de Ascona, onde Blitz morava. Von Daniken tinha razão quanto às lascas de tinta encontradas na casa de Blitz. A van tinha estacionado naquela garagem.

– Então Gassan recebe os explosivos em Leipzig, entrega para Blitz junto com o automóvel e depois foge para a Suécia. Blitz leva o veículo até Zurique e pega o avião na fábrica de Lammers. – Ele estuda as fotografias por mais alguns instantes. – É isso?

– É tudo o que a gente tem sobre a van branca.

Von Daniken lançou um olhar para Myer.

– Como assim, sobre a van branca? Tem alguma outra sobre a qual você não me falou?

– A que ele está dirigindo agora é preta. Ele pintou.

– Como você sabe?

– A gente não sabe onde ele conseguiu a van branca originalmente, mas sabe que as placas foram roubadas de uma outra idêntica em Schaffhausen. A maioria das pessoas nem se dá o trabalho de prestar esse tipo de queixa à polícia. Acham que é uma brincadeira e comunicam o roubo ao Departamento de Trânsito. Gassan e os amiguinhos dele se acham espertos fazendo isso. Mas a gente é mais. Eu pensei: se eles roubaram um par de placas, poderiam ter roubado outro. Fui fechando o cerco e pesquisei todos os informes de placas desaparecidas ou roubadas. O dono de uma van preta da Volkswagen, em Lausanne, comunicou que suas placas sumiram duas semanas atrás. Não foi o automóvel dele que sumiu, vejam bem, foram só as placas. Passei os números pelo ISIS. Olhem só o que encontrei.

Myer fez circular a última foto. Era uma ampliação 20 x 25cm de uma van Volkswagen preta passando depressa por um cruzamento. Ao fundo havia um outdoor de chocolate Lindt e a placa de uma conhecida loja de decoração.

– A foto foi tirada às 5 horas da tarde de ontem, perto de Zurique.

– Mas como é que a gente pode ter certeza de que é a mesma van?

– Comparem o pára-choque dianteiro das duas. Os dois têm uma mossa visível abaixo do farol. E as duas têm um aromatizador de ambiente em forma de pinheiro pendurado no retrovisor traseiro. Uma das coisas pode até ser coincidência. Mas as duas? Jamais.

– Liguem para a polícia municipal – disse Von Daniken. – Peçam para eles emitirem um mandado de busca para o veículo. Verifiquem todas as fotos de automóveis tiradas na metade oriental do país nas últimas 24 horas.

– Pode deixar.

Von Daniken examinou a fotografia mais de perto.

– Quem está dirigindo esta aqui? Não pode ser Blitz. Ele já estava morto. – Mostrou a fotografia para Myer, que franziu o cenho e pôs um par de óculos de lentes bifocais. – Tem alguma coisa errada aqui. Ele não parece normal.

– Vamos levar a foto para o laboratório de criminalística. Eles podem ampliar e mandar à Interpol para eles verificarem no programa de reconhecimento facial.

Myer saiu da sala com seu passo desajeitado.

Von Daniken girou na cadeira e focalizou sua atenção nos dois homens que ainda estavam na sala.

– É isso na frente oriental. E na ocidental, algum avanço?

Foi a vez de Klaus Hardenberg falar. Hardenberg, o investigador de rosto rechonchudo e pálido que abandonara uma lucrativa carreira de contabilidade internacional em Zurique para abraçar as agruras da segurança pública.

– Blitz fazia as operações bancárias na Banca Popolare del Ticino. Conseguimos o nome do banco com a Eurocard, que também identificou a conta de Blitz nesse banco. O saldo médio mensal da conta era de 12 mil francos. Quanto aos pagamentos, é mais ou menos o de sempre. Objetos de casa. Contas de cartão de crédito. Gás. Luz. O homem fazia um saque de 500 francos por semana, sempre no mesmo caixa automático em Ascona. De modo geral, parece um estilo de vida modesto para um homem que dirigia um Mercedes e morava em uma vila no valor de vários milhões de francos.

– A menos que a vila não fosse dele – disse Von Daniken.

– Foi exatamente o que eu pensei. – Hardenberg deu um leve sorriso. – A primeira coisa que chamou minha atenção foi uma transferência que caiu na conta uma semana atrás, no valor exato de 100 mil francos. As instruções de pagamento diziam: “Presente para P. J.” No dia seguinte, Blitz sacou a quantia toda em espécie na boca do caixa de sua agência em Lugano. Tudo por cima dos panos. Ele ligou com antecedência, falou pessoalmente com o gerente do banco e explicou que aquilo era o sinal de um barco que estava construindo em Antibes.

– Alguém encontrou o dinheiro na casa dele?

– Confirmei com o tenente Conti. Não apareceu nada.

– Quem transferiu os 100 mil para Blitz?

– Ah – disse Hardenberg. – É aí que as coisas começam a ficar interessantes. O dinheiro veio de uma conta numerada do Royal Trust and Credit Bank, nas Bahamas. Agência de Freetown.

– Nunca ouvi falar – disse Von Daniken, cuja experiência o fizera entrar em contato com a maioria das instituições financeiras importantes do mundo.

– É um banco pequeno, com um patrimônio de pouco menos de um bilhão. O banco não tem sede física. É uma empresa de papel. Mas, se você me permitir, eu gostaria de deixar Blitz de lado um pouco e passar para Lammers.

Todos aquiesceram. Hardenberg tomou coragem, bebendo meia latinha de Red Bull e acendendo um Gauloise.

– Como eu estava dizendo, nossa atenção agora recai sobre Theo Lammers – continuou ele. – A empresa dele estava indo muito bem. Todas as contas estão no USB, um dos melhores bancos da praça. Eu verifiquei os extratos. Nove meses atrás, ele recebeu uma transferência de dois milhões de francos, de ninguém menos do que o Royal Trust and Credit das Bahamas.

– Dois milhões do mesmo banco? – Von Daniken deslizou até a beirada da cadeira. – Se o dinheiro veio das mesmas pessoas que mandaram os 100 mil para Blitz, a gente vai saber exatamente quem está financiando esse golpe. Para que era esse dinheiro?

– Tomei a liberdade de ligar para Michaela Menz, da Robótica. O dinheiro caiu na conta de pagamentos. Ou seja, os dois milhões eram por serviços prestados. O problema era que a transferência não estava acompanhada por nenhum número de fatura. Ela não sabe para que era esse dinheiro.

Myer olhou para Von Daniken.

– Para o avião teleguiado.

Von Daniken assentiu. Agora sim, estavam avançando.

– O dinheiro veio da mesma conta do Royal Trust and Credit?

Hardenberg fez que não com a cabeça.

– Teria simplificado demais a nossa vida. O dinheiro veio de uma outra conta numerada, sem relação com a primeira. Pelo menos sem relação aparente. A chance de Blitz e Lammers estarem fazendo negócio com o mesmo banco desconhecido nas Bahamas era de uma em um milhão. Eu disse isso ao Sr. Davis Brunswick, diretor do banco. Ele não se mostrou cooperativo. No início, tentei usar o charme. Depois disse que, se não me desse algumas informações sobre os titulares dessas contas, o banco dele seria incluído em uma lista negra distribuída para mais de três mil instituições por toda a Suíça e compartilhada com todas as agências de segurança pública do mundo ocidental.

– E funcionou?

Hardenberg deu de ombros.

– Claro que não – reconheceu. – Hoje em dia todo mundo é durão. Tive de recorrer ao plano B. Felizmente, eu tinha feito um deverzinho de casa sobre o Sr. Brunswick antes da nossa conversa. Descobri que tinha várias contas pessoais aqui na Suíça, somando uns 26 milhões de francos. Dei a ele a minha palavra de que, se não desse informações sobre as pessoas por trás dessas contas – e qualquer outra que porventura tivesse relação com elas –, eu me encarregaria pessoalmente de fazer com que cada último franco do dinheiro dele ficasse congelado pelo resto da sua vida.

– E?

– O Sr. Brunswick abriu o bico na hora. As duas contas não identificadas foram abertas por uma empresa fiduciária que é subsidiária do Banco Tingeli. Foi a mesma empresa que efetuou a compra da Villa Principessa em nome da holding de Curaçao.

– Como foi que você descobriu que Brunswick tinha contas aqui na Suíça? – perguntou Von Daniken.

Hardenberg fez uma careta e balançou a cabeça grande, redonda e calva.

– Vá por mim. Você não quer saber.

Os homens se permitiram algumas breves risadas.

Seiler pigarreou.

– Pelo que eu me lembro, Marcus, você conhece Tobi Tingeli pessoalmente.

Foi a vez de Von Daniken fazer uma careta.

– Tobi e eu trabalhamos juntos na Comissão do Holocausto.

– Você acha que ele estaria disposto a fazer um favor para você?

– O Tobi? Ele não sabe o que significa essa palavra.

– Mas você vai pedir? – insistiu Seiler.

Von Daniken pensou em Tobias “Tobi” Tingeli IV e nos esqueletos que o homem guardava dentro do armário. Tingeli era rico, vaidoso, afetado, e muitas outras coisas ainda piores. Em certo sentido, Marcus Von Daniken vinha esperando esse dia havia 10 longos anos.

A idéia de conseguir sua vingança não lhe proporcionou nenhum prazer.

– Vou, Max – disse ele baixinho. – Vou pedir.

56

OS FARÓIS O ESTAVAM MATANDO. Acontecera um acidente do lado oposto da auto-estrada. Uma fileira de carros parados se estendia até o horizonte. Jonathan apertou os olhos e virou-os para o acostamento, tentando não ficar tão ofuscado. Em algum lugar bem no fundo do seu crânio, um tambor rufava sem cessar. Desista, dizia-lhe o tambor. Isso é demais para você. Você é um amador competindo com profissionais.

O Reno era 100 quilômetros mais ao norte. Depois dele ficava a Alemanha. Havia várias formas de atravessar a fronteira. A França localizava-se quase à mesma distância. Ele poderia passar por Genebra, depois cruzar em Annecy. Dali a três horas, poderia estar comendo fondue em Chamonix. Conhecia bem a cidade. Fez uma lista mental das pensões e hotéis de esqui onde poderia passar alguns dias escondido. Mas a idéia de refugiar-se não lhe parecia atraente. Refúgio era uma solução temporária. Ele precisava encontrar um jeito de sair.

Pegou a saída da auto-estrada em Egerkingen, onde esta se bifurcava. Ao norte ficava Basiléia. Ao leste, Zurique. Junto à saída havia um restaurante da cadeia Mövenpick, um hotel de beira de estrada e uma galeria comercial para turistas. Ele estacionou e entrou no restaurante. Pediu depressa. “Schnipo und ein Cola, bitte.” Wienerschnitzel, batatas fritas e Coca. O prato preferido de todo menino suíço.

Enquanto esperava, não conseguia tirar da cabeça imagens do apartamento de Berna. O apartamento de Eva Kruger. Pensou no cuidado que fora dedicado a decorá-lo de acordo com a sua personalidade; no tempo e no esforço envolvidos para construir um artifício tão elaborado. Uma vez superada a decepção, o que o espantava era a disciplina. Ele não desconfiara sequer uma vez que ela fosse algum tipo de agente. Uma espiã contratada pelo aparato de inteligência de algum país. Como um tolo, imaginara que estava tendo um caso. Imaginou o treinamento necessário para enganar um marido durante oito anos.

Enfiando a mão no bolso, apalpou a aliança. Depois de alguns instantes, tirou-a de lá e examinou-a. Algo nela o incomodava. Imaginava que fosse porque ela não se encaixava no resto. O anel denunciava o disfarce, portanto devia significar alguma coisa. Uma mensagem. Um lembrete a ela mesma. Eva Kruger não era casada, então por que a aliança?

A comida chegou. Dez minutos antes, ele estava faminto. De repente, perdera o apetite. Bebericou o refrigerante, depois afastou o prato.

A aliança.

Estudou os números gravados do lado de dentro: 2-8-01. Oito de fevereiro de 2001. Onde ele estava nesse dia? No Sudão. Fora durante a estação da seca, quando as moscas estavam insuportáveis. Mas a data não tinha nenhum significado especial para ele e, até onde sabia, tampouco significara qualquer coisa para Emma.

Foi então que a ficha caiu.

Aquela não era a aliança de casamento de Emma. Era a aliança de Eva Kruger. Ele estava lendo a data de forma errada. Os americanos escrevem datas no formato mês-dia-ano. Mas Eva Kruger era suíça. Teria escrito a data do seu casamento no formato europeu. Dia-mês-ano.

2-8-01.

Enquanto olhava para aqueles números, um frio desagradável tomou conta de sua barriga.

No dia 2 de agosto de 2001, ele e Emma Everett Rose haviam se casado em uma cerimônia particular simples em Cortina, na Itália. Sem parentes. Ela insistira. Nem da família dele nem da dela. Ninguém do trabalho tampouco.

– Este é o nosso dia, Jonathan – dissera ela. – O dia em que dou a você meu verdadeiro eu.

No bolso externo, Jonathan carregava o Palm que encontrara na casa de Blitz. O flash drive de Emma ainda estava conectado ao aparelho. Com uma calma deliberada, ele ligou o computador de bolso. O ícone chamado “Thor”

apareceu na tela. Jonathan clicou nele e a tela foi tomada pelo prompt pedindo uma senha. Digitou os números do anel.

A tela piscou e as palavras “Senha aceita” apareceram.

Estava dentro do arquivo.

A tela adquiriu um brilho azulado. Apareceu uma única janela centralizada no alto, onde se lia “Intelink”. A palavra piscava cada vez mais forte, como um cartaz em néon anunciando vagas em um hotel. Jonathan clicou nela. Por alguns instantes, nada aconteceu. Sua barriga se contraiu. Mais um beco sem saída. Então a tela ficou fosca e várias linhas de texto começaram a desfilar por ela. O texto estava escrito em uma espécie de código, cada item precedido por uma data, hora e codinome identificando o remetente.

O item mais recente era: 8-2-08; 15:16 horário centro-europeu. Cormorão.

Data de hoje. Enviado às 15h16 por alguém chamado Cormorão.

Gralha infiltrou Thor. Tentativa conclusão fracassou. Gralha ferida e foragida. Solicito reunião para informar detalhes.

A mensagem anterior fora enviada três horas antes, às 12h10 no horário centro-europeu, por Gavião.

Assunto: disponibilidade novo sedã Mercedes blindado. Contactei sede Daimler-Benz. Nenhum veículo novo disponível até fim março. Um usado: cor: preta. Couro: cinza. 100 km rodados. Preço: 275 mil euros. Aguardo sua conf.

“Era um log da internet”, pensou Jonathan enquanto seus olhos corriam pela tela. Um site dinâmico, onde os agentes se comunicavam para dar detalhes sobre suas missões. Espionagem em tempo real.

Percorreu a tela em busca de um endereço da web, mas não encontrou nada. Acessou a pasta de arquivos, depois verificou o browser. O endereço padrão era http://international.resources.net. Não significava nada para ele.

Voltou à página principal do Intelink. Mais mensagens:

7-2-08; 13:11 HCE. Falcão. Uma mensagem enviada na véspera por Falcão.

Confirmando Pisco comprometido. Cessar todas as comunicações. Aguardar instruções QG.

7-2; 10:55 HCE. Cormorão. Gralha entrou em contato. Ref. Thor. Gralha está com Palm de Pisco. Afirma que Pisco morreu. Confirmar.

7-2; 09:55 HCE. Falcão. Transferência aprovada.

7-2; 08:45 HCE. Pisco. Solicito transferência 100 mil CHF conta BPT. Substituição quantia perdida.

Jonathan releu o texto. Cormorão era Hoffmann. Gavião era alguém desconhecido. Falcão, a pessoa que aprovara a transferência e confirmara para seus agentes que Pisco estava morto, parecia ser o chefe. Pisco era Gottfried Blitz. E Emma? Onde estava Emma?

Continuou a leitura.

6-2-08; 19:55 HCE. Falcão. Credenciais no Posto de Segurança 1. Davosstrasse.

6-2-08; 18:07 HCE. Águia. A caminho Davos. Detalhes o.k. Credenciais?

6-2-08; 16:22 HCE. Falcão. Águia para substituir Rouxinol.

Rouxinol. Era esse o codinome de Emma?

Jonathan foi passando as inúmeras mensagens, à procura de um horário, de uma data específica. Encontrou. Terça-feira. Dia seguinte ao acidente de Emma.

5-2-08; 07:45 HCE. Águia. Rouxinol desaparecida em acidente escalada. Gralha vivo.

Jonathan era Gralha, ou Rook, em inglês, a mesma palavra usada para designar a torre no jogo de xadrez. "Ou seria rook, no sentido de impostor, de engodo? Faz mais sentido", pensou, zangado. Então percebeu que estava errado nos dois casos. Se todos os agentes haviam recebido nomes de aves, então não seria diferente com ele.

Gralha. Primo britânico do corvo, embora maior e mais agressivo.

Emma era Rouxinol. E Águia? Outro integrante que ele desconhecia.

Jonathan seguiu devorando cada linha de texto, remontando os acontecimentos dos últimos dias conforme vistos "do outro lado". Encontrou Blitz confirmando que o carro estava esperando em Landquart e que os tíquetes de bagagem haviam sido enviados para o hotel de Emma. Encontrou a resposta de Emma dizendo que o correio havia atrasado por causa de uma avalanche sobre os trilhos do trem e que iria pegar as malas no dia seguinte. As mensagens tinham sido enviadas às 18h30, na véspera de saírem para escalar.

Jonathan ergueu os olhos. O restaurante movimentado girava à sua volta. As luzes estavam fortes demais. As vozes, muito altas.

Emma estava o tempo inteiro em contato com sua rede.

Nesse instante, uma nova linha surgiu na tela. As letras piscavam para garantir que atrairiam a atenção do leitor.

Uma postagem em tempo real.

7-2-08; 21:56 HCE. Falcão. PJ aterrissou 20:16 ZRH. A caminho hotel. Reunião confirmada 9-2-08; 12:00 Belvedere. Levar confirmação de envio. Trocar por Ouro.

Amanhã, 9 de fevereiro, 14 horas. Ele conhecia o Hotel Belvedere de Davos. Um hotel cinco estrelas para os ricos e famosos. Mas quem era P. J.? E o que era o Ouro que ele planejava trocar pela confirmação de envio?

Então, quase instantaneamente, chegou uma resposta do Cormorão. Confirmação recebida.

As letras piscaram por mais cinco segundos, depois assumiram seu tamanho normal.

Pela primeira vez, Jonathan reparou em um link no pé da página que dizia “Referência”. Clicou nele e obteve uma lista de hyperlinks. Mais códigos. A data, seguida por um nome que ele já conhecia bem. ZIAG. Zug Industriewerk.

Ele abriu o primeiro link.

Era um conhecimento de embarque detalhando o conteúdo de um carregamento da ZIAG para a Xanthus Instrumentos Médicos, em Atenas. Duzentos sistemas de GPS portáteis de última geração. Especificações técnicas conforme detalhe. Preço: 20 mil francos suíços por unidade. A serem despachados de Zurique para Atenas na sexta-feira, 9 de fevereiro, a bordo do vôo Swissair das 19 horas.

Seria essa a confirmação de envio mencionada por Falcão em sua instrução anterior para Águia?

Ele clicou nos outros hyperlinks. Mais informações do mesmo tipo. Faturas detalhadas. Não de sistemas de GPS, mas de bombas de insulina, tubos a vácuo, extrusores de carbono. Enviados em 10 de dezembro de Zurique para o Cairo, via Nice. Enviados em 20 de novembro de Zurique para Dubai. Enviados em 21 de outubro de Genebra para Amã, via Roma. O destino final era sempre o Oriente Médio.

Os carregamentos remontavam a vários meses. O primeiro fora enviado em 12 de outubro, pouco mais de seis semanas depois de ele e Emma voltarem do Oriente Médio.

Enquanto relia a lista de mercadorias, Jonathan percebeu que estava certo quando havia externado suas suspeitas para Hoffmann. Imagino que vocês estejam fabricando alguma coisa que não deveriam e entregando para alguém que não deveria receber.

Mas quem era P. J.? E o que ele estava fazendo ao participar do Fórum Econômico Mundial em Davos?

Jonathan pesquisou e observou que Águia ficara encarregado de pegar as credenciais dele no Posto de Segurança 1, na Davosstrasse, a rua principal que cruzava o centro da cidade.

Ele terminou de comer e pagou a conta em dinheiro. Saiu do restaurante e parou em um quiosque ali perto para dar uma espiada nos jornais expostos. Quase todos tinham uma manchete sobre o Fórum Econômico Mundial. Comprou dois jornais suíços, além do Herald Tribune e do Financial Times. Dobrou-os debaixo do braço e atravessou o estacionamento até o Mercedes.

Ao entrar na fila onde estava estacionado, deu de cara com os faróis de um carro que andava devagar. Levou alguns instantes para reparar nas sirenes sobre o teto. Manteve o passo regular, andando reto na direção do carro de polícia. A viatura avançava bem lentamente. Havia dois policiais dentro dela. Uma lanterna de mão iluminava a placa de um carro, depois a seguinte. Jonathan chegou ao Mercedes e entrou. Instantes depois, a cabine se encheu de luz. Ele esperou, a respiração apertada dentro do peito. A iluminação tornava fácil ver o jornal no banco ao seu lado. Uma foto na manchete do Neue Zürcher Zeitung mostrava um homem do Oriente Médio rezando fervorosamente. A legenda o identificava como Parvez Jinn, ministro iraniano da Tecnologia, e informava que ele faria um pronunciamento no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na noite de sexta-feira, no qual detalharia as intenções nucleares de seu país.

Parvez Jinn. Jonathan não deixou passar aquelas iniciais. Havia encontrado P. J.

Então a cabine tornou a ficar escura. A lanterna passou ao carro seguinte. Imaginou se aquilo fora uma inspeção de rotina ou teria sido ele o alvo.

Deu partida no motor e saiu da vaga.

Iria voltar para as montanhas.

Iria para Davos.

57

TOBIAS TINGELI MORAVA EM uma imponente mansão vitoriana bem no alto de Zurichberg, perto do Hotel Dolder Grand. A estrutura de pedra de quatro andares tinha pertencido a seu pai e, antes disso, ao pai de seu pai, remontando a 1870, quando o primeiro Tobias Tingeli fizera fortuna financiando o cáiser Guilherme I em sua guerra contra Napoleão III.

As relações entre a Alemanha e o banco particular haviam se mantido estreitas ao longo dos anos. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Banco Tingeli servira de porto seguro não apenas para os nacional-socialistas, que negociaram a maioria de suas vendas de ouro pela instituição, mas também para os americanos, britânicos e russos, cujos serviços de espionagem consideravam-no igualmente prestativo. Desde então o banco se contentara com uma clientela particular, mas os boatos sobre atividades questionáveis nunca cessaram por completo.

– Pode entrar, Marcus – disse efusivamente Tobias Tingeli. – Fiquei surpreso com a sua ligação.

Von Daniken sorriu. "Muito surpreso, sem dúvida", pensou.

– Oi, Tobi. Tudo bem? Espero não estar incomodando.

– De jeito nenhum. Não fique aí parado congelando. Deixe eu pegar seu casaco.

Tobias Tingeli IV, "Tobi" para os íntimos, era a nova raça de banqueiro. Ele era um homem jovem, 10 anos mais novo que Von Daniken. Quando veio atender a porta vestindo jeans desbotado, suéter preto de gola rulê, com os fartos cabelos estilosamente despenteados, parecia mais um artista do que um executivo.

Von Daniken lhe entregou seu casaco. Em sua última visita, 10 anos antes, havia na casa uma legião de empregadas e mordomos uniformizados, a postos para recolher casacos e servir aperitivos. Imaginou se Tingeli teria aberto mão daquele luxo ou se dispensara os empregados antes de ele chegar. Os dois tinham o que se poderia chamar de "história pregressa". Uma história muito secreta; e os modos esfuziantes de Tobi Tingeli enfatizavam o fato de que ele não gostava de receber Von Daniken em sua casa.

– Venha comigo, Marcus. Você se lembra do caminho, não é? – Tingeli foi na frente até o salão, onde uma janela que ocupava toda a parede parecia devorar o lago de Zurique. – Alguma coisa para beber? – perguntou ele, retirando a tampa de um decantador de vidro bisotado.

Von Daniken recusou.

– Como eu disse, a questão é um pouco urgente – começou. – Tenho que pedir que tudo que for conversado aqui fique entre nós. Sei que posso contar com a sua discrição.

Tingeli assentiu, sério. Os dois se sentaram frente a frente, em cadeiras de couro idênticas. Von Daniken explicou os rudimentos de sua investigação sobre Lammers e Blitz – os assassinatos, os explosivos plásticos encontrados na garagem de Blitz e suas ligações com o terrorista Walid Gassan. Tomou cuidado para não mencionar a ameaça à aviação civil.

– Conseguimos rastrear as finanças dos dois homens e chegamos a uma empresa aberta pela sua subsidiária no Liechtenstein. Uma instituição chamada Truste Excelsior.

– Você faz alguma idéia de quantas leis eu estaria burlando se divulgasse as informações dos meus clientes?

– Se você quiser, posso pedir para Alphons Marti expedir um mandado.

Tobi dispensou a sugestão com um aceno.

– Esqueça as regras. Aposto que o truste está em nome de advogados. São eles que sabem tudo. Vá atrás deles.

– É só você me dar o nome deles, e irei. Segundo me lembro, um truste precisa ter um determinado número de diretores. Os nomes deles constam da documentação.

Tingeli fez brilhar seu sorriso ofuscante.

– Eu gostaria de ajudar, mas, se a notícia de que estamos trabalhando com o governo se espalhar, vai ser o fim da nossa carreira.

Von Daniken examinou a decoração da sala. Os móveis eram minimalistas, esparsos. Toda a atenção era levada a se concentrar nas paredes. À sua direita estava pendurado um gigantesco óleo, um daqueles pesadelos psicológicos abstratos, sem dúvida no valor de 10 ou 20 milhões de francos. Era uma pechincha comparado ao Paul Klee à sua frente. No ano anterior, um Klee fora vendido pelo maior preço já obtido em um leilão. Cerca de 130 milhões de dólares. Tingeli podia se dar ao luxo de perder um ou dois clientes e, ainda assim, continuaria sendo um dos homens mais ricos da Europa.

– Infelizmente eu não estou pedindo a sua ajuda. Estou dando uma ordem. Amanhã de manhã, na primeira hora, quero ver toda a documentação que você tiver sobre o truste que controla essas empresas de Curaçao. Os nomes dos advogados, dos diretores, tudo.

– O governo não tem o direito de me dar ordem nenhuma.

– Quem falou em governo?

– Ora, Marcus, ninguém mais está ligando para toda aquela história antiga. A guerra acabou há 70 anos. As pessoas já mal se lembram de Hitler, que dirá dos nazistas. Além do mais, já pagamos nossas dívidas. Um bilhão de dólares compra bastante compreensão.

Como parte de seu trabalho na Comissão do Holocausto, Von Daniken recebera ordens para averiguar o nível de colaboração entre os bancos suíços e o Escritório Econômico e Administrativo Central da SS, agência encarregada de administrar os negócios financeiros do Terceiro Reich. Embora os bancos suíços tivessem se mostrado negligentes em sua conduta para com os sobreviventes depois da guerra, a grande maioria podia alegar, em sã consciência, que só fizera respeitar regras ancestrais para garantir a privacidade e segurança dos depósitos de seus clientes. As mesmas regras que haviam impedido os herdeiros de seus falecidos clientes de acessar o dinheiro também impediram o acesso de forças menos escrupulosas, a saber, um desfile incessante de oficiais alemães enviados a Zurique, Basiléia e Genebra com ordens de tirar o dinheiro de judeus presos, e que em breve estariam mortos, das mãos gananciosas dos banqueiros.

Um dos bancos, porém, não havia mostrado o mesmo rigor dos outros na aplicação dessas regras. Não somente o Banco Tingeli tinha cooperado com os alemães e transferido milhões de francos de seus legítimos donos (judeus) para o Terceiro Reich como a instituição chegara a abrir uma filial interna para oficiais da SS poderem saquear sistematicamente dinheiro dessas contas.

Von Daniken descobrira tudo isso e muito mais durante suas pesquisas, incluindo uma fotografia do avô de Tobias Tingeli, Tobias II, ao lado de Hermann Goering, Joseph Goebbels e do Reichsführer Adolf Hitler. Na foto, Tingeli usava um uniforme preto da SS com a patente de Standartenführer, ou coronel.

A notícia dessa descoberta foi abafada por completo. Em troca do silêncio da Comissão, o Banco Tingeli doara 100 milhões de dólares ao fundo dos sobreviventes. Caso encerrado.

– Tem razão – disse Von Daniken. – A guerra é coisa antiga. Estou falando de coisas mais recentes. – Em seguida, tirou um envelope do bolso e o entregou ao banqueiro. Tobi Tingeli o abriu. Dentro havia algumas fotografias. Não eram imagens de nazistas saídas de uma época remota. Mas eram igualmente chocantes.

– Onde conseguiu isto? – O rosto de Tingeli perdeu a cor.

– Meu trabalho é investigar extremistas. Eu diria que a atividade retratada nessas fotos entra nessa categoria. Não é um extremismo político, mas mesmo assim é um comportamento bastante embaraçoso. Veja bem, Tobi, eu não gosto de você. Também não gosto do seu pai. Há muito tempo que você vem conseguindo comprar sua boa consciência. Tenho ficado de olho. Sempre soube que você era uma pessoa estranha. Só não sabia quanto.

Eram apenas duas fotos, mas duas já bastavam. A primeira mostrava Tobi Tingeli em pé diante de um bar, numa sala escura, usando o casaco SS do pai, com a boina de insígnia de caveira lascivamente enviesada na cabeça. Não estava usando mais nada. Nem calça. Nem meias. Nem sapatos. Segurava o pênis ereto em uma das mãos e um chicote na outra, com o qual açoitava a bunda branca cabeluda de um homem curvado ao seu lado.

A segunda foto era ainda mais bizarra, até onde isso era possível. Nela, Tingeli estava ajoelhado, vestido da cabeça aos pés com uma roupa de látex preta, com fendas para os olhos, nariz e boca. Com as mãos algemadas nas costas, tinha a cabeça enterrada entre as pernas de uma mulher. É bem verdade que não se via seu rosto, mas o grande anel de ouro gravado com o brasão de sua família, que ele usava na mão direita, estava claramente visível. Aquilo garantira a diversão dos policiais da unidade de infiltrados durante muitos meses.

– Não é exatamente uma visão inspiradora para os acionistas, não é? Imagino que os tablóides iriam adorar pôr as mãos nessas fotos. Se eu quisesse, poderia forrar muito bem o ninho da minha aposentadoria. Quanto você acha que eles pagariam? Cem mil? Duzentos?

Tingeli jogou as fotos em cima de uma mesa de centro.

– Seu escroto.

– Não tenha dúvida de que farei isso.

Tingeli levantou-se.

– Amanhã de manhã você vai ter os nomes. Mas quero essas fotos.

– Fechado. – Von Daniken foi sozinho até a porta da frente. – Lembre que eu sempre posso conseguir outras.

58

ALPHONS MARTI ENFIOU A CABEÇA pela porta da sala vazia de Von Daniken. As luzes do teto estavam apagadas. Uma única luminária de mesa estava acesa, lançando um halo sobre os papéis que cobriam a escrivaninha. Eram 8 da noite e ele fora se informar sobre o progresso feito durante o dia. Desceu o corredor, até encontrar uma sala ainda ocupada.

– Com licença – disse depois de bater na porta. – Estou procurando o Sr. Von Daniken.

Um homem atarracado e careca levantou-se da cadeira com um pulo.

– Hardenberg, senhor. Infelizmente, o inspetor-chefe Von Daniken no momento não está.

– Estou vendo. Ele devia me atualizar sobre as atividades do dia.

– Ele não costuma faltar a reuniões. Isso estava marcado?

Marti não respondeu à pergunta. A visita não era programada. Ele não quisera dar a Von Daniken tempo de filtrar o que havia descoberto.

– Onde ele está?

– Zurique. Seguindo uma pista relacionada ao financiamento da operação.

– É mesmo? Os bancos não estão fechados a esta hora?

– Ele não foi a um banco. Foi visitar Tobias Tingeli. Eles se conhecem da Comissão do Holocausto. O senhor consegue falar com ele pelo celular.

Marti ponderou o que acabara de ouvir.

– Não precisa – disse, depois de alguns instantes. – Tenho certeza de que você pode me colocar a par das coisas. Você disse que a investigação descobriu uma pista sobre o financiamento dessa operação. Tem alguma idéia do grupo que está por trás do complô? Guarda Revolucionária? Al-Qaeda? Jihad islâmica? Ou será alguma organização da qual nunca ouvimos falar?

– Ainda não temos certeza – respondeu Hardenberg. – Tudo que sabemos é que a casa de Blitz foi comprada por uma empresa offshore com sede em Curaçao. Quando descobrirmos quem pagava as contas dele, vamos estar bem mais perto de saber quem está por trás desse ataque.

– O que está emperrando seu caminho?

– A lei, senhor. As exigências de sigilo bancário vigentes atualmente tornam difícil conseguir a informação que queremos. Mesmo assim, o Sr. Von Daniken está confiante de que vai conseguir encontrar uma brecha. Ele tem vínculos estreitos com vários banqueiros.

– Sim, sim, claro – disse Marti, tentando parecer satisfeito. – Continuem com o bom trabalho.

Hardenberg o acompanhou até a porta.

– Vou avisar ao Sr. Von Daniken que o senhor esteve aqui. Tenho certeza de que ele não teve a intenção de faltar à reunião.

Marti desceu a escada correndo, um homem com uma missão a cumprir.

♦ ♦ ♦

De volta a sua sala na Bundeshaus, Marti vasculhou as pastas até encontrar os documentos relativos ao pedido do governo à Swisscom, autoridade nacional da área de telecomunicações, solicitando um registro de todos os telefonemas dados por Blitz, Lammers e Ransom. Com os papéis nas mãos, ligou para o executivo da Swisscom, encarregado de relações jurídicas.

– Preciso de um registro completo dos telefonemas recebidos e efetuados por esse número – disse, depois de ter se apresentado. Deu os números do trabalho, de casa e do celular de Von Daniken.

– Certamente. Está interessado em algum período específico?

– Segunda-feira passada, das 8 da manhã às quatro da tarde.

– Só a segunda passada?

– Só – disse Marti. – Quando consegue as informações?

– Amanhã ao meio-dia.

– Preciso delas às 8 da manhã.

– Sem problemas.

Marti desligou. Em menos de 12 horas teria as provas de que precisava.

59

JONATHAN DIRIGIU ATÉ FICAR EXAUSTO. Saiu da auto-estrada em Rapperswil, no extremo sul do lago de Zurique, atravessou a cidade e subiu as colinas que ficavam depois dela. Depois de passar 10 minutos sem ver nenhuma casa, nem faróis de outro carro, parou no acostamento e desligou o motor. Davos ficava 100 quilômetros mais à frente.

Usando a lanterna de emergência presa à parede interna do porta-luvas, leu os jornais que havia comprado. Pouco sabia sobre o Fórum Econômico Mundial, a não ser o que vira de relance no noticiário da TV.

O FEM era uma conferência anual que reunia cerca de mil líderes políticos e empresariais do mundo inteiro para compartilhar informações sobre algum assunto considerado crucial para o bem-estar mundial. O assunto desse ano era a proliferação de armas nucleares. Uma das matérias afirmava que "18 chefes de Estado, 200 autoridades de nível ministerial e 47 presidentes das 100 maiores empresas da revista Fortune" estarão presentes. Os convidados do ano incluíam dois ex-presidentes norte-americanos, o primeiro-ministro britânico, o sultão de Brunei, o rei da Jordânia e os presidentes das empresas Shell Oil, Intel e Deutsche Bank, para citar apenas alguns.

Um artigo no Financial Times discutia as questões relativas à segurança do evento. Cerca de 300 soldados iriam reforçar o policiamento feito pelos agentes de segurança pública locais para proteger o Fórum Econômico Mundial. Ninguém podia entrar sem autorização prévia. Havia fotos de altas cercas cortando campos cobertos de neve, imensos holofotes, sentinelas armados com pastores alemães. Com base naquelas fotografias, Davos mais parecia um campo de concentração do que um resort de esqui.

No Tages-Anzeiger, Jonathan encontrou um artigo de opinião sobre uma empresa suíça responsável pela fabricação das leitoras de credenciais utilizadas pelas autoridades de segurança pública para controlar o acesso ao evento. O presidente da empresa gabava-se de que ninguém conseguiria burlá-las. Observou que havia três níveis de segurança. A zona verde era de livre acesso para residentes e visitantes que, ainda assim, precisavam apresentar um formulário de identificação em um dos três postos de controle de segurança antes de receberem uma credencial oficial do Fórum, a qual teriam de usar em volta do pescoço o tempo todo. A zona amarela compreendia a parte da cidade mais próxima da Kongresshaus, onde o Fórum propriamente dito iria ocorrer, bem como as áreas comuns junto aos hotéis que hospedariam os convidados VIPs do evento. Para entrar na zona amarela, eram necessários um convite oficial do evento e uma autorização prévia da Polícia Federal Suíça.

A zona vermelha incluía a Kongresshaus, palco de todos os discursos em plenário e grupos de discussão, além do Hotel Belvedere, onde muitos dos VIPs ficariam hospedados. As credenciais que davam acesso a essas áreas não somente tinham foto como também chips de memória com informações relevantes sobre a pessoa. As pessoas autorizadas a circular pela zona vermelha recebiam suas próprias leitoras de credencial personalizadas. As leitoras escaneavam uma área de 10 metros quadrados em volta delas para captar sinais de outros participantes da conferência, exibindo nome, fotografia e dados biográficos em seus monitores. Embora ninguém fosse deixar de reconhecer Bill Gates ou Tony Blair, o ministro do Petróleo da Arábia Saudita era outra história.

Jonathan espalhou todo o conteúdo do porta-luvas no banco ao seu lado. Segundo seu raciocínio, se Emma tinha de entregar o carro para P. J. em Davos, deveria ter recebido uma credencial de acesso à zona vermelha. Vasculhou o manual do proprietário do automóvel, um livreto de serviços autorizados e documentos de alfândega, em seguida inclinou-se e correu a mão pela superfície interna do porta-luvas. Nada ali.

Tornou a se recostar no assento, pensando. "Se a credencial não estava nas malas que Blitz mandara para Landquart, tinha de estar no carro. Mas onde?" O manual do proprietário explicava que a blindagem não era a única característica exclusiva do veículo. O carro também estava equipado com pneus tipo run flat, freios antiderrapagem e estacionamento automatizado.

Achou o que estava procurando no capítulo "Especificações Solicitadas pelo Cliente": um cofre escondido debaixo do banco traseiro. Desceu do carro e abriu a porta traseira. Inclinou-se para dentro e puxou uma lingüeta no centro do estofado. O assento se levantou. No espaço debaixo dele encontrou uma caixa preta de aço fosco. Ele pressionou o fecho. Dentro do cofre havia um envelope pardo com o nome "Eva Kruger" impresso na frente. Abriu-o com um

rasgo. Uma credencial de plástico presa a uma correia de tecido caiu em sua mão. A credencial fora emitida pelo Fórum Econômico Mundial e exibia a mesma foto da carteira de motorista. E tinha mais: um passaporte francês com a fotografia de Parvez Jinn e um telefone celular.

Além dos 100 mil francos suíços e do Mercedes sedã blindado, um passaporte. Tudo, supôs Jonathan, em troca de "Ouro" a ser entregue por Parvez Jinn, ministro da Tecnologia da República Islâmica Fundamentalista do Irã.

Jonathan pegou o celular. Era um dos modelos mais baratos. Ligou o aparelho e viu que o mesmo fora carregado com um crédito de 50 francos suíços. Por que deixar um telefone com Emma, a menos que ela devesse ligar para alguém... alguém que só quisesse receber telefonemas em um número específico. Parvez Jinn? Percorreu a lista de contatos, mas não encontrou nenhum número armazenado. Imaginou se talvez Jinn ligaria para ela. Fazia mais sentido. O ministro da Tecnologia teria de encontrar um momento propício, quando pudesse se livrar dos seguranças.

Jonathan começou a ter uma noção do que estava acontecendo. Não conseguia imaginar tudo, só o essencial. Carregamentos em troca de informações. "Ouro", como chamavam. Só existia um tipo de produto que ele supunha que os iranianos cobiçassem. Produtos que o mundo ocidental os havia proibido de obter.

Com o coração aos pulos, ele se endireitou no assento. Entrou no site da Intelig e começou a reler as listas de carregamentos. Centrífugas, aparelhos de GPS, tubos a vácuo. Foi recuando no tempo: dezembro, novembro, outubro. Extrusores de carbono. Ligas de aço. Sistemas de esfriamento. Recuou mais ainda. Setembro, agosto. Anéis magnetizados. Transferidores de calor. Não tinha dúvida de que a identificação das mercadorias fora adulterada. Mas não fazia diferença se conhecia ou não suas funções exatas. Sabia do seu propósito e isso bastava.

De repente foi dominado por uma necessidade de sair do carro. Cambaleou para fora e começou a subir a estrada. Seus passos foram ficando mais largos e ele começou a correr aclive acima, forçando-se, deliciando-se com o ardor nas pernas, com as batidas aceleradas do coração, a respiração ofegante.

Sua mente voou para longe e ele se imaginou no alto das montanhas, bem no fundo da floresta, naquele instante de uma expedição de poucos dias em que você finalmente se dava conta de que, pelo menos naquele momento – por um instante bem definido, ofuscante –, tinha deixado tudo para trás: seu passado, seu presente, seu futuro. Era um mundo novo, distinto de tudo que viera antes, sem amarras para prendê-lo nem expectativas para fazê-lo avançar. Você era apenas um homem solitário, sozinho com as pedras, as árvores, os riachos velozes. Um coração batendo, cercado por um mundo que já estava ali muito antes de a humanidade começar a estragá-lo. Naquele momento você se sentia pleno e gloriosamente vivo.

Dez minutos depois ele chegou ao cume da colina. Alguém havia erguido um monte de pedras no topo. Ele deu a volta no monte, com os pulmões queimando, os olhos ardendo por causa do frio. Ao norte, a mancha comprida e curva do lago de Zurique desaparecia na distância, como uma foice margeada por jóias cintilantes. Ao sul, o vale era longo e escuro, iluminado em intervalos variados por aglomerações de luz. Menos de um quilômetro mais adiante, as montanhas mais baixas dos Alpes surgiam na planície, irrompendo da terra plana e fértil como imensas escarpas de granito que se erguiam em planos verticais de mil metros ou mais, coroados por cumes serrilhados.

“Por quê, Emma?”, indagou em silêncio. Como ela havia sido capaz de mandar aqueles materiais para o país mais perigoso do planeta? Eles servem para fabricar bombas. E não qualquer bomba. A bomba.

Depois de algum tempo, começou a descer a colina. Em 10 minutos chegou ao Mercedes. Entrou no carro e ligou a calefação. Uma pergunta em especial não lhe saía da cabeça.

Para quem ela estava trabalhando?

Jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, com os pensamentos disparando. Só dormiu muito depois, quando a primeira luz da aurora veio descendo do horizonte e acendeu o céu com um cinza morto, embaciado.

60

NÃO É DA SUA CONTA. Desista. Isso só pode lhe trazer problemas.

Philip Palumbo refletiu sobre essas palavras, depois inclinou-se por cima do banco dianteiro do carro e tirou do porta-luvas sua arma oficial. Se o mundo estava em tão más condições, era porque ninguém tomava partido.

A pistola era uma Beretta 9mm, herança de seus dias na 82.a Aerotransportada. Ele havia dedicado 14 anos às Forças Armadas, incluindo o tempo de cadete em West Point, e chegara à patente de major antes de desistir. As oportunidades na iniciativa privada eram inúmeras para um homem com a sua experiência, mas ele nunca se interessara muito em ganhar dinheiro. Sete semanas depois de assinar a rescisão do exército, escrevera seu nome em um contrato com a Agência Central de Inteligência. E, apesar de tudo que vira e de tudo que fizera, ainda considerava essa a melhor decisão de sua vida. Não gostava da idéia de abrir mão de tudo.

Verificou que o pente estava cheio, carregou uma bala e destravou a segurança.

A casa era uma construção colonial de dois andares, com persianas verde-escuras e um telhado de telhas sobrepostas. Subiu os degraus da frente, de dois em dois, e tocou a campainha. Um homem magro, sem nenhuma característica marcante, usando um cardigã cinza e óculos de lentes bifocais pendurados em uma corrente em volta do pescoço, veio abrir a porta.

– Você chegou, Phil – disse o almirante James Lafever, vice-diretor de Operações da Agência Central de Inteligência. – O assunto é meio urgente, pelo que entendi.

Palumbo entrou.

– Obrigado por me receber, assim, de última hora.

– Não tem problema nenhum. – Lafever foi andando na frente até chegar a um hall espaçoso. Ele morava sozinho. – Aceita um café?

Palumbo recusou.

Lafever entrou na cozinha e serviu-se uma caneca de café fumegante.

– Ouvi dizer que você conseguiu arrancar do Walid Gassan informações importantes, que ajudaram a evitar um ataque.

“Ele sabe”, pensou Palumbo. “Alguém o avisou.”

– Na verdade, foi por isso que vim aqui.

Lafever pôs açúcar no café, depois gesticulou para Palumbo prosseguir.

– Quando estava voltando da Síria, recebi um telefonema de Marcus Von Daniken, chefe do serviço suíço de contra-inteligência. Ele estava investigando o assassinato, em Zurique, de um homem chamado Theo Lammers, cidadão holandês, que levou um tiro na porta de casa. Foi um serviço de profissional. Limpo. Sem testemunhas. Lammers tinha uma empresa que projetava e fabricava sistemas de rastreamento sofisticados. Por debaixo dos panos, ele fazia aviões teleguiados. Veículos aéreos não tripulados. Pequenos, grandes, de todo tipo. Von Daniken estava investigando isso, quando um colega desse Lammers também foi assassinado: um iraniano chamado Mahmoud Quitab, que morava na Suíça e se fazia chamar Gottfried Blitz. Alguma coisa soa conhecida?

– Deveria?

– Com todo o respeito, senhor, acho que talvez pudesse avivar alguma lembrança.

Lafever acrescentou um pouco de leite ao café. Quando tornou a voltar a atenção para Palumbo, sua expressão não era mais a mesma. A parte social da visita estava oficialmente encerrada.

– Continue, Phil. Vamos deixar a minha parte para o final.

Palumbo sabia reconhecer uma ordem quando a escutava.

– Liguei para Marcus para passar a ele os detalhes do interrogatório de Gassan.

– Está falando da participação de Gassan em um complô para derrubar um avião de carreira?

– Isso mesmo. O mínimo que se pode dizer é que Von Daniken ficou surpreso. Na verdade, os dois cavalheiros falecidos que ele estava investigando eram cúmplices de Gassan.

– Uma coincidência e tanto. – A voz de Lafever deixava claro que ele sabia que aquilo era tudo, menos coincidência.

Palumbo continuou.

– No dia seguinte, Von Daniken recebeu um relatório do legista dizendo que as duas vítimas tinham sido mortas por alguém que gostava de molhar suas balas em veneno. O legista perguntou se alguém já tinha visto algum caso parecido. Um de seus colegas da New Scotland Yard sabia exatamente do que ele estava falando. Esse homem serviu como fuzileiro naval britânico e tinha visto esse mesmo veneno ser usado em El Salvador no início da década de 1980. Parece que era uma prática comum entre os índios salvadorenhos. Algum tipo de vodu local para afastar os maus espíritos. O inglês disse acreditar que nós tínhamos treinado esses índios. Segundo ele, quem matou Lammers e o parceiro já tinha, em algum momento, trabalhado para a CIA. Von Daniken quer saber se temos alguma operação em curso no território dele. Senhor, se nós temos informações fidedignas sobre uma célula que planeja derrubar um avião de carreira em espaço aéreo suíço, é nosso dever compartilhar informações com eles.

– E o que você disse? – perguntou Lafever.

– Disse que ia averiguar.

– Quer dizer que não falou com ele desde então?

Palumbo fez que não com a cabeça.

– O senhor chefiava o núcleo de El Salvador nessa época. A Pomba não foi uma das suas operações?

– Essa informação é confidencial.

– Eu tenho acesso a informações confidenciais. Um dos moradores locais recebeu recomendação para ser recrutado. O nome dele é Ricardo Reyes. Sua mãe era uma índia mestiça. Ele fez um pouco de treinamento em Camp Peary e depois foi mandado para o exterior. Ainda trabalha para a CIA.

– Andou pesquisando?

– Imagino que tenha sido ele quem puxou o gatilho.

O almirante Lafever chegou mais perto, e Palumbo sentiu o cheiro de café em seu hálito.

– O que você tem a ver com uma das minhas operações?

Palumbo passou o peso do corpo de uma perna para outra e sentiu a pistola pressionando suas costas.

– Nada. Estou andando no escuro. Mas consegui encontrar umas informações sobre Lammers, o homem que morreu baleado em Zurique.

– E?

– Senhor, nós temos um dossiê de 20 centímetros de grossura sobre o cara. Ele trabalhou para a CIA por 10 anos. Fez espionagem industrial e respondia à nossa subestação de Londres. Sumiu dos registros em 2003. Fiquei me perguntando por que cargas-d'água Walid Gassan estava passando explosivos para homens que tinham uma relação com o governo norte-americano, por mais tênue que ela fosse. Alguma coisa estava me cheirando mal na história toda. Dei uns telefonemas para perguntar se Lammers tinha passado para o outro lado.

– O que você descobriu?

– Ah, ele tinha passado para o outro lado, com certeza. Dois anos atrás, Lammers foi rastreado pelo Departamento de Defesa. Quando morreu, estava trabalhando como consultor para a Agência de Inteligência de Defesa. Almirante, será que o senhor pode me dizer por que, pelo amor de Deus, estamos eliminando agentes americanos?

– Achei que você estaria mais preocupado em saber por que o Pentágono está tentando derrubar um avião de carreira.

– Essa é minha próxima pergunta.

Palumbo esperava alguma tirada bem-humorada. Em vez disso, Lafever pousou a caneca de café na mesa e deu um sorriso cansado.

– Já ouviu falar em uma unidade chamada "Divisão"?

– Divisão? Não, senhor, nunca.

– Não achei que tivesse. – Lafever o segurou pelo cotovelo e o guiou na direção de uma porta de correr que dava para fora da cozinha. – Vamos lá para fora. Preciso fumar.

Palumbo seguiu Lafever até a varanda de trás, e os dois desceram um lance de escada até o pátio dos fundos da casa. A noite estava fria, o céu escuro e fechado. Quando se puseram a andar por um pequeno bosque de árvores nuas, a neve fez barulho sob seus pés.

– É aquele Austen. Ele é o problema – disse Lafever, tirando um cigarro do maço de Marlboro. – Aquele filho-da-puta daquele cristão maluco ainda vai acabar comigo. Com todas aquelas rodas de oração e aquela bobajada fundamentalista, ele não consegue deixar de se meter na vida dos outros.

– Está falando do brigadeiro John Austen, da Força Aérea?

– Ele mesmo. Isso tudo teve início há uns oito anos, antes mesmo do 11 de Setembro. Os garotos do Pentágono queriam começar a montar operações clandestinas em solo estrangeiro. Estavam putos com a forma como os terroristas atacavam nossas unidades fora do país e tinham

começado a andar por aí dizendo que a CIA não conseguia fazer nada para impedir isso. As Torres Khobar na Arábia Saudita, o atentado às nossas embaixadas em Nairóbi e Dar-es-Salaam, os vários ataques contra multinacionais americanas no estrangeiro. Austen foi falar com o presidente e perguntou se podia montar um grupo de agentes e tentar agir. O presidente não precisou de muita persuasão. Estava fazendo enorme pressão para a CIA descobrir quem estava por trás do ataque ao USS Cole e nós não estávamos conseguindo ajudar. O grupo de Austen encontrou os culpados em um piscar de olhos. Um mês depois, o presidente assinou uma diretriz presidencial de segurança nacional autorizando o Departamento de Defesa a operar unidades no estrangeiro.

Lafever fez uma pausa e depois continuou:

– Esse grupo foi batizado de “Divisão”. Austen administrava tudo a partir de um escritório pouco conhecido chamado Serviço de Inteligência Humana da Defesa, cuja atribuição oficial é administrar adidos militares em nossas embaixadas estrangeiras. Em um ano, tinha cinco equipes operando. Estamos falando das mais escusas das operações escusas. Clandestinas mesmo. Passíveis de serem negadas. Agindo sem nenhuma supervisão do Congresso ou mesmo do presidente. O tipo de autorização irrestrita que qualquer agente seria capaz de matar para conseguir. Inclusive eu mesmo. Eles fizeram alguns bons trabalhos. Não posso negar. Apagaram aquele louco assassino na Bósnia, Drako, e um ou dois chefões de guerra no Sudão. Os sucessos subiram à cabeça de Austen. Ele começou a passar dos limites. Sujou as mãos naquela história com o primeiro-ministro do Líbano. Envolveu-se com rebeldes no Iraque. Nós somos agentes de inteligência. Nosso trabalho é reunir informações e passar adiante. Não cabe a nós fazer o papel de juiz, jurado e executor. Isso é assunto de política nacional e, até onde eu sei, quem decide é a Casa Branca. Enfim, pelo amor de Deus, Phil, depois de um tempo a minha paciência acabou.

– Mas, senhor, são agentes americanos.

– Eles não são americanos. Quitab é iraniano. Lammers é holandês. Nascidos e criados no exterior.

– Mesmo assim, senhor, por que não foi falar com o presidente?

– Para dizer o quê? Eu iria parecer um namorado ciumento, só isso. Foi o presidente quem autorizou isso tudo. Só ele pode puxar o freio.

– Não acho que ele fosse autorizar agentes americanos a trabalharem junto com um ilegal iraniano para derrubar um avião de carreira.

– Concordo, mas ele também não iria me autorizar a infiltrar alguém na rede de Austen. Com todas aquelas crenças que ele alardeia, e com todas aquelas medalhas reluzindo no peito, John Austen é quase um santo na Pennsylvania Avenue. Ele está na luta desde o começo. Quando digo luta, estou falando da nossa guerra santa contra a Jihad Cia. Ltda. Foi Austen quem bolou o plano para resgatar nossos reféns no Irã nos idos de 1980. Foi ele quem organizou as primeiras equipes de operações especiais. E, assim como o nosso comandante supremo, ele é um adepto fervoroso de Cristo. O que um pagão bebedor de uísque como eu posso fazer?

– Mas essa tentativa de resgate no Irã foi um fracasso – disse Palumbo. – Nós demos com os burros n’água. Perdemos oito homens.

– Isso não tem importância, Phil. John Austen é um herói. É como se ele tivesse presenciado a crucificação de Cristo no monte Calvário. Tudo que ele diz se escreve... até prova em contrário.

– Com todo o respeito, almirante, não posso simplesmente ficar parado e deixar que ele derrube um avião.

– Não tem outro jeito, Phil. O nosso país não pode ter dois serviços de espionagem diferentes conduzindo operações sem se comunicar. Os garotos lá da Defesa estão fora de controle há muito tempo. Quando essa história estourar na mão deles, isso tudo vai acabar. John Austen nunca mais vai conseguir autorização para montar nenhuma equipe. O Pentágono vai sair do ramo da espionagem para sempre.

– Então o senhor soltou Reyes para pôr um fim na história toda?

– Soltei Ricardo Reyes para mostrar que não estamos simplesmente sentados chupando o dedo enquanto isso tudo está acontecendo. Se formos pegos desprevenidos em uma história séria como essa, isso só vai servir para provar que tudo que Austen vem dizendo sobre a CIA para o presidente é verdade. Mas, se conseguirmos chegar bem perto de derrubar esse avião teleguiado, se conseguirmos eliminar alguns membros do complô, vamos sair como heróis na foto. – Lafever apagou o cigarro com a sola do sapato. – O Sr. Reyes não vai conseguir deter o ataque e, sinceramente, eu não espero que consiga. Depois que esse avião cair, vou procurar o presidente com provas de quem fez isso e mostrar a ele a que ponto as coisas se descontrolaram. Posso mostrar também que tentei impedir. O presidente não vai ter outra escolha a não ser me dar apoio integral. A Divisão vai ser fechada em um segundo. Quando isso tudo terminar, aqueles babacas da Defesa vão ficar com a cara no chão e a Agência vai voltar a ditar as regras.

Palumbo não tinha nada a dizer. Estava paralisado, atônito e triste.

Lafever chegou mais perto dele.

– Não posso ter nenhum funcionário meu chamando a atenção e abrindo o bico sobre o que pensa que descobriu. Preciso da sua palavra de que não vai dizer nada sobre isso tudo.

– Mas, senhor, o avião... todos os passageiros...

– Preciso da sua palavra.

– Mas, almirante...

– Chega de “mas”! – disse Lafever. – É um preço pequeno a pagar para garantir que Austen não tome nenhuma atitude ainda mais idiota.

Palumbo deu um suspiro. Entendeu então como aquilo iria terminar.

– Desculpe. Simplesmente não posso permitir isso.

Lafever olhou para ele como se fosse um pobre matuto idiota recém-chegado da fazenda.

– Nem eu.

Em seguida, ergueu o braço, apontando para o peito de Palumbo um revólver compacto banhado a níquel. Era uma arma de segunda mão, com o número de registro lixado e carregada com munição que Lafever provavelmente pegara no depósito da CIA. As técnicas dele seguiam à risca o manual.

A arma disparou duas vezes. As balas atingiram Palumbo no peito e o derrubaram. Ele ficou deitado no chão por alguns instantes, de olhos arregalados, sem ar. Lafever deu um passo à frente e postou-se ao seu lado, sacudindo a cabeça. Então Palumbo tossiu e Lafever percebeu que ele estava usando um colete à prova de balas. O vice-diretor de operações da Agência Central de Inteligência tornou apressadamente a apontar a arma. Dessa vez, porém, foi lento demais.

O tiro de Palumbo o atingiu na testa.

O almirante James Lafever morreu antes de cair no chão.

61

VINTE E QUATRO HORAS HAVIAM passado desde a reunião do conselho de guerra em Balfour Street. Durante esse tempo, os telefonemas não pararam de circular de um lado para o outro do Atlântico, com a mesma selvageria de uma tempestade de primavera. Ministério das Relações Exteriores para Departamento de Estado dos Estados Unidos. Comando do Irã para quartel-general da Centcom. Mossad para CIA.

Às 23 horas, o primeiro-ministro de Israel estava em sua sala, com uma das mãos nas costas e a outra segurando o telefone com força junto à orelha. Assim como qualquer outro cortesão aguardando na fila para ser recebido pelo imperador, disseram-lhe para esperar a sua vez. O presidente dos Estados Unidos falaria com ele dali a poucos instantes.

Zvi Hirsch estava ao lado do primeiro-ministro, fervendo de impaciência. Os “poucos instantes” tinham se esgotado cinco minutos antes. Cada segundo que passava aumentava ainda mais o ultraje em seu coração naturalmente inseguro.

De repente, uma mulher atendeu.

– O presidente dos Estados Unidos.

Antes de o primeiro-ministro conseguir reagir, uma voz fria de tecnocrata saiu do fone.

– Alô, Avi, que prazer em ouvi-lo.

– Sr. Presidente. Gostaria que a ocasião fosse mais agradável.

– Queria lhe transmitir meus agradecimentos por nos ter consultado – disse o presidente americano. – Esses desdobramentos nos pegaram desprevenidos. Não imaginávamos que isso fosse acontecer tão cedo.

– Nós dois fomos pegos desprevenidos. Tenho certeza de que o senhor entende a nossa posição. Não podemos tolerar a presença de armas nucleares nas mãos de um regime que deixou bem claro o seu compromisso de riscar Israel do mapa.

– Declarações são uma coisa. Ações são outra.

– Basta olhar os registros para constatar as ações do Irã. Durante anos, eles têm financiado as atividades terroristas do Hamas, da Jihad islâmica, da Brigada dos Mártires de Al-Aqsa. A participação deles não se limita a Israel. Não preciso lhe dizer o caos que eles criaram no Iraque. Eles têm dois objetivos: obter o controle efetivo do Oriente Médio e destruir o meu país. Estão bem adiantados para conseguir o primeiro. Não vou deixar que alcancem o segundo.

– Os Estados Unidos sempre afirmaram que qualquer ato de violência contra Israel será considerado um ato de violência contra nós.

– Não se trata de uma situação em que podemos esperar sermos atacados. O primeiro ataque será fatal.

– Entendo, mas acho que é cedo demais para agir. Primeiro temos de consultar as Nações Unidas.

– Se o senhor soubesse que os 19 seqüestradores estavam planejando assumir o controle dos seus aviões e arremessá-los contra o World Trade Center, não teria tomado medidas preventivas?

– Atacar uma nação não é o mesmo que eliminar um bando de terroristas – disse o presidente, com um tom de voz cuidadosamente calculado. Qualquer menção ao 11 de Setembro o deixava de orelha em pé. A data fatídica, bem como o imediato chamado às armas que ela suscitava, tinha se tornado o “ataque ao Forte Álamo” de nossa época.

– E uma arma nuclear não é o mesmo que um avião – retrucou o primeiro-ministro. – Qualquer bomba vai matar milhões de israelenses.

O presidente respirou fundo.

– O que posso fazer por você, Avi?

– Solicitamos a sua permissão para usar o espaço aéreo iraquiano – disse o primeiro-ministro israelense.

– Se e quando o Estado de Israel for atacado, terá essa permissão.

– Com todo o respeito, Sr. Presidente, a essa altura já será tarde demais.

– Os iranianos vão retaliar.

– Talvez. Mas há combates que não podem ser adiados.

Houve uma pausa, e o primeiro-ministro pôde ouvir o presidente norte-americano conversando com seus assessores. Um minuto depois, o americano tornou a falar:

– Pelo que entendo, o senhor tem um segundo pedido.

– Também gostaríamos de solicitar quatro unidades das suas armas de destruição de bunkers B61-11.

– É um pedido e tanto. Estamos falando em armas nucleares.

– É verdade.

O presidente americano já estava ciente do pedido antes do telefonema e havia preparado a resposta de forma bem precisa.

– Escute atentamente o que vou dizer. Sob nenhuma circunstância os Estados Unidos iniciarão o uso de armas nucleares. No entanto, nós acreditamos no direito de Israel de ter uma defesa forte e arrasadora. Para tanto, e em respeito aos nossos muitos anos de amizade, ordenei a meus homens que transferissem quatro unidades da B61-11 para o general Ganz. Mas preciso da sua palavra de que não vai usar essas armas a não ser em caso de provocação direta.

– Não sei se posso lhe dar minha palavra quanto a isso.

– Não é um ponto passível de negociação. Vou repetir o que eu disse. Se aquele filho-da-puta iraniano encostar um dedo sequer em qualquer um dos seus interesses, o senhor tem minha permissão para usar essas bombas como lhe aprouver. Poderá sobrevoar o Iraque à vontade. Mas, até isso acontecer, quero a sua palavra de que vai guardar as armas trancadas a sete chaves.

Zvi Hirsch, que estava escutando em outra extensão, lançou um olhar chocado para o primeiro-ministro. Começou a menear a cabeça violentamente, indicando que o primeiro-ministro devia concordar no mesmo instante. Ele assentiu.

– O senhor tem a minha palavra. Em meu nome e em nome do povo de Israel, eu lhe agradeço.

O telefonema foi encerrado.

Zvi Hirsch pôs o fone no gancho.

– Ouviu o que ele disse?

– Claro – disse o primeiro-ministro. – Por que essa animação toda?

– Ele disse que podemos usar as bombas se e quando houver provocação direta por parte deles.

– E daí?

Zvi Hirsch estava tão exaltado que mal conseguiu pronunciar as palavras.

– Não entendeu? – perguntou. – Eles não precisam bombardear a gente. Pode ser qualquer coisa... um ato qualquer... contanto que a gente consiga provar que veio de Teerã. Eles só precisam levantar um dedo contra a gente.

62

O PILOTO SEGUROU O CRONÔMETRO na mão direita.

– Cinco minutos. Podem ir.

Os homens saíram rapidamente, mas sem pressa, de suas posições na entrada da garagem. Repartindo-se em três grupos de dois, aproximaram-se de cada um dos três caixotes de aço inox, do tamanho de uma pessoa, chamados de “caixões”, encostados na parede. Dois deles continham as asas convexas de uma aeronave, cada qual dividida em duas seções de 1,20 metro de comprimento. O terceiro continha a fuselagem, que constituía o interior operacional da aeronave: sistema de navegação inercial, processador de comunicação por satélite operando em banda Ku, tanque de combustível, módulo de controle principal, motor turbo e módulo de câmera a ser instalado no nariz do avião.

Depois de soltar o trem de pouso, a primeira equipe instalou a fuselagem no chão. Os responsáveis pela montagem das asas prenderam as seções umas às outras, depois fixaram cada uma delas à fuselagem com pinhões de tungstênio. Enquanto isso, o piloto veio arrastando uma maca pelo chão, envolvendo uma nacela metálica em forma de gota do tamanho de um melão grande, pesando 30 quilos. A nacela continha uma potente carga de explosivos.

O desenho da peça era parecido com o da ogiva usada para os mísseis Sidewinder. Na verdade, o projeto era assinado pela Raytheon, fornecedora da área de defesa responsável pelos mísseis ar-ar criados mais de 30 anos antes. Pouca coisa mudara desde então. Somente os explosivos haviam se tornado mais poderosos.

A nacela era formada por um corpo, uma carga de 20 quilos de explosivos plásticos Semtex, um detonador e 500 partículas de fragmentação feitas de titânio. Quando o sensor de proximidade detectasse o alvo – nesse caso, um avião de carreira transportando passageiros –, ativaria um mecanismo de fusível que causaria a ignição das partículas explosivas ao redor do Semtex. Essas partículas, por sua vez, provocariam a ignição dos 20 quilos de explosivo de alta potência, fazendo-o liberar uma imensa quantidade de gás quente em um intervalo de tempo muito curto. A força da expansão do gás faria as partículas de titânio explodirem para fora, fragmentando-as em centenas de pequenas flechas letais que destruiriam por completo a fuselagem do avião-alvo.

O objetivo era destruir tanto o avião teleguiado como o de passageiros. Nenhum vestígio do mecanismo usado para lançar a bomba deveria ser encontrado.

Assim que a nacela foi acoplada e a fiação ligada ao painel de instrumentos principal, o piloto puxou a maca de baixo da aeronave e disse:

– Tempo!

Leu o cronômetro.

– Quatro minutos e 27 segundos.

Os homens não comemoraram nem demonstraram nenhuma satisfação. Com a mesma rapidez com que haviam começado, desmontaram o avião teleguiado. Não podiam correr o risco de que uma inspeção aleatória encontrasse a aeronave montada na garagem e pronta para decolar. Em poucos minutos, os três caixões foram carregados e guardados em armários trancados dentro da casa.

Depois de supervisionar todos os aspectos da simulação, o piloto foi até a sala, onde uma grande janela dava para o Aeroporto de Zurique. Às 8 horas, viu as luzes de aterrissagem de um avião vindo do norte, que fazia sua aproximação. Ficou feliz em constatar que estava exatamente no horário. Mas, afinal, aquele vôo específico tinha um dos melhores recordes de chegada pontual do mundo.

Acompanhou as luzes até o Airbus A380 aterrissar. Mesmo a quatro quilômetros de distância, o avião parecia superdimensionado. Ele conhecia de cor as especificações da aeronave: 73 metros de comprimento; 24 metros de altura; envergadura de quase 80 metros, quase metade de um campo de futebol. Era, sob todos os aspectos, o maior

jato comercial do mundo. Fora concebido para transportar de 555 a 845 passageiros. Nessa noite, a lista mencionava pouco menos de 500. No dia seguinte, o jato estaria quase com lotação máxima.

A aeronave avançou pesadamente até o local de estacionamento. Era tão grande que um finger especial tivera de ser construído para ser acoplado a suas portas. Foi então que ele finalmente conseguiu distinguir a estrela-de-davi pintada na cauda.

O vôo El Al 863 procedente de Tel Aviv havia chegado.

63

VON DANIKEN ESTAVA DE VOLTA à porta da casa de Tobi Tingeli, às 9 horas da manhã em ponto. Uma empregada o conduziu até o escritório. Tingeli estava sentado atrás de uma grande escrivaninha de mogno falando ao telefone. O jeans e o suéter de gola rulê tinham sido deixados de lado. Ele usava um terno escuro e uma gravata cinza-clara, com os cabelos alisados com gel. Cumprimentou Von Daniken com um olhar furioso, lançando uma pasta fechada por cima da mesa em sua direção.

Von Daniken a pegou. Estava cheia de documentos relacionados à criação do Truste Excelsior com sede em Curaçao, nas Antilhas Holandesas. A empresa fora constituída com um capital de 50 mil francos suíços. Três diretores estavam listados, dois dos quais trabalhavam no banco. O último nome não lhe soava familiar. Achou interessante, no entanto, descobrir que esse cliente visitara os escritórios do Banco Tingeli em Vaduz, em agosto do ano anterior. A visita se encaixava perfeitamente com a volta de Ransom do Oriente Médio.

Mais interessantes eram os documentos que vinham a seguir. Extratos mensais enviados do banco de Bahamas e arquivados pelo Banco Tingeli em nome do Truste Excelsior. Os extratos especificavam todas as atividades das duas contas numeradas que tinham enviado dinheiro para Lammers e Blitz, bem como de uma terceira conta, usada para comprar a Villa Principessa.

A questão de quem fizera o depósito inicial no banco das Bahamas continuava sem resposta. Von Daniken folheou a papelada. As duas contas numeradas tinham sido abertas com cheques administrativos. Encontrou cópias deles e leu o nome do banco emissor impresso no canto superior direito. Seu coração deu um pulo. Era um dos nomes mais respeitáveis da comunidade financeira norte-americana.

– Então? – perguntou Tingeli. Ele havia desligado o telefone e dado a volta na escrivaninha. – Não é o que você esperava?

Von Daniken lembrou-se de sua conversa com Philip Palumbo. Imaginou se teria posto seu colega da CIA em perigo.

– Nenhum pio sobre isto aqui, Tobi.

Tingeli pegou a pasta das mãos de Von Daniken.

– Não gostei da forma como a nossa reunião de ontem terminou. Posso viver a minha vida como eu quiser, sem você olhando por cima do meu ombro. Então fiz um trabalhinho extra por minha conta. Vá vender essas informações para os seus superiores como um helvécio leal cumprindo seu dever de patriota. Quer que eu fique de bico calado? Claro. Sem problemas. Meu trabalho é esse, não é? Mas em troca quero que você me deixe em paz de uma vez por todas. Posso ser esquisito, mas a escolha é minha. Não estou burlando nenhuma lei.

Von Daniken ouviu aquele apelo com ceticismo.

– Até agora não estou vendo nada que mereça uma promessa da minha parte. Não custou nada a você conseguir essas informações para mim. Estava tudo nos arquivos. Em uma semana eu poderia ter posto uma intimação na sua mesa e conseguido exatamente o que você me deu.

– Imaginei que você diria isso. – Tingeli lhe devolveu a pasta, marcando uma das páginas com o polegar. – Aqui tem uma coisa que originalmente não estava nos arquivos. Precisei dar alguns telefonemas para conseguir isso. Custou-me caro.

A pasta estava aberta na confirmação de uma transferência de 500 mil francos feita pelo banco das Bahamas. O dinheiro fora mandado por uma das contas numeradas para uma conta em um dos maiores bancos da Suíça. Abaixo estava escrito o nome do titular dessa conta.

Von Daniken arquejou.

– Tem certeza disso?

Tingeli aquiesceu.

– Estamos entendidos?

Von Daniken segurou a mão estendida e sacudiu-a.

– Estamos.

Tingeli o puxou para a frente, fazendo-os ficar desconfortavelmente próximos um do outro.

– Então dê o fora daqui. E diga aos seus amiguinhos em Berna que a família Tingeli já fez o suficiente por este país.

Von Daniken desceu os degraus da frente e andou até a calçada, onde seu carro estava estacionado. Durante todo o tempo, tivera a sensação da mão invisível de alguém naquela investigação. Não era algo que fosse capaz de identificar. Era apenas uma sensação. Como a maioria dos policiais, sabia que não deveria ignorar a própria intuição. A informação que tinha em mãos agora era suficiente para chocar o país, que dirá um policial de meia-idade que ainda acreditava na incorruptibilidade do próprio governo. Passou alguns instantes parado, pensando em como deveria agir, avaliando em quem podia confiar.

Quando estava abrindo a porta do carro, um sedã escuro, último modelo da Audi, subiu a rua com o motor rugindo e freou ao seu lado. A janela foi baixada e revelou o rosto afogueado de Kurt Myer.

– A gente achou o Ransom.

– Prenderam ele?

– Ainda não, mas temos idéia de onde ele está.

– O que aconteceu?

– Ontem à noite, dois policiais de Berna atenderam a um chamado sobre um intruso que tinha entrado num apartamento. Bateram na porta e um homem respondeu.

– Era o Ransom?

– Parece que sim. Antes de ele abrir a porta, alguma coisa explodiu dentro do apartamento. Os policiais arrombaram a porta e encontraram a cozinha e o quarto em chamas. Aparentemente, foi uma explosão de gás. Um vazamento no forno ou no fogão...

Uma explosão de gás. Von Daniken lembrou-se da tubulação de gás rompida responsável pela morte de Drako, o criminoso de guerra bósnio.

Myer prosseguiu.

– No início, os agentes pensaram que ele tivesse sido arremessado para fora do prédio, mas não encontraram nenhum sangue, e uma revista nos arredores não deu em nada. A mulher que denunciou o intruso disse que ele tinha se identificado como médico. Parece que estava com um ferimento no pescoço, e sangrando. Ela achou que ele tivesse levado uma facada. Um dos agentes pensou que o homem talvez fosse um fugitivo e, então, deu a descrição dele ao departa-

mento que administra os mandados de captura. O nome do Ransom apareceu. Eles imprimiram uma foto e mostraram para a mulher. Ela confirmou a identificação, mas disse que os cabelos dele estavam pretos e muito curtos.

– O que ele estava fazendo em Berna?

– Disse que tinha ido visitar a cunhada. O nome dela é Eva Kruger.

– O que a gente sabe sobre ela?

– Absolutamente nada. É como um fantasma. Não tem número de identidade. Nem carteira de trabalho. Segundo a vizinha, ela mal parava em casa.

– Mas a vizinha já viu essa mulher? Em carne e osso?

– É o que diz. Segundo ela, essa tal de Eva Kruger viaja o tempo todo.

"É claro que viaja. Sem dúvida para lugares exóticos como Darfur, Beirute e Kosovo. Pura e simplesmente, a mulher era outro membro da rede de Ransom", pensou Von Daniken.

– Achei que você tivesse dito que tinha uma pista sobre o paradeiro do Ransom.

– A gente passou o nome da Eva Kruger pelos sistemas estaduais e nacionais – disse Myer. – O chefe da segurança do Fórum Econômico Mundial, que vai acontecer em Davos, entrou em contato. Ele me disse que uma semana atrás autorizou a mesma Eva Kruger, domiciliada em Berna, e deu a ela uma credencial para o evento. O passe tinha validade de um dia.

– Hoje?

Myer aquiesceu, com a expressão séria.

– É um passe VIP. Ela tem acesso a qualquer lugar que quiser, inclusive à própria Kongresshaus.

– Qual a agenda de hoje?

– Vários painéis ao longo do dia. Figurões do mundo inteiro. O principal pronunciamento desta noite vai ser feito por Parvez Jinn, um iraniano.

– Já alertou a segurança?

– Ainda não.

– Faça isso imediatamente. Diga para invalidarem a credencial dela. Passe para eles a última descrição do Ransom. Ele pode estar armado.

– Só isso?

– Não – disse Von Daniken. – Diga a eles que eu chego lá daqui a uma hora.

64

JONATHAN VIU OS PRIMEIROS CAMINHÕES na entrada do vale. Dois veículos de transporte militares, com uma dúzia de soldados posicionados por perto. Cinco quilômetros mais adiante, viu outro par de caminhões. Dessa vez, os soldados não estavam apenas posicionados à toa. Eram tropas de choque vestidas com uniformes camuflados impecáveis e submetralhadoras presas ao peito por uma correia. Todos os carros que passavam eram revistados.

Uma única estrada cortava a cidade alpina de Davos. Uma das entradas era pelo norte. A outra, pelo sul. A presença militar se intensificava conforme a auto-estrada ia penetrando no vale. Jipes. Transportes de tropas blindados. Barreiras no acostamento prontas para serem movidas para o lugar em poucos segundos. Uma armadilha prestes a ser fechada. A qualquer momento, Jonathan esperava que um soldado ou policial pulasse para o meio da estrada, agitasse os braços e gesticulasse mandando-o encostar, mas o Mercedes não atraiu nenhuma atenção especial.

Às 11 horas da manhã, ele passou pela cidade de Klosters. A neve dera uma trégua, e o céu estava com um tom mais claro. Uma ou duas vezes, ele chegou a ver uma rápida nesga azul. Quando sinos de igreja marcaram as horas, seu timbre melancólico fez um arrepio percorrer-lhe a espinha.

A estrada iniciou uma série de curvas fechadas pela encosta da montanha, e ele ouviu o ronco de um helicóptero no céu. Pegou a credencial do Fórum Econômico Mundial e colocou-a em volta do pescoço. O nome impresso em maiúsculas pretas não dizia mais “Eva Kruger”. Uma das letras fora alterada para transformá-lo em “Evan Kruger”. A fotografia também havia sido substituída por uma foto de passaporte tirada mais cedo, naquela mesma manhã, em uma copiadora de Ziegelbrücke. Ele havia levado uma hora para terminar o serviço. O “n” fora tirado de um decalque que ele havia adulterado para tornar parecido com a fonte oficial. Colar a foto na credencial fora mais complicado, e ele precisara plastificar o documento novamente.

Eu estava em treinamento, sem sequer saber.

Fui o fantoche de Emma o tempo todo.

Um diploma de médico não fora a única exigência para uma carreira de sucesso na Médicos Sem Fronteiras. Um gosto por pequenos roubos e uma boa dose de imaginação também eram muito úteis. Não conseguia contar quantas vezes havia falsificado documentos de importação e exportação para facilitar a passagem de remédios por alguma fronteira ou, igualmente importante, para evitar ter de subornar funcionários públicos corruptos. Sim, Simone, ele sabia o que significava pourri. Se a penicilina era proibida, eles alteravam os papéis para “ampicilina”, substância ainda mais forte, porém ainda desconhecida. Quando descobriam guardas de fronteira saqueando carregamentos de morfina, mudavam o documento de embarque para “morazina”. Eles que consultassem o Manual de Referência Médica para descobrir que essa substância não existia.

A única parte da credencial do Fórum Econômico Mundial que ele não podia mudar era o chip de memória. Sua solução foi passar um ímã por cima, apagando por completo os dados. Estava disposto a apostar que, durante a verificação de milhares de credenciais, os seguranças encontrariam um ou dois outros chips com o mesmo defeito.

A carteira de motorista de Eva Kruger foi mais fácil de adulterar. O papel cartonado usado pelas autoridades suíças praticamente implorava para ser falsificado. Um estilete e um pouco de solvente deram conta de descolar a fotografia de Emma do papel. Uma segunda foto de passaporte foi colada em seu lugar. Ele tomara cuidado para mudar ligeiramente a própria aparência. Em vez do terno e gravata, ficou de jaqueta, com o colarinho abotoado até em cima e os cabelos despenteados. Embora tiradas a poucos instantes de intervalo, as duas pareciam ser de dias diferentes.

Ali também mudou o nome de Eva para “Evan”. A altura de Emma estava especificada como 1,68 metro. Ele mudou para 1,88 metro. Na verdade, era quatro centímetros mais baixo. Da mesma forma, aumentou o peso de 50 para 80 quilos.

Sabia muito bem que nem a carteira de motorista nem a credencial do Fórum resistiriam a uma verificação mais minuciosa. Caso fossem examinadas com rigor, logo revelariam seus segredos e seriam desmascaradas como fraudes. Mas a sua carta na manga era a documentação do Mercedes, emitida em nome de Parvez Jinn, do Teerã, que lhe dava a legitimidade que um simples documento de identidade não chegava nem perto de proporcionar.

Até agora ninguém podia saber que ele tinha os detalhes do encontro planejado de Eva Kruger com Parvez Jinn. Jonathan também sabia que não haveria um segundo Mercedes entregue a Jinn. Portanto, embora Falcão pudesse tomar providências para o substituto de Emma buscar sua credencial no Posto de Segurança 1, ele muito provavelmente não havia cancelado a primeira credencial emitida em nome de Eva Kruger.

Jonathan aplicou a mesma lógica implacável de antes. O desejo de não chamar atenção para si. Se o nome de Eva Kruger ainda estivesse no sistema, ele tinha certeza de que junto com o nome haveria um recado dizendo que ela deveria entregar o Mercedes para o ministro iraniano. Portanto, o passaporte para sua entrada seria o carro em si. Era difícil discutir com um automóvel de 200 mil dólares.

O primeiro bloqueio estava a dois quilômetros de Davos. Era um posto de inspeção de veículos situado em um local plano de terreno. De ambos os lados havia casas de fazenda maltratadas. Uma barreira bloqueava o trecho da estrada que conduzia para o leste. Ele diminuiu a velocidade e esperou na fila de quatro carros. Apertou a gravata e endireitou as costas. Estava com a carteira de motorista a postos, assim como os documentos do carro. A credencial do Fórum estava pendurada em volta do pescoço. Mesmo assim, sua boca estava seca e seu coração saltava pela garganta. Avançou para mais perto da barreira. Reparou nos soldados que rodeavam cada veículo. Seus dedos formigaram e ele percebeu que estava ofegante.

Emma, como foi que você conseguiu passar oito anos fazendo isso?

– Senhor! – Um policial bateu no seu vidro. – Avance.

Jonathan fez o carro avançar alguns metros até o pára-choque quase encostar na barreira. Pediram-lhe para saltar do carro e mostrar a carteira de motorista.

– Seu destino?

– Davos. Vou participar do Fórum.

– O senhor é convidado oficial?

– Vou entregar este carro a um hóspede do Hotel Belvedere. Sr. Parvez Jinn.

– Preciso dar uma olhada na sua credencial.

Jonathan tirou o crachá plastificado do pescoço. O policial inseriu a credencial em uma leitora parecida com a que Jonathan vira no jornal. Com o canto do olho, ele viu o policial retirar a credencial e tornar a colocá-la na leitora.

Enquanto ele esperava, uma equipe de soldados manejava espelhos debaixo do chassi, à procura de explosivos. Um deles gritou alguma coisa, e o que estava verificando a credencial de Jonathan se aproximou. Os homens trocaram algumas palavras e o mais graduado dos dois voltou apressado.

– Este veículo é blindado?

– É – respondeu Jonathan. – Como eu disse, estou indo entregar o carro para Parvez Jinn, ministro da Tecnologia do Irã. Ele vai exportar o carro para o Irã. – Forçou-se a sorrir. – Ouvi dizer que as coisas por lá podem ser meio violentas.

– Espere aqui.

O policial mais graduado afastou-se alguns passos e passou um rádio para seu controle. Jonathan ouviu-o informar seu nome e perguntar se havia alguma anotação sobre a entrega de um Mercedes. Um minuto se passou. Por fim, o policial meneou a cabeça e tornou a dirigir-se a Jonathan.

– Tudo certo. Vou ter de pedir ao senhor para revistarmos o interior do veículo.

– Claro.

O policial vociferou algumas instruções para seus homens. Cinco outros policiais se precipitaram para dentro do carro, vasculhando o porta-luvas, os compartimentos laterais, levantando o banco traseiro, pedindo que Jonathan abrisse o cofre, passando detectores de explosivos pela cabine.

– Feche todos os vidros.

Jonathan deslizou até o banco do motorista e fechou todos os vidros. O policial apontou para as marcas deixadas pelas balas do assassino.

– O que houve aqui? Alguém atirou no senhor?

– Pedras – respondeu Jonathan. – Uns arruaceiros em Zurique.

Nesse exato instante, o policial mais graduado aproximou-se de Jonathan, batendo com a credencial na palma da mão aberta.

– Onde foi que o senhor conseguiu esta credencial? – perguntou.

– Como assim? – Jonathan teve dificuldade para manter um tom de voz normal.

– Foi pegá-la no quartel-general da polícia em Chur?

– Recebi pelo correio. Algum problema?

– O chip de memória está com defeito.

– Eu nem sabia que essa credencial tinha chip de memória – disse Jonathan, contrito. – Pode ligar para o meu patrão... por favor.

– O senhor não está entendendo – continuou o policial. – Eu queria me desculpar pelo defeito. Toda a sua informação confere. O carro está sendo esperado. Vou avisar sobre a sua credencial defeituosa para garantir que eles emitam outra.

– Outra credencial? – Jonathan estava sorrindo como um idiota. Não conseguia evitar. – Obrigado. Muito agradecido.

– De vez em quando esses probleminhas técnicos acontecem. Só tinha uma discrepância.

– Sim?

– O senhor não se chama Eva, não é?

Jonathan respondeu que não, e o policial devolveu-lhe a credencial.

– Vá até o Posto de Controle Principal em Davosstrasse, na entrada da cidade. Lá eles vão tirar outra foto sua e emitir uma segunda via da credencial. Preste atenção para deixá-la o tempo inteiro à vista. Alles klar? – Ele deu uma batidinha leve na porta, depois se empertigou e caminhou em direção ao carro seguinte. – Vamos lá! Não temos o dia inteiro!

♦ ♦ ♦

No Posto de Controle Principal, Jonathan recebeu uma nova credencial e uma lista da programação do dia, junto com um mapa da cidade e passes para poder usar os dois teleféricos da cidade, o Jakobshorn e o Parsenn. Um policial o acompanhou de volta até o Mercedes e indicou o caminho até o Hotel Belvedere, visível na encosta da montanha, 300 metros adiante.

Jonathan manteve a velocidade abaixo de 10 quilômetros por hora. As calçadas estavam abarrotadas de gente. Soldados vigiavam cada esquina, verificando credenciais aleatoriamente. Policiais com cães pastores alemães presos a coleiras curtas patrulhavam as ruas. A via serpenteava pela cidade, passando por joalherias e lojas de esqui, hotéis antiquados e cafés. Uma ladeira íngreme conduzia à porte-cochère que servia de entrada ao Belvedere. Uma cancela controlava o acesso. De ambos os lados havia uma cerca temporária de três metros de altura encimada por espirais de fita cortante. Ele viu que a cerca subia a colina e dava a volta no hotel e em seu terreno.

Bem-vindo à zona vermelha.

Jonathan freou o carro. Um guarda armado se aproximou e passou sua credencial por uma leitora portátil. A cancela levantou. Ele continuou aclive acima e passou em frente às portas giratórias. De cada lado das portas havia um grupo de soldados com submetralhadoras penduradas ao peito por uma correia. Viu, pelo retrovisor, a cancela sendo abaixada. Aos seus ouvidos, ela pareceu se fechar hermeticamente, como o cofre de um banco.

Ficou sentado ao volante, perguntando-se qual deveria ser o seu próximo movimento. Será que o encontro era dentro do hotel? Deveria ligar para Jinn ou simplesmente esperar? Era exatamente meio-dia. Nem mesmo um banqueiro suíço teria sido mais pontual. Jonathan olhou para o largo lance de três degraus acarpetados que conduzia a uma imensa porta giratória. Os guardas que ladeavam a porta curvaram-se para examiná-lo mais de perto. Um deles começou a se aproximar. Jonathan engoliu em seco, consciente do suor brotando em sua testa. Fingiu estar inspecionando as próprias unhas, tornou a verificar a gravata. O guarda havia retomado seu posto e olhava para quem chegava ao hotel como se apenas o seu olhar, e não a cerca de arame farpado de três metros, fosse capaz de manter afastado qualquer intruso.

No instante seguinte, uma confusão já estava armada. Uma enxurrada de homens morenos de terno preto irrompeu das portas giratórias. Era difícil contar quantos havia no grupo. Jonathan parou no número sete. A essa altura, já o tinha visto. Alto, refinado, elegante, uma leve barba. Um homem que se destacava em um patamar acima dos demais. Ao mesmo tempo afastado e próximo dos outros. Mas foi a expressão de raiva indignada estampada nos traços orgulhosos que Jonathan identificou e comparou com a fotografia que vira na noite anterior. Parvez Jinn.

De repente, ouviu-se um grito. Por um instante, Jonathan pensou que alguém tivesse dado o alarme. Mas não era um grito de medo. Nenhum assassino ou terrorista suicida fora localizado no radar. Muito pelo contrário. Era um grito de alegria. Parvez Jinn estava ao pé da escada, com as mãos bem cuidadas junto ao rosto, a raiva destilada por sua expressão encoberta por um ar de beatífica devoção.

– Meu carro – disse, em inglês com sotaque americano. – O S600. Mas que obra de arte.

– V8? – indagou alguém.

– V12! – disse Jinn.

No mesmo instante, a horda se precipitou na direção do carro, rodeando-o, com os olhos arregalados, as mãos se agitando acima do chassi sem se atreverem a tocá-lo. Jinn margeou o automóvel do capô até a traseira. Não poderia haver cliente com olhar mais crítico.

Jonathan abaixou a janela para garantir que ninguém visse as três marcas deixadas pelas balas do assassino. Ele próprio havia desamassado as mossas do pára-choque. Um frentista do posto de gasolina encontrara uma tinta preta do mesmo tom. Não estava perfeito, mas era preciso estar deitado de costas, debaixo do chassi, para notar a diferença. Em seguida, o carro passara por uma lavagem e um polimento, e o próprio Jonathan aplicara uma camada de lustrador nos pneus antes de entrar em Davos. Com exceção da janela, o Mercedes parecia recém-saído da fábrica.

Jonathan desceu do automóvel.

O chefe da segurança do ministro o abordou imediatamente, mas sem animosidade. Inclinou-se em uma mesura e fez questão de apertar sua mão e elogiar a beleza do carro. Com seu quase 1,90m de altura, os cabelos recém-tingidos de preto penteados e repartidos meticulosamente, o terno impecável, Jonathan era o retrato de um vendedor de carros alemão. O país da Mercedes-Benz era um antigo aliado da República Islâmica do Irã. Jinn chegou um passo atrás do segurança. Se ficou surpreso por encontrar um homem no lugar de Eva Kruger, não demonstrou. Estendeu a mão flácida para cumprimentar Jonathan e dirigiu-se a ele em inglês.

– Olá, amigo.

– Evan Kruger – disse Jonathan, segurando a mão estendida e sentindo o choque que a percorreu quando Jinn registrou o nome. O iraniano chegou mais perto, com um grande sorriso retesando os traços bonitos, e Jonathan sussurrou:

– Eva teve um acidente. Mandaram-me em seu lugar. – Então, mais alto, falou: – Teria prazer em levá-lo para um curto test drive do seu carro novo, Sr. Jinn.

Na mesma hora o segurança chegou perto do ombro de Jinn e despejou uma série de alertas em farsi. Jonathan só entendeu metade, mas captou a essência. O ministro da Tecnologia não deveria entrar no carro nem ir a lugar nenhum sem escolta. Parvez Jinn não lhe deu ouvidos. Ninguém lhe dizia o que fazer. Com um aceno de desdém, ele deu a volta no carro e sentou-se no banco do carona.

– Vamos!

Jonathan aquiesceu e abriu a porta do motorista. Tudo fazia sentido. O encontro deveria ocorrer dentro do veículo. Qualquer troca de informação precisava de um local sigiloso. O carro era

uma solução engenhosa, ao mesmo tempo um passaporte que permitia a Eva Kruger entrar em Davos e um disfarce atrás do qual Jinn podia se esconder para transmitir suas informações de traidor para o outro lado.

Quando estava entrando, Jonathan viu Hannes Hoffmann subindo a ladeira. Hoffmann ostentava uma sutura em forma de borboleta acima de um dos olhos e usava um chapéu bem enterrado na cabeça para esconder o hematoma. Os dois cruzaram olhares. Hoffmann começou a subir correndo o aclive coberto de gelo. Jonathan bateu a porta com força. O motor ganhou vida e Jinn se sobressaltou no assento, da mesma forma que acontecera com Jonathan alguns dias antes.

– Ignição automática – explicou Jonathan, representando seu papel nos mínimos detalhes. – O senhor pode programar para manual, se quiser.

– Que maravilha. – Cheio de orgulho, Jinn correu os olhos pelo interior bem-acabado.

– Estou com os presentes que Eva prometeu ao senhor – disse Jonathan, enquanto punha o carro na posição drive e tocava o acelerador com o pé. – O suéter e, é claro, seus honorários em espécie.

– Espere – disse Jinn, gesticulando para que ele mantivesse o dinheiro escondido até se afastarem do hotel.

Jonathan subiu as janelas, e o vidro escurecido ocultou o interior do carro. Hoffmann tentou forçá-lo a parar o Mercedes, postando-se no meio da passagem, mas Jonathan não tinha a menor intenção de diminuir. Apertando o acelerador, imprimiu um pouco de velocidade. Hoffmann deu um pulo para o lado e caiu sobre a neve.

Parvez Jinn estava ocupado demais admirando o sistema de navegação do painel para perceber.

65

O HELICÓPTERO SIKORSKY ATRAVESSOU o vale estreito na velocidade máxima. Ao contrário da viagem de dois dias antes, o tempo estava calmo, quase sem qualquer brisa para balançar a aeronave. O céu clareava rapidamente. Trechos de azul surgiam e desapareciam. O sol apareceu por um instante, com seus raios fortes e ofuscantes após dias de sombra incessante.

Apertando os olhos, Marcus Von Daniken falou no rádio.

– O nome é Kruger – disse ele ao agente de plantão no quartel-general de segurança do Fórum Econômico Mundial em Chur.

– Qualquer pessoa que se apresente em algum posto de controle usando esse nome ou qualquer outro parecido deve ser impedida de entrar no perímetro do Fórum. Deve ser considerada armada e perigosa. Usem a força que for necessária. Quero ela presa imediatamente. Entendido?

– Sim, senhor. Entendido.

Abaixo de si podia ver a auto-estrada de pista dupla que cortava o chão do vale e atravessava a cidade de Klosters. Os postos de controle também estavam claramente visíveis, aglomerados de homens e equipamentos dispostos a intervalos fixos dos dois lados da estrada. Dez quilômetros para cima do vale, teve a primeira visão da cidade. Davos. População: 5.500 habitantes. Altitude: 1.800 metros. O vilarejo alpino ocupava uma faixa comprida e larga na encosta da montanha. Um raio de sol se refletia no domo da igreja protestante. No alto da montanha, pôde ver a gôndola azul-vivo do Jakobshornbahn.

O rádio ganhou vida, fazendo um chiado.

– Inspetor Von Daniken, aqui é do quartel-general de segurança.

– O que houve?

– Um Kruger já chegou. Primeiro nome: Evan. Passou pelo posto de controle do vale às 10h07. Uma nova credencial foi emitida às 10h31 no posto de segurança principal.

– Você disse que emitiram uma credencial nova para o homem?

– Segundo o relatório do agente que estava no local, a credencial do Kruger estava com defeito. A causa especificada foi chip com problema. Também havia alguns dados errados.

– O que isso quer dizer?

– O nome original era Eva Kruger, mas o convidado era homem. Estava agendado para entregar um sedã Mercedes-Benz a Parvez Jinn, membro da delegação iraniana.

Jinn, o fanático iraniano. Von Daniken lembrou-se do bilhete anexado à transferência bancária de 100 mil francos suíços para Gottfried Blitz, também conhecido como Mahmoud Quitab. “Presente para P. J.” Agora sabia, quase com certeza, para quem era aquele dinheiro, embora ainda precisasse descobrir a natureza do vínculo entre os dois homens.

A mente de Von Daniken fixou-se nos artigos de jornal que ele havia lido sobre os assassinatos do criminoso de guerra bósnio e do inspetor de polícia libanês. Será que Ransom estava planejando outro assassinato? Caso estivesse, por que dera à sua futura vítima 100 mil francos e um carro novo que valia o dobro dessa quantia?

– Onde está Evan Kruger?

– Um segundo, senhor. Preciso verificar.

Enquanto esperava, Von Daniken soltou um palavrão entre os dentes.

– Está dentro da zona vermelha. Passou pela área do Hotel Belvedere oito minutos atrás.

– Mande seus homens para o hotel – disse Von Daniken. – Quero o prédio cercado quanto antes. Não se preocupem em ser discretos. Vocês têm a minha autorização. Vou aterrissar no heliponto sul daqui a quatro minutos. Mande um dos seus homens me buscar.

66

CONSTITUÍDA EM 1291, a nação da Suíça se considera a democracia mais antiga em funcionamento no mundo. O governo tem por base a tradição parlamentar bicameral e é fortemente inspirado nas Constituições norte-americana e britânica. A câmara baixa, ou Conselho Nacional, é formada por 200 representantes, eleitos proporcionalmente nos 26 cantões do país. A câmara alta, chamada Conselho dos Cantões, tem dois membros de 20 dos cantões e um membro de cada um dos seis meio-cantões restantes. Em vez de eleger um primeiro-ministro do partido de maior representação no governo para chefiar o executivo, membros das duas casas se reúnem a cada quatro anos para eleger um conselho federal com sete componentes, cujos assentos são repartidos proporcionalmente conforme a representação política de cada partido. Cada conselheiro recebe um departamento ou ministério para administrar, e o presidente é nomeado de forma rotativa a cada ano.

Embora, aos 45 anos, Alphons Marti fosse o membro mais jovem do Conselho Federal, não tinha a menor intenção de esperar seis anos para ocupar o cargo de presidente. Construíra para si uma reputação de cruzado, primeiro em seu cantão natal de Genebra, onde erradicara o que havia de crime organizado, e, mais recentemente, em nível internacional, fazendo campanha contra a prática norte-americana de rendição extraordinária.

Sentado diante da ampla escrivaninha naquela gelada manhã de sexta-feira, olhou para os documentos que tinha em mãos e soube, sem sombra de dúvida, que a informação que eles continham representava seu ingresso na presidência.

Os papéis tinham sido enviados pela Swisscom 10 minutos antes e continham uma lista de todas as ligações recebidas e feitas por números pertencentes a Marcus Von Daniken. Eram 38 chamadas no total. A maioria dos outros números pertencia a colegas de Von Daniken na Polícia Federal. Marti identificou seu próprio número em três ocasiões: às 8h50, horário em que foi distribuída a informação interceptada pelo Ônix com a lista de passageiros do avião fretado pela CIA; às 12h15, quando o jato norte-americano pedira permissão para aterrissar em solo suíço; e às 13h50, quando Von Daniken lhe telefonou para combinar a ida ao aeroporto.

Correndo um dedo pela lista de números, parou diante do código internacional 001. Estados Unidos. Código de área 703 – Langley, na Virgínia. O número pertencia à Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos.

Era a prova que Marti buscava.

Largando os documentos sobre a mesa, ligou para Hardenberg, o investigador com quem falara na noite anterior.

– Onde está Von Daniken? Preciso falar com ele.

– Um helicóptero foi buscá-lo em Zurique há 15 minutos – respondeu Hardenberg. – Ele está indo para Davos encontrar Kurt Myer.

– Davos? – A expressão de Marti se desfez. – Para quê?

– Conseguimos uma pista sobre Jonathan Ransom. Parece que ele está entregando um carro a Parvez Jinn, ministro da Tecnologia do Irã.

Marti beliscou o osso do nariz até doer.

– Já avisaram a segurança em Davos?

– Acho que sim.

– Se souber de mais alguma coisa, ligue para mim imediatamente.

Marti desligou, depois discou o número do chefe da Polícia Federal, do outro lado da cidade.

– Sim, Herr Direktor – começou. – Estamos com um problema grave. Um homem muito graduado na sua organização foi identificado agindo em nome de uma potência estrangeira. O homem que estamos procurando é Markus Von Daniken. Sim, também fiquei surpreso. Nunca se sabe em quem se pode confiar.

Ele ergueu os olhos da lista incriminadora e voltou-os para a janela. A vista se abria para o leste, na direção das montanhas.

– Em quanto tempo o senhor consegue fazer os seus homens chegarem a Davos?

67

– QUEM É O SENHOR?

Parvez Jinn estava sentado no banco do carona com as costas contraídas, acusando Jonathan com os olhos, como se ele o tivesse ameaçado de morte em vez de oferecer-lhe um test drive. Era um homem poderoso, acostumado a conseguir tudo o que desejava. O ultraje de Emma não estar presente encheu o ambiente de palpável tensão.

– Sou amigo de Eva.

– Vocês trabalham juntos?

– Há oito anos.

– Ah – disse Jinn, tentando disfarçar o desconforto provocado por aquela súbita mudança de planos. – Então a conhece bem?

– Pode-se dizer que sim. – Era tudo que Jonathan podia dizer sem revelar a própria ignorância. Cinqüenta metros adiante, um policial estava postado no meio da rua, direcionando o tráfego.

– O que houve com ela? Por que ela não pôde vir?

Jonathan olhou para Jinn.

– Ela morreu.

A notícia atingiu o outro homem como o golpe de um martelo.

– Morreu? Quando? Como? Não acredito.

– Segunda-feira. Ela estava fazendo uma escalada com o marido. Foi um acidente.

– Marido? Claro. Ela era casada. Frau Kruger. – Ele fitou o próprio colo, e Jonathan viu que estava pressionando os lábios com força um no outro.

– O senhor está se sentindo bem?

Jinn ergueu os olhos depressa.

– Estou, claro. Não sei por que estou triste, depois do que ela fez comigo.

O iraniano olhou para a frente. Seus lábios se moveram por alguns instantes, mas nenhuma palavra saiu. Sua mão apertava o braço do assento com uma força descomunal, os nós dos dedos brancos feito osso. Estava em leve estado de choque. Jonathan ficou encarando-o, sentindo ódio por ele. Tinha uma vontade enorme de dar-lhe um soco na cara e arremessar seu rosto contra a vidraça. Ele não tinha o direito de chorar a morte de Emma.

Jonathan desviou os olhos, conseguindo – não se sabe como – controlar as próprias emoções. Era fundamental desviar a atenção de Jinn de Eva Kruger – de Emma – antes que aquilo o fizesse ter um colapso. Lembrou-se da informação que descobrira no sistema Intelink. Faturas. Declarações de conteúdo. Documentos alfandegários.

– Recebeu os últimos carregamentos? – perguntou.

Jinn aquiesceu, mas levou mais alguns instantes para recuperar a voz.

– O estabelecimento em Chalus está a todo vapor – disse, com a voz débil.

– Quatrocentas cascatas. Cinqüenta e cinco centrífugas. Nós fechamos todos os outros estabelecimentos e transferimos tudo para lá para alcançar nosso objetivo.

Cascatas. Centrífugas. Um estabelecimento totalmente operacional. As desconfianças de Jonathan estavam certas. A ZIAG estava exportando ilegalmente equipamentos usados para completar o ciclo de enriquecimento de urânio. Mas por que a empresa faria isso? E em nome de quem? Se soubesse isso, estaria muito mais perto de descobrir a identidade do patrão de Emma. Lembrou-se dos artigos que lera no último ano sobre o desejo do Irã de tornar-se uma potência nuclear.

– Qual a sua produção? – perguntou.

– Quatro quilos por mês enriquecidos a 96%.

– Estão satisfeitos com isso? Não conseguem chegar a 100%?

Jinn lançou-lhe um olhar de desdém.

– Noventa e seis já é muito mais do que o necessário. Achei que fosse ficar impressionado.

– Estou... quero dizer... estamos. – Jonathan tinha a sensação de estar andando por uma casa desconhecida no escuro, sempre a meio passo de esbarrar em algum móvel ou derrubar um vaso no chão. Precisava tomar mais cuidado. Caso Jinn desconfiasse de que ele não trabalhava com Eva Kruger, não poderia imaginar o que seria capaz de fazer.

– E a outra parte?

– Que outra parte? – Jinn estava ficando nervoso. Seus olhos já não viam Jonathan com a mesma simpatia.

O instinto dizia a Jonathan que a finalidade daquele encontro não era conversar sobre o status atual do Irã. Aquilo fora organizado por outro motivo. Imaginou que fosse algum suborno. O dinheiro e o carro em troca de “Ouro”. E “Ouro” tinha de ser alguma informação. Jinn não tinha mais nada a oferecer.

– O senhor sabe – disse Jonathan, sugestivo.

– Se está perguntando se eu consegui o que vocês pediram, pode ficar tranqüilo. Que escolha vocês me deram?

Jonathan olhou de viés.

– Todos nós temos um trabalho a fazer.

Jinn deu um riso sem alegria.

– O senhor sabia que eles obrigam os ministros a verem os espiões serem executados? Os franceses chamam isso de pour encourager les autres. Para incentivar os outros. – Não esperou resposta. Estava embalado, e Jonathan tomou cuidado para não atrapalhar seu ritmo. – Se você for pego, eles começam com a sua família. Pegam primeiro o mais novo. Uma prática bastante clemente, se você estiver descrevendo uma patrulha de fuzilamento. Pasha está com 8 anos. A próxima vai ser Yasmin. Ela fez 13 na semana passada. Segundo a nova lei, vai ter de começar a usar um xador sempre que aparecer em público. A última moda são os lenços pretos da Her-

mès, em Paris. Não se esqueça de informar isso aos seus analistas da Virgínia, de Londres, de Tel Aviv ou de qualquer outro buraco de onde o senhor tiver saído.

Ele esfregou os olhos, um gesto de cansaço que mostrava estar à vontade e conformado com a própria situação.

– Mas, afinal, onde foi que vocês a encontraram? – perguntou. – Ela é produto de alguma escola de doentes que vocês montaram para tirar vantagem de homens como eu? É isso? – Era outra pergunta retórica. Jinn já sabia todas as respostas. Havia pensado nos mais cruciantes detalhes da própria situação e parecia aliviado por poder compartilhá-las com outro homem. – Sabe o que é mais engraçado? – continuou, sem sorrir. – É que, até hoje, parte de minha pessoa acha que ela gostava de mim. Apesar de tudo. Apesar das ameaças. As fotos contam como chantagem ou como extorsão? Ou terão sido os extratos bancários? Todos aqueles subornos que ela insistiu para eu aceitar... Morreu durante uma escalada, não é? Não acho que poderia ter sido de outra maneira.

Jonathan não tinha resposta para aquilo. Sentiu como se tivesse falado diretamente para ele. O sinal ficou verde e ele seguiu pela principal via da cidade, chamada Promenade, passando por uma entrada que conduzia à estação de trem. Jinn parecia ter conseguido se controlar. Empertigou-se no assento e sentou-se com a postura do fanático pelo qual se fazia passar.

– Voltemos ao que interessa – disse. – O dinheiro, Sr. Kruger, por favor.

Jonathan lhe passou o envelope. Havia reposto o dinheiro que gastara, com fundos tirados de sua própria conta.

– Cem mil francos suíços.

– A transferência foi feita para minha conta em Zurique?

– Claro – respondeu Jonathan, embora não soubesse a que transferência Jinn estava se referindo.

– Os 20 milhões?

– Sim.

– São para meus filhos, sabe – explicou Jinn. – Só posso mexer nesse dinheiro quando eu sair do país.

O iraniano tirou um flash drive do bolso do paletó e pousou-o sobre o console do carro.

– Está tudo aí dentro. A localização dos nossos foguetes. As centrais de armamento. Estabelecimentos de produção. Uma planta da nossa estação nuclear de A a Z. Sei o que vão fazer com isso. Vocês erraram no Iraque. Não vão repetir o mesmo erro. Já têm a sua prova. Desta vez, ninguém vai poder dizer que não tiveram um bom motivo.

– Nossa prova?

– Sim, quem quer que sejam vocês. Americanos, britânicos, israelenses, pouco importa. Vocês todos querem a mesma coisa. Guerra.

Jonathan tinha lido o suficiente sobre Jinn nos jornais para ter uma idéia de como ele devia ter sido recrutado. Tudo começara durante uma das viagens de Jinn ao Ocidente. Como oficial júnior do Ministério da Tecnologia, seu trabalho era reunir-se com empresários ansiosos para estabelecer relações comerciais com o Irã. Teria o primeiro encontro acontecido em Beirute ou em Genebra? Ou em algum lugar que Jonathan ainda iria descobrir? Não fazia diferença. No início, devia ter sido apenas uma sugestão. Uma observação discreta passada durante alguma reunião. Por um preço, a ZIAG podia providenciar a exportação de determinadas "tecnologias controladas". É claro que fora Eva quem mencionara a questão. A atração devia ter sido irresistível para um homem como Jinn. Desde o início, ele provavelmente vislumbrara as possibilidades. Uma chance de subir de posto. De tornar-se um patriota do mesmo gabarito de A. Q. Khan, o engenheiro paquistanês que dera a bomba a seu país. Um herói nacional, até. Tudo isso aliado aos favores de uma mulher diferente de qualquer outra que ele já conhecera. Ele aceitou a oferta sem pestanejar.

No início, seu relacionamento devia ter se mantido profissional. Eva, Hoffmann e Blitz se certificavam de que os carregamentos chegassem sem percalços. Era fundamental consolidar a reputação de Jinn junto a seus superiores. Fora uma ascensão meteórica sob todos os aspectos. Em seis meses, Parvez Jinn se tornou ministro da Tecnologia. Como ministro, tinha mais liberdade para viajar. Sem dúvida, visitou a fábrica da ZIAG na Suíça. Visitas que coincidiam com os "safáris-relâmpago" de Emma, suas viagens de última hora para obter suprimentos em lugares desconhecidos. Foi durante uma dessas visitas à fábrica que Eva Kruger atacou. Talvez ela tenha sugerido uma ida a Berna para continuar sua conversa em um ambiente mais reservado. Conversa que incluiu uma visita ao seu apartamento, copinhos gelados de vodca polonesa e o que quer que tenha vindo depois. Era o truque mais antigo do mundo. Depois de conseguirem fotografias, passaram também a subornar Jinn. Transferências para a conta de Zurique. Até mesmo os aiatolás poderiam compreender que um homem sucumbisse a uma mulher como Eva. No entanto, jamais aprovariam o fato de ele ter aceitado suborno.

Jinn estava condenado.

Jonathan olhou para o funcionário público iraniano sentado ao seu lado, que contava ansiosamente seu dinheiro. "Seu filho de uma puta, coitado de você", pensou, com um ódio ainda mais intenso pelo homem. "Você não era páreo para a minha mulher."

– Só isso? – perguntou Jonathan, pegando o flash drive.

– São as plantas do programa nuclear do meu país. Acho que deve bastar.

– Não está deixando nada de fora? Podemos parar para verificar. Tenho todo o tempo do mundo.

– Tem mais uma coisa – disse Jinn. – Um ano atrás, nós conseguimos quatro mísseis teleguiados de fabricação russa KH-55. Os mísseis estão armazenados na Base Aérea de Karshun, no golfo. Cada um tem uma ogiva de 10 quilotons. Se os nossos estabelecimentos de enriquecimento de urânio forem atacados, não vamos hesitar em usar esses mísseis. O plano é bombardear Jerusalém e as plataformas de petróleo de Ghawar. Nosso presidente deve fazer um anúncio na semana que vem. Estou aqui para preparar o terreno. Diga aos seus líderes para pensarem duas vezes antes de agir.

– Vou transmitir a informação.

– Então? – indagou Jinn. – Onde estão as fotos? Onde está o meu passaporte? Preciso saber que posso sair. Cansei de ser o seu capacho. Eva prometeu me entregar tudo.

Jonathan lhe entregou o passaporte francês.

– Vai ter que esperar pelas fotografias. Estavam com Eva. Mas não precisa se preocupar. A operação termina aqui. Ninguém vai mais incomodá-lo.

Foi então que ele percebeu a confusão à sua frente. Um grupo de soldados ocupou o centro da rua, posicionando barreiras de controle de multidão nas duas pistas. Policiais encheram a calçada, bradando instruções para os pedestres. Algumas pessoas correram na outra direção. Outras se encolheram junto à parede, em atitude de pânico. Algumas chegaram a se jogar no chão e cobrir a cabeça com as mãos.

O telefone de Jinn tocou. Ele atendeu com um grunhido. Seus olhos se voltaram depressa para Jonathan. Depois de 10 segundos agonizantes, desligou.

– A polícia cercou o hotel – disse Parvez Jinn. – Estão procurando o homem que entregou o Mercedes. Parece, meu amigo, que você me matou.

68

JONATHAN MANTEVE OS OLHOS FIXOS À FRENTE. Um grupo de policiais avançava pelo meio da rua, as armas em punho apontadas para o Mercedes. Olhando pelo retrovisor, viu mais policiais se aproximando pela retaguarda. Ouviu o rugido do motor de um helicóptero acima do carro. Um homem compacto, de ar determinado, usando terno e sobretudo, destacou-se da multidão à sua frente. Tinha olheiras debaixo dos olhos, mas a energia em seu passo era inconfundível, bem como a raiva que ele mal conseguia esconder. Era o mesmo policial que comandara a invasão da entrada de garagem da Villa Principessa, dois dias antes.

– Para quem você trabalha? – perguntou Jinn. – CIA? MI6? Mossad? Um homem tem o direito de saber quem vai matá-lo.

– Não trabalho para nenhum deles.

– Como assim?

– Sou o marido dela.

– Marido de quem?

Jonathan lançou um rápido olhar de relance para Jinn.

– De Eva Kruger.

– Mas... – Os traços de Jinn se encobriram. – Me dê isso – exigiu. – Me dê o flash drive.

– Desculpe – disse Jonathan. – Não vai ser possível negociar isso.

– Mas a polícia vai encontrar... todo mundo vai saber que fui eu quem lhe dei. Preciso recuperar isso.

– Sinto muito.

Jonathan olhou para a falange de policiais e soldados que se movia na sua direção. O tempo inteiro seu plano era entregar-se uma vez que dispusesse de provas. Agora, no entanto, tinha em seu poder um flash drive contendo todo o programa nuclear iraniano e, ao seu lado, um espião que poderia confirmar todas as suas alegações em relação aos acontecimentos dos últimos dias; ainda assim, percebeu que isso tudo não bastava. A polícia iria confiscar o flash drive. Jinn voltaria para junto de sua delegação e seria conduzido para fora do país. Mas e Jonathan? Ele seria abandonado à própria sorte, com uma pena variando entre 20 anos e prisão perpétua.

Só havia uma forma de escapar. Jonathan precisava sair da cidade. Precisava entregar o flash drive para as únicas pessoas que saberiam o que fazer com ele.

Engatando a marcha a ré, começou a recuar, esquivando-se da fileira de carros parados. Depois de 20 metros, freou, pôs a alavanca na posição drive, girou as rodas e acelerou por uma rua lateral. Instantes depois, sirenes começaram a soar. Pôde ver vários soldados se ajoelhando na rua de trás, com as metralhadoras apoiadas no ombro. Era um tiro fácil: 30 metros de distância, sem obstáculos à frente, reto como uma flecha. Mas ninguém disparou. Não havia necessidade. A cidade estava toda cercada.

Jonathan pressionou o acelerador e o Mercedes subiu a toda a ladeira acentuada. Virou à esquerda no alto da encosta. Seguiu em paralelo à Promenade, passando por chalés e apartamentos. Era apenas uma questão de tempo para fazerem-no parar. Ainda assim, o que precisava era justamente de tempo. Tempo para pensar. Planejar. Conspirar. Ele agora era um deles. Um membro da equipe de Emma. Um profissional.

– Pare! – gritou Jinn. – Vai matar nós dois!

Jonathan olhou para ele com o rabo do olho.

– Não é com você que estou preocupado.

Um carro de polícia entrou na rua atrás deles e manteve distância, contentando-se em fechar um dos lados da armadilha. Jonathan virou na esquina seguinte. A via se estreitava até virar praticamente pista única. Pinheiros cresciam mais acima. Não estava mais na área oficial do Fórum. Naquela parte do vilarejo, a neve não fora retirada. O gelo cobria o asfalto que se curvava aclive acima, na direção de uma floresta sombreada, antes de terminar abruptamente. Uma parede de neve impedia a passagem. Jonathan pisou firme no freio e o carro deu uma rabeada antes de parar.

Jinn tentou abrir a porta para fugir. Jonathan fechou a tranca central e empurrou o iraniano para junto do banco com o braço direito.

– Fique aí!

Deu ré pela rua, a tempo de ver um carro de polícia impedindo a manobra. À sua direita havia um pasto. À sua esquerda, uma trilha de caminhada. Jonathan deu um tranco com o volante para a esquerda e acelerou pela trilha. Cercas de madeira margeavam os dois lados. O caminho descia, tornava-se plano, em seguida mergulhava encosta abaixo. O carro ricocheteava para a esquerda e para a direita, batendo nas cercas. Por incrível que parecesse, sua respiração estava calma, as batidas do coração mal se alteraram. A neve era o seu elemento. Em vez de entrar em pânico, entregou-se a um impassível autocontrole. Segurava o volante sem força, guiando a frente do carro para a esquerda e para a direita, sem fazer movimentos mais bruscos.

– Cuidado! – gritou Jinn.

Bem à sua frente, mãe e pai arrastavam os filhos pequenos pela trilha, em dois trenós. Jonathan pisou no freio, fazendo o carro derrapar para a esquerda, mas sem diminuir em nada a velocidade. Colou a mão na buzina. O casal olhou para trás, aterrorizado, e começou a correr. Uma das crianças olhou por cima do ombro, sorriu e acenou.

Jonathan tornou a pisar no freio, o que só fez aumentar o descontrole do veículo. Não havia como pará-lo.

O Mercedes percorreu rapidamente a distância que havia entre eles. Vinte metros separavam o carro da família. Quinze. Dez. A mãe escorregou e caiu. Sua boca se abriu em um grito mudo.

Uma trilha surgiu à direita.

Jonathan girou o volante. A traseira do Mercedes derrapou. Ele tocou de leve o acelerador e o carro tornou a se estabilizar. Os pneus aderiram ao chão e a dianteira se projetou para a frente. Mas somente por poucos instantes. Diante dele, a trilha prosseguia montanha abaixo, mas agora banhada pelas sombras de uma profusão de pinheiros. A neve se transformou em gelo. Os pneus perderam toda a aderência. Ele estava escorregando, inteiramente descontrolado. A traseira do carro deslizou para a direita, depois para a esquerda, seguindo em um ângulo de 45 graus enquanto eles se precipitavam de costas ladeira abaixo, cada vez mais depressa.

Jinn continuava sentado, com os olhos arregalados e uma das mãos colada no teto, aos berros.

O carro deu um pulo ao passar por cima da borda da trilha. Colidiu contra um objeto duro e ricocheteou nele como uma bola de bilhar na borda da mesa. Jonathan viu passar o clarão de uma cabana. Tudo se movia depressa demais. Ele agarrou o volante com força e se segurou. A traseira do carro quicou violentamente e, de repente, o terreno se nivelou. O barulho de colisão

cessou e fez-se silêncio. Jonathan percebeu que haviam levantado vôo. A parte de trás do carro começou a despencar. O capô se ergueu como uma onda negra à sua frente, e ele piscou quando o sol bateu em seus olhos. Com um baque terrível, o carro aterrissou, virou de lado, capotou uma, duas vezes, e depois parou de cabeça para baixo.

Jinn estava desmaiado, de olhos fechados. Havia mordido o lábio e sua boca sangrava, mas fora isso não parecia ferido. Jonathan forçou a porta com o ombro para abri-la e rolou até o chão. Seus ouvidos zumbiam e o braço esquerdo estava dormente. Trêmulo, ele se ajoelhou. O Mercedes havia despencado de uma plataforma, rolado por um curto declive e ido parar em um pequeno pasto. O ar estava coalhado com o som de vaivém de dezenas de sirenes, todas rumando na sua direção. Podia ver suas luzes azuis piscando na trilha da floresta acima dele. Piscou os olhos e percebeu que estava vendo dobrado. Sinal claro de concussão. Apertou os olhos, e sua visão se normalizou.

Olhando para baixo da montanha, pôde ver alguns trechos da Davosstrasse entre os fundos de lojas e prédios. Esforçou-se para ficar em pé e cambaleou na direção das lojas. Tonto e atordoado, ainda teve presença de espírito suficiente para tatear à procura do flash drive.

Felizmente, estava lá.

Um sopro cálido de ar tocou-lhe as costas e, de repente, ele foi suspenso no ar. Aterrissou de bruços, com o rosto enterrado na neve. Ergueu-se sobre um dos cotovelos e olhou por cima do ombro. O Mercedes estava envolto em chamas, com as janelas estouradas e o capô vergado em forma de A.

Jonathan não sabia o que acontecera, se o tanque de gasolina havia explodido ou se fora alguma coisa mais sinistra. Atrás do carro em chamas, na encosta que dava para a campina, um carro de polícia parou. Um homem saltou.

– Dr. Ransom! – gritou. – Parado. O senhor não tem para onde ir.

Era o agente de Ascona, o mesmo policial grisalho que ele vira na rua poucos minutos antes.

Jonathan saiu correndo.

69

VON DANIKEN COMEÇOU A DESCER A ENCOSTA. A neve estava na altura dos joelhos, úmida, e cobria inteiramente seus sapatos de couro. Ele nem ligou. Cobraria um novo par na conta do departamento. Levou a mão à pistola, depois tirou-a. Em 30 anos de serviço, nunca puxara a arma, e não via motivo para começar a fazê-lo agora.

Um segundo carro de polícia parou na estrada atrás dele. Vários agentes à paisana saltaram. Todos de terno. Não reconheceu nenhum deles. Sem dúvida, eram da polícia local.

Virou-se para Myer.

– Mande um rádio pedindo um cordão de isolamento na Davosstrasse para garantir que Ransom não volte para a rua principal.

– Inspetor-chefe Von Daniken – chamou alguém.

Von Daniken olhou por cima do ombro. Aquela voz... conhecia aquela voz. Estudou os homens com atenção. Nunca vira nenhum deles antes.

– Fique onde está – disse a voz conhecida. – Temos um mandado para sua prisão.

Von Daniken não acreditou nos próprios ouvidos. “Essas palavras são minhas”, pensou ao mesmo tempo que identificava a voz. Viu a figura magra emergir do meio dos carros. A tez pálida. Os cabelos compridos demais para um homem da sua idade.

– A acusação é de conspirar com um serviço de inteligência estrangeiro – disse Alphons Marti mais acima na encosta. – Volte para o carro, Marcus, para eu não ter que mandar meus homens algemarem você.

Von Daniken continuou a avançar pela neve. Um mandado para minha prisão. Que ridículo. Mesmo assim, no fundo, estava esperando por isso. Não apenas por causa do que Tobi Tingeli lhe revelara naquela manhã, embora isso tivesse sido a gota d’água. Já tinha entendido tudo duas noites antes quando Marti se recusara a deixá-lo chamar a polícia para procurar o avião teleguiado.

Olhou para Kurt Myer, mas Myer também estava sendo levado e forçado a entrar no banco de trás da viatura de polícia.

– Está me acusando de ser um espião? – perguntou Von Daniken.

– Eu deixo a lei acusar. Meu trabalho é apenas cumpri-la.

Von Daniken olhou para Ransom e depois para Marti. A essa altura, vários homens de Marti já estavam descendo a encosta. Um deles, inclusive, de arma em punho. O americano corria na direção oposta, para longe do carro.

– Não vai detê-lo? É ele que nós queremos!

– Hoje, não, Marcus. Hoje o nosso suspeito número um é você.

Uma pequena multidão já havia se reunido pelos arredores do campo. Várias pessoas corriam na direção do carro, inclusive um homem com um extintor de incêndio. Ransom se esquivava entre elas, diminuindo o passo até começar a andar, cada vez mais perto da liberdade.

Von Daniken começou a atravessar o campo, apressando o passo, prestes a correr.

– Ransom – chamou. – Pare! Está me ouvindo?

A cada segundo, mais soldados e policiais chegavam à cena. Não menos de 10 homens uniformizados vinham subindo pelo lado oeste da campina, espalhando-se para cercar o veículo em chamas. Von Daniken acenou para eles.

– Ele está ali – gritou, apontando na direção de Ransom. – De terno escuro. O homem alto de cabelos pretos.

Os olhos dos policiais iam de Von Daniken a Marti. Todos conheciam de vista os membros do Bundesrat. Como um dos sete indivíduos que compunham o Conselho Federal, responsável por governar o país, Marti era uma importante figura nacional. Os policiais não podiam desobedecer-lhe.

Marti bradou um comando para um dos ajudantes, que mandou uma mensagem por rádio em seu walkie-talkie. O grupo de soldados ignorou Ransom e convergiu para Von Daniken. Levando as mãos aos joelhos, o chefe do Serviço de Análise e Prevenção, um dos agentes de segurança pública mais graduados do país, parou onde estava e esperou a chegada dos policiais como um criminoso comum.

– Tudo bem – disse, ofegante. – Um minuto só.

Marcus Von Daniken endireitou-se e olhou para o campo coberto de neve. Em meio ao branco ofuscante, o contorno de uma pessoa de preto, escura como as asas de uma gralha, se destacava. Em seguida desapareceu.

Ransom havia escapado.

70

JONATHAN FOI SE ESGUEIRANDO de sombra em sombra, escondendo-se em cantos escuros e recuos de porta, em becos úmidos e passagens desertas. Sua cabeça doía por causa da explosão, e tinha certeza de que havia machucado algumas costelas. Mas estava livre, e a liberdade era um tônico energizante. Ele tinha apenas um objetivo: sair da cidade.

Deixando para trás Jinn e o carro em chamas, Jonathan se perdera no meio da multidão de espectadores atraídos pela detonação. Passara por uma dezena de policiais. Nenhum deles lhe deu uma segunda olhada. Era a explosão, claro. Correra a notícia de que o suspeito estava num Mercedes preto, o qual se encontrava deformado e pegando fogo. Todos os olhos se dirigiam para o fogaréu crepitante e os pobres imbecis encurralados lá dentro.

Foi seguindo por uma rua lateral escorregadia de gelo escuro. Estava ansioso para se distanciar do centro da cidade. Havia ainda mais policiais patrulhando as calçadas do que quando ele chegara. Nenhum minuto se passava sem que um soldado ou policial surgisse do nada e passasse correndo por ele subindo a encosta. A coluna de fumaça preta parecia um farol. As equipes de segurançase precipitavam na direção da zona vermelha como se ela fosse um campo de batalha.

Ele passou por várias casas, por uma oficina de carros e por um ateliê de eletricista. Era difícil caminhar de forma casual. Metade de si desejava correr feito um louco e a outra metade queria rastejar para dentro de um porão, encolher-se e ficar escondida. O pior era um desejo quase incontrolável de olhar para trás para ver se estava sendo seguido. Várias vezes, tivera certeza de que havia alguém atrás dele, mas, ao vasculhar a calçada, não conseguira ver ninguém.

Atravessou a rua e desceu um caminho de pedestres íngreme que passava entre vários chalés. No pé da ladeira, o caminho se alargava. À esquerda se erguia um estádio de hóquei no gelo ao ar livre. À direita, uma rua que conduzia à estação de trem. Vários carros de polícia estavam estacionados junto aos trilhos. Ele não sairia de Davos de trem.

Pensou para onde deveria ir. Quanto mais movimentada a estrada, mais probabilidade de esbarrar com a polícia. Precisava de calma. Precisava pensar. Pulou uma cerca baixa que margeava uma cabana de madeira comprida, de telhado baixo. O cheiro forte de estrume emanava através das paredes rústicas, feitas de toras de madeira. Escutando o leve ruído das vacas no interior, seguiu até os fundos.

Estacou abruptamente.

De novo a mesma coceira na nuca. Tinha certeza de estar sendo observado.

De costas para a parede, esticou a cabeça pela quina da cabana e olhou para o caminho que acabara de percorrer. Mais uma vez não viu ninguém.

Recostou-se na madeira, dizendo a si mesmo para se acalmar. Tirou o flash drive do bolso. Era sua chave para a liberdade. Mas ainda havia uma pergunta sem resposta: quem tinha a fechadura?

Controlou-se, decidindo os próximos passos. Encontraria algum lugar para abastecer-se, esperaria anoitecer e, então, subiria a montanha. A maioria dos pronunciamentos ocorria depois das seis da tarde. Com tantos visitantes para a Kongresshaus, a cidade estaria mais calma e, com sorte, a presença policial reduzida. Depois de passar pela Promenade, o resto do caminho seria mais fácil. A cerca externa ao redor da cidade quase não chegava a dois metros de altura. Poderia pulá-la em 10 segundos. Sairia do vale pelas montanhas. Na manhã seguinte estaria em Landquart, onde tudo aquilo havia começado. De lá, pegaria um trem ou uma carona até Zurique.

Jonathan congelou, certo de estar sendo observado.

Virando-se na direção da rua, viu-se face a face com um homem compacto, bem mais baixo que ele. Usava uma roupa de esqui escura, mas Jonathan pôde ver que não era esquiador. Os olhos negros o fitavam com um ar intri-

gado, como se alguém lhe devesse uma explicação. Jonathan reconheceu o rosto na mesma hora. Era o sujeito do trem.

O assassino projetou o braço para a frente, com um punhal na mão. Jonathan se esquivou para a direita, empurrando o homem com força para o lado. Uma faca. Mas é claro. Ninguém poderia passar pela segurança com uma arma de fogo. O assassino chocou-se contra a parede e caiu ajoelhado.

Jonathan sabia que não podia lutar. Já havia arriscado a sorte duas vezes nos últimos dias e, nas duas vezes, saíra machucado. Na sua opinião, tinha dois pontos contra ele.

Saiu correndo.

Margeou a cabana de vacas no sentido do comprimento, cortando caminho entre ela e o celeiro anexo. Logo estava novamente em uma rua asfaltada, correndo o mais rápido que podia. Dali a 100 metros, chegou a uma bifurcação. Decidiu escolher o caminho que subia a colina. À sua frente, podia ver os carros e pedestres que enchiam a Davosstrasse. Olhou por cima do ombro. A rua estava vazia. O assassino tinha desaparecido. Jonathan parou de correr e passou a andar.

Dois carros de polícia estavam parados no final do quarteirão. Atrás deles erguia-se uma cerca de segurança coberta de arame farpado. Era um posto de segurança que controlava o acesso da zona verde à zona vermelha.

Jonathan esgueirou-se para trás da garagem de uma empresa distribuidora de bebidas. Barris de chope estavam empilhados de quatro em quatro, fileira sobre fileira. Ele se abaixou e entrou no labirinto de caixotes e barris, serpenteando para lá e para cá, até chegar a um beco sem saída. Sem ter para onde ir, soltou um dos caixotes e sentou-se. Por enquanto, estava seguro.

Apertou o casaco em volta do corpo e pensou nas alternativas de que dispunha. A lista era tão curta que o deixava deprimido. Não podia mais esperar até escurecer. Se o assassino o encontrara uma vez, tornaria a fazê-lo. Esconder-se não era uma opção. Mergulhado em sombras, Jonathan começou a tremer.

Se ao menos pudesse esperar escurecer... aguardar a hora dos pronunciamentos...

Paul Noiret tinha uma palestra sobre corrupção no Terceiro Mundo marcada para aquela noite. Se Paul estava na cidade, Simone também estava.

Deixando de lado o pessimismo, Jonathan tirou do bolso o telefone de Blitz e fez a ligação.

– Allo.

– Simone – disse ele, ofegante. – É Jonathan.

– Meu Deus, onde você está?

– Em Davos. Estou com problemas. Onde você está?

– Também estou aqui, claro. Com Paul. Você está bem?

– Por enquanto, estou. Mas tenho que sair daqui.

– Por quê? O que houve? Você parece assustado.

– Está vendo aquela nuvem de fumaça para os lados do Belvedere?

– Está bem do outro lado da rua em frente ao meu hotel. Você ouviu a explosão? Paul e eu achamos que foi uma bomba. Ele não me deixa sair do quarto.

– Talvez tenha sido mesmo uma bomba.

Ao pensar na explosão, ele percebeu que não havia motivo para o tanque de gasolina ter explodido e que a detonação foi muitas vezes maior do que a que poderia ter sido provocada por meio tanque de gasolina. Sua força o fizera pensar em um disparo de artilharia. Alguém plantara uma bomba no carro. Ele não sabia o que a detonara nem por que a polícia no posto de controle não conseguira achar os explosivos. Tudo que sabia era que a explosão havia feito o motor de um carro blindado ser lançado para fora e torcera o capô até deixá-lo do formato de uma barraca de acampamento.

– Você está querendo dizer que sabe alguma coisa sobre isso? – perguntou Simone.

– Eu estava no carro 30 segundos antes de ele explodir. Escute, Simone, preciso da sua ajuda. Paul veio de carro?

– Veio, mas...

– Escute um instante. Se não puder fazer o que estou pedindo, eu vou entender. – Jonathan se forçou a falar devagar. – Preciso que você me tire da cidade. Preciso de uma carona até Zurique. Se você sair agora, pode estar de volta a tempo do pronunciamento do Paul.

– O que vou dizer a ele?

– Diga a verdade.

– Mas eu não sei qual é a verdade.

– Eu conto tudo para você no carro.

– Jon, você está me colocando em uma posição difícil. Eu disse a você para sair do país.

– Vou sair assim que chegar ao consulado americano.

– Consulado americano? Mas por quê? Tudo que eles vão fazer é entregar você para a polícia suíça.

– Talvez sim. Talvez não. Tenho uma coisa que me proporcionará um pouco de tempo.

– Que coisa? Finalmente conseguiu sua prova?

– Não importa – disparou ele, perdendo a paciência. – Você pode?

– Não posso contar ao Paul. Ele não vai deixar.

– Onde ele está agora?

– Com os colegas, preparando o pronunciamento.

– Faça isso por Emma.

– Onde você está?

– Desça a Davosstrasse até passar pelo escritório de turismo. Vire à esquerda e desça até o pé da ladeira. Vai ver um celeiro velho no final da rua à sua esquerda, com uma manjedoura na frente e um trator enferrujado nos fundos. Vou estar esperando aí.

Simone hesitou.

– Está bem, então. Me dê cinco minutos.

♦ ♦ ♦

Um Renault prata parou ao lado do celeiro pontualmente. Simone abaixou o vidro da janela.

– Jonathan – chamou. – Você está aí?

Jonathan esperou alguns segundos, com os olhos grudados na rua atrás dela, esperando para ver se alguém a seguira. Depois de ver que nenhum carro se aproximava, esperou mais um pouco. Tinha certeza de que o assassino estava por perto.

Por fim, saiu abaixado de trás da cabana do outro lado da rua e correu até o carro.

– Abra o porta-malas – disse, batendo no vidro do carona com o nó dos dedos.

Simone se sobressaltou.

– Rápido – disse ele. – Tem alguém me seguindo.

– Quem? Onde? Está vendo alguém?

– Não sei exatamente onde, mas ele está por perto.

– Estão dizendo que tinha um ministro iraniano dentro do carro na hora da explosão. Parvez Jinn. Ele ia fazer o pronunciamento de abertura hoje à noite.

Jonathan aquiesceu.

– A mala – repetiu.

– Diga-me no que estou me metendo.

Ele não podia.

– Eu estava no lugar errado na hora errada. Vamos. Rápido!

Simone pensou um pouco, depois gesticulou indicando que ele entrasse. Instantes depois, abriu o porta-malas.

– Pare em Landquart e me deixe sair – falou ele. – Aí explico tudo a você.

Com isso, andou apressado até a traseira do carro, acomodou-se dentro do porta-malas e fechou-o.

71

– ESTOU COM ELE – disse Simone Noiret baixinho no celular. – Pego você onde a gente combinou.

Ela desligou, em seguida abaixou o volume do rádio do carro.

– Como você está aí atrás? – gritou por cima do ombro. – Está me ouvindo?

Uma voz abafada e duas batidas foram a resposta. O porta-malas podia ser apertado, mas havia oxigênio mais do que suficiente para a curta viagem. Afinal de contas, ela não planejava levar Ransom até Zurique.

Simone Noiret passara mais de dois anos trabalhando para se infiltrar na Divisão. Era estranho pensar em voltar-se contra o próprio país, mas o mundo decididamente era um lugar estranho nos últimos tempos. As rivalidades eram tão acirradas entre organizações quanto entre nações inimigas.

Nascida Fatima Françoise Nasser, no Queens, em Nova York, ela era filha de mãe argelina, de origem francesa, e pai egípcio. Suas lembranças mais antigas eram sobre dinheiro ou, mais especificamente, sobre discussões em relação à falta de dinheiro. Seu pai era um pão-duro nato. Quando ela pensava na luta que era arrancar míseros 10 dólares de suas malditas mãos, chegava a suar. Alistara-se no exército aos 18 anos porque o irmão se alistara antes dela. Suas habilidades lingüísticas a fizeram entrar para a Inteligência. Além de francês, árabe e inglês, também falava farsi. Fez seu treinamento no Forte Huachuca, no Arizona, e no Instituto de Línguas de Defesa do Exército, em Monterrey, e depois foi enviada para a Alemanha. Antes de sair, foi promovida à faixa salarial E-5. Com o dinheiro que havia economizado e a ajuda do exército para pagar o curso, estudou na Universidade de Princeton e graduou-se com louvor em Estudos do Oriente Médio.

Menos de um mês depois, recebeu um telefonema pedindo-lhe que comparecesse a uma reunião com um representante da CIA em Manhattan. Ele logo vendeu seu peixe. A diretoria de operações estava de olho nela desde a sua época no Exército. Estavam lhe oferecendo um posto no estrangeiro. Tratava-se pura e simplesmente de espionagem. Não do tipo que se vê no cinema, mas espionagem para valer. Ela faria um curso no centro de treinamento da CIA, perto de Williamsburg, Virgínia, conhecido como "The Farm", ou "A Fazenda". Caso fosse aprovada, seguiria para um treinamento mais avançado, como agente clandestina. Ele precisava de uma resposta em 24 horas. Simone disse sim no ato.

Isso fazia 11 anos.

Fora o almirante Lafever, vice-diretor de operações, quem a chamara para fazer parte de sua cruzada pessoal contra a Divisão. Não era um pedido que se pudesse recusar e, de toda forma, ela estava ansiosa por um novo desafio. Todos os registros de seu trabalho para a CIA foram expurgados. Uma lenda se criou, na qual lhe foi atribuída a identidade de uma professora itinerante, parte de um grupo de europeus desenraizados que corre de país em país ocupando vagas disponíveis em alguma escola americana. O trabalho de seu marido no Banco Mundial funcionava como disfarce natural.

Simone chegou a Beirute um mês antes de Emma. Para que ficassem amigas, ajudou Emma a arranjar uma sede para a missão da Médicos Sem Fronteiras, que lhe servia de disfarce. A amizade aconteceu naturalmente. Afinal, as duas tinham muita coisa em comum. Eram, por assim dizer, farinha do mesmo saco. Não demorou muito para que começassem a se falar diariamente.

Durante todo esse tempo, Simone observou.

Um a um, foi identificando os membros da rede de Emma, embora não a tempo de evitar o bombardeio ao hospital, que tirara a vida de um inspetor de polícia libanês envolvido na investigação do assassinato do ex-primeiro-ministro.

Em Genebra, Simone continuou seu trabalho, mas fazia apenas um mês que identificara Theo Lammers como membro da nova rede de Emma. Dessa vez, Lafever não hesitou em agir. Ela sempre havia imaginado que, em

algum momento, assassinatos poderiam vir a fazer parte daquele trabalho. Em suas missões anteriores, geralmente faziam.

Simone passou pelos dois postos de controle sem incidentes. Em cada um deles, parou e mostrou a credencial. Em cada um deles, certificou-se de encarar o guarda nos olhos, embora não exatamente de forma respeitosa. E, em cada um deles, foi rapidamente liberada.

Em vez de virar à direita quando chegou ao cruzamento com a auto-estrada que seguia para oeste rumo a Landquart, e depois a Zurique, ela guiou o carro para leste, entrando mais no vale. A estrada era suficientemente sinuosa para convencê-la de que Jonathan não tinha como saber em que direção estavam viajando. Mesmo que soubesse, não importava. O porta-malas estava trancado.

Ele não iria a lugar nenhum.

72

ALPHONS MARTI ESTAVA EM PÉ no alto da colina que dava para a campina com as mãos no bolso do casaco, como um general vitorioso.

– Você achou que eu não fosse verificar quem avisou à CIA? Sabe como eu queria pegar os americanos. Já faz tempo demais que eles estão usando o nosso espaço aéreo para levar suspeitos até suas prisões secretas. Fico doente só de pensar nos inocentes que já capturaram, nas vidas que destruíram.

– Desde quando eles são inocentes? – perguntou Von Daniken. – Os americanos impediram um número significativo de ataques. O sistema deles funciona.

– É nisso que eles querem nos fazer acreditar. Tão importantes, tão poderosos, nunca hesitam em passar por cima de alguma regra que se aplique a eles. Dessa vez nós os pegamos. Gassan estava dentro daquele avião. Era uma oportunidade perfeita para mostrar ao mundo o que a Suíça representa.

– E o que a Suíça representa? Um obstáculo na guerra contra o terror?

– "Guerra contra o terror"? Você não faz idéia do quanto eu desprezo essa expressão. Não, na verdade eu estava me referindo à decência, à honestidade e aos direitos do cidadão comum. Acho que essas coisas são da responsabilidade das democracias mais antigas do mundo. Você não acha?

Von Daniken estremeceu de repulsa.

– Não vou fingir que acredito que alguém ligue para o que eu acho sobre esse tipo de coisa. Tudo que eu sei é que foi Gassan quem avisou à CIA sobre o plano de ataque em nosso território.

– E então? Você está mais perto de encontrar o avião teleguiado?

– Consideravelmente.

A resposta deixou Marti surpreso.

– É mesmo?

– A van usada para transportar o veículo aéreo não tripulado foi fotografada por uma das nossas câmeras de vigilância que passou por Zurique ontem à noite. Neste exato instante, a força policial de Zurique está passando o pente fino por todas as localidades em volta do aeroporto, procurando algum sinal dele.

– Isso contraria as minhas ordens.

– Exato – disse Von Daniken. – Eu deveria ter mandado o senhor ir se foder duas noites atrás. Eu já sabia que estava tramando alguma coisa. Não sabia, é claro, que tipo de traidor realmente era.

– Traidor? – Marti enrubesceu. – Não fui eu que entrei em contato com a CIA.

– Não – respondeu Von Daniken. – O senhor fez pior.

– Eu acho que já ouvi o bastante. Você está acabado, Marcus. Traiu a minha confiança deliberadamente. Passou informações secretas para um governo estrangeiro. Entregue sua arma aos meus homens. – Marti estava ladeado por dois oficiais do Serviço de Segurança Federal, encarregados de sua proteção. Ele se virou para um deles. – Ponha algemas nele. Na minha avaliação, ele apresenta um risco de fuga. – Tornou a olhar para Von Daniken. – Por que não liga para o seu amigo Palumbo e vê se ele consegue tirar você desta encrenca?

– Só um instante. – Alguma coisa no tom de voz de Von Daniken fez os homens hesitarem. Eles ficaram onde estavam, meros observadores na guerra entre seus dois superiores.

– Vamos, algemem-no – disse Marti.

Von Daniken deu um passo à frente e pôs a mão no braço de Marti, firme.

– Venha comigo. Precisamos conversar.

– Que diabos você pensa que está fazendo?

Von Daniken apertou com mais força.

– Confie em mim. O senhor vai querer que isto fique entre nós dois.

Um dos seguranças fez um movimento em sua direção, mas Marti sacudiu a cabeça. Von Daniken o conduziu colina abaixo, para longe dos oficiais reunidos.

– A van não foi nossa única descoberta – disse ele depois de percorrerem 20 metros. – Conseguimos rastrear o dinheiro entregue a Lammers e a Blitz através de um truste offshore aberto pelo Banco Tingeli. Acho que o senhor conhece Tobi, não? Vocês não estudaram juntos na universidade? Os dois se formaram em Direito, se bem me lembro. No início, Tobi não quis cooperar. Precisei lembrar a ele seus deveres de cidadão suíço.

– Passando por cima de outras leis, não duvido – declarou Marti, libertando o braço com um puxão.

Von Daniken ignorou o comentário.

– Como o senhor sabe, é uma prática padrão do banco onde o truste é criado arquivar todos os extratos de conta em nome de seus clientes. Tobi teve a gentileza de me entregar cópias dos extratos mensais do truste... em nome do "bem comum". Nós dois ficamos surpresos ao descobrir que o dinheiro que financiava o truste não vinha de Teerã, e sim de Washington D.C.

– Washington? Isso é ridículo.

– De uma conta em nome do Departamento de Defesa.

– Mas Mahmoud Quitab era oficial iraniano. Você mesmo me disse isso. – Quando Marti viu que isso não estava adiantando, mudou de tática. – De qualquer forma, Tobi não tinha o direito de revelar esse tipo de informação. Isso vai contra todas as leis de sigilo bancário que existem.

– Pode ser – disse Von Daniken. – Ainda assim, tenho certeza de que os seus colegas do Conselho Federal vão ficar interessados em conhecer a identidade dos outros indivíduos que o truste estava financiando. Na verdade, conseguimos identificar alguns dos pagamentos destinados a uma conta pessoal na agência de Berna do United Swiss Bank. O senhor tem conta lá, não tem? Número 517.62... ahn, será que pode me ajudar?

O rosto de Marti perdeu a cor.

Von Daniken prosseguiu.

– Durante os últimos dois anos, o senhor vem recebendo 500 mil francos suíços por mês do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Não venha me falar em traição. O senhor é um agente pago por um país estrangeiro.

– Isso é um absurdo!

– Aquela sua conversa sobre incriminar a CIA e mostrar aos Estados Unidos quem manda era tudo história. O senhor queria tirar Gassan do avião em Berna para impedir que ele fosse interrogado pela CIA. Não queria que ele revelasse a Palumbo nenhuma informação sobre o ataque.

– Não faço idéia sobre o que você está falando. Que ataque é esse? – Marti virou em direção aos seus homens e começou a chamá-los.

– Nem pense em fazer isso – disse Von Daniken, tirando do bolso um maço de papéis. – Está tudo aqui. Conta número 517.623 AA. Numerada, mas nem mesmo essas contas são anônimas hoje em dia. Pode dar uma olhada se não estiver acreditando.

Marti correu os olhos pelos documentos.

– Isso não se sustenta no tribunal. É inadmissível. Tudo inadmissível.

– Quem falou em tribunal? Já mandei uma cópia por e-mail para a presidente, com um bilhete explicando nossa atual investigação. Eu não acho que ela vá querer servir ao país ao lado de um espião. O que o senhor acha?

Exaurido, Marti pendeu a cabeça.

Von Daniken pegou os papéis de sua mão.

– Então, Alphons, o que Jonathan Ransom está fazendo exatamente?

– Não sei.

– Não sabe ou não quer dizer?

– Tudo que sei é que eles o queriam fora do caminho. Ele não faz parte de nada.

– Parte de quê? Não minta para mim. Em algum lugar por aí há um grupo de terroristas com um avião teleguiado que pretende explodir num avião de carreira nas próximas 48 horas.

– Eu já disse. Não sei nada sobre avião teleguiado.

– Então o que você sabe? Não está ganhando 500 mil francos por mês para não fazer nada. Quero saber tudo. Quem? Por quê? Se você puder me dizer alguma coisa capaz de deter o ataque, a hora é esta. É a única chance que vai ter de atenuar as acusações.

– Vou contar – disse Marti após um longo silêncio. – Mas, se alguém perguntar, eu nego tudo.

Von Daniken esperou.

Marti deu um suspiro.

– Eu não sei nada sobre o ataque. O que eles queriam eram licenças de exportação. Como ministro da Justiça, sou eu quem supervisiono essa parte.

– Quem queria as licenças?

– John Austen.

– Quem é John Austen?

– Um amigo que acredita nas mesmas coisas que eu.

– Não me venha com essa bobajada. Quem é ele?

– Um brigadeiro da Força Aérea norte-americana. O trabalho dele, na verdade, é chefiar uma seção especial chamada Divisão. Dois anos atrás, a organização dele orquestrou a compra de uma empresa em Zug chamada ZIAG, que fabrica produtos de engenharia de última geração. A ZIAG estava enviando mercadorias para Parvez Jinn no Irã. Meu trabalho era liberar essas mercadorias. Mas agora tudo acabou.

– Que tipo de mercadorias?

Marti olhou para Von Daniken como se a pergunta fosse uma ofensa pessoal.

– O que você acha?

– Eu sou policial. Prefiro que os bandidos confessem.

– Centrífugas. Ligas de aço. Esse tipo de coisa. Eu garantia que toda a documentação passasse pelos canais certos e que ninguém na alfândega se interessasse muito pelas mercadorias.

– Está falando das máquinas necessárias para processar urânio para armas nucleares?

Marti aquiesceu.

– O que eles vão fazer com elas não é da minha conta.

– E o ataque?

– Já disse. Não sei nada sobre ataque algum. Quero deter esse avião teleguiado tanto quanto você.

Von Daniken pensou no que acabara de ouvir, semicerrando os olhos enquanto tentava compreender tudo. Por que os Estados Unidos iriam contra os próprios esforços para impedir os iranianos de adquirirem a tecnologia para fabricar armas nucleares? Rememorou os acontecimentos dos últimos dias – os assassinatos de Blitz e Lammers, a descoberta do avião teleguiado e dos explosivos, e agora a revelação de que uma empresa suíça, que na verdade pertencia aos norte-americanos, vinha fornecendo ao Irã uma tecnologia de ponta para a produção de armas nucleares.

Aos poucos uma idéia foi lhe ocorrendo. Uma idéia monstruosa.

Olhou para Marti com um ódio renovado e intenso.

– Por quê?

Mas Alphons Marti não respondeu. Uniu as mãos e abaixou a cabeça, como em uma prece.

73

ÀS 13 HORAS, SEPP STEINER, chefe da Davos Resgate de Emergência, deixou seu escritório no cume do Jakobshorn, 2.950 metros acima do nível do mar, e saiu para o ar livre. A meteorologia previa a chegada de um anticiclone vindo do sul, mas até agora o céu continuava tão carregado e ameaçador quanto antes. Afastou-se um pouco mais de seu escritório e verificou o barômetro. A agulha estava presa em 880 milibares. Temperatura: –4º Celsius. Bateu no vidro de leve com o dedo e a agulha pulou para 950.

Voltando o rosto para o céu, observou as nuvens. Durante os três últimos dias, o céu parecia um mar em calmaria. Nessa manhã houvera uma mudança. Em vez do horizonte cinza, ele pôde discernir nuvens individuais. O ar estava perceptivelmente mais seco. A brisa estava mais forte, mas havia mudado de direção. Vinha do sul.

Steiner correu de volta para o escritório e pegou um binóculo – um Nikon 8 x 50 que, segundo a brincadeira de seus colegas, deixava-o parecido com o comandante de um tanque. Levando o binóculo aos olhos, ele vasculhou as montanhas de leste a oeste. Pela primeira vez em uma semana, conseguiu distinguir os picos acima de Frauenkirchen. Parou no Furga, com o binóculo apontado para a pista de Roman, o paredão quase vertical onde seu irmão mais velho morrera muito tempo antes. A mulher continuava lá, enterrada bem no fundo da greta. Steiner não iria querer abandonar a própria mulher a um sono eterno no gelo.

Nesse exato instante, a brisa amainou. Uma fenda se abriu nas nuvens logo acima de sua cabeça e um céu de anil apareceu. Ele percorreu rapidamente os poucos passos que o separavam da estação meteorológica. A temperatura era –2ºC. O anticiclone havia chegado.

Steiner correu até sua sala, ligou o rádio e alertou seus homens.

Era o momento de voltar à pista de Roman.

♦ ♦ ♦

Três horas mais tarde, a equipe de Steiner chegou ao cume onde Emma Ransom fora vista pela última vez. Haviam encontrado uma estrada secundária, usada apenas quando o tempo estava bom, que era o caminho preferido de alpinistas e praticantes de escalada no gelo. Era uma caminhada mais curta, mas muito mais íngreme, com duas quedas verticais de 20 metros cada uma.

Os últimos vestígios do ciclo de tempestade que atingira o país inteiro nos cinco dias anteriores se dissiparam. O azul reinava no céu, e o sol do meio-dia brilhava com intensidade. Um vasto campo de neve cintilava com os segredos de mil diamantes não lapidados.

Steiner ergueu os olhos para a montanha. Não havia sinal da luta de vida ou morte que ocorrera ali. Da mesma forma, era impossível identificar a localização da greta.

Ele ordenou a seus homens que se dispusessem em uma fileira. Cada um deles carregava um bastão de dois metros. Avançavam passo a passo, tateando a neve com seus bastões para testar a firmeza do solo. Foi Steiner quem descobriu a greta ao enfiar o bastão na neve e este continuar afundando até ajoelhar-se no chão.

Dali a 15 minutos, seus homens haviam limpado um trecho de 10 metros que lhes dava acesso livre à fissura. Bandeirolas foram fincadas na neve para demarcar os limites da greta enquanto Steiner supervisionava a fixação das cordas. Seria ele quem desceria até lá embaixo para resgatar o corpo. Depois de uma última verificação em seu suporte e em todos os nós, ele acendeu sua vela de mineiro e começou a descer. Deixando a corda correr por entre os dedos, foi deslizando de costas para dentro da terra.

Dentro da greta, o ar estava mais frio. Conforme ia descendo, as paredes de gelo se transformaram em granito estriado. Toda a luz vinda de cima foi diminuindo. Steiner logo se viu imerso em um paraíso escuro, com os olhos fixos no halo de luz emitido pela lâmpada halógena.

Depois de descer um comprimento de corda – exatamente 40 metros –, ele viu o corpo. A mulher estava deitada de bruços, com um dos braços esticado acima da cabeça, como quem chama por socorro. As paredes se afastaram, e Steiner desceu pela corda mais depressa, uma queda regular e sem obstáculos, como uma pedra caindo dentro de um lago. Quando chegou perto do chão da greta, pôde distinguir a cruz de patrulheiro nas costas do casaco e a camada de cabelos ruivos que lhe cobria o rosto.

Seus pés tocaram a terra.

– Estou no chão – disse ele por rádio à sua equipe.

À luz fraca, ela parecia frágil e tranqüila. O sangue havia congelado, formando poças em volta de suas pernas e de sua cabeça. Steiner tirou a mochila das costas, pegou um suporte corporal, vários mosquetões e um gorro fechado para cobrir-lhe a cabeça e evitar arranhões ou contusões durante a subida. Dispôs o equipamento em uma linha ao lado do corpo. Então, como era o seu costume, ajoelhou-se e rezou uma prece pelos mortos.

Passando as duas mãos por baixo do torso da mulher, ergueu o cadáver e virou-o de costas. Assim seria mais fácil prender o suporte. Mas na mesma hora sentiu que havia alguma coisa errada. Os cabelos compridos e emaranhados se soltaram. Um punhado de pedras e neve se derramou no chão. Ele se levantou, segurando na mão a parca vazia, com os olhos fixos na calça ainda no chão.

Um arquejo escapou da boca de Steiner.

Não havia corpo nenhum.

74

ESTAVAM INDO NA direção errada.

Fazia 10 minutos que ele estava trancado no porta-malas. Sentira a primeira curva fechada na saída da cidade, mas ainda esperava a rampa que vinha logo antes de entrar na auto-estrada principal. Se não estava enganado, o carro estava subindo, não descendo. Estava certo de que Simone tinha um motivo para desobedecer às suas instruções. Mas qual seria? Será que ela vira algum bloqueio na estrada? Será que a polícia havia fechado a auto-estrada por completo?

Preocupado, Jonathan percorreu as funções de seu relógio de pulso. O altímetro indicou 1.950 metros de altitude e, dali a um minuto, 1.960. Ele tinha razão. Estavam subindo. Passou para a função bússola. O carro se dirigia para o leste, pela auto-estrada que levava a Tienfecastel e a St. Moritz. Em vez de rumar para Zurique e o consulado norte-americano de lá.

– Simone – gritou ele, batendo no teto do porta-malas. – Pare o carro!

Alguns instantes depois, o carro parou no acostamento da estrada. Jonathan se ergueu sobre um dos cotovelos e sua cabeça roçou o chassi. Sentia-se claustrofóbico e cada vez mais assustado. Passos rangiam na neve do lado de fora do carro. Uma voz masculina disse algumas palavras. Seria a polícia? Será que tinham sido parados em um posto de controle? Jonathan reteve a respiração, esforçando-se para ouvir a conversa.

Nesse instante, uma porta se abriu e o carro balançou quando um passageiro entrou. A porta bateu com força e o carro tornou a entrar na auto-estrada.

– Simone! Quem está aí com você?

Ele bateu com mais força

– Simone! Responda! Quem é?

O rádio começou a tocar, e os alto-falantes posicionados acima de sua cabeça pulsavam alto, no mesmo ritmo dos graves. O carro acelerou e ele rolou de lado.

De olhos abertos, Jonathan se deitou de costas e rememorou os acontecimentos dos últimos dias: a chegada rápida demais de Simone a Arosa, suas súplicas para que ele saísse do país, sua relutância em ir atrás da pessoa que enviara as malas para Emma, sua frustração quando ele tentara salvar a vida de Blitz. Tudo isso tinha sido para despistá-lo. Quando ele não dera ouvidos aos seus avisos, ela o havia entregue aos carrascos. Ele arrancou do pescoço a medalha de São Cristóvão. Aquilo devia ser algum tipo de sinalizador. Não havia outra forma de explicar como o assassino conseguira segui-lo até Davos. No entanto, a medalha não explicava o fato de ele ter conseguido uma credencial para entrar na zona verde. Assim como Emma, Simone tinha aliados.

A claridade do sol entrava pelas frestas do porta-malas. Com a ajuda da luz do mostrador do relógio, Jonathan encontrou a fechadura, escondida atrás de um compartimento de fibra de vidro. Usando as chaves de Emma, cavucou a fibra, abrindo uma fenda, depois um buraco. Quando o buraco ficou grande o suficiente, enfiou um dedo e começou a arrebentar o compartimento.

Por fim, conseguiu alcançar a fechadura. Entendia de carros, e tinha certeza de que havia um botão que podia pressionar para soltar o trinco. Não tinha tanta certeza do que faria depois de abrir o porta-malas. Pular de um carro a 150 quilômetros por hora não seria mais sensato do que esperar um assassino profissional disparar uma bala em seu crânio à queima-roupa.

Correu os dedos pelo trinco em forma de anzol, posicionou o polegar na lateral e apertou com toda a força. Seus dedos escorregaram do metal. Tentou de novo, mas não conseguiu.

O carro diminuiu a velocidade e fez uma curva abrupta para a direita, saindo do asfalto. Eles começaram uma trilha em uma série de vaivéns fechados, subindo, e Jonathan se segurou para não ser arremessado contra o chassi. O chiado do motor confirmava o ângulo da subida. As viradas abruptas e a aceleração e desaceleração constantes o deixaram enjoado. Por fim, as curvas terminaram. Ele respirou fundo, mas isso não o fez sentir-se melhor.

Escorregando até o fundo do porta-malas, Jonathan levantou o revestimento acarpetado que o forrava e soltou o macaco e a chave de roda guardados sob o estepe. O melhor que conseguiu encontrar foi a chave de roda. Tentou bater na fechadura, esperando que fosse quebrar e soltar o trinco. Mas não teve sorte.

O carro parou e o motor foi desligado. Continuou segurando a chave de roda com a mão direita. A ferramenta parecia leve e ridícula. Mesmo assim, ele se preparou da melhor forma possível para pular do porta-malas. Ouviu uma chave ser inserida na fechadura. A mala se abriu, e o sol da tarde o atingiu em cheio no rosto, cegando-o. Por reflexo, Jonathan fechou os olhos e ergueu uma das mãos para evitar a luminosidade.

– Saia – disse Simone.

Ao seu lado estava um homem compacto, de cabelos pretos, pálido e de olhos mortíferos, segurando uma pistola ao lado do corpo. Jonathan nem precisava ser apresentado.

– Por favor – disse o sujeito, gesticulando rapidamente com sua pistola. – Você não precisa disso que está segurando.

Jonathan largou a chave de roda e saiu do carro. Estavam estacionados em um patamar a alguns metros do topo da montanha. A vista era deslumbrante, um panorama de imensos píeres de granito em todas as direções.

– Imagino que seja tarde demais para dizer que eu quero sair do país. – De repente, Jonathan sentiu a garganta seca. Ele precisava beber água.

– Eu tentei lhe avisar para ir embora – disse Simone.

– Por que você não me disse que trabalhava com Emma? Isso teria bastado.

– Eu não trabalhava com ela. Na verdade, estou tão interessada quanto você em descobrir o que ela estava fazendo.

– Então para quem você trabalha?

Simone só fez encará-lo.

Ele deu um passo em direção à borda do patamar e viu um paredão de rocha muito íngreme. Calculou que fosse uma queda de mil metros até o chão do vale.

Simone esticou a mão.

– Preciso de todas as informações que Parvez Jinn lhe deu.

– Ele não me deu nada – disse Jonathan.

– Você veio até aqui encontrar Jinn e nem perguntou a ele o que tinha contrabandeado para fora do Irã? Achei que ele fosse praticamente jogar no seu colo.

– Fui encontrar Jinn para perguntar se ele sabia para quem Emma estava trabalhando e para ver se talvez minha mulher tivesse dito a ele o seu nome verdadeiro.

– Não foi, não. Você veio até Davos para sair da encrenca em que estava metido. Para conseguir provas.

Jonathan não disse nada.

– Por que está tornando isso tão difícil? – perguntou ela.

– Você não precisa fazer isso, Simone.

– Tem razão. Não preciso. Mas Ricardo precisa.

Ricardo, o assassino, farejou o ar.

– Por favor, se você tiver alguma informação, é hora de entregar para a Sra. Noiret.

– Que jogo é esse? – perguntou Jonathan, ignorando o homem que tentara atirar nele e depois apunhalá-lo dentro do túnel. – Você mandou este cara matar Blitz também?

– Estou jogando o mesmo jogo que todo mundo deste ramo. Aqui não se trata de brincar de médico.

Jonathan tirou o flash drive do bolso e segurou-o na palma da mão.

– Todo o programa nuclear iraniano está dentro deste negocinho. Jinn acha que basta para começar uma guerra.

Simone olhou de relance para o flash drive.

– Ele acha, é? Eu não me preocupo com essas questões.

– Diga-me para quem você trabalha e por que queria tanto encontrar Emma, e ele é seu.

– Eu trabalho para a Agência Central de Inteligência. Sou sua amiga. Acredite em mim.

– Amiga? – Jonathan sacudiu a cabeça. Girando o corpo, dobrou o braço para trás e jogou o flash drive pelo precipício.

– Merde! – Simone pulou na direção do precipício. Furiosa, olhou para Jonathan e em seguida para o homem chamado Ricardo. – Ele é todo seu.

Jonathan fitou o céu e respirou fundo. O ar estava maravilhosamente frio. Em breve estaria com Emma.

Nesse exato instante, ouviu-se um baque, como a mão de alguém batendo em costas nuas. Jonathan se encolheu, esperando sentir algo afiado e definitivo. Inspirou. Nada o havia atingido.

O assassino desabou de joelhos no chão. Seu peito se manchou de vermelho. Ele arquejou e, quando caiu para a frente sobre a neve, o sangue esguichou de sua boca.

Simone girou para olhar para trás, vasculhando o terreno escarpado acima deles. Uma figura se destacou sobre uma borda rochosa. Uma pessoa vestida de preto e cinza, com um gorro de lã bem apertado na cabeça e os olhos escondidos atrás de óculos escuros tipo máscara. Uma das mãos retirou o gorro e uma cascata de cabelos ruivos se soltou. Quando estava a alguns metros, a mulher tirou os óculos.

– Você – começou Simone. – Mas como...

Emma Ransom ergueu a pistola e disparou uma bala na testa de Simone Noiret. Simone titubeou e recuou um passo, atônita e incrédula. Emma lhe deu um violento chute no peito. Simone despencou pelo precipício.

Emma se aproximou da borda para vê-la cair.

75

ELA ESTAVA A UNS 3 METROS DE DISTÂNCIA segurando nos braços uma arma de aspecto estranho, algum tipo de pistola com um silenciador e um suporte removível. Não dava sinal de nenhuma perna quebrada. Tampouco exibia quaisquer ferimentos que pudessem ter sido causados por uma queda de 100 metros de altura. Olhou para Jonathan como se ele fosse um estranho, sem dar qualquer indicação de que desejava abraçá-lo ou beijá-lo, ou de que estava sequer feliz em vê-lo de novo.

– Mas eu a vi – disse ele. – No fundo da greta.

– Você pensou que me viu.

– O sangue... a trilha na neve... a sua perna estava quebrada. Eu vi a fratura.

– Não era o meu osso. Foi tudo superimprovisado. Tive que agir rápido. Quando eu descobri...

– Emma – disse ele.

– ... que estava tudo marcado para este fim de semana, comecei a...

– Emma! – gritou ele. – É esse mesmo o seu nome?

Sem responder, ela se virou e começou a descer a colina a passo acelerado. Imobilizado onde estava, Jonathan foi tomado por uma profusão de emoções: estupefação, raiva, empolgação e amargura, todos se digladiando entre si. Levou um ou dois segundos para dominar as próprias sensações. Ainda atônito, seguiu-a pela estrada até onde ela deixara seu carro, duas curvas mais abaixo. Era um Golf, da Volkswagen, já bastante usado. Jonathan se encaminhou para o lado do motorista, mas ela já estava lá, abrindo a porta e se abaixando para entrar. Quando ele se sentou no banco do carona, o motor já estava ligado, a marcha engatada, e o carro começou a andar.

– Eu liguei para o hospital – disse ele. – A enfermeira me disse que a Emma Everett Rose que nasceu lá morreu em um acidente de carro duas semanas depois.

– Depois – disse ela. – Depois eu conto tudo a você.

– Não quero tudo. Só quero a verdade.

– A verdade – disse ela. – Agora eu preciso que você me diga uma coisa. O flash drive de Jinn. Ainda está com você, não está? Quer dizer, você não jogou no precipício de verdade?

Jonathan tirou do bolso o segundo flash drive.

– Não – respondeu. – Joguei o seu.

Ela o arrancou de sua mão.

– Vou perdoar você – falou. – Desta vez.

Emma abordou a descida da colina como se fosse uma pista de corrida, pisando firme nas retas, freando nas curvas, reduzindo as marchas de forma brusca. Emma, incapaz de dirigir um carro com câmbio manual, nem mesmo se a sua vida dependesse disso.

Até aquele momento, ele mantivera as suas duas identidades separadas. Havia Emma Ransom, sua mulher, e havia Eva Kruger, a agente. Convencera-se de que Emma era sua verdadeira faceta – a faceta autêntica –, e Eva, o disfarce. Ao vê-la dirigir, percebeu que estava errado. Pela primeira vez, estava diante da verdadeira Emma, da mulher que ela nunca lhe permitira ver. Foi então que lhe ocorreu que não conhecia essa pessoa. Teria que reaprender tudo sobre ela.

– Não esperava que você fosse ser tão bom nisso – disse, quando chegaram ao fundo do vale e tomaram o rumo oeste, em direção a Davos e Zurique.

– O que você esperava?

– Tive medo de que você jogasse tudo para o alto e desaparecesse nas montanhas por alguns anos. Que desse uma de explorador solitário.

– Eu poderia ter feito isso se não tivesse recebido os tíquetes de bagagem. Tudo virou uma loucura depois que peguei as malas. Depois que matei os policiais, tive que continuar. Era o único jeito de me inocentar. Simone tentou me convencer a sair do país, mas quando vi o que havia dentro das malas não consegui fugir. Eu precisava saber.

– Que diazinho para o trem deixar de entregar a correspondência – disse ela com um meneio de cabeça casual. – Acho que estava errada pensando que você iria para as montanhas.

– Vou perdoar você – disse ele. – Desta vez.

Isso a fez rir, mas foi um riso forçado, superficial.

– Então – disse ele. – Sua vez. Vou facilitar as coisas para você. Pode começar com a montanha. O que foi exatamente que eu vi?

Uma sombra cobriu os traços de Emma. Sua mudança de humor foi como uma queda acentuada de temperatura.

– O seu casaco de patrulheiro, claro. Uma peruca. Uma calça de esqui. Sangue cenográfico.

– Como foi que você conseguiu descer a greta sozinha? Era perigoso demais.

– Eu não desci.

– Como assim, não desceu? – indagou ele, ríspido.

– Eu entrei andando, por baixo. Você me mostrou o caminho uma vez no verão seguinte ao nosso casamento.

Jonathan fechou os olhos e tudo lhe voltou à memória. Tinham ido passar o fim de semana em Davos para fazer caminhadas e ficaram uma tarde inteira explorando o labirinto de cavernas e corredores que existia dentro da geleira.

– Mas essas cavernas só ficam acessíveis durante o verão. Não dá para entrar lá no inverno, muito menos durante uma tempestade.

Emma inclinou a cabeça; seu jeito de dizer que ele estava errado.

– Não fui àquela reunião em Amsterdã na sexta-feira passada. Eu vim aqui ver se o meu plano era factível.

– “Factível”? Isso é gíria de espião?

Emma ignorou o comentário.

– Na verdade, se você conseguir encontrar o ponto certo na base da geleira, é possível entrar nas cavernas. Programei um GPS de bolso e marquei o caminho de subida e descida para não me perder caso nevasse.

– E foi por isso que você insistiu para a gente vir a Arosa em vez de ir para Zermatt – disse ele, sentindo-se de certa forma seu cúmplice.

– Eu tive bons motivos. Era nosso aniversário de casamento. Nossa primeira escalada juntos foi aqui, oito anos atrás.

– "Nosso aniversário de casamento." Tá certo. – Ele percebeu então que ela também mentira em relação à previsão do tempo e que sabotara seu rádio. – Como você sabia que a gente não iria descer para pegá-la?

– Na verdade eu não sabia – reconheceu ela. – Apostei no fato de que Steiner e sua equipe iriam subir a montanha para resgatar uma mulher de perna quebrada, não caída em uma greta de 100 metros de profundidade. Corda pesa. Não imaginei que fossem trazer mais do que o necessário. Fiquei até surpresa quando vi que tinham dois pedaços.

– Steiner... você sabe o nome dele. – Jonathan olhou pela janela. As revelações não paravam.

– Tive que passar um tempinho em Davos para garantir que tudo corresse conforme o planejado. Escutei os telefonemas e transmissões de rádio dele. Não faça essa cara de surpresa. É mole interceptar ligações de celular.

– E depois? Você não sabia que eu iria checar os tíquetes de bagagem?

– Eu esperava que você não fosse até lá. Eu mesma queria ir buscar as malas em Landquart, mas era arriscado demais. Depois que eu já tinha morrido, precisava continuar morta.

Jonathan virou-se no assento.

– Você estava lá? Viu o que aconteceu com a polícia na estação de trem? Viu o que fizeram comigo?

Emma fez que sim com a cabeça.

– Desculpe, Jonathan. Eu quis ajudar.

Ele tornou a afundar no assento, sem palavras.

Ela prosseguiu.

– Depois, segui você de volta até o hotel, mas cheguei tarde demais. Alguém da nossa equipe já tinha revistado o quarto. Você chegou logo depois de a pessoa sair. Não tive tempo de entrar. Uma vez, achei que você pudesse ter me visto. No bosque, atrás do hotel.

Jonathan se lembrou de ter sentido uma presença próxima, de ter olhado para as árvores, mas sem ver nada.

De repente, ele perdeu a paciência. Não estava interessado em quem, o quê e quando. Aquilo tudo era só fachada. Ele queria saber por quê.

– Que história toda é essa, Em? – perguntou baixinho. – No que você está metida?

– No de sempre – respondeu ela sem tirar os olhos da estrada.

– Você está abastecendo Parvez Jinn com equipamentos de venda restrita para enriquecimento de urânio. Não acho que isso seja o de sempre.

– Nada que ele não fosse arrumar mais cedo ou mais tarde.

– Não aja assim.

– Assim como?

– Com cinismo. Como se não estivesse ligando.

– Só estou fazendo o que faço porque eu ligo.

– Mas o que você está fazendo? Para quem você trabalha? Para a CIA? Para os britânicos?

– Para a CIA? Meu Deus, não. Trabalho para a Defesa. Pentágono. Uma seção chamada Divisão.

– Então para quem Simone trabalhava? Para o KGB?

Emma pensou nisso, roçando os dedos na face.

– Na verdade, eu só descobri sobre Simone hoje. Pelo visto, ela só podia estar ligada à CIA.

– Por que a CIA iria querer matar alguém que trabalha para o Pentágono? Estamos todos do mesmo lado, não?

– Poder. Eles querem. Nós temos. O cabo-de-guerra já dura alguns anos.

– Mas eu pensei que você odiasse o governo norte-americano.

Um leve sorriso lhe informou que ele estava muito longe da verdade. Mais uma ilusão caída por terra.

– Então você é americana? – perguntou ele.

– Ai, Deus, eu queria esperar antes de entrar nesse assunto. É tão complicado. – Ela passou uma das mãos pelos cabelos. – Sim, Jonathan, eu sou americana. Se estiver em dúvida quanto ao sotaque, ele é de verdade. Fui criada nos arredores de Londres. Meu pai trabalhava na base da Força Aérea norte-americana em Lakenheath.

– Foi ele quem levou você a se meter nisso?

– No começo, acho que foi por causa da família. Por papai ser das forças armadas e tal. Mas eu fiquei porque era boa. Porque estou contribuindo para uma coisa em que acredito. Porque gosto. Continuo fazendo isso pelo mesmo motivo que você continua a ser médico. Porque o nosso trabalho é o que a gente é, e pouco mais importa.

– Foi por isso que você me escolheu?

– No começo, sim.

– Quer dizer que alguma coisa mudou?

– Você sabe o que mudou. A gente se apaixonou.

– Eu me apaixonei – disse Jonathan. – Não tenho certeza se você também.

Emma lançou-lhe um olhar incisivo.

– Eu não precisava ficar com você. Ninguém me forçou a me casar com você.

– Mas ninguém tampouco impediu. Quem melhor para pôr você em posição para suas missões do que um médico que gostava de postos arriscados? O que você fez exatamente em todos aqueles lugares? Matou gente? Você é uma assassina, como aquele sujeito que matou lá em cima?

– Claro que não. – Emma descartou a sugestão, como se nunca tivesse disparado uma arma, muito menos matado duas pessoas a tiros na última meia hora.

– Então o que é?

– Não posso dizer.

– Você, Blitz e Hoffmann estavam vendendo ao Irã equipamento para enriquecer urânio. Jinn achava que o seu objetivo era começar uma guerra. Disse que a gente tinha errado ao entrar no Iraque sem provas de que eles tinham armas de destruição em massa e que não ia repetir o erro.

– Parvez disse tudo isso? Ele que queime no inferno para sempre.

– Que jeito simpático de se referir a um homem com quem você trepou.

– Vá se foder, Jonathan! Não é justo.

– Não é justo? Você mentiu para mim durante oito anos. Fingiu ser minha mulher. Não venha me dizer o que é justo.

– Eu sou sua mulher.

– Como pode dizer isso quando eu sequer sei o seu nome!

Emma desviou os olhos. Se ele esperava uma lágrima, ficou desapontado. A expressão dela estava dura como pedra.

– Então? – perguntou ele. – É verdade? Vocês estão tentando começar uma guerra?

– A gente está tentando impedir uma guerra.

– Entregando armas nucleares?

– A gente só está apressando as coisas para poder controlar a forma como a situação vai evoluir. Vamos fornecer ao Irã a tecnologia que eles desejam tão desesperadamente e depois expor ao mundo as suas operações. Isso é ser proativo. A gente não pode se dar ao luxo de ser pego desprevenido. Não dessa vez. Além disso, não vai haver guerra. Vai ser uma campanha exclusivamente aérea.

– Isso deve fazer eu me sentir melhor?

– Deixe de ser ingênuo, droga. Algumas pessoas não podem ser autorizadas a possuir armas nucleares. Se o Irã conseguir isso, pode apostar que o pessoal mau de verdade também vai conseguir em pouco tempo. É simples assim.

– E o que vai acontecer quando eles revidarem?

– Acontecer com o quê? – perguntou Emma. – A gente forneceu a eles equipamento para fabricar um pouquinho de urânio enriquecido. Agora vamos tomar de volta.

– Jinn disse que eles tinham mísseis teleguiados. Se alguém atacar as fábricas de enriquecimento deles, não vão hesitar em usar esses mísseis. O presidente deles está planejando anunciar tudo isso ao mundo na semana que vem.

– Jinn estava mentindo – disse Emma com a mesma segurança inabalável, mas seu rosto empalidecera. – O Irã não tem mísseis teleguiados.

– Ele os chamou de KH-55. Disse que tinham arrumado quatro um ano atrás e que estavam na base de Karshun, no golfo Pérsico.

– De jeito nenhum. Ele estava blefando.

– Vocês podem correr esse risco? Se os Estados Unidos ou Israel bombardearem o Irã, os mulás de Teerã imediatamente vão bombardear Jerusalém e os campos de petróleo sauditas. Aí o que você acha que vai acontecer?

– Meu Deus. – Emma franziu o cenho e os músculos de seu maxilar se contraíram furiosamente. – Mísseis KH-55? Tem certeza?

– Você sabe o que são?

– Os russos chamavam esses mísseis de Granate, ou "romãs". São mísseis teleguiados subsônicos de longo alcance, capazes de transportar uma ogiva nuclear. São velhos como Matusalém e os sistemas de rastreamento estão ultrapassados, mas funcionam.

– Isso não é bom – comentou Jonathan.

– Jinn mencionou que tinha uma surpresa para mim quando o encontrei em Davos. Traidor.

Jonathan viu que havia tocado um ponto fraco.

– Se você está tão segura, por que precisou desaparecer?

– Segura? Meu Deus, você acredita mesmo nisso? – Emma olhou para ele. – Sabe o que é um avião teleguiado?

– Mais ou menos. Um daqueles aviõezinhos de controle remoto que ficam tirando fotos enquanto voam. Sei que também podem disparar mísseis.

– Existe um na Suíça agora mesmo sendo preparado para um ataque. Eu não deveria saber disso, mas Blitz deixou escapar. Ele era o meu controlador, o único que tinha permissão para saber de tudo. Disse que seria a coisa mais importante que a gente jamais fez. Era a missão pessoal do chefe.

– Você quer dizer que são vocês... que é a Divisão... que está planejando destruir alguém com ele?

– Alguém não. Alguma coisa. Um jato de passageiros.

– Eles vão lançar isso aqui? Na Suíça? Ai, meu Deus, Emma, a gente precisa avisar a polícia.

– A polícia já sabe. Pelo menos uma parte dela. O homem que tentou pegar você lá em Davos está chefiando a investigação. O nome dele é Marcus Von Daniken. Ele dirige o Serviço de Análise e Prevenção, o serviço suíço de contra-inteligência. Está convencido de que você é o mentor do complô.

– Eu?

– Basicamente, isso se deve ao fato de Von Daniken achar que você sou eu.

– Porque eu estava na casa de Blitz?

– Entre outras coisas, sim. Você foi esperto em não procurar a polícia. Teria passado o resto da vida na prisão. Matar os policiais foi o de menos. Você sabia coisa demais sobre a Thor... sobre a Divisão. A gente tem uns amigos que teriam cuidado disso. Enfim, foi por isso que eu precisei desaparecer. Resolvi impedir isso tudo. Já tenho sangue suficiente nas mãos, mas, até agora, ele nunca veio de inocentes.

– Então você sabe quando o ataque vai acontecer?

– Daqui a algumas horas, mais ou menos.

– Então o que é que está fazendo aqui?

Pela primeira vez, Emma o encarou nos olhos.

– Eu ainda sou sua mulher.

Ela estendeu a mão, e Jonathan entrelaçou os dedos nos dela.

– A gente precisa avisar Von Daniken – disse ele.

Emma olhou para Jonathan, com os olhos molhados de lágrimas.

– Infelizmente, acho que não é assim tão simples.

76

O AGENTE DO CONTROLE DE PASSAPORTES do Aeroporto de Kloten, em Zurique, olhou para a longa fila de recém-chegados. O vôo de Washington Dulles acabara de aterrissar. Ele verificou seu monitor em busca de algum alerta de passageiro. A tela estava vazia. Correu os olhos pela procissão de rostos bem alimentados e cinturas generosas. Não havia um só elemento suspeito no grupo.

– Próximo – chamou.

Um senhor alto, bem-apessoado, aproximou-se da cabine e depositou seu passaporte sobre o balcão. O agente abriu o documento e passou o código de barras pela leitura. Nome: Leonard Blake. Residência: Palm Beach. Data de nascimento: 1º de janeiro de 1955.

– Qual a finalidade da sua visita, Sr. Blake?

– Negócios.

Comparou o homem com a fotografia. Cabelos grisalhos curtos. Pele bronzeada. Um bigode bem aparado. Óculos de sol caros. Um Rolex de ouro. E um conjunto esportivo de calça e casaco de poliéster. Quando é que os americanos vão aprender a se vestir?

– Quanto tempo vai ficar?

– Só um ou dois dias.

O agente verificou o monitor. O nome de Blake não produzira nenhum aviso. Apenas mais um americano rico vestido sem o mínimo bom gosto. Ele bateu o carimbo com força.

– Tenha uma boa estada.

– Danke schön.

O sotaque do homem fez o agente do controle de passaportes esboçar um movimento de recuo. Ele acenou para a mulher no começo da fila.

– Próximo!

♦ ♦ ♦

O Sr. Leonard Blake recolheu sua bagagem e, em seguida, encaminhou-se para o balcão de aluguel de automóveis, onde havia reservado um sedã de tamanho médio. Depois de preencher a papelada necessária, foi até o estacionamento e localizou o carro. Pôs suas malas no banco de trás e sentou-se ao volante. Passou alguns instantes arrumando os espelhos e o banco. Durante todo o tempo, ficou vigiando o local. Estava calmo feito um túmulo. Desceu o zíper do agasalho e retirou o enchimento que acrescentava 10 quilos ao seu peso e 20 centímetros à sua barriga. Pôs o enchimento no banco de trás, deu a partida no motor e saiu da garagem.

Tomou a direção sul na auto-estrada. Em 20 minutos estava no centro da cidade. Achou uma vaga na Talstrasse e percorreu a pé os dois quarteirões até a Bahnhofstrasse, famosa rua que ligava o lago de Zurique à estação central de trem. No caminho, passou por várias lojas elegantes: Chanel, Cartier, Louis Vuitton. Dizia-se que os dois quilômetros da Bahnhofstrasse de Zurique eram o metro quadrado mais caro da Terra. Mas Leonard Blake não tinha ido a Zurique fazer compras.

Continuou na direção sul, andando rumo ao lago, depois virou em uma rua estreita. Aproveitou bem as inúmeras vitrines de lojas, diminuindo o ritmo o suficiente para observar nos reflexos de seus vidros os pedestres atrás de si. Não vendo nada de preocupante, apressou o passo.

Parou na terceira entrada à direita. As portas de madeira barrocas não tinham nenhuma indicação, exceto uma plaquinha discreta gravada com um “G” e um “B” entrelaçados. Eram as iniciais do Gessler Bank.

Do lado de dentro, um porteiro de uniforme verde o cumprimentou. Blake anotou seu nome e número de conta em um pedacinho de papel. O porteiro deu um telefonema em voz baixa. Um minuto se passou e um funcionário do banco surgiu de um longo corredor.

– Bom dia, Sr. Blake – disse em um inglês impecável. – Como podemos ajudá-lo?

– Gostaria de acessar minha caixa no cofre.

– Queira, por favor, me acompanhar.

Os dois homens entraram em um elevador e desceram três andares abaixo do nível da rua. O elevador se abriu, e o funcionário conduziu Blake até um cofre que ocupava todo o pé-direito do recinto, cuja porta aberta era vigiada por dois guardas armados. Blake foi levado até uma salinha reservada, onde entregou sua chave ao funcionário. Um minuto depois, o sujeito voltou trazendo uma caixa grande.

– Mande me chamar quando tiver terminado.

Blake fechou a porta. Embora não fosse necessário, trancou-a, em seguida tirou os óculos escuros e sentou-se.

“Cuidado nunca é demais”, pensou Philip Palumbo, enquanto abria a caixa-forte. Retirou lá de dentro um envelope pardo contendo passaportes brasileiros válidos para ele e cada membro de sua família, identificada pelo sobrenome Pereira. Na caixa havia também maços de francos suíços, dólares norte-americanos e euros, totalizando 100 mil dólares. O montante fora ganho de forma legítima e devidamente tributado. Era seu dinheiro para fugir. Um homem na sua profissão fazia inimigos importantes. Um dia, tinha certeza, esses inimigos viriam atrás dele. E, quando viessem, estaria preparado. Pegou um maço de 10 mil dólares. Podia pegar o dinheiro e sumir. Tinha esconderijos em cinco lugares diferentes pelo mundo afora, onde podia desaparecer. Eles levariam anos para encontrá-lo.

Tornou a pôr o dinheiro dentro da caixa.

Não fora feito para fugir.

Pelos seus cálculos, tinha 36 horas para cumprir sua missão e voltar para casa. Dali a uma hora, aproximadamente às 7 da noite, horário da costa leste dos Estados Unidos, o corpo do almirante Lafever seria encontrado por seu motorista. Este encontraria a casa assaltada e o almirante morto no escritório com um tiro, depois de reagir ao assalto. A polícia viria logo depois. A notícia chegaria a Langley mais ou menos às 9. A informação sobre o assassinato seria abafada, até o diretor poder confirmar todos os fatos e inventar uma história plausível. Palumbo sabia muito bem que, apesar de todos os seus esforços, ninguém iria acreditar na história do assalto.

Seriam necessárias mais três horas para uma declaração oficial ser emitida. Meio-dia em Washington, 6 da tarde em Zurique. A investigação começaria imediatamente, a agenda de Lafever seria vasculhada de alto a baixo, suas relações mais próximas interrogadas. Em algum momento – provavelmente só no final da tarde, ou mesmo no dia seguinte –, Joe Leahy se apresentaria e mencionaria a conversa que tivera com Palumbo no refeitório, na véspera. O interesse de Palumbo por Lafever e pela Operação Pomba seria devidamente registrado. Ainda assim haver-

ia muitas outras pistas semelhantes a seguir. Um homem não virava vice-diretor de operações – o principal espião do país, por assim dizer – sem acumular rivais, tanto dentro quanto fora da Agência. Caso a Agência telefonasse para sua casa, a mulher de Palumbo sabia o que dizer. Entraria em contato com o marido pelo celular, e ele ligaria de volta imediatamente. Uma entrevista com Palumbo não seria uma prioridade.

Em determinado momento, porém, o esquadrão de investigação criminalística e forense do Departamento de Polícia da Virgínia descobriria vestígios dos miolos de Lafever no quintal dos fundos e concluiria que o corpo fora movido. Nesse ponto, as coisas iriam ficar inteiramente descontroladas.

Trinta e seis horas eram o máximo.

Palumbo tirou de dentro da caixa um segundo envelope grande. Era consideravelmente mais pesado do que o primeiro. Abriu-o e despejou o conteúdo sobre a mesa. Fazia três anos que ninguém tocava na Walther PPK. Verificou o pente e a trava e ficou satisfeito em ver que estavam em perfeitas condições. O envelope continha também um silenciador, mas ele não achava que fosse precisar dele naquele dia.

Fechou a caixa, trancou-a e chamou o banqueiro.

Cinco minutos depois, estava novamente na rua.

Já passava das 2 da tarde, horário local, quando atravessou a Limmatbrucke e entrou no movimentado bairro de Seefeld. Seu destino era um prédio comercial, sem maiores atrativos, a um quarteirão do lago. Soldados de uniforme de combate verde-oliva e coletes à prova de balas, portando a típica metralhadora M16A1 do Exército norte-americano, patrulhavam a rua em frente ao número 47 da Dufourstrasse, sede do consulado dos Estados Unidos. Dois policiais da cidade uniformizados lhes faziam companhia.

Três Mercedes sedã pretos ocupavam a calçada em frente ao prédio. Todos os carros tinham placa diplomática, com pequeninas bandeiras norte-americanas coladas ao canto superior direito. Eram prova suficiente para que ele pudesse ter certeza de que o brigadeiro John Austen, criador e chefe da agência de espionagem clandestina conhecida como Divisão, estava no consulado.

Austen era uma lenda em todos os departamentos da organização. Tinha o histórico que todos queriam ter. Era o encrenqueiro regenerado. Ou, para usar sua própria linguagem, o Anjo Caído ressuscitado para ficar ao lado direito do Senhor; o Senhor, nesse caso, sendo o presidente dos Estados Unidos. Formado com louvor pela Academia da Força Aérea na turma de 1967, Austen treinara para ser piloto de jato e fora mandado para o Vietnã, onde voara em mais de 120 missões, pilotando um F-4 Phantom, e derrubara nove MiGs norte-vietnamitas. Terminara a guerra como ás da aviação e major antes dos 30 anos.

Mas havia alguns arranhões em sua armadura. Quando não estava voando, ele estava na esbórnia. Noite após noite, liderava seu bando de aviadores festeiros pelos bordéis depravados de Saigon, bebendo até cair e trepando com tudo que passasse pela frente. Apresentavam-se como os "Austen Rangers", em homenagem à força de saqueadores da Segunda Guerra, de nome parecido. Havia também boatos de uso de drogas, estupro e, em uma ocasião, assassinato. Mas os boatos foram abafados; ninguém queria prejudicar, macular ou causar qualquer tipo de dano ao seu halo de herói legítimo.

Então chegou 1979 e a crise dos reféns no Irã. Austen era um candidato natural para a equipe reunida pelo coronel Charlie Beckwith. Instrutor e piloto de testes depois da guerra, ele passou a pilotar os imensos aviões de transporte Hercules C-130 que levariam os comandos até o deserto iraniano. Pela primeira vez na vida, sua sorte o abandonou. Com queimaduras medonhas causadas pelo acidente que tirou a vida de oito soldados, ele saiu do deserto um outro homem. Recusou a aposentadoria por invalidez e lutou para recuperar a saúde e um cargo de direção no recém-criado Comando de Operações Especiais, situado na base da Força Aérea McDill, em Tampa, na Flórida. Atribuiu a própria sobrevivência a um milagre e dedicou a vida a Jesus Cristo.

Em vez de cair na esbórnia, Austen organizava sessões de estudos bíblicos e correntes de oração em sua casa. Todas as terças e sextas, a residência dos Austen em Orange Lane se enchia de pecadores, soldados e qualquer oficial em busca de um caminho mais rápido rumo à promoção e à glória. Austen não demorou para formar um grupo leal – segundo alguns, "servil" – de oficiais que tinha ramificações nos quatro setores do serviço. Eles também se autodenominavam Austen Rangers, mas dessa vez pregavam a palavra de Cristo e as opiniões políticas ultra-linhadura de seu fundador e patrono. Os Estados Unidos eram a cidade na colina, o farol de democracia para o mundo inteiro. E Israel era seu aliado mais próximo, a ser defendido a todo custo.

A ascensão de Austen foi meteórica. Coronel aos 40, general-de-brigada aos 43, e uma segunda estrela no uniforme antes do quadragésimo sexto aniversário. Aparecia nos programas dominicais matutinos ao lado dos evangélicos mais conhecidos do país. Era conhecido como guerreiro de Deus e piloto de Jesus. Tornou-se o retrato da retidão religiosa.

Então sua carreira pareceu empacar. Ele nunca recebeu uma terceira estrela nem o comando de divisão que a acompanhava. Parou de aparecer na televisão. Encontrou refúgio no Pentágono, como chefe da Agência de Inteligência Humana da Defesa, um verdadeiro necrotério para a carreira, e praticamente desapareceu da face da Terra. Porém, dentro das Forças Armadas, sua presença ainda se fazia sentir. Centenas de Austen Ranges haviam obtido patentes altas e eram generais do Exército e almirantes da Marinha. Todos ainda tinham grande devoção a John Austen.

Foi então, percebeu Palumbo, que Austen devia ter iniciado a Divisão. Ele não desaparecera da face da Terra. Pelo contrário. Ascendera a um lugar mais glorioso.

Palumbo percorreu mais 100 metros até passar o consulado. Quando encontrou uma vaga, disse a si mesmo que a sorte estava sorrindo para ele. Sua mente febril procurava, ansiosa, qualquer sinal de que não havia arriscado a carreira e desprezado as necessidades de sua mulher e de sua família por nada. Ele estacionou e puxou a mala de trabalho para o colo. Nela havia dois celulares, uma arma elétrica Taser e um dispositivo de interceptação celular GSM disfarçado de laptop. Ativou o interceptador e sintonizou-o para buscar freqüências de números começando com o prefixo 455 – o prefixo atribuído aos telefones entregues pela embaixada norte-americana a seus funcionários: tanto os permanentes quanto os visitantes. Encaixando o fone de ouvido, foi pulando de uma conversa para outra.

Não fora difícil localizar John Austen. Como todos os bons espiões, Austen vivia seu disfarce. Como brigadeiro e diretor da Agência de Inteligência Humana da Defesa, seu paradeiro era conhecido o tempo inteiro. Uma ligação do escritório de Palumbo na CIA para o escritório de Austen no Pentágono revelara que Austen estava fazendo uma turnê por capitais européias para se comunicar com os adidos militares sob sua supervisão. Naquela mesma semana, já tinha visitado a embaixada de Berna e feito viagens curtas a Paris e Roma. Às 2 da tarde de sexta-feira, tinha uma visita agendada ao consulado norte-americano em Zurique. O fato de consulados não terem adidos militares parecia ter sido ignorado por todos, menos por Palumbo. Ele sabia que

Austen viera a Zurique por um motivo específico e que esse motivo era o avião teleguiado. Sabia também que Austen estava com vôo de volta para os Estados Unidos marcado para a manhã seguinte, bem cedo. O que planejava fazer nesse intervalo era o que aterrorizava Palumbo.

Ele escutou meia dúzia de conversas antes de encontrar alguém falando inglês.

– Estamos saindo. Tudo pronto?

Reconheceu no mesmo instante o sotaque texano, carregado, de Austen.

– Tudo pronto, senhor – foi a resposta. – Estamos preparados, esperando.

– Chego em meia hora.

A ligação foi encerrada. Palumbo mapeou as coordenadas GPS das transmissões interceptadas. Um ponto vermelho sobreposto a um mapa de Zurique indicou o local da ligação primária, ou seja, de quem fizera a ligação, no número 47 da Dufourstrasse, endereço do consulado norte-americano. A ligação secundária, ou quem recebera a chamada, estava em Glattbrugg, cidade contígua a Zurique. Mais interessante do que o endereço era sua localização. O ponto vermelho ficava a 100 metros do limite sul do aeroporto de Zurique. Bingo.

Ele olhou pelo retrovisor e viu uma fila de homens sair do prédio e entrar nos Mercedes que aguardavam. A visita do diretor da Agência de Inteligência Humana da Defesa havia terminado. Os carros entraram na rua e passaram chispando por Palumbo. Tinha consciência de que não adiantava tentar segui-los pelo tráfego congestionado e pelas ruas de mão única de uma cidade européia que não conhecia. Das duas, uma: ou iria perdê-los, ou então seria visto. Arrumou o laptop no banco do passageiro e deu partida no motor. Sabia exatamente para onde Austen estava indo. O problema não era a estratégia, mas a execução. Palumbo tinha de chegar primeiro.

Dirigiu de forma agressiva, esquivando-se de bondes, passando em sinais amarelos, acelerando o carro até 180 quilômetros por hora na pista. Durante todo esse tempo, ficou escutando uma seqüência constante de ligações feitas do aparelho de Austen. A maioria das chamadas era oficial e dizia respeito a problemas encontrados pelos adidos sob sua supervisão. Várias delas, entretanto, eram de natureza mais enigmática. Nenhum nome era pronunciado. As conversas se limitavam a interjeições breves relativas a "limitar as operações do centro de comando", "dirigir-se à casa principal" e, a mais assustadora de todas, "o convidado chegou bem na hora".

Palumbo levou 18 minutos para chegar a Glattbrugg. O endereço ficava em um bairro residencial tranqüilo, com muitas árvores e casas com 20 metros de espaço entre uma e outra. Ele estacionou atrás de uma fila de carros populares. Mal havia desligado o motor quando viu pelo retrovisor o Mercedes preto com placas diplomáticas aproximar-se. Conforme previsto, o carro estava sozinho. Austen abandonara seu disfarce. Estava agindo na condição de diretor da Divisão.

Quando o Mercedes passou, Palumbo viu de relance o homem sentado no banco de trás. Cabelos grisalhos bem ralos, um perfil elegante, a pele do rosto retesada demais, estranhamente reluzente e sulcada.

A queimadura. A medalha de honra de Austen.

Palumbo deu partida no carro e seguiu o Mercedes. Este dobrou em uma entrada de garagem 100 metros adiante. Palumbo parou logo atrás, impedindo a saída de Austen. Saltou rapidamente do automóvel, precipitando-se na direção da porta do motorista e pregando a credencial no vidro. A credencial era falsa, mas o faria ganhar alguns segundos.

O motorista abriu a porta, erguendo os braços para mostrar que não tinha intenção de reagir. Palumbo o colocou de pé e encostou a Taser em seu pescoço. Dez mil volts transformaram os joelhos do motorista em gelatina. Ele caiu no chão, inconsciente. Palumbo sentou-se no banco do motorista e bateu a porta.

– Olá, brigadeiro – disse.

– Quem, diabos, é você? – indagou John Austen.

Palumbo não tinha tempo para explicações.

– Acabou – disse. – Vamos terminar esta operação agora mesmo.

– Do que você está falando?

Palumbo largou a Taser e tirou a pistola Walther de dentro do casaco.

– Qual é o seu alvo, qual avião? – perguntou.

– Não sei quem, diabos, você é, mas é melhor ter uma desculpa muito boa para atacar meu assistente.

– Que vôo vocês vão atacar?

– Saia do meu carro!

Palumbo enfiou o polegar no vinco entre o maxilar e a orelha de Austen e manteve a pressão. A boca do brigadeiro se congelou em um grito silencioso, paralisado, a sensação semelhante à de ter uma espada enfiada no topo da cabeça.

– Que avião vocês estão planejando derrubar? – repetiu Palumbo. Em seguida, soltou a pressão e o brigadeiro dobrou o corpo.

– Quem mandou você? – perguntou Austen, arfante. – Lafever? Foi você quem matou Lammers e Blitz?

Palumbo pressionou a pistola na bochecha do homem. De perto, seu rosto tinha o mesmo brilho de chão encerado na véspera e era retesado como um tambor.

– Onde está o avião teleguiado? Vou enfiar uma bala na sua cabeça se não me disser.

– Você não se atreveria.

– Tem certeza disso?

– Vá em frente. Não vai mudar nada.

– Vai, sim. Você vai estar morto e aquele avião teleguiado não vai explodir um avião cheio de gente inocente.

– Ninguém é inocente. Nascemos todos em pecado.

– Fale por você. Onde fica a casa principal? Ouvi vocês dizerem que estavam indo para a casa principal.

Austen fechou os olhos.

– “Ah, a alegria de não ter nada e de não ser nada”, recitou. “Não ver nada a não ser um Cristo Vivo em glória, e não cuidar de nada a não ser de Seus interesses aqui embaixo.”

Palumbo olhou pela janela. O motorista continuava desacordado. Houve algum movimento atrás das cortinas de uma grande janela acima da garagem. Tornou a encontrar o ponto certo e pressionou-o, dessa vez por mais tempo.

– Onde está o avião teleguiado? Está aqui? Esta é a casa principal?

Em seguida, soltou a pressão.

Austen o fitou. Tinha os olhos cheios de lágrimas, mas Palumbo não soube dizer se eram por causa da dor ou de alguma noção pervertida de sacrifício.

– Obrigado – disse Austen.

– Por quê?

– Cristo teve sua provação. Ele perseverou e foi libertado. Agora é minha vez.

– Cristo não era assassino.

– Será que você não entende? Todas as condições foram profetizadas no Apocalipse. Os israelitas controlam Jerusalém. O Senhor está pronto para voltar. Você não pode fazer nada para impedir isso. Nenhum de nós pode. Só podemos acelerar o processo.

“Ele está delirando”, pensou Palumbo.

– Que vôo vocês vão atacar? Sei que é hoje à noite.

Mas Austen não estava mais escutando nada, exceto a própria voz.

– O Senhor falou comigo. Ele me disse que eu sou o instrumento da Sua vontade. Você não pode me deter. Ele não vai permitir.

– Isso não é vontade de ninguém a não ser a sua.

Do lado de fora, uma porta bateu. Dois homens apareceram no alto da escada que conduzia à casa. Palumbo levou a mão à ignição, mas a chave não estava lá. Olhou para Austen, que lhe retribuiu o olhar, mais desafiador do que nunca. Palumbo soube então que era o homem. Era ele quem iria pilotar o avião teleguiado.

Palumbo levou a arma à têmpora de Austen.

– Não posso permitir que você mate toda aquela gente.

Uma sombra à sua esquerda escondeu o sol. O vidro se espatifou, coalhando a cabine de cacos. A mão de alguém se projetou para dentro e o agarrou. Palumbo a empurrou para longe. Austen tentou pegar a pistola. Palumbo lhe deu uma cotovelada no rosto, tornando a jogá-lo no banco. Em seguida, ergueu a arma. Quando o fez, alguém segurou sua gola e puxou-o para trás. Ele disparou. A bala explodiu a janela do carona. Um punho golpeou sua têmpora e ele largou a

pistola. A porta foi aberta, e ele sentiu quando foi arrastado do carro para o chão do lado de fora. “Não pode terminar desse jeito”, pensou, chutando e se debatendo.

O avião... alguém precisa avisar.

Então uma bota o atingiu na cabeça e o mundo escureceu.

77

O VÔO 8851 DA EL AL,, direto de Tel Aviv para Zurique, decolou do Aeroporto Internacional Ben Gurion pontualmente às 16h12, horário local. O piloto, capitão Eli Zuckerman, há 26 anos funcionário da companhia e ex-piloto de caça, com um histórico de vôo que somava sete mil horas no comando, anunciou que o tempo de vôo do Airbus A380 estava estimado em três horas e 55 minutos. O tempo na rota estava previsto para ser calmo, com pouca ou nenhuma turbulência. O avião sobrevoaria Chipre, Atenas, Macedônia e Viena antes de aterrissar em Zurique às 20h07, horário centro-europeu. Zuckerman, fã de história nas horas vagas, poderia ter acrescentado que esses importantes locais tinham sido palco de batalhas travadas por homens chamados Alexandre, César, Tamerlão e Napoleão. Batalhas que haviam determinado o curso da civilização por muitos séculos depois delas.

O vôo noturno estava lotado. Setecentos e trinta e quatro nomes ocupavam a lista de passageiros. Entre eles, Dahlia Borer, de Jerusalém, diretora da Cruz Vermelha israelense; Abner Parker, de Boca Raton, Flórida, aposentado norte-americano que perdera as duas pernas no Vietnã; Zane Cassidy, de Edmond, Oklahoma, pastor da Igreja da Bíblia Messiânica e líder de um grupo de turismo de 77 cristãos evangélicos; Meyer Cohen, líder do Partido Religioso Nacional, a caminho de Washington para fazer lobby junto ao Congresso norte-americano a favor da expansão dos assentamentos israelenses nos territórios ocupados; e Yasser Mohammed, israelense de origem árabe, membro do Knesset, também a caminho de Washington para fazer lobby junto ao Congresso norte-americano contra a expansão dos assentamentos israelenses nos territórios ocupados.

Os dois últimos estavam sentados lado a lado. Depois de uma conversa preliminar e de exporem seus pontos de vista políticos, um deles sacou um tabuleiro de xadrez. Os dois passaram o resto do vôo em um silêncio cúmplice, curvados sobre seus cavaleiros e peões.

Trezentos e setenta homens, 300 mulheres e 64 crianças. Mais uma tripulação de 18 pessoas.

Depois de o avião alcançar sua velocidade de cruzeiro de 37 mil pés, Zuckerman falou aos passageiros pela segunda vez, anunciando que estava desligando o aviso de apertar cintos e que todos podiam andar pelos dois andares da cabine do avião, o mais novo da frota da El Al. Estava satisfeito em comunicar que, graças a um vento de cauda considerável, seu tempo de vôo seria reduzido. Seu novo horário de chegada estava previsto para as 19h50. Dezessete minutos antes do planejado.

Desejou a todos a bordo um vôo agradável e, antes de encerrar, afirmou que tornaria a falar com os passageiros um pouco antes da aterrissagem.

78

– NÃO – DISSE VON DANIKEN AO TELEFONE. – Não temos nenhum detalhe sobre uma ameaça específica. Tudo que sabemos é que existe uma célula terrorista operando no país cujo objetivo é destruir um avião de carreira no nosso território. Não sabemos quem são nem onde estão agora. Mas repito: sabemos que estão aqui, mais provavelmente em Zurique ou Genebra. Todos os nossos indícios apontam para uma tentativa de abater uma aeronave, durante o vôo ou no terminal, nas próximas 48 horas.

Von Daniken estava falando com o diretor do Escritório Federal de Aviação Civil, a organização que tinha a palavra final em todas as questões relativas a vôos decolando e aterrissando em aeroportos suíços. Era um amigo seu, antigo companheiro do Exército, mas em assuntos desse porte amizades não contavam.

– Deixe eu entender bem, Marcus. Você quer que a gente feche todos os aeroportos importantes do país até segunda ordem?

– Exatamente.

– Mas isso significa cancelar todos os vôos em decolagem e desviar as aeronaves que chegarem aos aeroportos da França, da Alemanha e da Itália.

– Sei disso – falou Von Daniken.

– Você está falando em mais de 100 vôos, contando só a noite de hoje. Faz alguma idéia do impacto que isso teria em toda a grade de vôos da Europa?

– Eu não estaria fazendo esse pedido a menos que fosse absolutamente necessário.

Fez-se uma pausa, e Von Daniken pôde sentir a angústia do outro homem.

– Vou precisar da autorização da presidente para isso – disse o diretor de aviação civil.

– A presidente está fora do país. Ela não pode ser contactada agora.

– E o vice-presidente?

– Falei com ele. Não tomará nenhuma decisão antes de falar com ela.

– Falou com o Serviço de Segurança Federal? Eles cuidam de toda a segurança a bordo das aeronaves dentro das nossas fronteiras.

– Acabei de falar com eles. Não adianta. O máximo que conseguem é transmitir um aviso a todos os pilotos. Avisar não vai ajudar. A gente acha que o ataque vai ser feito com um avião teleguiado armado. Aviões de carreira não foram feitos para manobras de evasão.

– Não – concordou o chefe da aviação civil. – Não foram. E o Exército?

– O ministro da Defesa autorizou o posicionamento de baterias de mísseis Stinger ar-terra em torno dos aeroportos de Zurique, de Genebra e de Lugano. Infelizmente, eles só vão estar lá amanhã de manhã.

Von Daniken não acrescentou o que o general encarregado da defesa aérea havia lhe dito. "O problema", dissera ele, "é que o Stinger tem a mesma probabilidade de derrubar o avião de passageiros que o teleguiado."

– Sinto muito, Marcus, mas estou com as mãos amarradas. Assim que tiver notícias da presidente, me avise. Enquanto isso, vou emitir um alerta para o controle de tráfego aéreo. Boa sorte.

– Obrigado.

Von Daniken pôs o fone no gancho.

♦ ♦ ♦

Mapas de Zurique e Genebra estavam abertos sobre duas das mesas. Myer estava em pé ao lado do mapa de Zurique. Com uma caneta, dividia a área em volta de cada aeroporto em quadrantes de busca.

Von Daniken aproximou-se e inclinou-se por cima dos mapas.

– Quantos agentes temos trabalhando nisso?

– Cinqüenta equipes de dois homens estão trabalhando nas comunidades em volta do aeroporto de Zurique. Em Genebra, só 35. Estão indo de porta em porta perguntando se alguém viu uma van branca ou preta, ou alguma atividade suspeita.

Ele engoliu a raiva. Combinadas, as forças policiais das duas maiores cidades do país somavam mais de 10 mil homens. Cento e setenta era um compromisso insignificante.

– É tudo que os chefes estão dispostos a ceder – explicou Myer. – Marti é conselheiro federal e ministro da Justiça. Eles sabem o que acha disso.

– Sabem mesmo? Bom, Marti mudou de opinião. Temos que ligar para eles e avisar.

Von Daniken estudou o mapa. Quatro comunidades, ou gemeindes, cercavam o aeroporto de Zurique: Glattbrugg, Opfikon, Oerlikon e Kloten. Um total de 60 mil habitantes, em cerca de oito mil casas e apartamentos. Myer marcou os bairros que já haviam sido revistados com uma caneta cor-de-rosa. A faixa, em forma de fatia de torta, cobria menos de 10% da área total.

– Então? – perguntou Von Daniken. – Quais a últimas notícias?

– Mais ou menos umas 12 pessoas viram uma van preta da Volkswagen, invariavelmente de algum vizinho. Nada de suspeito a relatar, exceto o de sempre. Alguém olhando pela janela durante a noite, indivíduo roubando gasolina de um carro, dois adolescentes bêbados cantando alto demais. Mas nenhum terrorista com um avião teleguiado de última geração.

– Sem falar em uma aeronave em miniatura com envergadura de oito metros passando em frente à sua casa, não é?

– Nada – disse Myer.

Von Daniken sentou-se na beirada da mesa.

– E Marti? Ele vai se dar mal?

Von Daniken sacudiu a cabeça. Explicou que, na atual situação, Alphons Marti jamais iria para a prisão. Tobi Tingeli violara os estatutos bancários suíços quando mostrara a Von Daniken a correspondência de um cliente. A prova das transferências mensais das contas do Departamento de Defesa norte-americano para a de Marti nunca poderiam ser usadas em um tribunal. Da mesma forma, Von Daniken não podia obter um mandado para revistar as instalações da ZIAG, a menos que Marti prestasse testemunho jurado diante de um magistrado encarregado da investigação dizendo que a empresa exportava material de contrabando. Marti seria forçado

a sair do governo, mas sob a alegação de um afastamento por motivo de saúde ou algum outro disfarce.

– Então ele vai se safar – comentou Myer.

Von Daniken deu de ombros.

– Tenho certeza de que você e eu vamos dar um jeito de tornar a vida dele mais interessante no futuro.

– Vai ser um enorme prazer.

Von Daniken encheu uma xícara de café e sentou-se à sua escrivaninha. Não conseguia parar de pensar em Marti sendo pago pelos norte-americanos. Licenças de exportação. Mercadorias de uso duplo. Tudo isso cheirava a armação. Mas com que objetivo? Por que equipar o próprio inimigo com materiais perigosos?

Terminou o café e, então, ligou para Philip Palumbo. Estava ansioso para ver se o seu contato na CIA conseguira alguma informação sobre o assassino que matara Lammers e, como confirmavam os últimos pareceres médicos, Gottfried Blitz, também conhecido como Mahmoud Quitab. A chamada entrou na caixa postal. Von Daniken deixou seu nome e telefone, mas não disse nada sobre o motivo da ligação. Palumbo saberia do que se tratava.

Os americanos. Para onde quer que se olhasse, lá estavam eles. A chave de tudo era Ransom. Ele havia se encontrado com Blitz e Jinn. Era a única peça que participara das duas operações.

Nesse exato instante, viu Hardenberg chegar à sala, agitado. Estava sem paletó e a barriga balançava, descontrolada, de um lado para outro como uma bola de boliche.

– Senhor – disse ele, sem conseguir esperar até se aproximar. – Descobri uma coisa.

– Primeiro tome ar.

– É sobre o Truste Excelsior – continuou Hardenberg, arfando. – Pensei que, se o truste era proprietário de um imóvel, poderia muito bem ser proprietário de outro. Não participei da reunião com o general Chabert, mas soube que ele tinha certeza de que o avião teleguiado precisava de algum tipo de base de operações que proporcionasse ao piloto uma visão direta da aeronave-alvo.

– Isso mesmo.

– Com base nesse raciocínio, entrei em contato com o agente do fisco e pedi a ele para cruzar o nome do truste com alguma venda recente de imóveis em todas as comunidades ao redor dos aeroportos de Zurique e de Genebra.

– E? – Von Daniken uniu as mãos atrás das costas, esperando não parecer ansioso demais.

– Até agora, apenas duas das sete comunidades responderam, mas parece que o Truste Excelsior comprou uma casa em Glattbrugg.

Von Daniken engoliu em seco e a esperança faiscou dentro de sua barriga como gravetos pegando fogo. Glattbrugg era a comunidade imediatamente adjacente ao aeroporto de Zurique.

– Onde exatamente em Glattbrugg?

– A casa fica a menos de um quilômetro da extremidade sul da pista de pouso.

79

A MISSÃO FOI CONFIADA AO Esquadrão 69 da Força Aérea israelense, também conhecida como Operação Martelo. Operando a partir da base da Força Aérea de Tel Nof, a sudoeste de Tel Aviv, em pleno deserto do Negev, o Esquadrão 69 era formado por 27 aviões F-151 Thunder, fabricados pela McDonnell Douglas. Movido por dois motores turbo Pratt & Whitney, o F-151 chegava a velocidades de até Mach 2,5, ou 3.018 quilômetros por hora, e tinha um alcance de duas mil milhas náuticas. Seria capaz de bombardear 70% dos alvos desejados dentro do Irã sem precisar reabastecer. Mais importante ainda, o F-151 era o único avião da Força Aérea israelense capaz de transportar as bombas B61-11.

Os mísseis anti-bunker com ogivas nucleares ocupavam o chão de concreto reluzente, apoiados em seus suportes. Bastava olhar para eles para sentir-se intimidado. Com oito metros de comprimento, as bombas tinham quatro nadadeiras atrás de um nariz pontudo e quatro outras na traseira. A B61-11 era esguia para um míssil. Seu diâmetro de 70 centímetros correspondia exatamente ao cano de artilharia de 20 centímetros do morteiro M110 desativado, usado para sua fabricação. Equipado com um fusível de ação retardada, atingiria a terra a uma velocidade de 60 metros por segundo e perfuraria quase 18 metros de granito ou concreto reforçado antes de explodir. Armada com uma ogiva nuclear de 10 quilotons, a bomba e o choque sísmico por ela gerado eram capazes de destruir qualquer estrutura a até 76 metros de profundidade. A bomba também lançaria mais de 60 mil toneladas de lixo radioativo na atmosfera.

– Bem a tempo – disse o general Danny Ganz, caminhando ao lado de Zvi Hirsch dentro do grande hangar.

– Um milagre – concordou Hirsch.

Ali perto, uma equipe de manutenção de aeronaves fazia uma das armas anti-bunker rolar sobre as rodinhas pelo chão de concreto polido. Posicionando-a debaixo do compartimento de carga do avião, ergueram o suporte e prenderam o projétil à bandeja interna de bombas. Hirsch e Ganz ficaram observando a equipe prender uma segunda bomba, depois uma terceira. Ao ver aquilo, Ganz suspirou. Estava cansado de lutar. Cansado da vigilância constante. Imaginou se Israel um dia poderia se dar ao luxo de ter paz.

– A primeira onda do ataque vai se concentrar no estabelecimento de enriquecimento recém-descoberto em Chalus – disse ele. – Depois disso, iremos atrás de seus disparadores de mísseis e de suas fábricas de ogivas. Algumas forças de reconhecimento da Sayeret estão indo para lá hoje à noite para pintar os alvos antes de os nossos aviões chegarem. Vamos levá-las com os helicópteros de nossos navios que estão no golfo.

– Hoje à noite? – perguntou Zvi Hirsch, bastante confuso. – Não é um pouco precipitado? Lembre-se de que o presidente falou que não podemos queimar a largada. Precisamos de um motivo.

Ganz cruzou os braços.

– Recebi um telefonema há poucos minutos de um amigo no Pentágono. Um colega piloto, na verdade.

– Quem?

– Brigadeiro John Austen.

– O evangelizador?

– Prefiro pensar nele como amigo de Israel. – Ganz chegou mais perto para ter certeza de que ninguém ouvisse a conversa. – Ele recebeu informações da inteligência que indicam um ataque a interesses nossos nas próximas 12 horas.

– Onde?

– Em algum lugar da Europa – respondeu Ganz. Em seguida, encarou os olhos esbugalhados de Hirsch. – Não acho que vamos ter de esperar muito.

80

– COMO VAMOS ENCONTRÁ-LO? – perguntou Jonathan.

– Olhe no banco de trás e pegue meu laptop – respondeu Emma.

Jonathan achou o computador e ligou-o.

– Mesma senha?

– Mesma senha. Você sabia que deixou todo mundo apavorado quando quebrou esse código? Eles vão ter que redesenhar todo o sistema da Intelink por sua causa.

– Não sei se isso é bom ou ruim.

Eles estavam seguindo pela lateral do lago de Zurique. Eram 6 da tarde. As luzes cintilavam pela colina como uma paisagem de conto de fadas. Durante a descida das montanhas, Emma finalmente se abrira e começara a falar. Mesmo sem querer contar-lhe tudo que fizera no passado, mostrou-se mais disposta a falar sobre como o encontrara e sobre o plano de John Austen para derrubar o avião. Era o primeiro passo para diminuir a distância entre eles.

Emma lhe mostrou como abrir o programa de computador. O monitor do laptop foi ocupado por um mapa detalhado da Suíça. Ela pediu que digitasse as letras VD.

Um pontinho vermelho piscante surgiu perto dos arredores de Zurique. O mapa foi se aproximando até chegar ao nível das ruas.

– O que é isso? – perguntou Jonathan.

– Um rastreador antifurto turbinado – disse Emma. – Instalei um sinalizador no carro de Von Daniken, três dias atrás. Precisava saber por onde ele andava. O sinal do carro dele é enviado para um satélite e transmitido para cá.

– Você não perdeu tempo.

Emma deu um sorriso enigmático.

– Onde ele está?

– Está perto.

– Em Glattbrugg?

Jonathan estudou o mapa.

– Como é que você sabia?

– Merda. – Emma pisou fundo no acelerador.

81

– TRÁFEGO AÉREO DE ZURIQUE, vôo 8851H da El Al começando a aproximação inicial.

– Certo, El Al 8851. Aproximação liberada. Prossiga até o vetor um-sete-zero e desça até a altitude de 10.400. Você é o número seis da grade.

– Entendido.

O piloto escutou a comunicação entre o controle aéreo de Zurique e o vôo 8851 da El Al com um sentimento de expectativa.

Fechando os olhos, sussurrou uma última prece. Pediu que Ele o guiasse e tornasse sua mão firme. Rezou pela coragem para cumprir a missão. Não era um homem mau. Diante da perspectiva de pôr fim a mais de 600 vidas, ele tremia. Sabia que Cristo sentira o mesmo ao carregar a cruz nos ombros. A morte daquelas pessoas seria tão dolorosa para ele quanto a crucificação.

– Chegou a hora – disse John Austen.

Entrou na garagem. Seus homens tinham retirado as caixas de onde estavam guardadas e posicionado os contêineres de aço no meio do espaço. Com a precisão de uma equipe de Fórmula-1, montaram o avião. Primeiro, os suportes das rodas foram posicionados e presos à fuselagem. As compridas e flexíveis seções das asas foram conectadas uma à outra, depois também presas à fuselagem. Austen empurrou o compartimento contendo a nacela e sua carga de 20 quilos de explosivo plástico Semtex até debaixo da aeronave e afixou-o à barriga do veículo aéreo não tripulado.

– Voe bem – disse ele, roçando os dedos no aço do avião.

Em seguida, voltou para a sala com vista para o aeroporto. Uma das paredes estava ocupada pelos seus instrumentos. Monitores para o radar e para a câmera do nariz da aeronave. Um painel de telas planas informava velocidade, altitude e posição em relação ao solo. No centro, um teclado ladeado por dois joysticks. Ele sentou na cadeira e passou alguns instantes se ajeitando.

– Motores ligados – disse, ao acionar o botão da ignição. Uma luz vermelha piscou cinco vezes antes de estabilizar-se. Embora não estivesse dentro do avião, pôde senti-lo estremecer ao ganhar vida. Uma onda de empolgação subiu pela sua coluna. Havia esperado 28 anos por esse momento. A data estava gravada em sua mente como a placa comemorativa de um sítio histórico. Dia 24 de abril de 1980.

Operação Garra de Águia.

Ele, John Austen, então major da Força Aérea dos Estados Unidos, fora escolhido para pilotar o Hércules C-130 em direção ao deserto iraniano, na primeira etapa de um plano desesperado, excessivamente ambicioso, para resgatar 53 reféns da Embaixada dos Estados Unidos em Teerã. A bordo, 74 membros da recém-criada Divisão de Operações Especiais treinada pelo coronel Charlie Beckwith e liderada pelo tenente-coronel William “Jerry” Boykin.

O vôo rumo ao deserto correra conforme o planejado; o único incidente fora um período de sete minutos durante o qual o avião passara no meio de uma haboob, uma tempestade de areia que reduziu a visibilidade a zero no meio do Dasht-e-Kariv, o Grande Deserto de Sal, que se estendia por 650 quilômetros na ponta sudoeste do país. O avião passou bastante bem pela tempestade. Seus motores turbo resistiram, apesar do ataque da areia e do sal. Aterrissou sem problemas em um ponto predeterminado batizado de Deserto Um. Em seu encalço seguiram oito helicópteros Sea Stallion, que partiram do porta-aviões USS Nimitz, no Mar da Arábia. Os helicópteros deveriam transportar os soldados de elite até Teerã, onde libertariam os diplomatas e os levariam até o avião de Austen, para atravessarem o golfo Pérsico até a Arábia Saudita.

A tragédia não demorou a acontecer.

Um dos helicópteros pousou avariado, com o sistema hidráulico gravemente danificado pela mesma tempestade que Austen havia atravessado. Outro voltara no meio da rota, perdido e temendo uma pane nos sistemas. Com apenas seis helicópteros em condições de vôo, em vez dos oito previstos, não haveria lugar suficiente para todos os reféns resgatados de Teerã. A missão foi cancelada.

Quando um dos helicópteros tornou a decolar, a força de sua hélice fez a fina neve do deserto virar um redemoinho. Cego, o piloto perdeu a direção e chocou-se contra o C-130 de Austen, estacionado a 50 metros. As pás da hélice perfuraram o principal estabilizador do Hércules. Desequilibrado, o helicóptero então caiu por cima do avião, esguichando combustível e fazendo-o transformar-se num inferno em chamas.

Austen se lembrava do choque inesperado contra sua aeronave, de sua explosão de raiva e incompreensão – “Qual o problema agora, droga?” –, dos pensamentos varados por um clarão ofuscante e cauterizados por uma golfada de calor intenso que, em um piscar de olhos, engolira-o por inteiro. Preso no assento pelo cinto de segurança, com as chamas a lamber-lhe a pele, ele só fazia repetir as palavras: “Eu morri, eu morri.”

Mas não havia morrido. Soltando-se do cinto, Austen abriu caminho para fora do inferno. Afastou-se dos destroços, com o uniforme de piloto, os cabelos, todo o seu ser tomado pelas chamas.

Vários soldados o derrubaram no chão e o fizeram rolar pela areia do deserto, apagando o fogo.

Acordou dentro de um helicóptero que o levava para o USS Enterprise. Um oficial médico da Marinha se debruçava sobre ele. Austen levantou o braço e agarrou a cruz que pendia do pescoço do homem. Uma corrente elétrica de salvação lhe subiu pelo braço e atravessou seu corpo. Ele foi cercado de luz. Dessa vez não eram chamas, mas uma luz de cura. Nesse instante, Austen O viu. Viu o Senhor, seu Salvador. Escutou Suas palavras e prometeu obedecer a elas. Soube que iria viver. Tinha recebido uma missão para cumprir.

Ele, John Austen, que não pisava em uma igreja desde a crisma, aos 13 anos, usuário de álcool, um homem promíscuo que desprezava os votos sagrados do matrimônio, um jogador que dizia o nome do Senhor em vão, um pagão em todos os sentidos da palavra, tinha sido escolhido para abrir caminho para o Segundo Advento de seu todo-poderoso Senhor Jesus Cristo.

Austen realizou a verificação pré-vôo. Elerões. Flapes. Gasolina. Aditivo anticongelamento. A câmera do nariz ganhou vida. Uma imagem da rua em frente à sua casa surgiu diante dele. Uma série de luzinhas fora disposta dos dois lados da pista de decolagem para servir de demarcação.

Ele pressionou o acelerador e o avião começou a avançar.

O Mahdi I estava pronto para levantar vôo.

82

DENTRO DO CENTRO DE COMANDO, Von Daniken levou o binóculo aos olhos e estudou a residência, protegido atrás das cortinas rendadas. A casa comprada pelo Truste Excelsior ficava no número 33 da Holzwegstrasse. Era uma construção sólida, de dois pavimentos, planejada sem a menor imaginação. Uma caixa de estuque cor de marfim com telhado de ardósia. Um jardim a rodeava. Uma varanda se projetava de um dos quartos de dormir, no segundo andar. Mas o que mais interessava a Von Daniken era a rua que passava em sua frente. Com a neve retirada, o asfalto corria reto e plano por 500 metros. Aos seus olhos, era uma pista de decolagem perfeita.

Ele moveu o binóculo para a esquerda. Um barracão isolado ocupava um dos cantos do terreno. Não parecia grande o suficiente para abrigar o avião teleguiado, mas, afinal de contas, o general-de-brigada Chabert lhes dissera que o avião podia ser montado rapidamente. De modo geral, a casa parecia tranqüila, sem dar nenhuma pista das atividades que ocorriam lá dentro.

A cerca de segurança do aeroporto começava a menos de 10 metros de distância. Em uma das direções, subia um leve aclive, depois virava para o norte e seguia reta por três quilômetros, margeando uma exuberante floresta verde. Na outra direção, cortava uma campina extensa, coberta de neve. Mais adiante, a campina cedia lugar a uma grande extensão de concreto, iluminada por luzes altas, ofuscantes: o ponto mais ao sul do aeroporto de Zurique.

Em algum lugar, um avião decolava. O barulho foi aumentando de volume à medida que a aeronave se aproximava. Em segundos, o rugido dos motores já abafava todos os outros ruídos.

Von Daniken abaixou o binóculo e voltou para a sala de jantar.

– Eles escolheram bem. Nenhum vizinho. Uma boa vista do aeroporto. Linha de visão desobstruída.

– E não só do aeroporto – acrescentou um homem baixo, atarracado, com cabelos pretos encaracolados e um bigodinho fino de jogador. Ele se chamava Michael Brandt. Era capitão da tropa de assalto especial do Departamento de Polícia de Zurique. Brandt iria na frente quando invadissem a casa.

– Quem estiver lá dentro vai nos ver chegando a 100 metros. Quantas pessoas vocês acham que estão lá?

– Não temos certeza, mas imaginamos pelo menos cinco. Pode ser que sejam mais.

– Armadas?

– Pode apostar. São profissionais. Algumas semanas atrás, eles pegaram 20 quilos de explosivos plásticos Semtex que, certamente, estão no avião teleguiado.

Brandt meneou a cabeça, taciturno, calculando com os olhos suas chances de sucesso e sobrevivência.

– Vamos entrar pelo ar. Dois helicópteros. Nossa equipe vai descer com cordas. Calcularemos o horário para coincidir com a decolagem de um jato de passageiros. Os helicópteros são equipados com abafadores de motor que tornam o vôo quase totalmente silencioso. Vamos mandar uma segunda equipe pela rua principal e atacar a casa pela frente. Os seus amigos não vão escutar um pio até derrubarmos as portas. A operação toda deve levar menos de 60 segundos.

Von Daniken estudou os desenhos demoradamente.

– Quantas vezes vocês já fizeram isso?

Brandt apertou os olhos.

– Nunca. Mas nos treinos tudo corre muito bem.

Von Daniken pôde apenas aquiescer.

– Vamos estar prontos daqui a 40 minutos – disse Brandt. – Sete e vinte, digamos.

Os homens sincronizaram os relógios.

Von Daniken andou até a janela da frente, onde Myer assumira posição com o binóculo.

– Alguém na vizinhança viu ou escutou alguma coisa?

– Aparentemente tem havido bastante atividade na casa nos últimos dias. Homens entrando e saindo. Carros correndo para lá e para cá na rua, estacionando em frente à casa.

– Algum sinal da van?

– Tudo, menos isso.

Da porta dos fundos, o capitão Brandt fez sinal indicando que estava na hora de sair. Von Daniken juntou-se a ele. Os dois caminharam a passo acelerado até uma van que aguardava.

O corpo de bombeiros, onde os homens de Brandt estavam esperando, ficava a dois minutos de carro. Dois helicópteros Aérospatiale Ecueril estavam pousados em um campo de futebol anexo, com as hélices girando lentamente.

Dentro do estabelecimento, a tensão era palpável enquanto os policiais vestiam macacões azul-escuros e coletes à prova de balas, seguidos por correias de nylon para segurar seu equipamento: rádio, granadas, munição. Aquilo não era um treino.

Ao todo eram 25 soldados de choque. O grupo não era tão jovem quanto Von Daniken esperava, e ele observou mais de um soldado lutando para fechar o colete à prova de balas por cima de uma pança considerável. O armamento padrão era uma submetralhadora compacta, a Heckler & Koch HP 47. Dois homens portavam fuzis grandes e desajeitados, chamados Wingmaster, usados para derrubar portas.

O rádio de Von Daniken chiou. Era Myer.

– Acabaram de acender as luzes dentro da casa.

– Luzes acesas dentro da casa – bradou Brandt para sua equipe.

O ambiente recendia a suor e nervosismo.

– Alguma conversa? – perguntou Von Daniken.

Uma das equipes de tecnologia havia posicionado um microfone a laser mirado para as janelas do alvo. O aparelho conseguia detectar vibrações no vidro provocadas por alguém falando dentro da casa e traduzi-las para algo semelhante ao som original.

– A televisão está ligada – respondeu Myer. – Vamos torcer para eles manterem o volume bem alto.

Brandt repartiu seus homens em dois grupos de oito, com mais oito na reserva.

– Preciso de um sinal verde oficial.

– Está dado. – Von Daniken estendeu a mão e desejou-lhe sorte.

Brandt virou-se e voltou para junto de seus homens.

– Cinco minutos e entramos – avisou.

Von Daniken encaminhou-se para o posto de comando, em uma trilha que margeava a floresta. Olhou para o céu. A noite estava linda, uma cortina de veludo perfurada de estrelas, com uma lua crescente dependurada junto ao horizonte. Eram 19h16. Já estava escuro. Atrás de si, ouviu Berger ordenar a seus homens para entrarem nos helicópteros. Enfiou as mãos nos bolsos e apressou o passo.

– Von Daniken!

Estacou, depois girou o corpo no eixo, tentando localizar quem o chamara. Mas não havia ninguém ali.

Um homem alto, de ombros largos, emergiu das sombras.

– Meu nome é Jonathan Ransom. Acho que o senhor está me procurando.

83

JONATHAN APROXIMOU-SE DO POLICIAL, mantendo as mãos afastadas do corpo para mostrar que não estava armado, exatamente como Emma o instruíra a fazer.

– Você precisa parar os seus homens – disse ele. – As pessoas que estão procurando não estão naquela casa.

– Não? – indagou Von Daniken, desconfiado.

– Não. Nem o avião teleguiado.

– Por que está me dizendo isso?

– Porque eu também quero impedir o que eles estão fazendo. O senhor cometeu um erro. Eu não sou a pessoa que estava procurando.

– Quem é, então?

– Sou eu – disse Emma, saindo de um arco de sombra atrás do policial. – O Sr. Blitz e o Sr. Lammers eram colegas meus, não de Jonathan.

– Não sei se estou entendendo, senhorita....

– Sra. Ransom – disse ela.

Von Daniken pensou um pouco. Seus olhos passavam velozes de um para o outro e, por alguns instantes, pareceu que ele havia compreendido o desespero que sentiam.

– A senhora é Emma Ransom – disse, apontando um dedo para ela como quem não está convencido. – A mulher que morreu em um acidente de escalada na segunda-feira passada?

– Não houve acidente nenhum.

– Aparentemente, não.

Emma o encarou. Comunicaram-se com a linguagem muda de um profissional se dirigindo a outro. Ela lhe deu alguns instantes para entender o que estava acontecendo e então disse:

– Jonathan não tem nada a ver com isso tudo. Os policiais que ele matou estavam obedecendo a ordens nossas. Eles atacaram meu marido para pegar determinados objetos que pertenciam a mim. Jonathan agiu em legítima defesa. Não posso dar mais detalhes, a não ser para dizer que a pessoa que o senhor está procurando sou eu. Não meu marido. O senhor tem que me ouvir. Vocês estão errando de casa. Estão planejando atacar o alvo de mentira.

– Alvo de mentira? – repetiu Von Daniken, cético.

– Sim.

– Como pode ter tanta certeza?

– Porque eu sei onde fica a casa certa.

– Precisamos agir depressa – disse Jonathan. – Anule o ataque.

Von Daniken ostentava a expressão impávida, impassível, de um lutador exausto que reúne energias para um último combate. Seus lábios se moveram e Jonathan supôs que ele estivesse selecionando uma entre as dezenas de perguntas que tinha em mente. Sabia que eram as mesmas que o haviam atormentado.

– Onde está o avião? – perguntou Von Daniken.

– Está guardado em uma casa no alto da colina. Lenkstrasse, nº 4. – Emma apontou para as montanhas baixas que se erguiam cinco quilômetros atrás de onde estavam.

– E está marcado para hoje à noite?

– No vôo da El Al, chegando de Tel Aviv – respondeu ela.

Em uma pista distante, uma aeronave se preparava para decolar. O assobio agudo dos motores potentes encheu o céu. Então, de algum lugar mais próximo, veio um barulho diferente, uma freqüência mais baixa. Seus rostos se voltaram para cima no instante em que duas formas cinzentas e opacas passaram voando bem baixo.

– Impeça o ataque – disse Emma.

– Como é que vou saber se posso confiar na senhora?

– Porque eu estou aqui.

Von Daniken sacou o walkie-talkie do casaco e levou-o à boca. Antes de conseguir pronunciar uma palavra, a noite irrompeu em um clarão de explosões ofuscantes, vidro estilhaçado e o barulho de tiros de metralhadora. Um sinalizador estourou no céu e irradiou um brilho intenso e, então, eles viram silhuetas de gente correndo para os fundos da casa.

Von Daniken começou a correr pela trilha. Jonathan e Emma seguiram logo atrás. Chegaram ao posto de comando e entraram pela porta dos fundos. Uma dúzia de homens estava reunida na sala de estar, olhando pela janela da frente, enquanto a freqüência do rádio usada pela polícia bradava enlouquecida.

– Escritório. Nada.

– Cozinha. Nada.

– Quarto de dormir. Nada.

As vozes eram controladas, telegráficas. Ouviram outra rajada de metralhadora.

– Homem atingido!

O controle foi por água abaixo. Vozes começaram a se sobrepor em louca disparada.

– Quem é?

– Um malfeitor.

– Esperem aí... mas que diabo?

– Ele está amarrado.

– Mas estava armado.

– Vão chamar o chefe. Agora!

Von Daniken olhou para Emma com raiva, mas ela não demonstrou nada. Seus olhos estavam fixos no rádio.

A confusão cessou tão rapidamente quanto havia começado. Ficaram os três parados em silêncio, esperando algo mais. Um minuto se passou. Na rua, um cão começou a ladrar.

De repente, a voz de Brandt irrompeu do rádio.

– Marcus, venha aqui.

Von Daniken apontou para Emma e Jonathan.

– Fiquem aqui.

♦ ♦ ♦

Ele avançou decidido pelo meio da rua. Queria correr, mas era chefe de divisão da Polícia Federal e sabia que fazer isso poderia parecer pouco profissional. Os procedimentos eram a única coisa a que ainda podia agarrar-se.

Subiu de dois em dois os degraus da escada que conduzia à porta da frente passando por soldados que saíam. Um cheiro de cordite enchia o ar, fazendo arder seus olhos. Ele entrou. A eletricidade da casa fora cortada antes do ataque. Os corredores estavam escuros e enfumaçados. Von Daniken acendeu sua lanterna. Brandt surgiu de um cômodo lateral com o rosto enegrecido.

– Eles sabiam que iríamos atacar – disse, andando na frente, em direção à sala de estar. – Estava tudo armado.

– O que estava armado?

– Dê uma olhada.

Von Daniken apontou o facho da lanterna para a forma esparramada no meio do chão. Virado de lado, um homem estava amarrado a uma cadeira de espaldar baixo. Tinha a boca fechada com fita adesiva. Outro pedaço de fita prendia uma pistola à sua mão. O sangue de seu peito formava uma poça que ainda avançava pelo chão de madeira. Seus olhos estavam arregalados.

– Somos treinados para atirar se virmos uma arma – disse Brandt.

Von Daniken chegou mais perto, sentindo o corpo se anestesiar, a mente rejeitar o que seus olhos lhe diziam.

O homem morto era Philip Palumbo.

♦ ♦ ♦

– O que mais vocês sabem sobre o avião teleguiado? – perguntou Von Daniken ao voltar para o posto de comando.

– A equipe é composta por não menos de seis homens – respondeu Emma. – Quatro para montar o avião e ficar de vigia. Um para servir de controlador de vôo e o outro para pilotar. Todos fortemente armados.

Von Daniken caminhou até a janela a passos largos e olhou para o topo da colina. Conhecia aquela área, uma encosta coberta de vegetação que abrigava as ruínas das antigas muralhas que outrora cercavam a cidadela de Zurique. Enquanto seus olhos se ajustavam à penumbra, um avião decolou do aeroporto, ergueu-se no céu e inclinou-se acentuadamente para a direita, passando bem em cima de onde estava.

Ele olhou para a estrada. Os homens de Brandt saíam da casa em fila indiana. Não havia tempo para tornar a reuni-los.

– Pegue o carro – ordenou a Hardenberg. Em seguida, virou-se para Myer:

– Você está com a grade de vôos que eu pedi?

Myer tirou um maço de papéis do bolso do casaco. Von Daniken estudou a lista de chegadas e partidas. Chegando às 20h07. Vôo 863 da El Al procedente de Tel Aviv. Verificou o relógio. Eram sete e meia. Olhou para Emma.

– O que mais pode me dizer?

– Há dois caminhos para se chegar até a casa – disse ela. – Um pela estrada que vai servir de pista de decolagem; o outro, por trás. Sugiro duas equipes. Eu vou pela frente.

Von Daniken olhou para aquela mulher arrogante, segura de si, dando-lhe ordens em seu próprio país. O rancor subiu do fundo de sua garganta, quente. Era o rancor de um homem mais jovem, impróprio para um inspetor-chefe.

– Muito bem. Precisa de uma arma?

Emma inclinou a cabeça na direção de Jonathan.

– Só para ele. – Esperou Von Daniken entregar ao seu marido uma pistola e dois pentes de munição, depois prosseguiu. – Haverá homens de guarda em volta da casa. Aproximem-se o máximo possível, depois lancem as luzes e as sirenes para cima deles. Isso deve espantá-los. Depois do ataque ao alvo de mentira, não vão estar nos esperando.

– O sujeito que está no comando? O nome dele é Austen?

Emma não respondeu.

– Pode falar com ele? – continuou Von Daniken. – Ele vai escutá-la se disser que o local está cercado?

– Não – respondeu Emma. – Ele só ouve uma voz.

– Como assim?

– Só estou dizendo que ele não vai parar. Não agora.

Von Daniken mandou uma mensagem por rádio para o capitão da tropa de choque dizendo-lhe para levar seus homens até a Lenkstrasse pelos fundos o mais rápido possível e esperar uma resistência armada.

Nesse instante, Hardenberg apareceu ao volante de um Audi branco da polícia. Von Daniken abriu a porta.

– A senhora tem carro? – perguntou a Emma Ransom.

– Está lá nos fundos, mais em cima na rua – respondeu ela.

– Então boa sorte.

Von Daniken entrou no banco de trás do Audi. Kurt Myer, segurando uma submetralhadora Heckler & Koch, sentou-se no banco do carona.

– Para dizer a verdade, faz algum tempo que disparei uma destas – disse, olhando por cima do ombro.

– Quanto tempo? – perguntou Von Daniken.

– Nunca.

– Me dê aqui.

Myer entregou a submetralhadora a Von Daniken e este pôs um pente na câmara e selecionou a função totalmente automática.

– Mire e puxe o gatilho. Vai acertar alguma coisa com certeza. Só preste atenção para não ser um dos nossos.

Myer tornou a pegar a arma e a pôs no colo.

– Programe a Lenkstrasse no seu GPS – disse Von Daniken, enquanto o carro ganhava velocidade.

Hardenberg carregou o endereço. Um mapa surgiu na tela. A Lenkstrasse era uma rua totalmente reta, que margeava o parque municipal. A casa em questão ficava na extremidade norte, em um ponto onde a rua dava a volta no lado mais afastado do parque.

– Vá por trás – disse Von Daniken.

O carro percorreu as ruas de Glattbrugg, passando por baixo da auto-estrada antes de iniciar uma subida íngreme e cheia de curvas pelo flanco da colina. Von Daniken ligou para o aeroporto. Levou quatro minutos para ser transferido para a torre. Identificou-se.

– Qual o status do El Al 863?

– Está 20 minutos adiantado – respondeu o controlador de vôo. – Informou a chegada às 19h45.

Von Daniken espiou o relógio do painel: eram 19h36.

– Entre em contato com o piloto e diga a ele para abortar o pouso. Temos uma ameaça confirmada contra a aeronave.

– Ele está a 60 quilômetros da aproximação inicial. Não relatou nenhum problema. Tem certeza?

– Temos todos os motivos para acreditar que haverá um ataque partindo do solo ao vôo da El Al 863.

– Mas eu não recebi nenhuma notificação do escritório central...

– Faça o que estou mandando – disse Von Daniken com uma voz que não admitia contestação.

– Sim, senhor.

Von Daniken desligou. Sessenta quilômetros. Se o pequeno avião teleguiado que ele vira na sala de Lammers tinha um alcance de 50 quilômetros, um daquele tamanho poderia voar até 10 vezes mais longe. Caso não conseguissem deter o veículo aéreo não tripulado antes da decolagem, seria tarde demais.

– Barragem na estrada adiante – disse Hardenberg.

– Contorne. Tem espaço no acostamento.

– Ligo a sirene?

– Espere até chegarmos mais perto.

Hardenberg guiou o Audi para fora da estrada, por cima da neve e do mato que a margeavam. O carro balançou de leve.

– Calma, calma.

– Sem problemas – disse Myer quando o Audi tornou a entrar no asfalto. – Eu disse...

O pára-brisa explodiu, fazendo chover vidro dentro da cabine. Balas arranharam a lataria. Um pneu estourou e o Audi emborcou para um dos lados. O radiador explodiu com um sibilar de vapor.

– Abaixem-se! – gritou Von Daniken. Instantes depois, foi atingido por algo quente e úmido. Limpou o rosto, e suas mãos saíram sujas de sangue. Kurt Myer estava retorcido entre os bancos, e seu rosto era uma massa disforme de osso e cartilagem.

Hardenberg abriu a porta com um safanão e rastejou até a traseira do carro. Von Daniken abriu a porta devagar, contou até três, depois saiu correndo em direção à floresta. Jogou-se no chão, com o rosto enterrado na neve.

O tiroteio cessou, e só um tiro ou outro fazia a neve ricochetear no ar.

– Ligue para o capitão Brandt! – gritou para Hardenberg.

– Meu telefone está dentro do carro.

Von Daniken apalpou os bolsos. Deixara cair seu próprio telefone em algum lugar durante a saída precipitada. Sacou sua pistola de serviço e manejou-a desajeitadamente até conseguir enfiar um pente no tambor e se certificar de que a segurança estava destravada. Soltou um palavrão entre os dentes. Seu relógio indicava 19h42. Detectou um outro barulho vindo do alto da colina. Era o motor do avião teleguiado sendo ligado.

Olhou em volta. A casa estava 30 metros diretamente acima dele, no monte. Era uma construção moderna, apoiada na encosta da colina, sustentada por grandes pilares de aço. As janelas estavam escuras, o que lhe dava um ar de abandono. Ele sabia que essa impressão era falsa.

Levantou a cabeça para ver melhor. Uma bala atingiu uma árvore a 10 centímetros de seu rosto. Enfiou a cara na neve. “Óculos de visão noturna; óbvio. De que outra forma estariam conseguindo me ver nessa escuridão?”

– Desça a encosta correndo – disse a Hardenberg. – Você tem que avisar os outros.

Hardenberg estava sentado com as costas apoiadas no pára-choque traseiro, o rosto mais azul do que o gelo.

– Está bem – respondeu, mas não se mexeu.

– Se ficar atrás do carro, eles não vão conseguir acertar você – continuou Von Daniken.

Hardenberg se mexeu. Engoliu em seco. Seus ombros se contraíram com força. Começou a avançar, rastejando de quatro e de costas rua abaixo. Von Daniken ficou olhando-o recuar. Cinco passos. Dez.

– Fique abaixado – ordenou em silêncio.

Hardenberg rastejou mais alguns metros, então ergueu a cabeça, hesitante.

– Abaixe – sussurrou Von Daniken, agitando a mão no ar, sinalizando para que ele ficasse abaixado.

Hardenberg interpretou mal o gesto e começou a se levantar.

– Não – gritou Von Daniken, o mais alto que pôde. – Abaixe!

Hardenberg aquiesceu, sem ter certeza, e começou a descer a rua andando. Uma bala o atingiu na cabeça e ele desabou sobre o chão de cimento.

– Klaus!

Von Daniken rolou de costas, sentindo repulsa por si mesmo.

84

O CAPITÃO ELI ZUCKERMAN AJUSTOU a inclinação dos elerões e puxou o acelerador para trás, preparando-se para desligar o piloto automático. Pilotar um avião de passageiros havia se tornado um processo tão automatizado que, uma vez que os computadores de bordo estejam programados com os dados de um vôo específico – destino, altitude de cruzeiro, velocidade máxima permitida em solo –, a aeronave era praticamente capaz de voar sozinha. Os únicos momentos em que Zuckerman se sentia totalmente no controle eram durante a decolagem e o pouso, um total de 30 minutos por vôo. Durante o resto do tempo, era basicamente um técnico encarregado de monitorar todos os instrumentos e certificar-se de que seu co-piloto mantivesse a comunicação com o solo. Não era exatamente o emprego com que sonhara ao deixar a força aérea tantos anos atrás, como piloto de caça cheio de energia, com 21 mortes contabilizadas durante três guerras.

Zuckerman apertou o botão para desligar o piloto automático. O avião estremeceu e começou a descer enquanto ele assumia o controle manual. Moveu o manche para a esquerda e o A-380 iniciou uma curva leve para o sul. A noite estava clara, um tempo ideal para voar. Ao longe, ele via as luzes da cidade e, mais adiante, um grande vazio negro onde ficavam os Alpes. Ajustou os flapes, e a aeronave começou sua lenta descida rumo ao Zurich Flughafen.

– Dezesseis minutos para o pouso – disse o co-piloto.

Zuckerman reprimiu um bocejo. Como esperado, fora um vôo sem incidentes. Checou o relógio – 15 minutos para o pouso – e em seguida olhou para o co-piloto.

– Então, Benny – disse. – Em que está pensando para o jantar? Wienerschnitzel ou fondue?

– El Al 863, aqui é o tráfego aéreo de Zurique. Temos uma emergência. Código 33. Desvie a rota para Basiléia-Mulhouse, vetor dois-sete-nove. Aumente a altitude para 30 mil pés. Aconselhamos o máximo de pressa possível.

Código 33. Ataque terra-ar.

– Roger. Código 33. El Al 863 dirigindo-se ao vetor dois-sete-nove. Subindo para 30 mil pés. Já acharam essa ameaça no radar?

– Negativo, El Al 863. Ainda não fizemos contato por radar.

– Obrigado, Zurique.

Eli Zuckerman apertou o cinto que lhe cingia os ombros e lançou um olhar preocupado para o co-piloto. Agarrando o manche com firmeza, fez a aeronave inclinar-se com força para a esquerda e empurrou o acelerador para a frente. O avião ganhou velocidade.

Estava na hora de ver do que aquele neném era capaz.

85

– MAHDI I, TUDO CERTO. Está liberado para decolar. Que Deus o acompanhe.

O brigadeiro John Austen acelerou. As rotações do motor turbo Williams foram aumentando regularmente. Ele soltou o freio e o avião teleguiado começou a avançar pela pista.

Pelos fones de ouvido, escutou o espocar de fogos de artifício. Na tela à sua esquerda, viu faíscas voarem. Não, faíscas, não. Eram as detonações das armas de seus homens. Uma voz surgiu no fone. “Polícia.”

– Não deixem que cheguem perto.

Enquanto Austen aumentava a aceleração e o avião começava a correr pela pista, sentiu uma onda de orgulho e realização. Ele conseguira. Cumprira a missão que lhe fora confiada. Israel, legalmente de posse da Terra Sagrada, se preparava para atacar. O próprio Irã estava adequadamente armado. As Forças de Gogue e Magogue prestes a travar sua batalha nas planícies de Armagedom.

Com vívidos detalhes, imaginou como o conflito iria se desenrolar, tudo segundo o plano de Deus.

O bombardeio de Israel fracassaria.

O Irã retaliaria com os mísseis teleguiados KH-55 de seu arsenal, mísseis cuja venda ele próprio havia intermediado. As armas nucleares portando ogivas de 10 quilotons cairiam sobre Tel Aviv, mas não sobre Jerusalém. O Senhor, em Seu poder, protegeria a mais sagrada das Suas cidades. Os norte-americanos, por sua vez, atacariam o Irã. A República Islâmica Fundamentalista deixaria de existir.

Tudo estava preparado para o retorno do Senhor. E para o Êxtase que viria a seguir.

Austen desviou a mente do barulho do tiroteio cada vez mais intenso, focalizando a concentração no monitor à sua frente. As árvores iam passando cada vez mais depressa. As luzes da pista eram borrões. O velocímetro indicava 100 nós... 110... ele puxou o manche para trás. O nariz da aeronave começou a subir...

Foi então que ele viu um par de faróis avançando em direção ao avião teleguiado. Um carro onde não deveria haver carro nenhum.

Agarrou o manche com o punho e puxou-o para trás ao mesmo tempo que pressionava o acelerador.

– Voe!

86

– OUVIU ISSO? – perguntou Jonathan, alarmado.

Emma olhou em sua direção.

– O quê?

Ele abaixou o vidro da janela e espichou o pescoço para fora.

– Não tenho certeza, mas... – Um estouro ecoou no ar, seguido por outro. Os sons eram metálicos, fracos, como as armas de brinquedo com as quais ele costumava brincar em criança.

– Tiros. Está ouvindo?

Emma parou o automóvel no acostamento, a meio caminho da subida da colina. Uma floresta medieval cobria a encosta. Resquícios de uma antiga muralha apareciam junto à estrada, blocos de basalto erodidos, cobertos de líquen. Bem no meio das árvores, os tiros cintilavam como vaga-lumes.

– Von Daniken. Assim eles ficam ocupados. – Ela se remexeu no assento e encarou-o com os olhos firmes. – Tem certeza de que está preparado para fazer isso?

Jonathan fez que sim com a cabeça. Já havia tomado a decisão dias antes.

– Troque de lugar comigo – disse Emma. – Você dirige. A menos que saiba disparar uma arma.

Jonathan parou com metade do corpo para fora do carro.

– Eu ia dizer que você odeia armas.

– E odeio mesmo.

Os dois cruzaram-se na frente do carro, roçando no ombro um do outro. Jonathan acomodou-se no banco do motorista e ajustou-o para sua altura. Emma fechou a porta e lhe disse para seguir em frente. Ele percebeu que ela não estava mais com um ar tão profissional assim. Seu rosto perdera o verniz de confiança e sua respiração estava acelerada e profunda. Com tanto medo quanto ele.

Jonathan engatou a marcha e acelerou encosta acima. Mal haviam percorrido 10 metros, seus faróis iluminaram uma barreira anti-rebelião atravessada na rua.

– Faça o que quiser – disse Emma. – Só não pare.

O carro ganhou velocidade, precipitando-se em direção à barreira.

– Apague os faróis – disse ela.

Jonathan desligou os faróis. A escuridão envolveu a rua. Ele aproximou o rosto do pára-brisa. Quase não era possível discernir o alto da barreira, uma linha branca que cortava o breu da noite. Pisou fundo no acelerador. O carro atropelou a barreira, fazendo farpas de madeira voarem para todos os lados. A rua ficou plana. Luzes posicionadas a intervalos regulares de ambos os lados iluminavam o trajeto.

O barulho do tiroteio intensificou-se, assustadoramente próximo. Uma saraivada de balas atingiu o automóvel, como chuva de granizo sobre um barraco de zinco. Um dos projéteis espatifou o pára-brisa, deixando um grande buraco e uma placa de vidro desabada. O vento entrou zunindo. Jonathan viu várias figuras ajoelhadas na neve, as silhuetas tremeluzindo por causa da fumaça da detonação de suas armas.

– Continue! – Emma projetou-se pela janela, atirando nas sombras.

Foi então que ele viu. Um animal feito de aço, com asas imensas e uma grande sacola pendurada no ventre.

– Emma!

O avião teleguiado estava vindo na sua direção, avançando da outra extremidade da rua.

– Mais rápido – disse ela. – Atropele.

– Mas... – Jonathan olhou para Emma. Era suicídio.

– Vá logo!

Ele reduziu a marcha para a terceira e pisou fundo no acelerador. O motor rugiu quando o impulso empurrou o carro para a frente. O avião teleguiado não dava sinais de levantar vôo. Vinha em sua direção em ritmo constante, um inseto metálico e malevolente. Emma disparava contra a aeronave. Jonathan não sabia se as balas estavam atingindo o alvo. Seus olhos se concentravam na sacola em forma de lágrima presa à fuselagem. Era a bomba. Vinte quilos de Semtex, segundo ela. O equivalente a quase 500 quilos de TNT. Uma bomba com poder suficiente para destruir um avião de passageiros.

– Mais rápido – disse Emma, pondo a cabeça para dentro.

O nariz do avião teleguiado levantou do chão, depois tornou a baixar. Jonathan preparou-se para o impacto, apertando os olhos à espera da colisão, da incrível explosão de luz...

O avião começou a decolar. O nariz ergueu-se no ar. As rodas da frente saíram do asfalto. Não adiantava. Iriam colidir. Todos os seus instintos lhe disseram para frear. Ele segurou o volante com mais força e pisou no acelerador.

Deu um grito.

Um clarão prateado passou por cima de suas cabeças.

Tarde demais. A aeronave estava no ar.

Um segundo depois, os pneus dianteiros do carro explodiram. O veículo deu um pinote para a esquerda, saindo da rua asfaltada. Jonathan girou o volante na direção oposta, mas não adiantou. A neve estava funda demais. Seguiu em frente, com a velocidade reduzindo depressa. Bateu em um trecho de gelo sob a neve e derrapou de lado, imobilizando-se em uma depressão no meio de vários carvalhos, a cerca de 20 metros da casa.

Emma colocou a pistola na mão direita de Jonathan.

– O homem que você quer está dentro da casa. Ache os controles, e é lá que vai estar. Não perca tempo conversando com ele. O sujeito só vai parar depois que terminar o que planejou fazer. Você tem oito balas.

– E você?

– Vou ficar aqui – disse ela. – Quando eu começar a atirar, corra para a floresta e dê a volta na casa. Pode chegar à varanda escalando os pilares cravados na encosta. De lá, vai ter que achar um jeito de entrar.

Foi então que Jonathan viu que ela levara um tiro. Seu ombro estava estranhamente caído, e o sangue se espalhava por seu casaco.

– Você está ferida.

– Vá – disse Emma, desdenhando com os olhos a preocupação do marido. – Antes que o vejam.

Jonathan hesitou por uma fração de segundo, então partiu. Atrás dele, Emma levantou-se e começou a disparar na direção da casa.

87

O PODER.

Von Daniken estava deitado na neve, já sem sentir frio, sem sentir nada. Durante o briefing que tivera dois dias antes, aprendera que o aparato necessário para controlar um avião teleguiado consumia uma quantidade imensa de energia elétrica. Se ele cortasse o fornecimento de energia da casa, o avião ficaria sem rumo. Mais cedo ou mais tarde, a gasolina iria terminar. Havia chances de que caísse e explodisse na zona rural, sem causar danos. Independentemente de onde despencasse, não iria acabar com 600 vidas.

Rolando de bruços, levantou a cabeça e vasculhou a encosta da colina. Balas ricocheteavam no chão à sua frente, fazendo espirrar gelo e terra em seus olhos. Ele se encolheu, comendo um bocado de neve, mas não antes de ver a caixa de metal retangular que regulava o fornecimento de energia da vizinhança.

A caixa de força ficava a alguns metros de onde ele estava, em uma plataforma plana escavada na encosta. Um trecho da antiga muralha da cidadela ocupava o chão logo acima dela. Os grandes blocos de pedra proporcionariam alguma proteção.

Ele foi se içando encosta acima, afundando na neve espessa. Tremia descontroladamente. Depois de alguns metros, descansou e levantou a cabeça, pronto para tornar a se jogar no chão a qualquer momento. O tiroteio era mais ou menos constante, mas os tiros não estavam mais apontados para ele. Vinham do outro lado da colina. De outro calibre. Eram Ransom e sua mulher.

O barulho de um motor de jato ganhou vida. Ele achou impossível uma aeronave pequena conseguir produzir um som tão ensurdecedor. O barulho mudou de tom e ficou mais agudo, esganiçado. O avião teleguiado estava decolando. Von Daniken virou-se de lado e olhou para o céu. Por um instante, pôde ver uma lâmina prateada passando por cima das copas das árvores.

De cócoras, subiu a encosta depressa. Não estava nem ligando para encontrar algum tipo de abrigo. Sabia que constituía um alvo fácil, mas a ausência de tiros fazia brotar dentro de si uma confiança irracional. A casa avultava à sua frente, parecendo um bunker de concreto. Então, de repente, ele chegou.

Deixou-se cair contra a lateral da caixa, ofegante. Estava fechada por um cadeado. Von Daniken tomou distância, mirou e disparou. O cadeado foi destruído. A caixa de força se abriu como um marisco. Espiou lá dentro. Um adesivo o alertava a não tocar em nada devido ao risco de eletrocução. Um decalque mostrando uma caveira com dois ossos cruzados na frente deixava a questão bem óbvia. Ele se viu diante de um emaranhado de fios, alguns amarrados entre si formando tranças densas e multicoloridas, outros presos por luvas protetoras de borracha. Tudo parecia incrivelmente complexo. Esperava que fosse haver algum tipo de chave mestra que pudesse desligar. Esticou o pescoço para enxergar melhor.

A bala o atingiu no ombro e o fez girar. Antes de se dar conta do que o havia atingido, estava caído de cara na neve. Virou-se, atônito, sem fôlego, sem saber mais o que estava fazendo. Ficou ali deitado por alguns segundos, enquanto os circuitos de sua mente tornavam a se organizar.

Forçou-se a ajoelhar, mirou a pistola na direção da casa e deu alguns tiros a esmo. O tranco da pistola o fez sentir-se poderoso e otimista. Mirou na caixa de força e esvaziou o pente inteiro nela. Nada aconteceu.

Cambaleou e, com a mente confusa, decidiu que aquela situação era absurda. Pela primeira vez em 37 anos disparava sua arma, e fazia-o contra uma caixa de metal gigante. Deixou-se cair no chão. A neve a seus pés estava vermelha. Tentou mexer o braço esquerdo, mas o membro estava gelado e sem nenhuma sensação. De repente, descobriu-se fascinado pela neve.

“Água”, pensou.

Não precisava de uma arma para aquele serviço.

Estendeu as duas mãos na direção da caixa, agarrou um punhado de fios e soltou-os com um puxão. Uma profusão de centelhas faiscou até o chão. Um dos fios, em especial, emitia uma faísca azul regular, pulsante. Pegou um punhado de neve com a mão intacta e jogou-a dentro da caixa de força. O fio chiou, depois continuou a faiscar. Ele não sabia o que esperar, mas com certeza não era aquilo.

Tateou dentro da caixa até suas mãos encontrarem um feixe mais grosso, um tubo do diâmetro de um cassetete da polícia. Deu vários puxões nele. Por fim, conseguiu soltá-lo, expondo uma cascata de fios de cobre espetados.

Enquanto encarava os fios, pensou no avião teleguiado e na aeronave que vinha de Israel. Sabia que o avião de passageiros não tinha como escapar do teleguiado, da mesma forma que um homem, por mais apavorado que estivesse, era incapaz de nadar mais depressa do que um tubarão. Então pensou em Philip Palumbo deitado lá no escuro, crivado de balas.

Von Daniken recolheu mais neve. Dessa vez, porém, empurrou-a contra os fios expostos e apertou. Ouviu-se um estalo breve, depois mais nada.

Por alguns instantes, teve certeza de que havia fracassado, mas em seguida uma onda subiu por seus braços e invadiu seu peito. Suas costas se arquearam com um espasmo. Ele abriu a boca para gritar, mas sua garganta foi paralisada pela voltagem que lhe percorria o corpo. Com um último esforço, arrancou as mãos da neve. Algo explodiu em seu peito e ele foi lançado violentamente para trás pelos ares.

♦ ♦ ♦

Jonathan correu em uma trajetória perpendicular ao carro, esquivando-se por entre as árvores. A neve era funda e irregular, o que tornava difícil avançar. Duas vezes ele afundou de joelhos e teve de se esforçar para soltar-se. Cinqüenta metros mais adiante, virou à direita em um caminho paralelo à estrada. Logo encontrou os vestígios da muralha da época romana que outrora protegia a cidade. Pulou por cima dela e, agachado, margeou-a até os fundos da casa.

A construção se apoiava na encosta. Dois pilares de aço ancorados no flanco da colina se erguiam em um ângulo de 45 graus para sustentar a estrutura. Quando chegou aos pilares, ele parou e inclinou a cabeça. O tiroteio havia cessado. O silêncio que tomou seu lugar era igualmente assustador. Do topo da colina, ouviu vários motores girando e pelo menos um carro cantando pneus no asfalto.

Os pilares estavam escorregadios, molhados e muito frios. Eram duros demais até para servirem de apoio, que dirá para serem escalados. Envolvendo um deles com os braços, ele foi se contorcendo aclive acima. Quando chegou no alto, suas mãos queimavam de frio e as roupas estavam ensopadas. Encaixando o joelho no vão entre a construção e o pilar, ficou em pé e estendeu a mão até a varanda. Respirando fundo e dizendo uma prece, tomou impulso e estendeu a outra mão, içando-se até a varanda.

A porta de correr estava trancada.

Recuou alguns passos e atirou na porta de vidro, que se estilhaçou. Um caco atingiu seu tornozelo, entrando na carne. Com uma careta, retirou-o. O sangue brotou e encheu-lhe o sapato.

A casa estava silenciosa. Nenhuma luz acesa em qualquer lugar. Se houvera algum guarda, todos tinham abandonado o barco. Jonathan podia ouvir um ronco de baixa freqüência emitido

por algum tipo de corrente elétrica. Atravessou o aposento e entrou em um corredor. Uma porta no final deste impedia sua passagem. Um painel numérico controlava sua abertura. Ele atirou na fechadura. Não adiantou. Tanto a fechadura quanto a porta eram feitas de aço.

Colocando o ouvido na porta, distinguiu um zumbido baixo e pôde sentir uma vibração contra a face. De repente, o zumbido cessou. A vibração diminuiu. A estrutura inteira se imobilizou como se tivesse sido desconectada.

Os olhos de Jonathan correram para o painel numérico. Uma luzinha piscante, antes vermelha, agora estava verde.

A energia fora desligada.

Ele levou a mão à porta e girou a maçaneta.

A porta se abriu.

Com a pistola erguida na frente do corpo, entrou no que só podia ser chamado de centro de operações. À sua esquerda, uma janela grande e quadrada dava para o aeroporto de Zurique. Logo à sua frente, uma profusão de instrumentos e monitores ocupava a parede do chão até o teto. Um homem estava sentado em uma cadeira, de costas para ele, segurando um manche. Seria John Austen.

A alguns metros, outro homem mexia em um painel de controle, frenético.

– Força auxiliar ligada – afirmou o segundo homem, que, segundo lhe dissera Emma, devia ser o controlador de vôo. – Conexão por satélite restabelecida. Temos imagem. – Em seguida, ergueu os olhos, viu Jonathan e apontou uma pistola para ele. Jonathan lhe deu dois tiros. O homem caiu contra a parede.

Jonathan aproximou-se do piloto.

– Afaste-se dos controles.

O piloto não respondeu. A mão que controlava o manche moveu-se para a direita. A tela à sua frente emitia um brilho verde fantasmagórico. No início, Jonathan não conseguiu distinguir nada. Quando olhou mais de perto, pôde ver uma forma cinzenta ao longe. A forma foi ganhando definição. Ele então pôde ver um nariz, uma cauda e um punhado de luzinhas das janelas de passageiros. Era o jato, visto por uma câmera infravermelha.

Os olhos de Jonathan moveram-se para a tela do radar. Os dois pontos piscantes em seu centro estavam incrivelmente próximos um do outro. As letrinhas abaixo de um deles diziam: El Al 863 H. O outro ponto piscante não tinha nome.

– Eu disse para se afastar dos controles.

– Você chegou tarde demais – respondeu John Austen.

Ele só vai parar depois que terminar o que planejou fazer, dissera Emma. Acredite em mim, eu conheço ele.

Jonathan se aproximou do homem, levou a arma à sua nuca e puxou o gatilho.

O piloto desabou para a frente.

Jonathan empurrou seu corpo para fora da cadeira.

A imagem do avião agora estava mais próxima. Ele conseguiu distinguir uma asa e o contorno da fuselagem, bem como o trem de pouso piscando. Tudo assustadoramente próximo.

Jonathan empurrou o manche para a frente.

A imagem do avião chegou ainda mais perto. Ele chegara tarde demais. O avião teleguiado iria bater no de passageiros. Uma luz vermelha piscava no console. Fusível de proximidade armado. Olhou para o radar. Os dois pontos piscantes se encontraram. Em seguida, tornou a olhar para a câmera. O avião ocupava o monitor inteiro.

Por reflexo, retesou-se em preparação para o impacto.

Nesse exato instante, o avião sumiu de vista. O monitor ficou preto. Jonathan virou para o radar. O ponto El Al 863H continuava ali. Instantes depois, o segundo ponto reapareceu. A distância entre as duas aeronaves estava maior.

Ele manteve o manche apontado para baixo enquanto o avião teleguiado desaparecia na escuridão.

Localizou o altímetro no console e viu os números caírem de 27 mil pés até 20, 10 e depois zero.

A imagem dissolveu-se numa tempestade de chiados.

88

JONATHAN ENCONTROU EMMA afundada no banco do carona. Estava consciente, porém com dificuldade.

– Tentei fazê-lo parar – disse. – Mas ele não quis escutar.

Ela aquiesceu e acenou para ele chegar mais perto.

– Austen nunca escutou ninguém – sussurrou.

Jonathan olhou para a floresta abandonada.

– Para onde foram todos eles?

– Eles são fantasmas. Não existem.

Ele segurou sua mão. Estava fraca e gelada.

– Preciso levá-la para um hospital.

– O mundo acha que eu morri. Não posso ir para um hospital.

– Você precisa de uma cirurgia para extrair essa bala.

– Você é médico. Pode cuidar de mim, não pode?

Jonathan deitou o banco do carro e examinou o ferimento. A bala havia atravessado seu braço e se alojado na parte carnuda abaixo da clavícula.

– Você impediu o ataque. Pode se entregar agora.

Emma fez que não com a cabeça, e seus lábios esboçaram um sorriso desolado.

– Eu desrespeitei a hierarquia. Só existe uma punição para isso.

– Mas Austen estava agindo sozinho...

– Não tenho tanta certeza. – Emma se remexeu no assento. – De toda forma, pouco importa. A Divisão é como a Medusa. Você corta uma cabeça e 10 outras nascem no lugar. Eles vão ter que dar algum exemplo.

Jonathan apertou sua mão com mais força.

– Vão ficar de olho em você – disse ela, com a voz mais forte. Era novamente uma agente falando. Fora treinada para isso. – Vão desconfiar que você teve ajuda. Você não tinha como encontrar o avião teleguiado sozinho. Mais cedo ou mais tarde, vão descobrir o que realmente aconteceu. Alguém vai subir a montanha e descobrir que eu, na verdade, não sofri nenhum acidente. Eu cometi erros. Deixei rastros.

– Eu vou com você.

– Sinto muito, mas não é assim que funciona.

Jonathan a encarou sem piscar, incapaz de dizer qualquer coisa.

Emma ergueu a mão e tocou-lhe a face.

– Ainda temos alguns dias antes de começarem a procurar.

Da encosta mais abaixo, ouviu-se o sobe-e-desce das sirenes. Jonathan virou-se e viu as luzes azuis piscando na floresta, conforme os carros se aproximavam da casa. Um carro de polícia parou em frente à garagem. Marcus Von Daniken desceu, com o braço direito em uma tipóia. Andou até onde eles estavam.

– Você impediu o ataque?

– Sim – respondeu Jonathan.

– Graças a Deus.

Jonathan fez um gesto em direção à casa.

– Tem dois homens lá dentro.

– Mortos?

Jonathan fez que sim com a cabeça. Von Daniken pensou na questão. Olhou para Emma.

– Quem é a senhora?

– O senhor logo vai descobrir – respondeu ela.

– Vou chamar uma ambulância – disse o policial.

– Eu cuido dela – disse Jonathan.

Von Daniken correu uma das mãos pelos buracos de bala no capô. Lançou um molho de chaves para Jonathan.

– É um Volkswagen azul. Deixei nos fundos da casa de comando. Peguem o carro e saiam daqui.

– Obrigada – disse Emma.

– Vocês ficam me devendo essa. – O suíço se virou e andou em direção à casa com um passo vacilante.

A cada segundo chegavam mais carros de polícia. Um helicóptero desceu até bem rente ao solo e ficou pairando acima deles com os holofotes apontados para a casa.

Jonathan esticou os braços para dentro do carro e ergueu a esposa no colo.

– Meu nome é Jonathan – disse.

– Meu nome é Cary. Muito prazer.

Ele se virou e carregou-a encosta abaixo.

Epílogo

OS AVIÕES DO ESQUADRÃO 69 israelense atacaram de madrugada. Chegaram voando baixo por sobre a água, abaixo do alcance dos radares iranianos. Os sistemas antiaeronaves recém-instalados só tiveram poucos segundos para detectar sua presença. Quando os primeiros mísseis foram disparados, já era tarde demais. As bombas atingiram o alvo com uma exatidão mortal. Em poucos minutos, 16 mísseis anti-bunker armados de forma convencional haviam completado trabalho. O local onde ficavam armazenados os mísseis em Kashun, no golfo Pérsico, foi riscado do mapa. Bem no fundo de um depósito de armas, 10 metros abaixo do nível do solo, os quatro mísseis teleguiados KH-55, cada qual equipado com uma ogiva nuclear de 10 quilotons, foram destruídos.

A Operação Rouxinol foi um sucesso.

Dentro da sala do primeiro-ministro o alívio, mesmo que temporário, era palpável. O Estado de Israel não precisava mais se preocupar em ser aniquilado sem aviso. A ameaça à sua existência fora eliminada, suas fronteiras garantidas. Por ora.

No rastro do ataque foram divulgados indícios da verdadeira natureza do programa iraniano de enriquecimento nuclear. Líderes mundiais condenaram veementemente a República Islâmica e exigiram uma interrupção imediata de seu programa. Os Estados Unidos foram um passo além e emitiram um ultimato ordenando a Teerã que entregasse, em 72 horas, todo o seu urânio com grau de armamento, sob a ameaça de represálias militares. O governo de Teerã resistiu, mas finalmente cedeu às demandas, sem querer correr o risco de um constrangimento reiterado.

Somente Zvi Hirsch conhecia a identidade da pessoa que dera a seu país informações detalhadas sobre o programa nuclear iraniano e fizera o ataque ser desviado de Chalus para Karshun. E ele não iria revelá-la a ninguém.

Enquanto atravessava a rua depois de sair da casa do primeiro-ministro, manuseou o pequeno flash drive em sua mão.

Incrível o que aqueles magos da informática eram capazes de fazer.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O Símbolo Perdido, *O Código Da Vinci*, *Anjos e Demônios*, *Ponto de Impacto* e *Fortaleza Digital*, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Bob Nelson

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack